

PEDRO BOUCHERIE MENDES

SEGREDOS

DUAS MORTES

DE

40 ANOS
A SEPARÁ-LAS

UM MISTÉRIO
ESCONDIDO
NA SERRA

FAMÍLIA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



PEDRO BOUCHERIE MENDES

SEGREDOS

DUAS MORTES

DE

40 ANOS
A SEPARÁ-LAS

UM MISTÉRIO
ESCONDIDO
NA SERRA

FAMÍLIA

 Planeta

PEDRO DOUCHERIE MENDES

SEGREDOS DE FAMÍLIA

Dedicado à minha tia Eduardinha,
que adorava Vale de Azares.

«Como se vê, o gosto pelas expedições e excursões à serra da Estrella começa a generalisar-se; e de razão é que assim succeda, porque os Hermínios, se não teem a majestade dos Alpes e dos Pyrineus, teem todavia grandeza e magnificiencia superiores a muita coisa, que a gente vae vêr lá fora à custa de muito dinheiro e fadiga.»

«Quatro Dias na Serra da Estrella».

Notas de Um Passeio, por

EMYGDIO NAVARRO, 1884

Primeira parte

Capítulo I

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017,
primeiras horas da madrugada

A memória do fogo apagado persistia mesmo que não houvesse incêndios naquela região há mais de uma semana. O cheiro pestilento e as cinzas no ar lembravam às gentes da serra os dias terríveis do mês de agosto, diluindo-se nos ares da serra.

Uma cacimba fresca caía na noite clara e Luzia sentia-se como gostava mais de estar: perdida num ligeiro torpor que a convencia de que tudo era possível se quisesse muito. Lembrou-se de Londres e do cheiro a alfazemas nas gavetas da casa, da voz metálica que saía dos altifalantes nas estações do metro e da chuva inesperada de que aprendera a gostar. De mais longe, veio-lhe à memória uma guitarra velha com autocolantes, um canteiro de flores vermelhas de que nunca soube o nome porque nunca soube a quem perguntar, um risco na pintura do teto no seu quarto, ao pé do candeeiro, que acreditava dar-lhe sorte quando o via.

Chegou-lhe à boca o sabor artificial do maracujá, daquela bebida com mais álcool do que pensara, que bebeu na primeira festa a que tinha ido, porque não havia mais nada. Fora há tanto tempo que quase parecia uma recordação da véspera. Engraçado como há coisas que ficam connosco para sempre, incrustadas no pensamento, inamovíveis.

O brilho do luar nas teias de aranha. O consolo do cigarro com a janela aberta. Pintar as unhas de roxo. Ler romances pirosos sem ser às escondidas. Rir e chorar.

Pela primeira vez nessa semana, os grilos e pirilampos, e todos os insetos que houvesse naquele campo com vista para a serra, eram a sua única companhia. Cheirava a vento, e a noite, em breve, começaria a cheirar a frio. Gostava muito de ali estar, gostava sempre de estar ali, sentia-se outra, mais verdadeira. Talvez fosse da ligação à terra, à casa dos avós, de estar na província ou só do conforto da casa e do descanso. Ou do sabor a férias. Também podia ser do consolo de sentir que fazia a coisa certa em estar ali, naquele dia, que se calhar até já começara.

Tirou um cigarro do maço que tinha no bolso dos calções e tomou outro *Xanax*. A cabeça doía-lhe como quase sempre e estava indisposta. Ignorou o chá e bebeu mais um pouco do vinho que sobrara do jantar, fechou os olhos e ficou a escutar o zumbido dos bichos e a aragem a atravessar os galhos. Dormitou e sonhou que competia nos Jogos Olímpicos na ginástica, como uma vez prometera ao avô que ia conseguir fazer. Acordou, ignorou o vinho, que já a

enjoava, preferiu beber chá e voltou a apagar.

Agora, e subitamente, o odor era forte e acre. Na sua cabeça, as memórias foram-se e tudo andava à roda, muito depressa, tão depressa que Luzia flutuava e deixava-se ir. Era inútil contrariar o que lhe acontecia. Os sonhos podiam ser assim ou até piores.

Doía a cabeça, doíam os braços, doíam as pernas, sentia-se presa, nunca mais chegava a liberdade. Via as palavras escritas acima da sua cabeça, como pássaros a dançar. Cheirava ainda mais a besta, não queria estar mais ali. Queria gritar e não conseguia abrir a boca. Não conseguia. Lembrou-se de um cão que ouvira ladrar nessa manhã, ela costumava ser boa a imitar latidos, se calhar podia tentar. Não poderia jurar se o cão era branco com manchas castanhas, se castanho com manchas brancas, será que as raças com latidos diferentes se entendem? Talvez aquele fosse um cão já velho, porque ladrrou pouco. Naquela aflição, Luzia esforçou-se o mais que pôde, mas não se lembrava da raça e precisava das forças para lutar. Não conseguia mexer. Os braços e as mãos desistiram primeiro. As pernas a seguir, mas não muito depois. O corpo não lhe pertencia, não o queria de volta. Cheirava mal, a perigo e a sujidade. Ruídos de qualquer coisa a raspar tomaram-lhe a atenção. Esqueceu os latidos e as raças de cães, percebeu que escutava qualquer coisa a ser cortada.

Retalhavam-lhe a roupa, para quê, porquê, o que se passava?

Deitada na cadeira comprida, começou a voar e reparou em si a abrir os olhos na direção da água escura que a luz da Lua, tremeluzindo, assinalava. Era como um espelho gigante ondulante no chão, um abismo negro e assustador. Por causa do frio que agora sentia pelo corpo, um entusiasmo súbito invadiu-lhe as ideias e impôs-se à apatia como uma descarga zangada vinda do céu. Não foi uma sensação que ficasse. Devagar, como se fosse para alguém ver, Luzia aproximou-se da borda da piscina, totalmente despida. Por instantes, não reconheceu a figura que viu refletida na água, até que percebeu toda a familiaridade. Ali estava ela, era mesmo ela. Debaixo do céu estrelado, caiu, não havia nada a fazer. Quando entrou na água, sentiu o choque da água gelada nas têmporas. Afundou. Ainda estaria lá no fundo aquele ponto negro que vira naquela tarde? Seria uma azeitona que caíra da oliveira, trazida pelo vento? Ou seria outra alucinação? A força de que precisava havia-se escapado, tal como acontecia quando tinha pesadelos e ansiava acordar, lembrava-se naquele momento. O melhor era fechar os olhos com mais força e ficar quieta. Luzia inspirou uma última vez.

**Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 11h30**

O inspetor Juvenal Caramelo começava a ficar cansado do tom insistente e teimoso do diretor nacional da Polícia Judiciária. Juvenal não era parvo e percebia o telefonema, mas aquela seria a terceira vez que repisava o que sabia da morte da neta do famoso banqueiro Elísio Castro Pinto. Com paciência de funcionário, lá se deu ao trabalho, evitando desnecessárias complicações futuras com a capital.

– Isto é uma aldeia como tantas outras aqui na Beira, a uns vinte e poucos quilómetros da Guarda e uns sete ou oito de Celorico da Beira. Fomos chamados pela GNR, que fora chamada

pelos bombeiros de Celorico. Chegámos aqui pouco antes da manhã, o corpo já estava na maca, tapado. Segundo a GNR e os bombeiros, a empregada diz que a rapariga foi encontrada hoje de manhã, pelas oito horas, a boiar, nua, de barriga para baixo na piscina que há nas traseiras da casa.

O inspetor da Guarda fez uma pausa, esperando que o diretor nacional interrompesse, o que não aconteceu.

– Ao que sabemos, foi a própria empregada que a encontrou. A mulher diz que veio ao quintal à procura de loiça para lavar e notou um vulto na água. Quando se aproximou, viu que era Luzia Pinto Vilhena, a neta do tal banqueiro que fez o diretor telefonar-me há coisa de um quarto de hora. Uma mulher jovem, de vinte e três anos, magra, talvez um metro e sessenta e cinco, talvez um pouco mais, cabelo pelos ombros. Encontrámos num quarto documentos com fotografia que comprovam que o corpo é de Luzia. Para mais, a empregada já o havia dito. Nenhuma dúvida, Luzia está morta.

Juvenal disse aquilo num tom oficial e determinado. Era beirão dos dois lados e não ia deixar que lhe metessem o pé em cima, muito menos por falhas de pormenor.

– Você disse há pouco que a miúda tem marcas nos pulsos e tornozelos, confirma?

O diretor soava irritadiço. No lugar dele, Juvenal também estaria aflito. Ia ter de dizer a um dos figurões do regime que a neta morrera afogada na piscina de casa. E precisaria de explicar muito bem tudo o que acontecera. O diretor queria uma teoria e contava com Juvenal para lhe fornecer.

– Parece que sim. Tem vergões nos pulsos e tornozelos, dá a ideia de que esteve atada, mas às tantas usava pulseiras apertadas. A gente sabe lá, não encontrámos cordas ou nada parecido.

Do outro lado, o diretor da Judiciária ignorou a última frase. Sem se esforçar para encobrir o nervosismo, disparou:

– Há vestígio de crime?

– Nesta fase, só depois da autópsia saberemos do que morreu, embora pelo aspeto do corpo pareça afogamento. Volta e meia, aqui na zona há uns que se atiram aos poços e o aspeto é similar, ficam inchados e azulados. Não encontrámos sinais de entrada forçada ou arrombamento na casa. À partida, se foi assassinada, ou o culpado tinha uma chave ou abriram-lhe a porta. Ninguém nos diz que não foi o homem da televisão por cabo.

O silêncio interrompeu aquela conversa.

– Para além do seu humor duvidoso, afogamentos com vergões nos pulsos e tornozelos são costume aí na serra da Estrela, é isso que está a dizer, inspetor Camelo?

– Caramelo, não Camelo, esses têm bossas. Senhor diretor, entendo a sua impaciência, mas não me cabe estar a adivinhar o que se passou. Como sabe, em tudo o que é curso e formação ensinam-nos a não precipitar conclusões antes de reunir os factos. Há bocado disse e repito que havia garrafas e outros recreativos na mesa perto da piscina, mas só a autópsia dirá se eram mera decoração ou se ela bebeu ou tomou alguma coisa que a fez perder o tino e eventualmente lhe causou a morte. De todos os modos, e já agora, não se encontrou nenhuma carta de suicídio, nem nada parece ter sido remexido ou roubado.

– Como sabe?

– Tem razão, senhor diretor. Não há vislumbre de colares de pérolas ou pulseiras de esmeraldas com as ditas em falta, mas algo me diz que a vítima não teria trazido as joias para o banho noturno. Chame-lhe experiência, intuição, pressentimento. Ou Luzia era uma espia e

tinha os segredos nucleares dos russos num medalhão ao peito ou então não me parece que o motivo possa ter sido o roubo.

Juvenal descobriu que afinal aquele telefonema podia ser divertido. Os tipos de Lisboa punham-se sempre a jeito para serem gozados. Sentia-se um lugar-comum a falar com outro lugar-comum, mas muitas vezes a vida era mesmo assim e escapar à mediocridade era impossível. O melhor era ir com o vento.

– Mais uma coisa, antes que me esqueça. Os quadros e as molduras estavam todos virados de pernas para o ar. – O diretor nacional demorou a processar a informação

– O que é que isso quer dizer, de pernas para o ar?

– O senhor diretor deve ter molduras e coisas nas paredes em sua casa. Agora imagine que alguém as vira de pernas para o ar. Se for um retrato seu de férias na praia, a sua cabeça fica na parte de baixo e os seus pés na areia ficam na parte de cima. Mas como é uma fotografia, a areia não lhe entra para os olhos, fique sossegado.

O diretor ignorou a nova provocação.

– Quadros e molduras ao contrário, assim como uma brincadeira, inspetor Leonel?

– Juvenal, senhor diretor. É Juvenal Caramelo. Sim, para lhe responder, é tipo brincadeira, com a diferença de que as brincadeiras não costumam acabar com corpos nus a boiar nas piscinas. Tenho de ir.

Chegava. Juvenal Caramelo ignorou os salamaleques e desfez a chamada, colocando o telefone em modo de voo, enquanto sorria por ter desligado na cara do diretor. Precisava de se despachar. O banqueiro, avô da vítima, era uma celebridade e não devia faltar muito para a região ficar enxameada de jornalistas. Vira garrafas e drogas suficientes junto à piscina para aquilo ter ares de ter sido uma *overdose* que correu irremediavelmente mal à miúda, e sabia que era disso que se faziam as primeiras páginas nos periódicos e as manchetes nos telejornais.

Capítulo II

Unidade de Crimes Especiais,
sede da Polícia Judiciária, Rua Gomes Freire, Lisboa,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 12h30

O inspetor coordenador Daniel Vilar sentia-se com fome àquela hora, o que vinha sendo um hábito dessa semana. Talvez fosse embalo das férias, talvez das corridas exageradas de manhã que fazia para combater os excessos dessas férias, talvez fosse da idade, que pedia que tudo acontecesse mais cedo. Retomara o trabalho na segunda-feira e a vida andava pacata, sem casos para a Unidade de Crimes Especiais da Judiciária de Lisboa, nem assuntos pessoais que o despertassem, e o embalo da rotina estava a saber-lhe melhor do que suporia. A fome matutina poderia ser um luxo de quem não tem o que fazer.

O trânsito fluido assinalava que o ritmo não era o normal. Chegara setembro, a cidade continuava a exibir o vigor exuberante do verão com os turistas folgados e rosados nos locais mais inesperados, quanto mais nos sítios óbvios, e muitos dos habitantes chegados do descanso sazonal andavam bem-dispostos, ainda sem a pressa que em breve chegaria. Por Daniel, que tudo ficasse assim o máximo de tempo possível. Se havia característica na meia-idade, descobri-la há pouco, era o facto de não se experimentarem arranques entusiasmados a seguir às férias, o começar de novo de outras eras.

O inspetor lutava pela boa disposição, até porque aquele dia já lhe soubera melhor. Um telefonema de Cristina por atender continuava visível no seu telefone. Não atendera porque não lhe apetecia falar com a ex-mulher de estômago vazio. Sabia que adiava uma inevitabilidade, aproveitaria ao menos os minutos do adiamento.

✱

Na pequena sala da UCE, a inspetora Sara Correia olhava para o monitor de computador, para o que Daniel julgou ser um *site* de marcação de viagens. Onde iria a sua inspetora, interrogou-se. Não perguntaria, a vida era dela e, se fosse honesto, não queria saber. Não ia, nem queria, imaginar a subordinada em trajes de praia. Era outra lição da meia-idade, essa de que era melhor evitar as conversas que as pessoas adoravam ter sobre as excitantes viagens que iam fazer e os dias incríveis que haveriam de viver. Aborreciam-no de morte. A caminho dos

cinquenta, Daniel fazia por ser deixado fora de assuntos que não os seus ou os do trabalho.

A fome persistia. O melhor era resolver o assunto.

– Quer ir comer qualquer coisa, engenheira?

Sara Correia levantou a cabeça e disse que não podia, com um pequeno sorriso que denunciava que não valeria a pena insistir, e Daniel saiu para almoçar sozinho. Num pequeno restaurante das redondezas, consultou os pratos do dia e pediu um arroz de pato que sabia ser bem preparado. Evitaria o toucinho, se viesse algum, não digeria bem aquilo. Na televisão do restaurante, o noticiário começava alarmante, com uma informação de última hora acerca da morte de uma mulher afogada numa piscina, numa aldeia perdida da serra de Estrela. A identidade não era conhecida, mas a repórter dizia que a mulher estaria de férias no local, fora encontrada nua pela empregada nessa manhã e que a Judiciária havia sido chamada. Um afogamento numa piscina em pleno verão. As estatísticas a trabalhar para se manterem estatísticas, pensou Daniel.

Um afogamento. Um maldito afogamento. Pensou no filho até que o telefone estremeceu com uma mensagem. Era Cristina:

«Preciso de te dizer uma coisa. Podes falar?»

Daniel pegou no telefone e respondeu por impulso que não, mentindo, explicando que se encontrava num encontro importante. Pediu à ex-mulher, de quem se divorciara há praticamente um ano, que falasse por mensagem se fosse mesmo urgente. Depois de tudo o que passaram há quatro anos, depois da morte do filho Zé Maria, o desaparecimento súbito e longo de Cristina, a separação e o divórcio, custava-lhe falar com ela. Talvez fosse o que mais lhe custava na vida. Era como abrir uma porta para uma divisão cheia até ao teto, com tudo por arrumar. O mais certo era Cristina perguntar-lhe por um livro ou qualquer coisa perdida nas mudanças. Que esperasse. Não era azia ou mágoa, apenas não queria falar com Cristina, como não queria falar com quase ninguém. Espreitava a televisão de novo, quando recebeu nova mensagem:

«Vou-me casar. Queria que soubesses por mim.

Falamos quando conseguires. Um beijo, C.»

Se calhasse ter sido interrogado sobre aquela circunstância, Daniel Vilar, formado em Direito, inspetor coordenador da Unidade de Crimes Especiais da Judiciária, não conseguiria jurar que a novidade imprevista o tivesse apanhado de surpresa. Daniel não era nem poeta nem escritor, muitas vezes não sabia que palavras usar para explicar o que sentia, mas aquilo não foi nada inesperado. Durante o divórcio, percebera bem que havia outra Cristina a querer nascer de dentro daquela com quem tivera um filho e fora casado. Pelos vistos, voltar a casar era o passo que faltava para o renascimento. Vilar perdeu o apetite. Com esforço, comeu metade do arroz, pediu a conta, pagou e despediu-se. À saída, o telefone vibrou de novo, com um número que Daniel não conhecia. Não atendeu, deixassem recado, amaldiçoados telefones e quem os inventou, que ardessem devagar no inferno.

Mais tarde, perto das três, na UCE, Alberto Mendonça, diretor nacional da Polícia

Judiciária, chamou Daniel ao seu gabinete e este encontrou-o no temor habitual que o caracterizava sempre que calhava os dois estarem juntos na mesma sala.

Incapaz de dar importância ao chefe, nem que o tema fosse grave, notou que começava a sentir fome. Devia ter-se forçado a comer mais do arroz de pato ao almoço.

Mendonça foi curto a dizer o que havia para dizer:

– Vilar, preciso de si e da UCE. O procurador telefonou-me e é imperioso que se meta a caminho para a Beira Alta. A neta do banqueiro Elísio Castro Pinto foi encontrada morta e precisamos de saber o que se passou antes que a boataria e as conspirações ganhem asas. Pelos vistos, há por lá umas circunstâncias que convém esclarecer.

Seria a mulher morta de que falavam nas notícias, pensou Daniel. Afinal era neta de um banqueiro famoso. Não lhe apetecia fazer trezentos ou quatrocentos quilómetros, muito menos pisar calos a colegas na província, mas suspeitava de que teria de se fazer à estrada. Um afogamento. Porque é que tinha de ser um afogamento?

– O que se passou?

– A miúda apareceu afogada.

Era ela. A da televisão.

– Afogada. Só isso?

– Tem umas marcas pelo corpo. Nos pulsos e tornozelos. O problema no imediato são as implicações públicas. A vítima é neta de um figurão do regime e são de esperar muitas perguntas de muita gente.

Mendonça falava depressa e decidido, sem olhar para Daniel. Remexia papéis na secretária, à procura sabe-se lá do quê.

– Por ser neta de um poderoso é caso para a UCE? Não me parece. A rapaziada da Guarda terá competência mais do que suficiente para lidar com o tema.

Sim, era o que faltava meter-se no carro durante três horas quando a Judiciária de lá saberia o que fazer. Era o sabor terrível da notícia da ex-mulher que lhe enchia a boca toda, paralisando-o, e ele sabia-o. Estava a ser pouco profissional. Mendonça que se aguentasse, mas tudo tem limites e o inspetor estava ciente de que abusava.

O diretor aproveitou a deixa para se apetrechar com o ar de mestre-escola determinado que exibia quando se sentia importante.

– Vilar, saberá o peso que este banqueiro tem na vida portuguesa e na sociedade. Saberá que todos os políticos, incluindo os que morreram e os que ainda não nasceram, vão querer estar do lado certo da fotografia e saberá, ou pelo menos espero que saiba, que não haverá jornalista neste país, e estou a incluir as ilhas e as comunidades portuguesas por esse mundo, que não se vá dedicar ao caso da neta afogada na serra da Estrela. É forçoso estarmos no controlo da situação. A UCE pertence à Judiciária nacional, os da Guarda que se sustenham. Se não gostarem, que vão a Espanha comprar presunto e abram uma loja *gourmet* com saquinhos de pano com um laçarote para oferecer aos clientes.

Quase a fazer sessenta anos, Alberto Mendonça continuava com os problemas que Daniel lhe conhecia bem. Brusco, desajeitado e, pior de tudo, com a mania de que tinha graça. Mas com faro para o que era importante. Vilar entendia e concordava que um caso como aquele teria de ser abordado com mil e um cuidados. Só não lhe apetecia ir até aos arredores da Guarda no dia em que soubiera do casamento de Cristina, mas não o podia dizer a Mendonça. Trezentos quilómetros por causa de um afogamento.

O unido do telefone interrompeu a conversa. Era o número desconhecido de há pouco. Daniel voltou a não atender, mas aproveitou para se escusar do gabinete do chefe, enquanto apontava para o telefone.

Entrou na sala da UCE, onde viu Sara Correia e António Vasques, e fez-lhes sinal. Os inspetores sentaram-se numa pequena mesa redonda de reuniões, onde Daniel Vilar detalhou o que havia para fazer.

– Daqui por meia hora, eu e a Sara vamos lá para cima, para perto de Celorico da Beira. Devemos levar umas três horas de caminho. Se calhar levamos também o Vasques.

Sara Correia interrompeu-o.

– Beira Alta, chefe? Com este calor? Que vamos lá fazer? Há algum *serial killer* do queijo da serra?

A polícia e o humor era uma relação que Daniel haveria de estudar um dia, mas não seria hoje. Vasques intrometeu-se na conversa.

– Não me diga que estamos por conta do banqueiro Castro Pinto?

Mais ironia. Estavam há demasiado tempo sem nada para fazer, pensou Daniel, que não gostou do tom nem de um nem do outro. Pior ficou quando foi obrigado a reconhecer que Mendonça era o mais sensato naquele caso. Era mesmo necessário meter mão naquilo antes que ganhasse vida própria.

– Inspectora Correia, acredito que se ela estivesse viva pediria desculpas por ter morrido na Beira, mas como está morta vamos lá acima confirmar se a miúda se matou ou se foi acidente. A não ser que queiram pedir transferência, é isto que vamos fazer. Dúvidas?

Depois de uma pausa que assinalou que tanto Sara como Vasques compreenderam que era para se concentrarem no trabalho, a inspetora perguntou:

– O chefe acha que pode ter sido homicídio?

Daniel não apreciava que Sara o tratasse por chefe, mas não lhe deu a reprimenda usual.

– Engenheira, se cheira a peixe em princípio é peixe. Ou pelo menos temos o dever de procurar esse peixe. Até agora não me parece que haja indícios de cheiro a peixe. Nesta fase, nada de juízos impacientes, mas, por ser neta de quem é, e não vale a pena estar com rodeios, tratemos o incidente com cautela, ou seja, como qualquer coisa que pode ser mais do que um acidente.

– Ou suicídio.

– Ou suicídio, claro que sim, Vasques. Ou feitiçaria. Ou até intervenção divina.

Daniel enumerou o que lera no relatório preliminar de um tal inspetor Caramelo.

Luzia, de vinte e três anos, fora descoberta nua, na água, de barriga para baixo, com traços de vergões nos pulsos e tornozelos e um indeterminado número de marcas leves pelo corpo, que tanto podiam ser de uma atividade física como de uma queda ou luta qualquer, ou seja, inconclusivos.

O corpo foi encontrado pela empregada, Adelaide Leonardo, de setenta e dois anos, que o retirou da água com a ajuda de Lauro Cruz, de vinte e sete anos, um agricultor que aparentemente andava pelas redondezas, pelas oito da manhã desse dia. Excetuando a empregada, Luzia estava sozinha na casa.

Numa mesa próxima da piscina havia um amontoado de garrafas de cerveja, vinho e vodca, baldes de gelo, saca-rolhas, copos e cinzeiros com beatas e o que aparentavam ser charros, bem como substâncias que tudo indicava serem estupefacientes, indiciando uma festa horas antes da

morte de Luzia Pinto Vilhena. Numa pequena bolsa, que se supõe pertencer à vítima, havia uma caixa com lamelas de *Valium*, *Rivotril*, *Xanax*, *Efexor*, *Depakine* e outros medicamentos. O telefone, ainda com bateria e ligado, estava na mesa. Soube-se depois que havia uma mensagem de um contacto, Maria Ana, que se apurou ser a amiga Maria Ana Brandão, que dizia «chegámos agora a Lisboa». Fora enviada às 00h35 do dia 1 de setembro. Luzia estaria viva a essa hora porque a mensagem estava assinalada como tendo sido lida. A Judiciária da Guarda desbloqueou o telefone com a impressão digital do cadáver e contactou Maria Ana, que, telefonicamente, explicou que ela e um amigo comum, um tal de Nuno Semedo, haviam saído de Vale do Forno nessa noite, a seguir ao jantar, pelas 22h30.

Nenhuma carta foi encontrada até esta data que denuncie suicídio. Foi referido que os quadros e as molduras, nas paredes e em cima das mesas, estavam ao contrário, como se alguém tivesse pregado uma partida. Nenhum dos inspetores sabia o que achar daquilo, teriam de analisar o dito telefone, que repousaria num saco de provas qualquer constante do inquérito.

Agora a sua brigada sabia tanto como ele, e Daniel escusou-se para telefonar ao amigo Mateus para lhe dizer que não poderiam jantar juntos. Agendara um jantar no remodelado Senhor do Anil, um novo restaurante de conceito na cidade, de um *chef* novo e agressivo, que se fartava de dar entrevistas acerca das suas interpretações do bacalhau. Nenhum apreciava este tipo de restaurantes, muito menos os seus modismos, mas a curiosidade sobre as novidades era sempre mais forte. Desde os acontecimentos com Zé Maria, alguns anos antes, que o psiquiatra Mateus Meireles se tornara amigo, comparsa e cúmplice, e os almoços e jantares a debater espaços, vinhos e pratos, gozando com *chefs* vaidosos e as suas criações, eram o palco de uma amizade que sobrevivia a tudo. Teriam de ir noutro dia ao Anil.

Daniel marcou o número e, contrariamente ao que era habitual, Mateus não atendeu de imediato. De repente, uma voz desconhecida fez-se ouvir.

– Sim, quem fala?

– Deve ser engano.

Daniel aprestava-se para desligar quando a voz disse:

– O senhor é da família de Mateus Almeida Meireles? Daqui fala do Hospital de São Francisco Xavier, o senhor Mateus foi internado há umas horas, de urgência. O senhor é da família?

– Sou amigo. Que se passa com ele?

O coração de Daniel disparou e sentiu o sangue a latejar nas têmporas. Pressentiu o pior.

– Lamento, só podemos informar familiares. Terá um contacto que nos possa disponibilizar?

– O Mateus não tem família. Sou o seu melhor amigo e inspetor da Polícia Judiciária. Por favor, o que se passa?

O tom de Daniel convenceu quem estava do outro lado.

– O senhor Meireles esteve envolvido num incidente e encontra-se em coma profundo. O prognóstico é muito grave, lamento.

Capítulo III

Hospital de São Francisco Xavier, Restelo, Lisboa,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 16h00

Mateus em coma, Mateus vai morrer. Mateus não sobrevive.

O glossário do pessimismo continuava incontrollável na mente de Daniel. E que podia ele fazer pelo amigo? Nada. A consciência da própria impotência dava-lhe vontade de vomitar. Sentia a cabeça a explodir. Porquê Mateus?

Precisava de se acalmar. Era preciso chegar a Vale do Forno até às sete da tarde, porque Vasques combinara a essa hora com do inspetor Juvenal Caramelo, que concordara esperar. Antes de se meterem na A1, Daniel fizera um desvio para passar no hospital e ver o amigo.

No caminho entre a Judiciária e o hospital, através de um contacto no INEM, soubera que Mateus dera uma queda nas escadas do prédio onde vivia, que resultou num traumatismo craniano. O psiquiatra fora encontrado inconsciente por um vizinho que chamaria a ambulância.

O telefonema que Daniel vinha recusando durante todo o dia era do hospital. Pelos vistos, haviam encontrado um cartão com o seu nome e contacto na carteira de Mateus e, como o telefone do médico estava bloqueado e não lhe conseguiram aceder, não sabiam quem contactar e tentaram Daniel. O inspetor Vilar lembrava-se desse cartão. Solteirão e sem família chegada, o amigo pedira-lhe em tempos a deferência, não fosse ele ir parar a uma ala indesejável de um hospital psiquiátrico com uma amnésia qualquer, porque «sabia bem do que falava».

Daniel lembrava-se de ter rido a bom rir e de ter dito a Mateus que este morreria aos cento e cinquenta anos, assassinado por uma empregada do lar farta de o ouvir falar sobre a alegria de viver. E agora aquilo, o inominável. Se Mateus morresse, podia ser o fim de uma parte importante do seu mundo.

No hospital, Daniel ficou a saber que a queda fora séria e os exames, incluindo uma ressonância, inconclusivos sobre os efeitos. Só se sabia que era muito grave. Os médicos esperavam que o edema fosse encolhendo, para depois tentarem perceber a existência de lesões e a sua extensão. Ou seja – e Daniel percebeu-o –, seria o que Deus quisesse.

A preocupação era evidente no semblante de médicos e enfermeiros, que alertaram Daniel de que tudo podia acontecer, inclusive a morte de Mateus. Caso recuperasse, não se fazia a menor ideia do estado em que acordaria, se viria a necessitar de fisioterapia, ou se sequer

ganharia consciência. Daniel percebia que falavam verdade, que a medicina não era magia, que não havia mesmo nada que pudessem fazer. Sem dizer muitas palavras, despediu-se com um aceno depois de os médicos lhe terem permitido um momento próximo do amigo. Olhando para Mateus, jurou trazer-lhe um queijo da serra dos autênticos para comerem juntos. Sentiu-se estúpido pela promessa e por sucumbir à superstição, mas contava cumpri-la.

A23, algures na Beira Baixa, sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 18h10

Na A23, o *Volkswagen Golf* da UCE rolava apressado a caminho da Beira Alta. De Lisboa ao destino eram quase trezentos e cinquenta quilómetros, depois de passarem Abrantes tinham Castelo Branco em mira, seguir-se-ia a Covilhã e daí à Guarda seria rápido. Havia pouco movimento e o carro acelerava sem rotativos ou qualquer indicação de que fosse da polícia. Aquela era a ligação mais rápida entre a capital e a importante fronteira de Vilar Formoso, e Daniel não deixava de achar incrível como só no século XXI o percurso ficara disponível por autoestrada. No tabliê da viatura anunciavam-se 41 graus no exterior. Setembro também era mês de calor e fazia questão de que ninguém se esquecesse. O ar condicionado na potência máxima tornava a atmosfera suportável, apesar da condução repentista do inspetor Vasques. Depois de vários camiões na A1, ali havia menos tráfego do que esperavam, agora que aquela autoestrada passara a ter portagens. O piso era deplorável em muitos troços, a estrada aos solavancos e de alcatrão manchado parecia piorar à medida que penetravam no interior de Portugal.

As várias frações em obras, sinalizadas com cones, demonstravam que o concessionário haveria de tratar do assunto ou que pelo menos fora avisado do mau estado da via. Os efeitos da grave crise económica dos anos anteriores como que pararam o país, além de terem provocado uma cólera imensa nas gentes, mas as coisas davam a volta por cima, como sublinhava no rádio a música de Salvador Sobral, que ganhara inesperadamente o festival da Eurovisão meses antes. Daniel não se cansava de ouvir este *Amar pelos Dois*. Ele que, desde que perdera Cristina, ouvia muito menos música.

Ao lado de Vasques, aproveitou para espreitar o caminho. Conhecia mal a zona que ia dar à serra da Estrela e reconhecia que muita da familiaridade vinha-lhe das sucessivas reportagens na televisão, no inverno, sobre a neve que caía ou deixava de cair no cume. Sorriu interiormente a pensar no absurdo de os acessos encerrarem com frequência por causa de nevões, deixando aqueles que queriam fazer desportos de inverno sem hipótese de o fazer. Vasques guiara depressa, acima do limite legal, mantendo-se dentro do horário combinado com o inspetor Caramelo.

Perto de Celorico da Beira, vindos da Guarda, desviaram para Vale do Forno, que ficava a uns oito quilómetros, por uma estrada estreita sem subidas pronunciadas, descidas ou curvas sinuosas, notou Daniel, o que o levou a pensar que também nos precipitamos a associar tipos de percursos aos locais onde estamos.

A vegetação era baixa, com pouco arvoredos, não parecendo estar cultivada. Uma sensação

de mágoa e tristeza ameaçou tomar-lhe os pensamentos, mas preferiu pensar que nem tudo naquele interior de Portugal tem de ser tortuoso, como nem tudo no Alentejo será vasto e plano. Bandos de pássaros atravessavam o céu, em voos coordenados. O cheiro a serra, o sortido do pólen misturado com o gado, com a palha, as giestas, os rosmarinhos e o pó seco, era intenso e amplificava o calor que conseguia entrar pelo carro e intrrometer-se no ar frio e seco da refrigeração. Cheirava a interior no verão.

Durante o percurso, Sara foi elucidando Daniel e Vasques sobre aquela família e a respetiva propriedade. A casa seria da família da avó da vítima e, embora houvesse apontamentos de habitações luxuosas na Comporta e no Algarve, as origens em Vale do Forno continuavam a merecer visitas. Sara explicara que o avô da vítima, Elísio Castro Pinto, fora dos poucos a não ser beliscado pelas falências e negócios menos claros nos últimos anos em Portugal. Passara grande parte da vida adulta em Macau e radicara-se em Lisboa no princípio dos anos 90, onde conseguira acionistas entre as elites, que o financiaram para fundar o Banco Indústria e Negócios, uma relativamente pequena e poderosa instituição na finança portuguesa, dos pouquíssimos bancos a permanecer em mãos nacionais. Pelo que Sara adiantara, Castro Pinto deixava-se ver pouco nas revistas do social e nos suplementos de economia. A aura e a sugestão de grandiosidade eram reforçadas pela discrição, porque toda a gente sabia quem ele era e o poder que detinha. Um homem misterioso e recluso que inspirava temor no diretor nacional da Polícia Judiciária portuguesa, pensou Daniel, sem partilhar. Será que alguém teria razões para lhe matar a neta? Apostaria que sim, embora assassinar uma neta para atingir um avô fosse um tipo de vingança muito raro.

Perto das sete da tarde chegaram ao largo principal de Vale do Forno, onde ficava a casa da família Castro Pinto, um chalé de montanha que se parecia prolongar pelas traseiras, numa vista desafogada para montes cheios de verde. Ao longe, ventoinhas brancas gigantes, que pareciam velas em cima de um bolo, capturavam a energia do vento. Seria aquilo a serra moderna. Ainda para lá, o negro da terra queimada parecia querer devorar o que sobrava da vegetação verde.

O carro marcava 35 graus quando Daniel abriu a porta e saiu. No largo, dezena e meia de populares aguardavam de braços cruzados, como as pessoas fazem quando há desastres ou acontecimentos inesperados.

Mal pôs o pé fora do carro, sentiu o telefone a vibrar e o instinto lembrou-lhe de que podiam ser novidades sobre Mateus. Estendeu a mão para a mulher bombeiro que vinha na sua direção, enquanto verificava o número. Percebeu que era do hospital e reentrou no *Golf*. Do outro lado, uma voz feminina firme e afável falou depressa.

– É o inspetor coordenador Daniel Vilar? Fala Ivone Ferro, neurologista no Hospital de São Francisco Xavier. Telefono por causa de Mateus Meireles.

– Por favor, diga.

A bombeira gesticulava, Daniel percebeu que ela queria que tirassem dali o carro e mostrou-lhe o crachá. Que esperasse.

– O senhor Meireles prossegue em coma induzido. O edema diminuiu ligeiramente, mas o prognóstico continua reservado. Temos de esperar.

– Está a dizer-me que o Mateus nunca vai acordar? Por favor, não use eufemismos, trate-me como um adulto.

Daniel foi mais brusco do que desejaria, a frase saiu-lhe dramática e teatral, mas a médica

manteve o registo determinado e sereno.

– Estou a dizer que temos de esperar. Não sabemos se vai acordar. Sem eufemismo, o seu familiar pode acordar só com uma valente dor de cabeça e, no outro extremo, sim, pode nunca mais acordar.

– O Mateus é meu amigo. Ele não tem família.

A médica fez uma pausa antes de prosseguir.

– Acredite, inspetor Vilar, há amigos que valem por famílias.

E desligou repentinamente.

O ar estava carregado de calor misturado com um cheiro particular, provavelmente a gado. Estavam no campo, no interior, na serra, e Daniel sentia falta da humidade que o Tejo garantia. Não era um homem do campo, nem por sombras.

**Casa dos Castro Pinto, Vale do Forno,
Parque Natural da Serra da Estrela,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 19h07**

O inspetor Juvenal Caramelo, do Departamento de Investigação Criminal da Judiciária da Guarda, não tinha o ar do típico português. Era um homem de olhos azul-claros, vivos e expressivos, magro, com dentes muito brancos e cabelo cor de avelã. Esperava um polícia de aldeia, de bigode farto e boné na cabeça, talvez com faces rosadas do vinho e cigarro no canto da boca, mas saiu-lhe um tipo com cara de turista. Ignorando a evidente invasão de território pelos colegas da capital, Juvenal Caramelo explicava com disponibilidade o que fora encontrado.

– A GNR de Celorico veio a pedido dos bombeiros e chamou-nos. Como escrevi no relatório, não encontramos nada de extraordinário, se excetuarmos uma mulher morta e os quadros e as molduras ao contrário.

– Crê que foi suicídio, acidente ou outra coisa?

Nesta fase, Daniel queria saber a opinião do colega. Estavam apenas a falar, a trocar impressões.

– Pode ser suicídio. Ou má sorte. Pelo que se vê ali ao pé da piscina, emborrachou-se e drogou-se até não poder mais, atirou-se à água e passou para o outro lado para sempre. Ou então foi refrescar-se por causa do calor e teve um achaque dentro de água. Sabemos lá, a piscina é bastante funda. As drogas e os comprimidos encontrados são suficientes para dar cabo de um touro e a quantidade de garrafas dava para abrir uma taberna e ainda sobrava para a festa de inauguração. Mas isto são divagações que qualquer um que fosse a passar lhe poderia dizer sem levar nada. É preciso esperar pela autópsia.

O homem cultivava a graça, havia vários inspetores assim, que usavam o humor como jogo de intimidação. Pela linguagem corporal, Daniel julgou entender que Juvenal apostaria mais no acaso e no azar. Luzia estaria sob o efeito de álcool e drogas, aventurou-se num banho noturno e teve o azar de se ficar na água, afogando-se, fim da história.

Era o mais provável, sim, concordaria Daniel se Juvenal lho perguntasse, que não

perguntou.

- Há indícios de pancada na cabeça ou outro tipo de danos visíveis no corpo?
- Do tipo escorregou e bateu com a cabeça, desmaiou e morreu afogada?
- Ou do tipo bateram-lhe na cabeça e atiraram-na à água.
- Nada. Nada de pancadas visíveis. Nada de sangue, nem no crânio, nem em parte nenhuma. A água na piscina está limpinha.

A bem do conforto do processo, era necessário seguir os passos da investigação com cuidado, porque Luzia era neta de quem era, e aqueles quadros e molduras, encontrados ao contrário, há muito que faziam cócegas nas engrenagens do inspetor Vilar. Na viagem fartou-se de matutar naquilo, mas era cedo para lá chegar. O momento era de trabalhar com Juvenal.

- Que me diz das marcas nos pulsos e tornozelos?
- Pouco, muito pouco. O delegado de saúde não lhes deu importância por aí além. Eram uma coisa ao de leve, as marcas eram ténues. Se calhar usou umas sandálias com atilhos ou andou com umas pulseiras apertadas nos pulsos. Não se encontrou cordame, guitas, nada.

- Também há umas marcas no pescoço, creio.
- Confirmo. Também não são conclusivas. Sabemos lá. Sabe o que é o *choking*?

Daniel ficou surpreendido com a menção de Juvenal. Sabia bem que as novas gerações eram influenciadas pela pornografia que viam na Internet. Agarrar o pescoço dos parceiros, sobretudo das parceiras, estava em voga.

- Apertar o pescoço durante as relações sexuais?
- Isso mesmo.

- Por falar nisso então, existem outras notas de agressão sexual evidente?

Daniel falava com cuidado, para que Juvenal não se sentisse um subordinado.

- Nada de que nos tenhamos apercebido, mas não andei a olhar para onde não se deve olhar. A miúda pode estar morta, mas não perdeu o direito à sua dignidade. Aguardemos pela autópsia, como creio que já sugeri.

- Teorias sobre os quadros e as molduras?

- Zero. Parece que a vítima não levou com nenhum quadro na testa, pelo que a ligação está por fazer.

Daniel começava a dar sinais de impaciência.

- Posso ir ver o sítio onde acharam o corpo?

Até então, nenhum dos polícias vindos de Lisboa entrara na casa, ninguém os convidara sequer. Daniel achou por bem dar a oportunidade da cortesia a Juvenal. Era importante a boa relação com a Judicária local, ele também não gostaria que viessem uns inspetores de outra cidade cheirar o seu pátio.

- E porque não?

Daniel achou a piscina pequena e simples, mas percebia-se que era de qualidade. O alumínio das escadas parecia prata a brilhar, e a água por cima, com um tom muito escuro dos azulejos, lembrava um balneário romano e não as mil e uma piscinas comuns azul-bebé que o cloro roía em meses e o sol tornava lúgubres e envelhecidas. Espantado, verificou que o fim de tarde na serra tinha a melhor luz de setembro que se lembrava de ver. Concentrou-se. Espreguiçadeiras de notório bom material rodeavam a piscina, com zonas de sombra, canteiros bem arranjados, relva, árvores várias. Podia ser uma casa de aldeia, recuperada, de uma família lisboeta com muito dinheiro, e que aparecia nas revistas que a Cristina costumava ler quando

planeavam comprar uma casa na praia, antes de Zé Maria morrer. E era uma dessas casas, a verdade era essa.

Daniel quis começar sozinho pelo local onde Luzia foi encontrada, ao mesmo tempo que Sara e Vasques circulavam pela casa. Alguém, provavelmente os empregados, dispusera tudo como devia ser: não havia loiça, nem cinzeiros, nem cadeiras fora do lugar ou roupa espalhada. Luzia estava nua quando a encontraram, a roupa devia ter sido recolhida pela empregada. As pistas, se as houvesse, ou estavam no lixo ou calcadas por dezenas de pés e a zona da piscina parecia lavada, poderiam ter passado a área com uma mangueira. Daniel achou insólito e perguntaria a Juvenal por aquele esmero tão rápido. Recebeu mais uma mensagem no telefone. Era Sara, que o chamava ao quarto de Luzia.

O inspetor Vilar entrou na casa, atravessou a cozinha e subiu umas escadas que o conduziram ao primeiro andar. Sara e Vasques permaneciam à entrada da porta do quarto de Luzia e a inspetora segurava o que pareciam ser umas fitas de veludo preto na mão. Em cima da cama, via-se *lingerie*. Quem falou foi António Vasques, com excitação mal disfarçada.

– Ou a vítima perdeu o robe ou então estas fitas são capazes de terem sido usadas para outra coisa que não precisava de robe. Há quem goste de ser atado. Ou atada.

A ironia de Vasques era escusada mas lícita. Na cama, além das roupas, havia uma espécie de estojo aberto onde se viam preservativos.

– A menina gostava de festa.

– Subtil como uma buzina de camião, Vasques. Eu prefiro achar que era uma jovem com consciência, que não corria riscos.

Vasques corou com o reparo.

– Será que foi crime passionai, chefe?

– É o que precisamos de saber.

Capítulo IV

Casa dos Castro Pinto, Vale do Forno,
Parque Natural da Serra da Estrela,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 19h27

Daniel não apreciava piadas misóginas, muito menos defronte de Sara. Queria a equipa eficaz, profissional e decente, mas Vasques tinha razão: as marcas nos tornozelos e nos pulsos poderiam estar relacionadas com um contexto sexual. Talvez a morte pudesse ser uma brincadeira que acabou mal, como um jogo erótico que envolvesse asfixia. Olhou à volta do quarto, que cheirava a perfume caro e que se apresentava naquele desarrumo intrínseco e saudável de muitas mulheres jovens, sempre a vestirem qualquer coisa diferente para a próxima ocasião.

Aquela não era uma divisão muito personalizada, seria uma daquelas casas em que não há quartos atribuídos. A cama era imensa e talvez fosse mesmo isso, tanto podia dormir um como dois. Um pequeno ar condicionado embutido por cima da varanda revelava obras de modernização recentes, as janelas e portadas permaneciam abertas com um mosquiteiro a evitar a entrada de insetos, e só a luz do fim da tarde do primeiro dia de setembro testemunhava a curiosidade dos inspetores vindos à pressa de Lisboa. Numa cómoda, uma fotografia antiga de uma casa estava virada de pernas para o ar.

- Onde estavam as coisas que me mostraram?
- Ali.

Sara apontou para um roupeiro enorme que havia numa parede.

- Mais particularidades que mereçam menção?
- Além da roupa e sapatos, maços de cigarros, uns cadernos sem nada escrito, livros, coisas normais de mulher, maquilhagens, joias de pechisbeque, carregadores de telefone. Na carteira havia mais de mil euros em notas, além de vários cartões. E encontrei estes medicamentos.

A inspetora mostrou várias lamelas e embalagens de medicamentos a Daniel.

- Fotografe tudo para nós.

O inspetor Vilar reconheceu as caixas de *Valium*, uma benzodiazepina usada para a ansiedade, e *Efexor*, um antidepressivo de nova geração. Tomara ambos na sequência dos acontecimentos que viraram a sua vida do avesso e lhe roubaram o filho e a mulher. Havia mais medicamentos que não identificou. Ou a miúda tomava aquilo como reбуçados para se divertir ou teria muitos nós na cabeça. Por outro lado, a depressão era uma condição séria que levava ao

suicídio e podia ter sido o que sucedera ali na serra: Luzia podia ter-se matado, exagerando nas doses. Parou com aqueles pensamentos, dando-se uma reprimenda por andar a saltitar entre teorias e conclusões. Observar as coisas de quem acaba de morrer nunca era uma sensação agradável. Além do pudor, o risco de se ser injusto era apreciável.

Daniel saiu do quarto a olhar para trás das costas e quando se virou assustou-se quando viu a empregada no pequeno vestíbulo. Uma mulher pequena que há muito passara a meia-idade, de cabelo armado num carrapito, esfregava as mãos uma na outra perto da soleira da porta. Devia lá estar há algum tempo.

– A minha menina, a minha cachopa, coitadinha.

A mulher balbuciava lamentos impercetíveis. Em parte, seria encenação, mas Daniel não se admirou particularmente. A exibição em público da dor era importante para um determinado tipo de gente de um certo estrato social

– A senhora é Adelaide Leonardo? Posso perguntar-lhe a idade?

Na contingência de se tratar de um homicídio, as relações mais próximas da vítima seriam sempre os primeiros suspeitos a investigar, apesar de esta senhora dificilmente encaixar no perfil de homicida óbvio, caso houvesse ali crime. Mas regras eram regras, e Daniel começou ali uma conversa que era para ser breve, mas foi relativamente demorada. Durante largos minutos, Adelaide Leonardo continuava inconsolável, chorando e soluçando, enquanto relatava aos inspetores de Lisboa o que contara aos da Guarda. Apesar de a mulher se atrapalhar na descrição, conseguiram perceber que se levantara cedo, como de costume. Pelas sete, começara a preparar o dia e quando fora verificar se havia loiça na zona do solário, como era habitual, reparou em algo na piscina e percebeu ser um corpo dentro de água. Começou a gritar e a ir na direção da piscina e, com a ajuda de Lauro, o moço que cuidava da terra ali da casa, tirou o corpo nu de Luzia. Explicou ainda o que aconteceu depois.

– E, quando vós viestes, tínhamos lavado tudo. Quando veio o delegado de saúde e levaram o corpo da menina, o meu Lauro limpou a mesa e passou a mangueira pelo chão.

Ninguém se lembrara de vedar o perímetro porque ninguém pensara que pudesse ter havido motivos para investigar. Precipitação ou não, acontecia com frequência e lá se iam provas e indícios.

– Lavaram porquê?

– Tanta gente passou ali que ficou tudo sujo.

Pois, pensou Daniel. Compreensível, mas sem dar jeito. Estava-se mesmo a ver que os prodigiosos bombeiros locais não haveriam de pensar nos vestígios que podiam deixar andando por ali, de um lado para o outro.

– Como é que esse Lauro a conseguiu ouvir a chamar?

Adelaide pareceu surpreendida com a pergunta, como se tivesse aterrado ali naquele instante. Ficou quieta a concentrar-se até que falou.

– Ele vinha a chegar da ordenha das ovelhas. Tirámos a minha menina da água e enrolámos o corpo numa toalha, coitadinha, via-se bem que se tinha apagado.

A cabeça de Daniel não saía da mangueirada e mal escutava o que a velhota ia dizendo. Qualquer pista estaria agora comprometida pelo pisotear dos bombeiros. Não era ideal, mas nada na vida era ideal, a não ser requeijão com doce de abóbora e vinho tinto, pensou. Que estupidez aquela imagem que lhe apareceu na cabeça no momento em que a empregada falava –

devia estar com fome. Ou talvez fosse defesa emocional, porque, tal como Luzia, também o seu filho morrerá afogado. Ninguém lhe dizia que não o mandaram para ali por causa disso, se calhar julgavam que ele era o grande especialista em afogamentos. Não era. Castigou-se pela dispersão mental e pensou no filho e no seu rosto sereno quando o tiraram do Alqueva, anos antes. A custo, Daniel conseguiu refazer-se e mandou Sara procurar Lauro para recolher o seu depoimento, enquanto ele e Vasques se despediram de Adelaide para fazerem outra ronda pela casa.

O calor seco era mais suportável dentro das divisões, onde as janelas duplas foram bem encaixadas nos parapeitos antigos, num cuidado que Daniel apreciou, ainda que o mobiliário parecesse recente. A casa de paredes grossas não dava mostras de ser habitada com frequência porque cheirava tenuemente a fechado. No percurso entre o quarto de Luzia e a porta que ia dar à zona onde ficava a piscina havia reproduções de motivos campestres vagos e fotografias antigas viradas ao contrário, marcando uma pista bizarra. Teria sido uma brincadeira?

Ia a sair da casa quando reparou em Juvenal a aproximar-se. Quando o viu, este começou a falar instantaneamente. Ali estava um tipo particular.

– Um aspeto engraçado sobre este nosso Portugal. Aqui estamos na serra, no interior, e parece que estamos nos quintos do inferno, não é? Só que, bem vistas as coisas, distamos menos de duzentos quilómetros em linha reta do Atlântico, para ocidente, que não é assim tanto. Madrid, uma das principais cidades do mundo, fica a uns quatrocentos quilómetros, mais coisa, menos coisa, e Lisboa a uns trezentos. E o Mediterrâneo não está demasiado longe da serra, alguns ares quentes chegam aqui de certeza, vindos de África. Temos o mar frio por cima, por Espanha, e apanhamos os ares do Sul, que vêm de baixo. Catita, não acha, inspetor Vilar?

Há quem goste de exibir conhecimento com um objetivo e há quem exiba conhecimento sem objetivo nenhum a não ser chatear. Daniel esperaria para ver. Juvenal ainda não tinha terminado.

– A serra da Estrela não é tão interior como possa pensar e está sujeita a influências climáticas mediterrânicas, atlânticas e continentais. É outra das razões por que é única. É do tempo em que os tigres fumavam.

– Desculpe? Que tigres?

– É como os coreanos contam as suas histórias. Nós dizemos era uma vez, eles falam de um tempo em que os tigres fumavam. Quer dizer que foi há muito tempo.

A avaliar pelo tom, as digressões de Juvenal Caramelo acerca dos segredos da sua terra iam no começo. Daniel ouvia-o com inesperada curiosidade, enquanto caminhavam para o exterior.

– Estou a maçá-lo, inspetor coordenador Vilar?

– Nada disso, prossiga, por favor.

– Pois bem, que seja. O Parque Natural da Serra da Estrela foi criado em 1976. A bem dizer é uma série de planaltos que se estendem da Guarda, a nordeste, até aos contrafortes da serra do Açor, a sudoeste. É o nosso maior parque natural. Além das etapas da Volta a Portugal em bicicleta, que terá visto na televisão ao longo dos anos, sabe mais acerca deste lugar?

Daniel abanou a cabeça. Sentia-se de volta à escola. Gostava do queijo, dos enchidos e achava os vinhos do Dão com personalidade, mas além do granito e das notícias sobre a neve ou a falta dela, pouco conhecia daquelas paragens.

– Não me surpreende, a capital do império só se dignou a conhecer a serra da Estrela em

1881. Uma expedição organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa veio a estas bandas. Hermenegildo Capelo, lembra-se dele, das expedições às Áfricas? Pois bem, foi ele o homem que trouxe umas dezenas de lisboetas à serra da Estrela. O Serpa Pinto e o Ivens vinham na expedição, que, entre outros, o médico Sousa Martins instigou. Um meu antepassado era um dos carpinteiros ao serviço dos senhores doutores.

O inspetor Vilar reconheceu os nomes, tinham ruas em Lisboa. Não fazia a menor ideia de que tivessem vindo descobrir a serra da Estrela, armados em exploradores, e a informação surpreendeu-o. Suspeitava que a aula viesse da circunstância de Juvenal se ter ofendido por mais este despacho da Judiciária lisboeta ao caso de Luzia, mas as coisas eram o que eram.

Mais valia aproveitar a missa.

– Hermínio ou montes Hermínios era como a região era chamada pelos romanos, provavelmente em homenagem a Hermes, o deus dos pastores. Muita da água que vocês bebem e desperdiçam a escovar os dentes e a lavar os carros nasce aqui, no Alva, no Mondego ou no Zêzere.

Juvenal falava devagar, como alguém com factos muito importantes para revelar e começa por preparar o terreno. O calor permanecia agressivo, mas a luz do dia baixara e a noite começava a impor-se.

– Li umas coisas sobre o tema. Os expedicionários, como eram conhecidos, vinham ufanos e imbuídos daquele espírito de conhecimento que animou o século XIX, não sei se em Lisboa falaram disso na escola. Queriam saber da botânica, da fauna e da flora e se poderiam instalar um sanatório ou um observatório, os valentes. Muitas destas rochas estão aqui há centenas de milhões de anos, ainda os dinossauros não tinham aparecido, quanto mais. São penedos que viram muitos pássaros a voar.

– Sim, mas viram quantas netas de banqueiro afogadas em piscinas?

O inspetor Vilar não resistiu ao remoque. Cansara-se da lição e da pose de espertalhão da província, que acha que a hostilidade é devida a quem chega da capital.

– É bem visto, Vilar, estou a começar a gostar de si. Deixe-me terminar e vai perceber que isto tem um sentido. O que sei é que os doutores de Lisboa cá chegaram há menos de cento e cinquenta anos. Os tipos vieram no verão todos agasalhados para o frio, deviam pensar que aqui era como no Polo Norte. Pois bem, a malta de Lisboa nunca compreendeu isto e continua sem compreender. Há asco ao interior.

No meio daquele melindre pretensamente folgado, Caramelo aparentava estar deveras magoado.

– Somos de um país que acreditamos ser sossegado, pacato, com brandos costumes. E depois, em 2017, morrem dezenas num incêndio, porque o Estado falha. Gente que tinha ido tomar banho ao rio e passear com a família morre derretida na estrada. Vamos em setembro e o fogo de Pedrógão já lá vai, enterrado na história, para ser esquecido, como esta expedição à serra que lhe venho contando. Está mais do que esquecida.

– Há inquéritos abertos, houve demissões, os políticos garantem que haverá explicações. Acredito que haverá consequências.

Daniel sentiu-se na obrigação de defender as autoridades e tomava as dores de Lisboa.

– Vilar, isso são cortinas de fumo, passe a piada fácil. O fascínio dos maduros do litoral pelo interior revolta-me. Aqui, somos pouco mais do que uma caricatura que serve para ilustrar guias de fim de semana em jornais.

Daniel não era dos que julgavam Portugal o melhor país do mundo, mas estava longe de ser dos que o achavam o pior. Podia ser um país pouco ambicioso e desorganizado, mas as pessoas ainda se ralavam umas com as outras nos momentos complicados e, como ouviam em várias palestras na polícia, a criminalidade era baixa e o país seguro, não havia doidos a matar dezenas com metralhadoras ou bombistas suicidas no metro. Não era consolo nenhum, mas talvez fosse melhor do que nada. O grande fogo de Pedrógão, nesse junho a que Juvenal aludira, causara-lhe também um choque imenso. Agora que Caramelo o lembrava, Daniel reconhecia para os seus botões que, sim, o incêndio e a tragédia inimaginável já iam longe, como uma recordação sem data.

– O que é que acha do meu nome?

Daniel foi apanhado de surpresa.

– O que é que penso do seu nome? De Juvenal? Nada.

– Caramelo. Caramelo, homem. Dá-lhe vontade de rir?

– A mim?

O inspetor Vilar não conseguia acompanhar a lógica.

– Foi o *Caramelo* que me trouxe aqui. Tanto gozaram comigo que eu mostrei-lhes que era capaz. Não é fácil um tipo carregar um nome destes às costas, como não deve ter sido fácil para a miúda ser neta de um banqueiro, quando sabemos o que os banqueiros fizeram a este país. Chegaram a perceber as porcarias que aquela miúda tomou?

A rapidez com que passou da aula de História para o caso apanhou Daniel desprevenido, que ia responder quando Juvenal o interrompeu.

– Ah, já me esquecia, Vilar. Motivo. Além da natural concupiscência intrínseca a esta gente nova, não temos motivos. Vingança, paixão, dinheiro, esse tipo de explicações. Se a mataram, foi porquê? Ou será que a mataram por causa do avô?

Quando se despediram, Daniel fez por se recordar de mais tarde ir ao dicionário ver o significado de *concupiscência*.

Capítulo V

Torres do Restelo, Lisboa,

sábado, 2 de setembro de 2017, 6h20

Da janela da sala, Daniel Vilar via a ponte sobre o Tejo. A vista, com o Sol a raiar por cima do rio, impressionava-o sempre e acordava-o por completo, quase esquecendo de como descansara menos do que precisava. Na véspera, chegaram tarde de Vale do Forno. Dormira pouco e mal, e sonhara demasiado. No sonho, via-se num campo a perder de vista, amarrado a qualquer coisa, e, por mais que gritasse e chamasse a atenção de um vulto ao longe, ninguém o acudia. Havia ovelhas de todas as cores em seu redor e mesmo agora, acordado, jurava que conseguia ouvir os chocalhos a tinir como as campainhas nas lojas de algumas cidades europeias que visitou com Cristina. Há anos que Daniel sabia pertencer a uma pequeníssima minoria dos que se lembram do que sonham, mas nunca extraíra nada dessa consciência, a não ser perplexidade e o incómodo ocasional. Com o tempo, deixara de tentar compreender e explicar os sonhos, ou sequer de os contar aos outros. Eram enigmas noturnos, misteriosos como aqueles quadros e molduras na casa em que Luzia Vilhena apareceu morta.

O caso ainda pouco tinha que contar. Sara falara brevemente com Lauro Cruz, um aldeão de poucas falas, e ficaram a saber que Luzia passara vários dias com dois amigos na propriedade, antes de morrer. Lauro Cruz pouco mais adiantara, passava os dias a trabalhar no campo, dava mostras de estar alheado relativamente às pessoas da cidade. Afirmou nem saber os nomes, mas Adelaide Leonardo afirmou serem uma tal de Maria Ana Brandão e um Nuno qualquer coisa, não recordava o apelido. Deprendia-se que fossem amigos lisboetas de Luzia. Os dois teriam abandonado a propriedade a seguir ao jantar, como assinalava a mensagem recebida no telefone da vítima, depois da meia-noite. Não estariam, portanto, presentes na altura presumida em que Luzia se afogou. Daniel haveria de telefonar a Juvenal, emérito beirão, para lhe perguntar sobre eles.

Antes das sete, o inspetor coordenador da UCE corria pela avenida da Torre de Belém a caminho da zona ribeirinha. Iria a Algés e regressaria a casa. Naqueles últimos fins de semana de verão, havia sempre magotes de gente a fazer todo o tipo de desportos à beira-rio, pelo que era ajuizado despachar a corrida logo pela manhã. Queria estar em casa antes das nove para poder passar no hospital e ver Mateus.

Enquanto corria, e apesar de a música vinda do telefone estar no máximo, não conseguia deixar de visualizar Cristina dizendo-lhe que ia casar, numa recriação inesperada da mensagem

do dia anterior. Fazia quatro anos que ela voltara a Portugal, depois de ter fugido por causa da dor que a morte do filho lhe causara. Daniel chegou a sentir e a desejar que podia haver um recomeço, mas enganou-se. Cristina foi de imediato viver para casa da mãe e meses depois estavam divorciados, sem sequer conversarem acerca da morte de Zé Maria. Ao chegar à estação de Algés, acelerou. O piso era péssimo e era melhor assim. Ansiava que os cuidados a ter na corrida o fizessem esquecer do resto.

Hospital de São Francisco Xavier, Restelo, Lisboa,

Cuidados Intensivos, sábado, 2 de setembro de 2017, 13h20

A extrema vulnerabilidade de Mateus Meireles naquela cama de hospital impressionou Daniel. O amigo não se mexia, parecia morto, e o silêncio doía, salvo os barulhos das máquinas que o mantinham a respirar. Ver a barba amarelada pelo cachimbo não ajudava à figura de um homem que adorava a vida. Uma enfermeira dissera-lhe que não havia evoluções no estado, o coma continuava e haveria de continuar. O que uma queda numas escadas – que soubera, entretanto, que tinham sido acabadas de lavar – pode provocar. Estamos sempre a um passo de que tudo mude, filosofou Daniel, sem saber o que fazer. Seria necessário pedir segundas opiniões? Sabia lá.

Daniel trouxera os jornais da estação de serviço e ocorreu-lhe ler para Mateus, talvez uma voz familiar ajudasse, e aproveitaria para ficar a saber o que se dizia acerca da morte do banqueiro, que se mantinha queto e mudo a propósito da tragédia que tombara em cima da sua família.

– Tens a mania de perguntar sobre os meus casos, por isso começo por te ler diretamente do jornal aquilo por onde ando metido: «Luzia Pinto Vilhena era a única neta do famoso banqueiro Elísio Castro Pinto e foi encontrada sem vida na piscina de casa, na aldeia de Vale do Forno, na serra da Estrela, de onde a família Castro Pinto é originária. A Judiciária da Guarda nada revela acerca das causas da morte. O banqueiro Elísio Pinto, viúvo há quarenta anos, fica agora sem herdeiros de terceira geração, já que o seu filho, João Carlos Pinto, não tem descendência e a sua filha, Rita Castro Pinto, só lhe dera uma neta.»

Daniel sabia que a imprensa evitava usar a palavra suicídio por causa das limitações que poderia suscitar, mas também sabia que, se fosse o caso, estaria subentendido nas entrelinhas, o que não aconteceu. Ou o repórter achava que se tratava de um acidente ou alguém aconselhou a que fosse o mais vago que conseguisse, pedindo para não ser citado.

Quando parou de ler, prestou atenção às fotografias. Luzia era uma mulher jovem e bonita, de vinte e poucos anos, atraente, de cabelo escuro, penteado com risco ao lado, olhos verdes e maçãs do rosto salientes, com aquela cara feliz, saudável e imparável que os ricos têm sempre quando são novos. Conhecia vagamente a imagem do banqueiro dos jornais e televisões, mas não se lembrava de ter visto antes os seus filhos, Rita e João Carlos. Teriam quarentas e não sorriam nas fotografias mostradas no jornal.

Uma pequena nota ao lado da notícia principal referia as ligações de Elísio com os políticos, o seu passado em Macau e sublinhava que se tratava de um dos poucos banqueiros da Europa a

não ter saído chamuscado da crise financeira que ocorrera anos antes. A notícia nada referia acerca dos quadros ao contrário ou das marcas nos pulsos e tornozelos.

Cerca de meia hora depois, lidas as mundanidades a Mateus, incluindo referências a figuras conhecidas que os dois costumavam debater, Daniel saiu do hospital sem saber para onde ir ou o que fazer. Talvez não fosse a lado nenhum, não lhe apetecia fazer nada.

Uma vez em casa, enviou uma mensagem a Juvenal Caramelo, perguntando-lhe se falara dos quadros ao contrário com a empregada e o que se sabia dos amigos Maria Ana e Nuno. Não obteve resposta.

**Rua de Santo António, Charneca de Caparica,
sábado, 2 de setembro de 2017, 13h25**

A excursão à serra da Estrela servira para Mendonça estar salvaguardado caso fosse pressionado, porque a UCE não iria pegar naquilo de certeza, mas a curiosidade foi mais forte e, mesmo em dia de folga, Sara Correia andava há mais de duas horas a viajar pelas redes sociais à procura de informações acerca da vida da vítima. Ela sabia que ainda havia quem chamasse *prateleira* à UCE, a brigada onde os casos por explicar iam morrer, e odiava que assim fosse. Era injusto para eles e em especial para Daniel, o seu chefe, que admirava como ninguém e por quem iria até ao fim do mundo ou mais longe se ele quisesse. Desde que fossem juntos.

Sara sentiu um arrepio quando pensou que ela e Daniel pudessem, um dia, ir juntos a algum sítio, sem ser em serviço. O fraquinho que sentia por Daniel não desaparecia. Pelo contrário, o mais sensato seria distrair-se e pensar noutra coisa qualquer, como o passado da vítima.

Ouvira uma vez que, um dia, o Facebook teria mais perfis de mortos do que de vivos. Luzia fazia agora parte dessa futura maioria. Durante a espionagem dos rastos digitais, Sara não evitou sentir alguma inveja da vida que Luzia demonstrava ter, ao perceber que a neta do banqueiro era popular e dinâmica como muitas jovens daquela idade: viajava bastante, roupas, adereços e joias eram uma constante, tal como as jantaras e saídas com amigos. Era uma mulher bonita e atraente, mostrava-se exuberante e confiante nas fotografias das suas redes e nas que Sara encontrou em páginas de revistas.

No conceito rígido e exigente que a inspetora da UCE aplicava aos outros, Luzia Pinto Vilhena era fútil, viveria às custas do avô rico, enquanto não encontrava a sua vocação, que seria, com certeza, uma parvoíce qualquer da qual se cansaria depressa. Onde é que já se viria andar a tomar banho numa piscina de noite? Sara não se orgulhava do que sentia, mas não fez qualquer esforço para se reprimir.

Como não queria ser apanhada por Rafael, o seu noivo com quem vivia, naquela espionagem, a inspetora foi lendo sucessivas páginas com rapidez, por entre obituários, despedidas, mensagens de amigos e coisas do passado. Luzia não teria noivo ou namorado conhecido quando morreu, ou pelo menos não se deixava fotografar com ele. A partir dos nomes, a inspetora procurou e encontrou os perfis dos dois amigos que estiveram em Vale do Forno no dia em que Luzia morreu. Maria Ana Brandão, nascida em 1994, e Nuno Semedo, uns dois anos mais velho.

A amiga surgia em diversas imagens e seria obviamente de boas famílias lisboetas. Nuno Semedo afirmava-se professor de ténis. A intuição dizia-lhe que o professor, um rapaz bonito com olhar fascinante, colecionaria conquistas a eito. Sara passou as suas fotografias com desdém, abafando outra ténue ponta de inveja por não ser alvo de um sedutor qualquer, até daquele tipo, dos que Sara apostaria que usam, enganam e maltratam as mulheres.

O barulho de chaves na porta alertou-a de que era Rafael. Interrompendo a digressão, Sara fechou o computador e fugiu para o duche.

Torres do Restelo, Lisboa,

madrugada de sábado para domingo, 3 de setembro de 2017

Daniel acreditava que não se dava mal com a solidão e, fosse do hábito ou do que a vida lhe entregara, quando estava sozinho julgava sentir-se menos tenso. Estaria no caminho inexorável para essa misantropia que sempre sentira existir dentro de si?

A possibilidade de voltar a casar e ter uma vida com outra mulher não existia sequer no que perspetivava para o futuro. Não pensava nisso, não o desejava, não sentia falta. Houvera algumas mulheres, mas rapidamente chegava aquela parte em que era preciso cortar o possível mal que viesse pela raiz, aquele mal que a sociedade chama de *compromisso*. Sabia-o porque uma delas dissera-lhe que ele temia o compromisso e ele não a desmentiu. Era melhor para todos que Daniel Vilar se mantivesse sossegado, sozinho, com as suas coisas e sem compromissos.

Cansado de vídeos de preparação de comida, fez uma sanduíche de um queijo italiano de sabor forte, com mostarda e alface, que temperou ligeiramente com paprica. A meio, sentiu falta do crocante e lembrou-se de que deveria ter tostado ligeiramente o pão. Na cozinha, embrenhou-se de novo pela Internet, agora a averiguar a vida do banqueiro Elísio Pinto.

No final dos anos 90 e primeiros anos do novo século, Elísio, chegado de Macau, havia vencido vários prémios de melhor gestor e melhor banqueiro. Sucumbira à vaidade de os ir receber, concedia entrevistas em que dava recados e surgia pontualmente em eventos de caridade. O inspetor Vilar sabia que havia outras figuras influentes da vida nacional com um passado ligado ao antigo território e calculou que houvesse laços entre eles e Elísio Pinto, mas, de menções públicas, nem cheiro. Em alguns blogues e *sites* de figuras anónimas encontrou raras alusões a manobras na banca com ajudas do Estado, sugestões de corrupção, suborno e más práticas, mas o inspetor tropeçou sobretudo em elogios à sagacidade do banqueiro, que saiu incólume da crise que arruinou a banca portuguesa e a entregou a mãos estrangeiras. Em determinados casos, o nome de Elísio Pinto surgia inclusivamente como sugestão para ministro das Finanças, tal seria a sua suposta competência.

Pesquisou sobre a Beira e sobre a serra, terra de neves e lagoas, como lia num texto antigo. Foi com surpresa que relembrou que a serra fazia parte da meseta ibérica, um planalto gigante, que ocupa grande parte da Espanha, e que recordava dos tempos de escola. Atravessada pelos rios Mondego e Zêzere, que drenam a serra e levam a água das chuvas ao litoral, na parte de baixo da serra cultivam-se vinhas, oliveiras, batatas, milho, madeira e na zona alta há matas, pinhais, centeio e, sobretudo, zimbro, que Daniel reconheceu da moda dos gins.

Já de madrugada, instantes antes de apagar a luz, Daniel tomou uma nota mental para insistir com o inspetor Caramelo, que não respondera às suas mensagens.

Adormeceu com o pressentimento de que Juvenal, o beirão parecido com um sueco, não queria os lisboetas a investigar o caso por outros motivos além do poderoso ressentimento da província.

Meia hora depois, acordou alarmado. Esquecera-se de verificar o significado de *concupiscência*.

Primeira carta de Luzia

Caxias, 18 de fevereiro de 2014

Olá, minha querida tia Maria da Paz,

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que sei que este não é o nome por que agora é conhecida e tratada pelas suas irmãs, mas começo assim esta primeira carta que lhe escrevo. É com um nó na garganta que confesso que tenho imensa pena de nunca a ter conhecido, nem à minha avó, que já está no céu, mas quero que saiba que sinto ambas muito presentes na minha vida. Sempre soube que havia qualquer coisa dentro de mim, que não consigo explicar, a proteger-me, e agora finalmente percebi.

A Adelaide (lembra-se da Adelaide, tiazinha?) diz-me muitas vezes que eu lhe lembro a avó e a tia. Espero que sim, fico muito feliz. A Adelaide está a ficar velhinha e às vezes não diz coisa com coisa, mas é muito nossa amiga e gosto muito dela, como uma avó.

Agrada-me muito ser parecida com vocês as duas, eram tão bonitas.

No outro dia abri uma gaveta e encontrei uma fotografia sua com a avó. Não me lembro se vi aquela fotografia antes, se calhar vi em miúda, não sei, mas mexeu comigo e por isso lhe escrevo.

Quero ter a tiazinha na minha vida. Sei bem do seu voto de silêncio e sei que a tiazinha não pode receber visitas. Percebo as regras, estive a investigar, e não vou abusar, mas eu não fiz voto de silêncio nenhum e ninguém me impede de lhe escrever, ainda que possa nunca ter resposta.

É esta a explicação para a minha primeira carta. Percebi que há alguém da minha família com quem posso conversar, se é que podemos chamar de conversa a isto de escrever cartas (eu acho que sim). Não me vou alongar para não ser tudo de uma vez, mas conte comigo, tiazinha.

Conte com a sua sobrinha-neta Luzinha para lhe fazer companhia e mandar cartas cheias de novidades e beijinhos.

Um grande beijinho e outro beijinho para todas as irmãs, que sinto que também são da minha família.

Até breve,

Luzia (ou Lu, ou Luz, ou Luzinha, como me quiser chamar)

P. S. Se quiser ou puder responder, tem o meu endereço no envelope.

P. P. S. Um enorme chi-coração, do tamanho da serra da Estrela!

Capítulo VI

**Ponte sobre o Tejo, sentido Sul-Norte,
segunda-feira, 4 de setembro de 2017, 8h30**

A manhã acordou azul e a cheirar a fresco. Um frio inesperado lembrava que nada era para sempre, ou seria o verão a fazer uma pausa? Sara Correia pensava naquilo quando ia de casa para a UCE, sem pressa, a temer a possibilidade de ter um mau setembro de praia durante as suas folgas.

Adorava fazer o percurso nas semanas entre o fim das férias e o retomar da normalidade. A circulação era menos intensa e os dias vibravam descontraídos com as memórias do verão. Ouviu a meteorologia no rádio e ficou bem-disposta. A garantia de calor era-lhe essencial.

Sara passara pouco dos trinta, tinha uma carreira de que se orgulhava, adorava o que fazia, era a vaidade da família. Engenheira de formação, judiciária por vocação, sempre quisera ser investigadora. Vivia com Rafael há quase um ano. Conheceram-se através da Internet, o que a envergonhava um pouco, embora no caso deles houvesse a circunstância de ambos estarem ligados à informática. A engenheira, como era conhecida na Judiciária, era especialista em redes e computadores e Rafael trabalhava como chefe de informática numa empresa de serviços.

Em comum havia mais, claro. As caminhadas, a praia, a boa comida do Alentejo, o amor pelos animais. Rafael precisava de perder uns quilos, era divertido e bem-disposto e Sara sabia que decidira viver com ele também para deixar de perder tempo a pensar no chefe, mas obviamente nunca o dissera ao namorado. Dizer tudo à pessoa com quem se está sempre se lhe apresentou como o maior dos absurdos.

✱

Nos últimos dois anos, Sara decidira ter consultas numa psicóloga em Almada. Não contou a ninguém, sabia que persistia o preconceito naqueles que recorriam a esse tipo de ajuda, em especial na retrógrada e machista Polícia Judiciária, mas fizera um pacto consigo mesma.

Tentaria ser honesta com a psicóloga acerca do que sentia pelo chefe, o que ela própria não conseguira compreender na totalidade. Precisava de falar sobre esses sentimentos que a iam consumindo muito mais do que desejaria. Não que Sara julgasse que a eventual paixão fosse uma doença, mas precisava de aceitar melhor aquelas emoções, guiá-las para dentro,

arrumando-as onde pudessem ficar para um dia, quem sabe, poderem ser chamadas de volta. Ao fim de três consultas não conseguira sequer mencionar o nome de Daniel e, depois de outras três, em que falou de uma crise vocacional inventada, desistiu.

A deslizar pela ponte, observou a cidade que ia ficando mais perto. Aumentou o volume do rádio para escutar as notícias e sobretudo para limpar o cérebro de ideias tontas. Sentia-se saudável e leve depois do treino no ginásio, que a enchera de endorfinas logo pela manhã, e assim pretendia continuar na primeira segunda-feira de setembro. Na UCE dedicar-se-ia com afinco ao caso de Luzia.

**Unidade de Crimes Especiais,
sede da Polícia Judiciária, Rua Gomes Freire, Lisboa,
segunda-feira, 4 de setembro de 2017, 11h**

O berro do diretor da Judiciária era para ser ouvido fora do gabinete e Daniel sabia-o.

– Vilar, explique-me como é que fico a saber pelos jornais de que houve uma morte exatamente igual à da miúda neta do banqueiro há quarenta anos. Faça-me um desenho se for necessário, mas elucide-me. Isto escapou-nos como?

✱

Mendonça estava furibundo. Um jornal dessa manhã fazia capa com a coincidência de uma mulher ter morrido afogada num tanque na mesma propriedade em que Luzia fora encontrada morta. «Tragédia igual, quarenta anos depois.»

Daniel nem sequer lera a notícia quando Mendonça o chamou à parte, mas, pelo que se entendia, a vítima de há quarenta anos era a mulher de Elísio Pinto, ou seja, a avó de Luzia, se o inspetor Vilar entendia bem a situação.

Enquanto Mendonça declamava indignações e fazia o seu número, Vilar confirmava com Sara através do telefone que a mulher, cujo nome não retivera, também fora descoberta na manhã do primeiro dia de setembro, mas de 1977. Lendo na diagonal a notícia que Sara enviou, notara que não vinha assinada e que o texto tivera o cuidado extra de não insinuar nada de criminoso, sublinhando somente que fora uma morte que chocara a aldeia, tal como a de Luzia no presente.

Coincidências? Daniel nunca tivera uma posição sobre se as havia ou não, mas uma diferença de quarenta anos parecia suficiente para afastar a ideia de que estavam perante casos ligados por um elo comum misterioso.

Daniel não fizera asneira na sua visita a Vale do Forno. Se chegara de mãos a abanar, também se justificava porque a vida era o que era e ninguém dava dois dedos de conversa com a polícia se o pudesse evitar. As populações falam mais depressa com jornalistas narigudos do que com a polícia, mas Daniel facilitara e Mendonça tinha legitimidade para o berreiro.

Talvez tivesse sido por querer voltar depressa a Lisboa por causa de Mateus, mas teria de admitir perante si mesmo que foram diligências em versão expresso. Mendonça, por sua vez,

continuava o raspanete.

– A UCE não tem nada entre mãos que eu saiba, portanto dediquem-se a isto. Sei que você sabe do peso deste homem no nosso país e não me refiro à balança. Não sei se houve crime, mas precisamos de deslindar o que se passou com esta desgraçada. Pobre miúda, tão nova, merece o nosso esforço, pelo amor de Deus.

Com a exaltação, Mendonça tossiu e precisou de beber água.

– Refiro-me à miúda que morreu na sexta-feira, não à outra vítima, coitada, que deve ser por há muito tempo.

✱

Depois do ralhete do superior, o inspetor coordenador da Unidade de Crimes Especiais da Judiciária reuniu a pequena brigada composta pelos inspetores Sara Correia, António Vasques e Manuel Bráulio. Vilar entendia-se de olhos fechados com Sara e vinha conquistando a lealdade dos outros dois, mas não era ingénuo a ponto de os julgar sempre do seu lado.

Os três estavam sentados a uma mesa, expectantes, quando Daniel partilhou o que era conhecido, acrescentando a notícia dessa manhã. Não referiu a hostilidade silenciosa de Juvenal, não ia estar a perder-se em elucubrações e conspirações.

– Vasques, fala com a Guarda, precisamos de saber da autópsia. Sara, é preciso mergulhar na Internet e perceber o que podemos encontrar que ligue esta morte do passado com a morte da miúda. Quero informações para que o Mendonça acalme as meninges. Bráulio, vem comigo. Precisamos de descobrir quando são as cerimónias fúnebres e falar com a família.

– Malta da banca também morre e tem de enterrar os seus. Depois de enterrarem as poupanças de milhares de depositantes, é seguir o padrão.

Bráulio disse aquilo como se tivesse aquela declaração atravessada. Daniel ficou irritado com aquele comentário idiota. A consideração pelas famílias das vítimas era uma das dimensões mais importantes do trabalho deles.

– Bráulio, há alguma coisa que tenhamos de saber? Perdeste dinheiro na crise por causa dos bancos e queres soltar essa raivinha cá para fora?

– Não, chefe, eu não tenho dinheiro para pentear um ovo.

Daniel não queria que uma lógica populista e vingativa assomasse e tomasse conta das emoções da sua brigada. Era verdade que muitos milhares haviam sido lesados na crise dos últimos anos, mas não podia permitir que essa espécie de dor coletiva influísse no que tinham em mãos.

– Chefe, acha que há crime na morte da miúda?

– Nesta fase ninguém está autorizado a supor nada, nem eu.

Daniel dividia-se entre o suicídio, uma *overdose* ou uma morte súbita, mas não pretendia despistar os seus investigadores. E podia ser crime, não faziam a menor ideia de nada, a verdade era essa. Outra verdade é que o tema não murcharia durante muitos dias, até ir repousar numa gaveta, antes de se mudar para um armário numa cave. A vítima tinha um avô muito particular. E agora havia ainda a questão da avó morta.

– E o cenário dos quadros de pernas para o ar? É bizarro. Qual é a opinião do chefe? – perguntou Sara.

– Pode ter sido uma brincadeira qualquer, uma partida que os amigos fizeram. Sei lá. Vasques antecipou-se na resposta.

– Uma praxe de despedida?

Podia ser, pensou Daniel, sem partilhar. Disse apenas:

– É perguntar-lhes. Temos de falar com eles de qualquer modo.

Sara lembrou que o corpo estava despido e que não foram encontradas roupas próximas do local, o que não era estranho, visto que a empregada admitira que foi tudo limpo e arrumado. Vasques cortou o ambiente com uma evidência.

– Em relação a impressões digitais vai ser complicado. Ninguém nega ter lá estado e os bombeiros e a GNR contaminaram aquilo tudo.

– Lá se foi o princípio da teoria de Locard.

Sara referia-se a um dos mais clássicos postulados da investigação criminal. Numa cena de um crime, há sempre algo que é levado e algo que o criminoso acaba por deixar, quase sempre involuntariamente. Uma pegada, uma impressão digital, um vestígio de terra nos sapatos que leva e deixa no carro, por exemplo. Investigar era procurar pela teoria de Locard. Numa cena de crime, qualquer contacto deixa o seu rasto; quaisquer passos que o criminoso dê serão testemunhas silenciosas.

Ainda não tinham nada, que soubessem, mas, mesmo assim, Daniel aproveitou a deixa para recitar o que todos sabiam. Era importante estarem alinhados e lembrados.

– Não sabemos se é crime, mas, como todos sabemos, os crimes de homicídio são cometidos quase sempre por gente próxima. Esta coincidência dos quarenta anos tem de ser esclarecida antes que contamine esta porcaria toda e nos obrigue a perder tempo em volta de pistas secas. Além de que aquilo foi regado com uma mangueira, não nos fíemos demasiado em Locard.

– Convicto de que é coincidência?

– Simultaneidade é de certeza. Verifiquem se tudo se cruza.

– Pode ter sido a mesma pessoa a aviar as duas.

A frase de Vasques soou a disparate provocatório e ninguém da UCE a comentou.

A5, Autoestrada do Estoril, segunda-feira, 4 de setembro de 2017, 12h45

Subiam o Viaduto Duarte Pacheco na faixa da esquerda, Bráulio ao volante enquanto Daniel procurava mensagens no telefone. Nada de notícias sobre Mateus e nada de Juvenal Caramelo. O beirão jogava ou calhara-lhe um preguiçoso? O trajeto entre a Gomes Freire e Caxias era curto, mas, de qualquer modo, decidiu telefonar-lhe.

O telefone tocou, ninguém atendeu; ou o inspetor Caramelo continuava amuado ou havia mais qualquer coisa que Daniel teria de apurar quando voltasse a falar com ele. Se calhar, Juvenal andava ralado com a tensão entre a América e a Coreia do Norte.

Iam a Caxias, rumo à casa de Elísio Castro Pinto, depois de Bráulio ter encontrado o endereço. Sem suspeitos, indícios ou sequer zonas especialmente cinzentas, Daniel não estava seguro do que iriam lá fazer.

Quanto mais não fosse, poderiam dar a ideia ao banqueiro de que a polícia se interessara pelo que acontecera à sua neta.

A longa e repetida conversa de autoconvencimento da prática policial falava sempre de uma enorme paciência que o investigador precisava de ter. Raras vezes se referia a outra constante: o desespero das apalpadelas na escuridão.

O telefone tocou de novo. Era Vasques.

– O corpo da miúda vem a caminho de Lisboa e deve cá chegar logo à tarde. O velório será em Alvalade e o enterro amanhã.

– E a autópsia?

– Não consegui saber nada. Atendeu-me um tipo na Guarda que não está ligado diretamente ao assunto. Só consegui a informação sobre o corpo.

– Mantém-se o espírito de colaboração entre as autoridades, já percebi.

Mal Daniel desligou, viu que havia um telefonema de Sara Correia e devolveu a chamada.

– Chefe, não consegui detalhes daquilo que aconteceu há quarenta anos, mas obtive os nomes e contactos dos amigos da miúda que morreu que lá estiveram de férias. Maria Ana Brandão devia ser uma das melhores amigas de Luzia Vilhena, dado que as duas surgem juntas em imensas fotografias, tipo miúdas populares, sempre abraçadas, sempre a passear, a dançar, na praia, todas vistosas. O chefe está a ver o género, não está?

O registo de Sara sugeria desdém, largando a crença típica de que quem era fotografado feliz e contente seria mais fútil. Daniel não deixou passar. A engenheira seria uma melhor investigadora com menos preconceitos.

– Não há mal nenhum em as pessoas serem amigas, dançarem, passearem e irem à praia. Ou queria vê-las na fila para as compras? Você nunca tirou fotos a soprar as velas de um bolo?

Do outro lado, Sara sentiu as faces a esquentar. A reprimenda de Daniel custava-lhe tanto que ficou com dores de barriga.

– Queria sublinhar que estas parecem inseparáveis e são daquele estrato social com muitos pretextos para fotografias folgadas. Quanto ao outro amigo, trata-se de Nuno Semedo. Autointitula-se de professor de ténis.

– Marque um encontro primeiro com ela. Mas não a assuste.

Já em Caxias, Bráulio usou o GPS para encontrar a casa. Sem dizer uma palavra, Daniel reparou no percurso. À direita via-se o mar contornado pela Estrada Marginal, entrando na localidade. Percebeu que estariam na rua que procuravam quando o carro abrandou junto de uma casa imponente, com vista desafogada sobre o mar e a entrada escoltada por dois pinheiros majestosos.

Tocaram e o portão abriu-se, mostrando um percurso cheio de caruma castanha e pinhas pisadas dispostas pelo chão, que cobriam quase todo o trilho de lajes sujas de musgo que levava à casa. A humidade era o pior inimigo da humanidade, pensou Daniel, que detestava aquilo. Odiava ver espaços públicos, casas e prédios enegrecidos pela humidade. Eram tão abundantes que, pelos vistos, ninguém a não ser ele ficava incomodado com aquela praga nacional.

Uma empregada de uniforme abriu a porta principal aos inspetores e pediu-lhes que esperassem. Momentos depois, voltou e os dois polícias entraram para uma sala escura, cheia de molduras, com peças em casquinha, quadros variados nas paredes e livros ocasionais de

lombada ilustre em estantes. Dois sofás verde-seco, dispostos em ângulo reto, eram separados por uma pequena mesa cheia de cinzeiros da Vista Alegre. Um cheiro fresco destoava da tristeza geral que se sentiria numa casa onde houve um falecimento. Os pensamentos do inspetor Vilar foram interrompidos por passos. Alguém se aproximava. Era o banqueiro.

Elísio Castro Pinto entrou na sala e era um homem surpreendentemente alto. Daniel, que o reconheceu das fotografias, falou primeiro.

– Os meus sentimentos. Sou Daniel Vilar, inspetor coordenador da Unidade de Crimes Especiais da Polícia Judiciária de Lisboa. Este é o inspetor Manuel Bráulio.

– Elísio Pinto. Por favor, sentem-se. Que posso fazer por vocês nesta inesperada e, devo acrescentar, inoportuna visita da Unidade de Crimes Especiais? Hoje é o dia do velório da minha única neta. A não ser que me vá dizer que se trata de um crime especial, espero que a conversa seja breve.

Vilar foi apanhado de surpresa. Imaginara que o banqueiro estaria a par das movimentações da polícia, na descoberta de eventuais circunstâncias criminosas na morte da neta, e que estaria a aguardar que a Judiciária ou até a UCE viessem ter com ele.

– A polícia raramente é bem-vinda e lamentamos os acontecimentos. Sucede que é precisamente esse o pretexto da nossa visita. Queremos saber o que pensa a família sobre as circunstâncias da morte de Luzia. Nesta fase, não lhe escondo que não temos qualquer teoria fechada.

– Senhor Vilar, não pensamos nada. Terá reparado, somos pessoas discretas, não perdemos tempo com escândalos públicos, não nos cabe agitar as coisas. A Luzia morreu, era uma pessoa encantadora e a minha única neta. Nesta altura, não há nada a fazer ou pensar, a não ser chorar a sua morte, dar-lhe a despedida que merece e recordá-la para sempre.

– É inspetor coordenador.

A correção servia para tentar atrapalhar o banqueiro. Daniel estava-se nas tintas para os títulos.

O avô de Luzia acalmou.

– Muito bem, *inspetor coordenador*. A nossa Luz morreu afogada na piscina, foi o que nos disseram. A sua presença aqui insinua que a polícia poderá ter outra opinião, por mais que me tenha dito o contrário há segundos.

Desta vez, Daniel ficou com a impressão de que o homem manobrava a situação para envolver a Judiciária na morte da neta, conservando a posição de avô triste, levemente ingenuo e chocado com a intromissão dos inspetores. Fingia-se invadido na dor, mas seria parte de uma encenação.

– Sempre que há uma morte em circunstâncias não normais, no sentido de não serem claras, a Judiciária é chamada.

– Não imagino o que possam procurar, mas façam o vosso trabalho.

Bráulio escutava atento e tomava notas enquanto Daniel conversava com o banqueiro. Não havia muito para anotar, mas até ele sentia uma vibração estranha naquele encontro.

– Sabe a razão por que a sua neta foi para Vale do Forno? A Luzia era visita habitual daquela casa?

Elísio mexeu-se na cadeira e recostou-se, como se se preparasse para uma tarefa demorada.

– A casa de Vale do Forno está na família há décadas. A minha sogra e a família mudaram-se por questões de saúde, em busca do ar da montanha, como era habitual naqueles tempos.

Vinham, creio eu, de Coimbra e instalaram-se no começo daquilo que é hoje o Parque Natural da Serra da Estrela. Sou de uma aldeia próxima, do Roscal, muito mais pequena, e por ali nos conhecemos. Para responder à sua pergunta, a minha neta era visita habitual desde há uns anos, sim.

– Costumam lá ir? Em família, quero dizer.

O inspetor Vilar fazia conversa, observando o banqueiro.

– O senhor deve ter lido os jornais. A minha mulher, uma mulher quase sempre triste e pensativa, morreu afogada há quarenta anos naquela casa, num tanque que por lá havia e que muito mais tarde foi transformado em piscina. Depois da morte da minha mulher, saímos dali e durante anos não voltámos. Os meus filhos nunca demonstraram interesse.

O banqueiro era perito no tom neutro e agradável – o mais complicado de definir – e mencionava a morte da mulher com o mesmo registo que usaria para informar onde comprou um carro.

– Pessoalmente, um regresso àqueles tempos e lugares seria a última coisa no meu pensamento. Foi a minha neta que nos obrigou, por assim dizer, a retomar um certo viver beirão. A seu pedido ou para lhe agradar, talvez as duas coisas, mandei fazer umas obras de recuperação e desde há três ou quatro anos que Luzia permanecia temporadas por Vale do Forno sempre que estava em Portugal. Passava lá sempre a transição do mês de agosto para setembro.

Respostas sem hesitação e sem parecer esconder o que fosse. Elísio exibia a serenidade própria de quem passou por tudo e não se surpreende com nada. Ninguém diria que precisava de ir velar o corpo da única neta.

– A sua neta vivia fora do país?

– Sim, nesta altura estaria em Londres, onde estudava.

– Vou ser breve, sem prejuízo de cá voltar para falar consigo e com a mãe de Luzia, mas, pelo que me disse, e sobretudo pelo seu tom e postura, nada indica que pudesse haver quem quisesse fazer mal à sua neta. Confirma?

– Exatamente, inspetor Vilar. Desconheço quem quisesse mal à Luz ou que sequer tivesse razões para tal.

– Nem a própria?

– Não o estou a compreender, inspetor.

– A própria Luzia podia querer mal a si própria.

– Está a sugestionar que a minha neta se pode ter matado? Há alguma carta que eu desconheça?

– Não estou a insinuar, somente a considerar a eventualidade. E não há uma obrigatoriedade de os suicidas deixarem mensagens. Só para clarificar, sabe se a sua neta teria essa propensão? Encontrámos vários medicamentos relacionados com o tratamento de estados depressivos.

– O senhor entenderá desses temas, pelo que sei.

Daniel não gostou do comentário, mas ficou calado. O homem informara-se a seu respeito e Daniel tinha a si próprio para se censurar por não ter pensado nisso. Portugal era pequeno e mesquinho.

– Infelizmente, acreditamos que terá sido um acidente, um terrível e inesperado acidente.

– Como o da sua mulher há quarenta anos?

- Sim, é admissível que tenha sido um acidente como o da minha mulher há quarenta anos.
- Portanto, o senhor acredita em coincidências?
- Inspetor, não tenho a certeza de estar a apreciar o seu tom.

O banqueiro disse aquela frase como se lesse um guião. Os dois homens sabiam que a polícia precisava de fazer aquelas perguntas e que o banqueiro precisava de fingir que se sentia surpreendido e ofendido.

- Importa-se que estejamos no velório, que, segundo sei, é mais logo?

Com uma expressão quase amigável, alheia à troca de palavras de há instantes, o avô de Luzia respondeu depressa.

- Não vejo o que possam ganhar com isso, mas sintam-se à vontade. Presumo que saberão ser sóbrios.

– Seremos discretos, não se preocupe. Só mais uma coisa, e voltando ao tema de há pouco: a sua mulher morreu em circunstâncias similares há quarenta anos. Referiu que foi um acidente. Foi uma queda e afogou-se, portanto?

Mais uma vez, Elísio Pinto parecia esperar a pergunta.

- A minha mulher morreu há quarenta anos, inspetor Vilar. Morreu e deixou-me com dois filhos pequenos. A vida virou-se de pernas para o ar porque ela se desequilibrou a apanhar umas peras. O que aconteceu, ninguém viu. Não faço ideia porque aconteceu o mesmo à minha neta, quarenta anos depois. Tenho de aceitar o que me aconteceu.

Daniel ouviu aquela frase sem acreditar numa palavra. Aquele era um homem que nunca aceitava o que lhe acontecia.

Capítulo VII

Departamento de Investigação Criminal da PJ,
Rua António Fernando Saraiva Morais, Guarda,
segunda-feira, 4 de setembro de 2017, 15h45

A cidade da Guarda era a mais alta do país, mas de que servia a medalha se continuava no mesmo sítio? A frase fora-lhe muitas vezes repetida, sempre à espera de uma risada da sua parte, que ele teimava em não dar.

O inspetor Juvenal Caramelo, homem de Manteigas, habituara-se à Guarda, às suas piadas e aos seus crimes: tráfico de droga, sacholadas na cabeça do vizinho, incendiários, dois ou três homicídios passionais fáceis de solucionar, uns espanhóis que era preciso apanhar de vez em quando, ou empresários com esquemas mirabolantes de fuga ao fisco, fraudes e esquemas com faturas, carros roubados e sarilhos com seguradoras. E, claro, casos de peculato com malta das câmaras e outros organismos do Estado, como por todo o país.

Ali, o trabalho era sobretudo feito de matéria de baixa complexidade, chata e aborrecida e ele sabia ser assim em todo o lado. Se se soubesse que a Judiciária arranja nomes criativos para as operações com o objetivo de combater o tédio, ninguém acreditaria. O que fosse que ia acontecendo na serra não dava nas vistas, nem poluía demasiado o ambiente, contrariamente ao caso atual que fizera tocar os sinos.

Miúdas de Lisboa que decidiam afogar-se na piscina do avô milionário, rodeadas de garrafas e drogas por todo o lado, davam mau nome à região e levavam a que colegas de Lisboa não parassem de o chatear com mensagens. Caramelo escondia mal o desapeço que nutria pelos lisboetas e até fazia questão de mostrar uma certa presunção quando lhe apetecia. Sempre preferira Coimbra, e depois talvez o Porto, mas nunca Lisboa e muito menos os lisboetas; antes Salamanca, onde ia de vez em quando almoçar. A sul do Mondego só se aproveitava o Algarve, onde passava sempre quinze dias em agosto, na Fuzeta, num pequeno apartamento alugado à mesma mulher há quinze anos.

Não gostava especialmente da casa, mas aquela pausa de veraneio era-lhe indispensável, como um velho casaco que assenta plenamente porque conhece o corpo.

Juvenal considerava que os instintos se afinavam, e o seu já se enganava menos vezes por esta altura da carreira. Havia então que aceitar o barulhinho na mioleira e transformá-lo em melodia. Pesando os acontecimentos, a morte da miúda podia não ser nada de especial.

Toda a gente via ali suicídio ou chilique, mas era de notar que não se encontrava nem o telefone nem o computador de Luzia. As diligências deram asneira e alguém se esquecera de os guardar e selar. O mais certo era terem sido roubados ou engolidos naquela confusão, mas podiam ter-se evaporado por conveniência.

Qualquer uma das situações era uma possibilidade. Todas as outras pessoas podem ter convicções e palpites, mas os investigadores são obrigados a duvidar sempre. O ceticismo é a luz que os alumia, como Juvenal repetia aos chatos que lhe perguntavam porque se interessava por certas coisas.

Ocorreu-lhe ainda que a família os podia ter guardado ou que a PJ de Lisboa os tivesse carregado. Sabia que o telefone existira naquele contexto, porque usaram a impressão digital da vítima para o desbloquear, mas depois desapareceu. Engolido pela terra ou no bolso de alguém? A aposta não seria difícil de ganhar; resta descobrir qual o bolso. Em Vale do Forno haveria muito por descortinar. Sendo ele beirão, sabia como as gentes eram rijas, metedizas e desconfiadas com uma cara de pau indestrutível e que só abriam a boca a estranhos quando fosse necessário.

O relatório da autópsia dizia que a Luzia morrera afogada. No meio daquele texto burocrático, vindo da medicina legal, entendia-se que os pulmões estavam cheios de água e a existência de cloro apontava para que fosse água da piscina. Sim, era lógico, mas era preciso que a ciência o garantisse. O que a fez entrar ou cair à água era outra história.

Apesar da abundância de material encontrado, os exames toxicológicos demorariam dias e ninguém garantia que não tivessem sido apenas os outros dois a usar as drogas e o álcool que foram encontrados perto da piscina. Não podiam excluir que a neta do banqueiro pudesse ser uma santa abstémia, embora o inspetor Caramelo suspeitasse que não era o caso. As marcas nos pulsos e nos tornozelos não revelavam equimoses com aspeto demasiado abrasivo e pareciam recentes.

Também havia umas marcas leves no pescoço, sem explicação aparente. O *choking* era uma possibilidade. Se Luzia Vilhena esteve amarrada, não foi com grande pressão ou durante demasiado tempo. Relativamente a agressões sexuais, a papelada era inconclusiva: havia microlesões na zona genital e foram encontrados vestígios de fluido seminal que obviamente podiam decorrer de relações consentidas. Juvenal lembrou-se das fitas de veludo e da *lingerie* que viu no quarto de Luzia.

As pessoas eram livres de se deitarem umas com as outras, mas, com ela morta, era um tema que não podiam abandonar.

Qualquer consultor forense que desconhecasse as identidades, que fizesse uma autópsia psicológica e que soubesse do álcool e das drogas que havia pela casa assinaria por baixo numa elevada probabilidade de suicídio ou acidente provocado pelas misturas. Antes de se terem as análises na mão, seria tudo palpite, mas em investigação criminal quase sempre o que parece acaba por ser. Eram raros os mistérios sem explicação. O engraçado seria saber se o tipo assinaria na mesma quando lhe dissessem que a vítima era neta de um banqueiro com acesso direto ao presidente e ao primeiro-ministro. O que levava Juvenal outra vez ao problema lisboeta.

Pegou no telefone e marcou o número de Daniel Vilar. Chegara o tempo de forjar uma aliança com a capital. Com aquele calor, as pistas secavam rápido.

O coma de Mateus não mostrava sinais de alterações. Daniel visitava diariamente o amigo, ainda que o seu estado o lembrasse da solidão que o corroía. As conversas com o amigo faziam-lhe falta, eram a única ocasião em que o inspetor Vilar se sentia à vontade para dizer o que lhe apetecesse. Foi sem surpresa que deu por si a contar a Mateus como andava a investigação da morte de Luzia, fingindo que almoçavam ou jantavam algures.

– Imagina tu que a miúda que se afogou lá ao pé da Guarda teve uma avó com sorte idêntica, quarenta anos antes. Duas mulheres da mesma família mortas da mesma maneira, com quarenta anos de intervalo. E, para ajudar à festa, o meu congénere beirão não responde às mensagens, o que faz do tipo um incompetente muito ocupado ou avesso à cooperação.

Distraído a conversar com Mateus, Daniel não reparou em quem entrava no quarto. Primeiro pensou que seria uma enfermeira ou uma auxiliar, mas depressa concluiu que era uma médica. Nunca distinguia as batas e as suas cores, mas a forma como se movia denotava a autoridade e a determinação próprias da profissão. Ou talvez fosse por ter as duas mãos dentro dos bolsos da bata. Um traço de perfume que Daniel não conhecia, e gostou de imediato, acompanhava-a.

– O senhor é da família?

– O Mateus não tem família. Sou Daniel Vilar, inspetor coordenador na Unidade de Crimes Especiais da Polícia Judiciária.

O automatismo da resposta obrigou Daniel a acrescentar.

– Sou amigo do Mateus Meireles, estou aqui nessa qualidade.

A mulher, relativamente jovem e de cabelo curto, não desarmou.

– Ivone Ferro. Sou médica neurologista e estou com o caso do senhor Meireles. Creio que já falámos antes ao telefone.

– Prazer. Diga-me, doutora, o que posso esperar para o meu amigo Mateus?

Finalmente alguém que poderia dizer-lhe qualquer coisa concreta. Não ia estar com rodeios. A médica também replicou sem hesitar.

– Como sabe, não podemos falar com quem não seja da família devido ao direito à privacidade, mas algo me diz que neste caso é possível abrir uma exceção. Infelizmente, o que lhe posso adiantar é pouco ou nada, o cérebro é um mistério e seria absurdo dizer fosse o que fosse de definitivo. Há quem acorde sem sequelas e há quem morra neste tipo de incidentes, e ainda existe todo um universo de possibilidades pelo meio. O edema tem vindo a diminuir graças à medicação, o seu amigo está naturalmente sedado e continua a ser observado vinte e quatro horas por dia. A medicina, como saberá, não é magia.

A médica exibiu um leve sorriso de cumplicidade no final da frase. Tudo era possível, o melhor seria preservar a esperança. Porque não?

Numa tigela funda, Daniel juntou um gaspacho que comprara num supermercado e a que juntara ovo cozido, salsa picada e umas gotas de tabasco. Não tinha presunto em casa e compensou com mais tabasco. Preferia uma tigela a um prato de sopa porque podia juntar cubos de gelo sem preocupações de equilíbrios e nós indesejadas. Preencheu com salsa fresca picada grosseiramente e devorou o preparado. Saciado, arrumou tudo, tomou um duche, vestiu uma camisa e um casaco e desceu para pegar no carro. Olhou para a caixa das cigarrilhas numa pequena mesa, junto à porta, e decidiu que as deixaria em casa. Não fumava todos os dias e fumava cada vez menos, o melhor era continuar bem-comportado.

A juntar-se a Sara Correia para irem ao velório de Luzia Vilhena, na igreja grande em Alvalade cujo nome nunca recordava, mas que sabia perfeitamente qual era. Pelo que percebera, a imprensa largara a história da avó morta em circunstâncias idênticas. Era previsível que Luzia fosse sendo engolida no fluxo noticioso, rumo ao arquivamento definitivo.

Daí a nada, seria recordada apenas pela família e nos perfis que viessem a ser publicados acerca do avô, como uma nota fatídica. A vida era dos vivos.

A passagem pelo velório seria uma etapa necessária no que viria a ser a confirmação de que se tratava de mais um óbito estúpido, evitável, inesperado e acidental, supunha Vilar. As mortes inesperadas não deixam de ser mortes, como lhe dissera Mateus a propósito da morte de Zé Maria, numa das primeiras consultas.

**Igreja de São João de Deus, zona de Alvalade, Lisboa,
segunda-feira, 4 de setembro de 2017, 21h45**

Quem passasse no adro daquela igreja da cidade, perto das dez da noite, diria que assistia a uma festa de verão, tantas eram as caras conhecidas, os bronzeados dourados, as denteaduras brancas e perfeitas, os cabelos sedosos e as roupas leves a mostrar corpos saudáveis. Luzia era popular e, se a consternação era evidente, núcleos de descontração iam-se formando nas margens da escadaria, com muita gente a fumar e a começar a conversar em voz alta, olvidando o contexto sombrio. Era setembro e aquela era a primeira ocasião em que muitos se reviam depois das férias.

A uns metros do ajuntamento, havia fotógrafos e câmaras de televisão que procuravam captar quem chegava e se parecesse com uma figura reconhecível. Compreendia-se e esperava-se; não deixava de ser uma morte na elite lisboeta, onde parecia que o país começava e acabava.

A circunstância de a morta ser uma mulher jovem, bonita, apreciada por toda a gente, rica, amada pela família, filha e neta única, tornava o velório especial. Há qualquer coisa de menos justo nas mortes dos jovens, em especial dos bonitos.

Daniel combinara com Sara que procurariam Maria Ana e o tal Nuno, professor de ténis, no meio do magote. Assentindo que não há nada de suspeito e tangível, teriam de falar com eles com informalidade. Se os amigos de Luzia fossem versados no Código Penal poderiam recusar-se, mas Vilar acreditava que não havia motivos para temer a eventualidade.

De qualquer modo, era importante observá-los e Daniel sabia, por um telefonema que Juvenal fizera finalmente nessa tarde, que Luzia morrera afogada, sem que houvesse sinais suficientemente explícitos de violação. O exame definitivo de toxicologia ainda não estava

disponível.

No grupo de amigos de Luzia começava a sinalizar-se o frio da noite, com os presentes a vestirem casacos e camisolas que haviam trazido. O ambiente geral há muito que era não assumidamente pintado de tristeza ou consternação. A vida continua, voltou a pensar Daniel, quando reparou num homem a aproximar-se e que destoava dos sorrisos homogêneos: cabelo desgrehado, calças demasiado largas e caídas, e de cigarro na mão, que segurava junto da boca quando tragava.

– O senhor é que é o polícia que está a investigar a morte da minha sobrinha?

Sem esperar resposta e com ar provocador, acrescentou:

– A Luzia matou-se, pode arquivar o caso.

Os olhos encovados fulgiram quando acabou a frase. Antes que houvesse resposta, voltou costas e perdeu-se na multidão. Sobrinha, tio. Daniel supôs que fosse o filho de Elísio, que, através de uma busca rápida no telefone, descortinou que se chamava João Carlos. A ovelha negra, apostaria. Havia sempre quem gostasse de atrair as atenções.

Enquanto Sara ficou à procura de Maria Ana e Nuno, Daniel entrou na zona onde se encontrava o caixão – chamar-se-ia ainda capela mortuária? – e sentiu o ar a faltar-lhe quando o cheiro intenso das flores o levou ao velório do filho Zé Maria.

Susteve a respiração o mais que pôde. O caixão encontrava-se fechado e, perscrutando a sala, foi fácil perceber que a mulher sentada, de cabeça baixa, junto ao corpo seria a mãe de Luzia. As semelhanças fisionómicas com o banqueiro, que também ali permanecia, eram inequívocas, *idem*, com o malcriado vestido como um indigente.

Discretamente a um canto, permanecia um homem com uma mulher elegante de cabelo curto ao seu lado. Vilar apostou que seria Jaime Vilhena, o pai de Luzia. A mulher faria par com ele, seria noiva, namorada ou mulher. Outras pessoas, quase todas de meia-idade, acotovelam-se e sussurram no meio das flores e da parafernália fúnebre. Vilar sentiu o telefone a vibrar. Era Sara pedindo-lhe que viesse ao exterior, pois encontrara Maria Ana Brandão.

O inspetor nunca sabia como dirigir-se a uma mulher jovem e bonita: senhora era pesado, senhorita não se usava e você talvez fosse demasiado próximo. Teria de voltar a confiar na capacidade da língua portuguesa quando conversasse com a amiga de Luzia. Maria Ana Brandão fez Daniel lembrar-se das atrizes que morrem cedo nos filmes: belas, de ar ligeiramente perverso e com os cantos da boca curvados em amuo. Talvez fosse uma avaliação superficial e imerecida, porque estava com os olhos muito vermelhos e com um lenço de papel apertado na mão. Maria Ana mostrava-se abalada. Era suposto.

Os inspetores sabiam que havia uma propensão nos que viviam tragédias para falarem disso, e neste caso também não foi difícil conversar com a amiga de Luzia, que queria partilhar o seu ponto de vista e exibia uma ansiedade intrínseca ao choque de evidenciar que nada teve que ver com aquilo. As pessoas têm sempre pressa de deixar bem claro que não tinham culpa de nada.

– Como disse, eu e o Nuno viemos para Lisboa a seguir ao jantar. A Luzia insistiu para que ficássemos, mas eu queria estar em Lisboa na sexta de manhã por ter coisas para fazer.

– Que coisas?

– Uma festa de uma amiga, uma despedida, porque ela vai passar um ano nos Estados Unidos.

– E a Luzia não foi convidada?

– Claro que foi, mas ela queria passar o primeiro dia de setembro em casa da avó.

Maria Ana permanecia lacrimante, soluçava e a voz soava embargada.

– Sem prejuízo de voltarmos a falar com mais calma, a menina e o tal Nuno vieram para Lisboa e Luzia Vilhena ficou sozinha em Vale do Forno?

– Sim. A Luz ficou de vir para baixo com uma boleia do tio, que ia lá ter.

O maldisposto de há pouco, pensou Daniel.

– E Nuno Semedo, sabe onde ele anda?

– Não faço ideia, não o vi aqui.

– Posso perguntar se ele é o seu namorado?

Daniel queria saber que relação havia entre Nuno e Maria Ana. Ou Luzia.

– Não, de todo. O Nuno é só um amigo, mais nada. Para dizer a verdade, é mais um conhecido.

Amigos, conhecidos, graus de proximidade diferentes. Teriam de tirar aquilo a limpo, pensou Daniel.

– E era namorado de Luzia?

– Não, não.

– Amante? Seu ou de Luzia?

Maria Ana abriu muito os olhos e encarou o inspetor coordenador da UCE.

– Não entendo a pergunta.

A amiga de Luzia procurou um cigarro na carteira que trazia a tiracolo. Se não estava nervosa, imitava bem. Quando Sara se preparava para intervir e esclarecer Maria Ana, um grupo de amigos comuns apareceu e desfez o momento do interrogatório. Sara foi obrigada a mudar de assunto. Finalmente, Vilar interveio.

– Vamos precisar de falar consigo mais tarde. Diga-me só isto: a senhora ou o seu amigo são de pregar partidas?

Mais do que as marcas no corpo de Luzia, os quadros virados ao contrário continuavam a ser a interrogação principal de Daniel. Ocorrera-lhe que pudesse ser uma coisa religiosa ou ligada a uma superstição. Havia adolescentes e jovens adultos que tinham pancadas com coisas dessas, mas por algum motivo acreditava mais numa possível dimensão lúdica, como um jogo ou uma partida. O que fosse, Vilar não se conseguia livrar da convicção de que aquela situação insólita se ligava à morte de Luzia Vilhena.

Maria Ana Brandão olhou para Daniel e fez um esgar de admiração antes de dizer que não. A avaliar pela sua cara de espanto, nem percebera do que falava o inspetor Vilar.

Perto das onze e meia, restava pouca gente na escadaria da igreja e continuavam sem registo de nada. O inspetor Vilar reparou que o homem que julgou ser o pai da vítima ficara e aguardou que este saísse para o abordar.

– Jaime Vilhena?

O homem confirmou e Daniel apresentou-se. Era alto e seco, talvez exageradamente bem vestido. Por alguma razão, lembrou-lhe um empresário espanhol. A seu lado, uma mulher mais nova, elegante e bonita agarrava-lhe o braço e mantinha a cabeça baixa.

Jaime Vilhena mirou Daniel com ar ameaçador e falou devagar.

– Senhor inspetor, se fizer um esforço, posso entender que esteja por cá. O meu sogro é um homem importante e mexe cordelinhos. Em Portugal, os poderosos costumam fazer o que querem, incluindo ordenar que a Judicária venha espiolhar velórios. Ele quer que a morte da sua neta tenha um culpado. Da minha parte, nada tenho a dizer-lhe neste que é o dia em que

me venho despedir da minha única filha. Se fosse a si, ia farejar noutra direção.

Vilhena arrastou a mulher pelo braço, virou costas e afastou-se ostensivamente, como se quisesse que todos notassem que pretendia dar nas vistas e Daniel ficou a pensar que há muito tempo não via tantos bons atores concentrados no mesmo local.

Capítulo VIII

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
terça-feira, 5 de setembro de 2017, 15h35

Juvenal Caramelo passara a maior parte da manhã na Internet a ver fotografias do velório de Luzia. Havia para todos os gostos nos *sites* das publicações populares e espalhadas pelas redes sociais.

A investigação criminal também se fazia de palpites. O problema dos palpites é que tinham de ser explicados, o que nem sempre se conseguia sem soar a ridículo ou estúpido. Como tal, quase sempre, o melhor era optar pelo silêncio, que, na pior das hipóteses, se confundia com sabedoria e autoridade. Juvenal sabia a importância das aparências. Gostaria de ter sido historiador, ou pelo menos divertia-se com essa quimera de vez em quando.

Na escola, gostava de História e dos seus mistérios. Talvez a vocação fosse alimentada pelo reconhecimento obtido por colegas e professores, pois tinha sempre a melhor nota. De todos os modos, o passado intrigava-o, o efeito prolongava-se e Juvenal tinha a mania da Antiguidade Clássica, em particular, do mundano e do doméstico de outras eras. Para lá destas esquisitices, Juvenal assentava bem os pés no chão e tinha a consciência plena de que a humanidade mudara pouco ou nada e que continuava a querer explicar a morte, enquanto olhava para o que haveria de vir. Os enterros e velórios continuavam a ser locais de intriga sobre as causas, os falecidos e os que cá ficam. Das conversas, haveria de borbulhar qualquer coisa que lhe chegaria aos ouvidos. Era uma questão de ser paciente.

O caso não lhe saía da cabeça. Sem grande coisa para fazer, decidiu coçar a comichão que a cerimónia fúnebre lhe causara e meteu-se na estrada para percorrer os quilómetros que separam a Guarda de Vale do Forno, onde acabava de chegar.

De certa maneira, as localidades da Beira Interior eram muito parecidas. Construções em granito envelhecidas, com portões de ferro que substituíram os de madeira, outras renovadas com cores e materiais diferentes e casas grandes com ar arranjado, cheias de coisas de que não precisam. Cada casa era diferente da outra, com gradeamentos diversos, canteiros e combinações de jardim, como se fosse uma competição, a ver quem fazia a casa de emigrante mais parecida com uma casa de emigrante. Perto das vilas, painéis publicitários lembravam, de tantos em tantos quilómetros, que o progresso chegava e não se ia embora, e lá estava o grande cartaz a anunciar a ótica mais próxima. Carros e carrinhas estacionados sem respeitar qualquer princípio de geometria assinalavam que muita gente estava por casa.

Juvenal entrou no Café Reis, que ocupava a parte de baixo de uma casa de habitação, defronte de uma passadeira de peões por pintar. Duas mesas de plástico com cadeiras anunciavam a esplanada, que se encontrava vazia. Lá dentro, somente três frases foram necessárias para descobrir onde podia encontrar o tal rapaz que trabalhava na casa, ajudava a empregada e encontrara o corpo de Luzia. Os registos mostravam que se falara com ele, mas Juvenal não se lembrava do seu nome, quanto mais do depoimento, por que passara os olhos fugazmente nas vésperas. Perguntou o nome do rapaz ao homem atrás do balcão, pensando que talvez fosse o Reis que se lia no toldo do café. Lauro Cruz chamava-se, muito agradecido, quanto é o café, tome lá e deixe estar o troco.

Minutos depois, o inspetor parou o carro num lameiro à entrada da aldeia de Vale do Forno. Ao longe, viu um homem a cavar. Escutava-se um som de música distante e difuso. Fiando-se na memória de sexta, a avaliar pela figura, deveria ser o tal Lauro. Juvenal conseguiu aproximar-se quase junto dele, quando Lauro, porque era mesmo ele, se virou, surpreso. A música vinha do seu telefone, que se apressou a desligar e a meter no bolso. Juvenal atacou de imediato, de crachá na mão. A surpresa era o melhor ataque, não era o que se dizia?

– Lauro Cruz? Juvenal Caramelo, do Departamento de Investigação Criminal da Judiária da Guarda. Importa-se que lhe faça umas perguntas sobre a miúda que apareceu morta na casa dos Pinto?

Lauro, que não era nem alto, nem baixo, nem gordo, nem magro, cabelo muito escuro a precisar de um corte e porte encurvado, respondeu afirmativamente com um aceno. Parecia forte como um cavador, que era o que ele era, concluiu Juvenal. Tinha cara de culpado, mas toda a gente tem cara de culpado quando se vê obrigado a falar com a polícia.

Depois de uns minutos de camaradagem rápida sobre a beleza da região, a chuva que não caía, o pasto que não havia e as ovelhas que não tinham o que comer, Juvenal começou a ser concreto.

– Você costuma andar pela propriedade, verdade? O que viu de anormal na semana em que Luzia esteve cá?

– Nada, senhor.

– Como nada? Não viu a Luzia e os amigos?

– Quer dizer, ver vi, mas ando aqui na minha vida pelo campo.

– Por onde andavam eles, sabe?

Juvenal sacara de um bloco e de uma caneta e fingia tomar apontamentos. Ia tratar o cavador por tu, para ver se o sacudia. Raça de povo, queriam os seus casos resolvidos em dez minutos, mas nunca contribuíam para resolver os assuntos dos outros.

– Eu cá não sei.

– Imagino. Que fazes para os Castro Pinto?

– Ajudo a Lai no que for preciso, tomo conta da casa e das terras. O senhor inspetor sabe como é a vida da aldeia, há sempre o que fazer, queira a gente queira, quer não. Deus não dorme nem tira férias, e o gado e o campo também não.

– Deixa lá a cassete. Portanto, não fazes a menor ideia do que andaram a fazer duas lisboetas bonitas e vistosas e um calmeirão na tua aldeia, durante uma semana? Vais-me dizer que são as abelhas que te fazem a vindima, não vais?

– Acredite, senhor inspetor. Não sei de nada.

Falando depressa e quase sem pausas, Lauro mantinha-se de queixo junto ao peito, como

um servo quando fala com o amo. Juvenal podia conservar ilusões sobre a sua espécie, mas não era ingénuo e topava que a postura era artificial. As pessoas da aldeia, como as da cidade, da Lua ou do fundo do mar, mentiam, omitiam e inventavam.

- Vives na propriedade, percebi bem?
- Sim, senhor. Ali num barraco, com autorização da Lai.
- A empregada?
- 'Atão pois, sim, a Lai. Ela deixa-me.
- Conhecias a Luzia?

Lauro quase nem esperou que Juvenal concluísse a pergunta.

– 'Atão não? Conheço a Luzinha, ó tempo. Ela era uma cachopa mais pequena que um cabrito quando a conheci. A gente brincávamos muito juntos quando éramos catraios e ela vinha cá acima à aldeia. Íamos tomar banho à ribeira, corríamos pelas ruas, aqui pelos lameiros, pelos pomares e pela vinha e muitas vezes só voltávamos de noite. Como ela costumava dizer, a nossa amizade era rija como o granito.

Lauro ia lançado, e Juvenal ouvia. Era evidente que Lauro sabia que a polícia poderia vir falar com ele e treinara esta espécie de introdução ao encantador mundo da amizade de infância passada no campo. Até falava a cerrar o sotaque, sublinhando o abismo com a cidade, caso Juvenal pudesse ter dúvidas a respeito da ruralidade. O melhor era deixá-lo falar. Quanto mais se falava, mais se dizia o que não se queria.

– Ela apareceu outra vez há uns dois ou três anos. Até lhe disse: «'Atão, Luzinha, já não te lembras de mim, do Lau?» Ela chamava-me Lau. Raça da miúda correu e abraçou-me logo, aleijou-me aqui no pescoço com as pulseiras, fiquei com a marca durante muito tempo. «Então não te ia reconhecer, Lau?», disse-me ela.

O homem parecia contente por finalmente poder contar aquilo e usava o discurso direto, para irritação de Juvenal. Podia dar-se o caso de querer que o mundo lhe fizesse justiça e há muito que aguardava a conjuntura certa. Juvenal quisera dar-lhe um aperto, mas era ele quem penava, ouvindo o aldeão a ajustar contas com o universo. Como seria bom ter sido um nobre romano, pediria de imediato a um dos seus escravos que cortasse a cabeça ao bravo Lauro das ovelhas e gozaria o silêncio de taça de vinho numa mão e um cacho de uvas na outra, refastelado na liteira.

– Tens a certeza de que não viste nada de esquisito? Se não partilhas o que viste, não vamos conseguir descobrir o que aconteceu à tua amiga, de quem gostavas tanto.

Juvenal insistiu com rudeza. Começava a ficar farto do lavrador de cabelo por cortar.

– Só ouvi dizer que deu o badagaio à Luz. Que lhe deu uma coisa dentro de água. É o que diz o povo.

– Fala-me de como a encontrei.

– Saí de manhã muito cedo, o Sol nem tinha nascido. Fui ordenhar as ovelhas e dar de comer aos pitos que tenho para ali, e quando vinha a chegar para deixar os ovos cá em casa ouvi a Adelaide aos berros. Era por causa da Luzinha, coitadinha.

– Tiraste-a tu da água?

– Sim, eu mais a Lai. Tirámos a Luzinha cá para fora, mas não havia nada a fazer, estava azulinha como céu, coitadinha.

O rosto de Lauro demonstrava mais resignação com a morte e a sua intrínseca inevitabilidade do que tristeza. Juvenal percebia aquilo melhor do que as gentes da cidade. Luzia

moderava porque toda a gente morre, seja caindo a um poço, num desastre de trator ou de uma doença qualquer. Ele sabia-o, Lauro também e, de certa maneira, o grupo no velório também mostrava sabê-lo naquelas fotografias.

Havia um ar idêntico em todos os que testemunhavam a morte que assinala a normalidade dessa inevitabilidade. Para os familiares diretos é que era sempre pior.

– Antes que me esqueça, esclarece-me o seguinte. Se dormes ali num barraco, deves ter ouvido alguma coisa na noite em que ela caiu à água, não?

– Estava aqui a ouvir a rádio. Oiço sempre um programa na Rádio da Guarda, daqueles em que a malta telefona e fala dos problemas, não sei se o senhor inspetor está a ver?

Discos pedidos, música popular de bailes e arraiais, malta a desabafar e a mandar beijinhos à família. Não me faltava mais nada, pensou Juvenal.

– Não ouviste nada, então?

– Já me tinha acostumado à música alta junto à piscina e a Luzinha estava na casa dela, não ia ser eu a dizer para meter mais baixo. Por isso, tinha tudo fechado no meu barraco, para conseguir ouvir a minha rádio. Quem está mal muda-se, não é verdade? E uma pessoa acostuma-se.

Um autêntico santo, este Lauro.

– Que me dizes dos amigos de Luzia, aqueles que vieram de Lisboa?

Lauro fez um gesto com a mão e mudou de posição.

O montesino ganhava tempo, era visto.

– Era malta da cidade, sempre a enxotar as moscas, sempre com calor ou frio ou o diabo a sete, nem viravam a cabeça para a gente. Saíam pouco ou nada e fartavam-se de comer e de beber, estavam sempre na piscina e quando saíam deviam ir a Celorico comprar cigarros ou coisa que o valha.

Deve tê-los observado horas a fio. Juvenal pensou de novo que estes manhosos eram todos iguais, primeiro nunca viram nada, a seguir sabiam tudo, até a cor do céu da boca do gato da tia.

Juvenal supunha que a tal Maria Ana e o professor de ténis nunca tenham sequer olhado para ele, e que este se vingava agora insinuando que eram uns madraços. Havia tema mais fácil do que falar mal daqueles que nem se conhecia?

O rapagão dormia a metros da zona da piscina, não notara nada de estranho, não dizia nada polémico ou que saísse fora do guião do marmanjo da aldeia, puro e bem-intencionado, um autêntico personagem de um livro de Torga para crianças, se o médico escritor tivesse escrito um. Se calhar até escreveu, teria de ir verificar.

– O que notaste no corpo quando o tiraste da água de manhã?

– Não vi nada, senhor inspetor, só queria tirar a menina. Estava toda azul, como disse. A Lai cobriu-a logo com uma toalha para ninguém a ver nuazinha.

– Aquilo está bem protegido pelo arvoredado, verdade? Ninguém consegue ver a zona da piscina, pois não?

Juvenal pressionava Lauro, sem ter a certeza de o fazer por divertimento ou por pressentir que havia fundamento.

– Não, senhor inspetor, a casa é completamente tapada. De onde estou, não se vê nada e eu durmo como um penedo escondido. A minha mãe dizia que devo ter sido mordido por um bicho.

O cavador contou a Juvenal que Nuno Semedo fazia massagens às duas amigas, sem provavelmente notar que se contradizia e afinal sabia e vira muito mais daqueles três do que mencionara há minutos. O inspetor divertia-se sempre com a natureza humana e não ia censurar a fraqueza de Lauro. Se lhe aparecessem três convivas no jardim, também os espreitaria sempre que conseguisse.

– Que dizes do piquenique que encontrámos na mesa? Era todos os dias assim?

Desta vez, Lauro poupou Juvenal e não se fez de ingénuo.

– A Luzinha e os amigos passavam as noites todas ali, em festa, muitas vezes merendavam e jantavam ao pé da piscina, a mergulhar, todos na brincadeira. Bebiam uns copos, mas também não iam conduzir, não é verdade? Ficavam na piscina, a nadar, aqui as noites são quase tão quentes como os dias.

– Ou mais. Porque dizes sempre Luzinha?

– A nossa Luzinha, sempre a chamei assim. Ou isso ou Luz. É como a gente diz aqui.

O inspetor Caramelo reparou nas horas do telefone. Daquele marmelo não haveria de tirar muito mais. Fechado como uma ostra, desconfiado como um judeu, ladino como um coelho bravo, Lauro aguentara a pressão.

– Que achas que aconteceu, afinal?

– Não sei, se calhar foi ao banho e apanhou uma congestão. Deu-lhe uma coisa na barriga. O povo diz que tomar banho a seguir a comer é comprar um bilhete para morrer. Quando era garoto e ia ao rio, esperava sempre quatro horas e hoje é a mesma coisa.

– Daqui a bocado juras que não bebes vinho quando comes melancia.

– Não bebo nem uma gota, senhor inspetor. Nem em pensamento. Nem pensar nisso é bom.

Não saíam daquilo. Chegava.

– Diz-me cá, Lauro, sabias que houve outra mulher morta aqui há quarenta anos?

– Sabia. Aqui toda a gente sabe que a menina Maria da Graça morreu afogada no tanque da casa.

Zona da Rotunda do Marquês de Pombal, Lisboa,

terça-feira, 5 de setembro de 2017, 18h35

Depois de passar no hospital, Daniel pensou em Luzia, que fora cremada numa cerimónia restrita nessa manhã, apesar de o inspetor se ter convencido de que se faria um enterro.

No dia anterior, o Ministério Público abriu um inquérito à morte de Luzia Vilhena, cuja investigação corria por conta de Juvenal e da sua brigada, na Guarda. Em Lisboa, agiam numa espécie de clandestinidade paralela, motivada pelos conhecimentos políticos do avô da infeliz. Se Luzia fosse uma anónima, o mais certo era ninguém dar importância àquele afogamento na serra, porque todos os anos havia congestões, intoxicações por álcool, mortes súbitas e quedas. As piscinas, os tanques e as praias fluviais não eram esquisitos, matavam todos os que tivessem pouca sorte.

Daniel viera devagar da Judiciária porque precisava de se recompor da resposta que finalmente dera à ex-mulher. Desejava-lhe felicidades para o casamento, sem conseguir acrescentar mais nada. Que fosse feliz com o novo marido.

Cristina dera sinal há quatro anos, no final de agosto, na ressaca do caso mais complicado da carreira de Vilar, quando impediu que o Chiado pegasse fogo outra vez. Daniel soube que Cristina estivera sobretudo em Espanha, em retiros.

Chegou a Lisboa como uma mulher nova, divorciaram-se uns tempos depois e a partir daí o contacto foi pouco ou nenhum e sempre inquieto. Daniel esperava sinceramente que o enlace o ajudasse a diluir completamente o passado, para que um presente e um futuro lhe sorrissem de outra maneira.

O trânsito em Lisboa anunciava que as férias haviam passado. No rádio, lamentava-se a possibilidade de chuva no fim de semana na cidade, com o habitual tom de quem pressupõe que o país é a capital. Nas notícias falava-se de Pedrógão e de como os sobreviventes continuavam sem conseguir apoios para reagir à adversidade, depois de perderem tudo. Cá está a nossa extraordinária capacidade para a desorganização, pensou o inspetor Vilar, num pensamento de espiral pessimista que foi cortado pelo toque do telefone. Era o colega da Guarda. Depois de suspirar, atendeu.

– Inspetor Vilar? Fala Juvenal Caramelo.

– Inspetor Juvenal, como vai isso? O que posso fazer por si?

Vilar simulou alegria descontraída. Calculava que Caramelo lhe quisesse falar de Luzia, mas o caso, que nem sequer fora caso, começava a morrer de abandono e o homem era peculiar. O nome de Luzia não aparecia nas notícias principais, contrariamente ao que se esperava, tendo em conta que a cerimónia de cremação aconteceu nesse dia. O seu nome só fora referido nas páginas da sociedade, como uma fofoque.

Daniel lembrou-se que Cristina lhe confidenciara que uma amiga, ligada a uma dessas revistas do Social, lhe dissera que enterros, cancros e divórcios eram as notícias que mais rendiam. Alcançava o fascínio pela morbidez, mas repugnava-o na mesma.

– Vinha saber se vocês levaram para Lisboa o telefone ou o computador da miúda que morreu afogada na piscina.

Daniel foi apanhado de surpresa.

– Os aparelhos não ficaram com vocês?

A pausa seguinte foi tão prolongada que Daniel chamou por Juvenal, julgando que a comunicação fora interrompida. Do outro lado, o inspetor da Guarda pensava no que escutara.

– Está por aí, Juvenal? Não o consigo ouvir.

– Deve ter sido a família que guardou a tralha. Faz sentido, não houve crime, ela matou-se, caso encerrado.

O homem da Guarda falava mais com ele próprio do que com Daniel.

– Acha? – Daniel aproveitou a deixa.

– Se acho que levaram os aparelhos?

– Não. Que não houve crime.

– Se quer que lhe diga, é o que penso. Acredito que a miúda se deixou ficar na água. Por outro lado, estas cócegas no dedo do pé provocadas pelas dúvidas que tenho não vão passar com facilidade.

– Explique-se, caro Juvenal.

– Estou a telefonar-lhe enquanto saio de Vale do Forno. Como estou perto, meti-me ao caminho e não saio daqui satisfeito, ainda que não tenha ficado a saber nada que acrescente à solução.

– Conheço a sensação, ontem no velório senti um formigueiro idêntico. Há novidades aí na Beira?

O registo entre os dois investigadores era cada vez mais cooperante.

– Como em qualquer meio pequeno que se preze, o sentimento geral é como se ninguém tivesse roubado um malmequer da encosta. Não me admira, aqui na serra temos a maior percentagem de cegos e surdos de que há memória. E todos sofrem de amnésia. Consegui falar com o tipo que ajudou a empregada a tirar o corpo da miúda da água, um tal de Lauro Cruz, amigo de infância da falecida, quando ela cá passava férias. Não me disse nada de relevante, sequer saber. O típico rapaz do campo que brincava com a menina da cidade e tem muita pena, mas a vida continua e tal.

Juvenal hesitou e Daniel percebeu. Parado no sinal vermelho, notou um ciclista parado à espera do verde. Havia mais movimento do que supusera quando saiu da Gomes Freire.

– Nada mesmo?

– Nada, Vilar. Só a sensação de que alguma coisa nos está a escapar.

Quinta carta de Luzia

Londres, 9 de fevereiro de 2015

Olá, tia-avozinha querida do meu coração,

É esquisito escrever cartas. Esquisito e muito lento. É preciso procurar a caneta, o papel, um caderno para colocar por baixo, comprar o envelope, o selo, achar um marco, essas coisas parvas que não há nas casas, muito menos nesta em Londres. Perdi-me tanto com essas tralhas que agora nem tenho forças para lhe conseguir escrever. Nem sequer tenho os selos, veja lá a minha vida.

Se estiver a ler, é porque entretanto consegui arranjar, obviamente.

Cheguei a Londres na semana passada e a tia nem imagina, estava cheia de saudades. Que cidade espetacular, que vida movimentada, cheia de novidades, rica em atrações e acontecimentos. E agora há cá imensos portugueses. Tenho muitos amigos a estudar, mas o que é bom e entusiasmante é poder estar com pessoas dos outros países, passear nos parques, ir às exposições. Aqui entre nós, ainda não fui a nenhuma, mas só de ver os cartazes e saber que podemos ir a qualquer altura é maravilhoso.

Segunda parte da carta

Passaram uns dias, não sei quantos, mas talvez umas duas semanas desde que comecei, tanto que me esqueci do que lhe ia contar.

Entretanto, meti-me num avião e cá estou em Portugal, de novo. É espantoso que o que é bom acaba rápido. Aqui em Lisboa está tudo na mesma: tenso e uma chatice. O avô é um querido, mas mal fala com a mãe, que se mete no quarto e sai pouco.

Gostava genuinamente de ter uma daquelas famílias como a dos meus amigos, em que toda a gente se abraça e querem saber como vão e como estão, que se riem à mesa e conversam. No outro dia, conversava com uma amiga e se calhar essas famílias nem existem, mas quero muito acreditar que sim, porque conheço quem diz que as tem e até já assisti a esse amor e amizade vividos entre eles. A mãe, o tio e o avô só falam uns com os outros se tiver mesmo de ser. É assim há tanto tempo que, por vezes, me pergunto se não decidi ir para Inglaterra para fugir.

Ando bem, não se preocupe, as dores de cabeça já só chegam de vez em quando. Já lhe falei das minhas célebres enxaquecas, não já? Dos meus ataques de tristeza? Acho que sim. A minha memória é pior do que sei lá o quê, mas acredito que a fama destas dores de cabeça lendárias tenha chegado aí ao Carmelo. Tenho de tomar muita medicação, mas confesso que nem sempre sou bem-comportada e sigo as indicações dos médicos.

Será que é esta minha autodesmedicação que me faz pressão na cabeça? Era o que gostava de saber, nem imagina, mas tenho medo de perguntar ao médico e levar um raspanete. Sei que devia tomar sempre tudo direitinho, mas esqueço-me, e para dizer a verdade tenho pavor dos efeitos secundários.

Reze por mim, reze muito, muito, avozinha, estou a precisar!

Beijinhos,
Luz

P. S. Posso tratá-la por avozinha, não posso?

Capítulo IX

Rua de Santo António, Charneca de Caparica,
terça-feira, 5 de setembro de 2017, 22h45

Rafael roncava no sofá com o comando da televisão a cair-lhe da mão e de boca aberta, como vinha sendo hábito. Perfeito, pensou Sara, que não só se acostumara à vida aborrecida de casal, como o esperava quando precisava de sossego para fechar o dia.

A inspetora investigava a vida do avô de Luzia. Condecorado por sucessivos presidentes, amigo dos mais influentes, Elísio era viúvo, sem nova companheira que se conhecesse, com dois filhos adultos e uma neta. Mantinha na maior reserva a sua vida privada, sendo raríssimas as fotografias atuais de família.

Sara fizera uns contactos e concluíra, pelos silêncios e poucas palavras, que o banqueiro Pinto não era um homem com quem alguém se quisesse incompatibilizar. País pequeno, onde todos se conhecem, um país onde investigar era trabalhoso, mas, no caso de Elísio Pinto, a tarefa era ainda mais complicada.

Publicamente apresentado como tendo crescido pobre, numa narrativa que misturava determinação, empenho, visão e noção do momento, ficara rico e nunca esquecera de onde viera. A ausência de casos escuros e escândalos coadunava-se com a história oficial.

Ora, Sara Correia ficava instantaneamente alerta com pretéritos perfeitos e santos. Além disso, não gostava de ricos. Ainda que os conhecesse mal, ouviu o avô, durante a sua vida toda, a rezingar com os reacionários e patrões; tendia a ser da opinião de que o dinheiro corrompe e instiga o que de pior têm os humanos. O Banco Indústria e Negócios que Elísio fundara com outro gestor de Macau, um tal Carlos Vicente, mantinha-se privado e a sua estrutura acionista sob reserva. Era tido como um banco de investimento de perfil muito discreto e conservador, onde se dizia que os portugueses, angolanos e brasileiros guardavam o dinheiro, em boa hora para eles, constatou Sara, porque o banco passou incólume na crise financeira.

A inspetora não compreendia tanto quanto gostaria o mundo das finanças e dos negócios, mas, puxando pela cabeça, não recordava grandes menções ao banco de Elísio, o que era estranho. Nada de balcões, agências, campanhas de publicidade ou patrocínios. O BIN parecia fantasma, o que justificaria a ressonância conspirativa nas referências anónimas espalhadas pela Internet. A morte súbita de Carlos Vicente em Macau era a única situação pública a perturbar levemente o que aparentava ser um percurso de vida exemplar de Elísio Pinto, um homem a quem a mulher e a neta morreram afogadas com quarenta anos de intervalo. Sorte nos

negócios, azar na vida pessoal, pensou Sara.

**Avenida Infante Santo, Lisboa,
quarta-feira, 6 de setembro de 2017, 12h45**

Daniel preferia correr de manhã. As insónias motivavam-no a ir para cima do alcatrão, com os olhos pregados no vazio e a mente a trabalhar nas subcaves do pensamento. Era com gosto que recebia a dor na planta dos pés, o impacto nos joelhos e nas costas, dava aos braços, contava as respirações, desligava o cérebro e transpirava.

Nessa noite, não conseguira voltar a adormecer quando se deu conta da obviedade de que sabiam pouco ou nada da vítima do afogamento, além da idade e laços de parentesco. Não faziam ideia se Luzia colecionava postais, se preferia piza sem queijo, se dormia de barriga para cima, se sonhava mergulhar com golfinhos ou se preenchia a sua própria declaração de impostos. Se queriam fechar o inquérito, precisavam de saber mais.

Depois da corrida, o inspetor Vilar conseguira que João Carlos Pinto o recebesse antes do almoço. O tio de Luzia vivia num último andar num prédio da Avenida Infante Santo, com vista desimpedida sobre o Tejo e uma grande varanda, ideal para fumar e beber à vontade, compreendeu depois o inspetor. Vilar marcara ainda, para meio da tarde, uma entrevista com a mãe de Luzia. Com sorte despachavam os procedimentos nesse dia.

A investigação criminal não era a busca da verdade absoluta, mas sim a aplicação dos conhecimentos e procedimentos a situações onde havia suspeita de dolo. Soava aborrecido e muitas vezes era aborrecido, mas era o que era.

Depois de dez minutos às voltas para estacionar, descobriu o prédio e tocou à campainha. A porta abriu sem que alguém falasse e Daniel entrou num edifício dos anos 60, de arquitetura convencional, escuro e frio, talvez devido à pedra do chão e dos azulejos com padrões garridos que revestiam as paredes. À saída do elevador, viu uma porta aberta, confirmou pelo número em cima que era o apartamento que procurava e, quando ia bater para se fazer notado, ouviu uma voz, dizendo-lhe que entrasse.

A casa de João Carlos Pinto parecia espaçosa e cheirava a fumo de cigarros e humidade. A sala inesperadamente grande e cheia de luz onde Daniel foi parar encontrava-se forrada com estantes escuras cheias de livros, cadernos, jornais velhos empilhados e demais peças de quem arrecada e acumula. Bonecos e outros objetos tapavam fileiras e diagonais de lombadas. Havia arte nas paredes e os sofás coçados talvez tivessem sido azul-escuros, mas agora pareciam trapos velhos.

João Carlos Pinto esperava-o e estendeu-lhe a mão. Os dois homens apresentaram-se e não demorou a que o tio pegasse na conversa. Com olheiras marcadas, pele macilenta e ar doente, falava descontraidamente sobre nenhum assunto em particular, como se conversasse com um amigo, não dando mostras de o reconhecer da noite do velório. Daniel ouvia-o com alguma disposição.

– Há uma armadilha psicológica em que todos caímos e que faz com que nos julguemos acima da média. A nossa sopa de grão é acima da média, somos condutores acima da média,

malamos inglês acima da média ou, quando somos polícias, investigamos casos com uma competência acima da média.

– Não aprecio sopa de grão, senhor Pinto.

Daniel não ia cair na ratoeira do tio de Luzia e condicionar-se por aquelas tiradas que, entendia agora, tinham um propósito.

– Leu Aristóteles?

Pelo tom, a exibição de conhecimento não soava a provocação. Para o homem parecia importante que Daniel o entendesse.

– Há muito que acabei os estudos. Onde quer chegar?

– Se se lembra, Aristóteles acreditava que as ações definem quem somos. Somos virtuosos se tivermos ações virtuosas. Simplifico, claro. Se o senhor está aqui é porque sabe, ou está prestes a saber, que sou solteiro, não tenho profissão e vivo às custas do dinheiro da família, que, naturalmente, me despreza. E eles são aristotélicos, acredite.

– O senhor não é virtuoso, devo depreendê-lo?

– O menos possível, caro inspetor Vilar.

Daniel decidiu acabar com a brincadeira.

– Indo ao que interessa, como imagino que saiba, investigamos a morte da sua sobrinha Luzia.

João Carlos interrompeu-o com rispidez.

– Portanto, a minha sobrinha morreu afogada, está morta, mas eu não estou, e poderei saber informações que o ajudam. Ou pelo menos o senhor é dessa opinião, correto?

– Não vou discordar.

Daniel observava-o. Tinha cara de ser pelo menos dez anos mais velho do que seria. Percebeu que a sua primeira impressão era acertada, tratava-se de um homem de inteligência vivenciada que usava a provocação para vencer a timidez, insegurança e inadequação.

– O senhor tinha uma boa relação com a sua sobrinha?

– Uma coisa engraçada de se ter filhos e netos, suponho, é que é o equivalente a conviver com pequenos melhores amigos falidos que pensam que os seus pais ou avós são ricos. Os miúdos querem sempre mais coisas e nunca têm meios para as obter. Será que é a mesma coisa com os tios?

– Ou seja?

– Posso dizer sem qualquer orgulho que ninguém gosta muito de mim. Represento tudo aquilo em que está a pensar: filho problemático do banqueiro rico, solteirão, azedo. Sou caprichoso, infeliz, cruel com os outros sem motivo e sempre fui mau tio, como é evidente.

Acabou a frase com outra voz, traído por uma gargalhada demasiado ruidosa.

– Conseguir explicar-me o que entende por essa descrição de mau tio?

– Que me lembre, nunca dei vinte euros nos aniversários ou no Natal, nunca me interessei pelos estudos dela, nunca a tentei educar nos seus modos à mesa ou nunca lhe expliquei que comer muitos chocolates faz mal à barriga. Nunca lhe ofereci *O Príncipezinho*. Por acaso, lembro-me de que a levei a um espetáculo de música de câmara um dia, um despropósito qualquer sem relevância, que, creio, não me salva de ser mau tio.

– E prometeu-lhe boleia para Lisboa, ela haveria de vir consigo, se bem soubemos.

O homem conseguia ser um chato e Daniel quisera sacudi-lo.

– Tenho ideia de que combinámos qualquer coisa do género. Eu ia passar em Vale do Forno

nos primeiros dias de setembro e podia trazê-la, já acontecera.

– O senhor joga?

Daniel vira dois baralhos de cartas manuseados e calculava que jogasse. Tinha ideia de que Sara fizera essa menção.

O homem sorriu e fez uma pausa antes de responder.

– Ora inspetor, o senhor sabe que jogo. Tenho a certeza de que se informou a meu respeito e não é um segredo para si que vi o meu fim tantas vezes no pano verde que conheço o outro lado e não recomendo. Mas o que pode fazer um tipo que nasceu rico e sem jeito para nada, a não ser jogar? Aceita um gim tónico?

João Carlos pronunciava gim com sotaque inglês. Ainda não era uma da tarde e o inspetor nunca beberia em serviço, mas Daniel preferiu mentir, afirmando estar a tomar antibiótico por causa da extração de um dente.

– Eu não perderei a oportunidade. Não gosto de beber sozinho, o senhor faz-me companhia com o seu antibiótico.

Desaparecendo para a cozinha, Daniel pôde olhar em redor. Era uma sala de solteiro, desarrumada, sem os objetos decorativos usuais que indiciassem cumplicidade e partilha feminina. João Carlos Castro Pinto surgiu de copo alto com limão e gelo, vinha ligeiramente ofegante.

– Este nosso clã é uma família bem portuguesa.

Disse aquilo com acutilância, como se fosse uma acusação importante de clarificar.

– Padecemos todos de alexitimia. Conhece a palavra?

Daniel não fazia a menor ideia do que significaria. Vinha aí mais vaidade. Lembrou-se da *concupiscência* de Juvenal, de que já sabia o significado: pessoas que se sentem atraídas pelo prazer.

– A incapacidade de descrever sentimentos. É não saber o que dizer. Como imagina, não faz nada bem às relações humanas.

– Tenho ideia de que é comum a muitas famílias.

O inspetor Vilar achou por bem replicar na mesma moeda.

O tio de Luzia riu-se antes de responder.

– Estou-lhe a dizer, inspetor, que nos evitamos e não gostamos muito uns dos outros, em especial desde que a senhora minha mãe se afogou, vai para quarenta anos e uns dias.

Daniel julgou perceber que o homem falou da mãe porque quis e não por descuido no decorrer da conversa. O gelo a derreter no copo provocou um barulho que os dois usaram para se manterem quedos, até que João Carlos falou, depois de acender mais um cigarro.

– A minha família, a nossa família, os ilustres Castro Pinto, sou eu, a minha irmã e o senhor meu pai, o consagrado banqueiro. E havia a Luz, pois claro. Saberá que o meu pai não voltou a casar e a minha irmã também não, desde que se divorciou do pai de Luzia. Quando comparece toda a gente nos nossos Natais, cabem num táxi, incluindo o peru e o bacalhau.

A revelação surpreendeu Daniel. Supôs que aquela família fosse grande como tantas outras famílias, cheia de primos e tios. Irritou-se de imediato, as suposições assentes em generalizações eram o inimigo número um da investigação e ele caíra na tentação.

– O seu pai entendia-se bem com a neta?

João Carlos Pinto mirou a bebida e demorou segundos a dar a resposta.

– Digamos que foi com a Luz que tanto eu como a minha irmã conseguimos perceber que o

nosso pai era capaz de amar. Não sei o que lhe dizer mais, a não ser que não entendo porque a Judiciária anda de volta de Luzia, pobre coitada. Desde quando é que a polícia investiga afogamentos destes? Não havia químicos e álcool suficientes no local para que considere isto um triste acidente de alguém que exagerou e teve azar?

– Ou suicídio.

– Sim, inspetor. Ou suicídio.

Daniel não se ia deixar intimidar, muito menos ia ser conduzido por João Carlos, que parecia mais focado que no dia do velório e agora parecia ter uma teoria diferente. Afinal, a sobrinha não se tinha suicidado. Por prudência, Vilar guardou para si a diferença de versões, queria conhecer melhor aquele homem e soltou generalidades, esperando que João Carlos progredisse com as memórias.

– Pretendo, sim, compreender como é que a sua sobrinha aparece morta em circunstâncias iguais às da avó, a sua mãe, quarenta anos depois. É verdade que se pode ter matado, é verdade que pode ter colapsado por excesso de químicos, como diz, mas é preciso torná-lo evidente.

– Que lhe posso dizer, inspetor Vilar? A minha sobrinha era uma daquelas azaradas que quando nasce é de imediato disputada por Deus e pelo Diabo.

O tio de Luzia continuou naquele tom e o inspetor Vilar aceitou que naquela fase pouco haveria a extrair daquela conversa. Cansado das récitas do tio excêntrico, Daniel despediu-se. Se fizesse bem as contas, ainda conseguiria almoçar um peixe grelhado em Pedrouços antes de ir visitar a mãe de Luzia a casa dos Castro Pinto em Caxias, onde combinara com os seus inspetores.

Alto do Lagoal, Caxias,

quarta-feira, 6 de setembro de 2017, 16h

Sara Correia e Manuel Bráulio continuavam sentados e desconfortáveis num sofá em frente de Rita Pinto Vilhena. Daniel estava com os seus inspetores e pensava na conversa com João Carlos, a dita ovelha negra daquela família. Seria a única? Daí a pouco saberiam.

De olhos fixos no vazio e de lenço na mão, a mãe de Luzia mostrava-se chorosa, fungando enquanto respondia às perguntas com monossílabos.

– Obrigado por nos ter recebido em sua casa. Como sabe, investigamos o que se passou com a sua filha, cuja morte lamentamos. Temos perguntas gerais, nada de alarmante ou particular.

Era difícil dizer se a mãe de Luzia fora uma mulher atraente em nova, mas agora tinha um ar gasto. A pele do rosto estava manchada e marcada por rugas. Sara sabia que ela ainda não chegara aos cinquenta anos, mas o provável excesso de cigarros e de sol transformava-lhe irremediavelmente a cara.

– A sua filha ia muito a Vale do Forno?

– De há uns anos para cá, sim. Quando era pequena, passou lá meses, durante um ou dois verões, quando eu era casada com o pai dela. Há uns anos, o meu pai mandou fazer umas obras de modernização e desde aí a Luz passou a ir mais.

– Na sua opinião, o que aconteceu à Luzia?

A filha do banqueiro não respondeu e pousou a concentração num ponto imaginário,

enquanto as mãos mexiam nervosamente no lenço. Uma espécie de transe ou hesitava? Impaciente, o inspetor Bráulio não se conteve.

– Ocorre-lhe uma ocasião em que o comportamento da sua filha demonstrasse inclinação para o suicídio?

Daniel não gostou da pergunta tão direta e intrometeu-se, tentando atenuar a agressividade do tom do seu subordinado.

– Queira desculpar o registo do meu inspetor. Mas não podemos excluir nada e é por isso que precisamos de uma resposta sua à pergunta tão direta do inspetor.

Rita Pinto Vilhena não dera mostras de ficar chocada com o tom de Bráulio, como não se mostrava agradecida pelas tentativas de Daniel de atenuar a questão, e limitou-se a responder de forma monocórdica.

– A Luz era uma menina especial. Sofria de dores de cabeça constantes, mas era um exemplo de força, nunca se deixou abater e nunca perdeu o sorriso. Teve um transplante de fígado há uns anos e mesmo aí agarrou-se sempre ao otimismo e à vontade de viver.

Os investigadores não faziam ideia do transplante.

Sara ia interromper, mas Daniel fez sinal para que se contivesse quando percebeu que a mulher ia continuar a falar.

– Nunca conheci ninguém que quisesse mais viver. Não havia nada de que a minha filha não gostasse, não quisesse conhecer, abraçar ou proteger. Lutava para ficar mais um bocadinho a ver o pôr do Sol, nunca queria voltar das férias ou dos passeios, estava sempre pronta para mais um jogo, mais uma música, mais uma dança. Com tudo o que ela passava, a hepatite, o transplante, as dores cruciantes que sofria, nunca esmoreceu, nunca nos deixou ir abaixo. Ela nunca iria embora desta vida pelo seu pé. A minha filha nunca se mataria.

– Acha então que foi um acidente?

Os investigadores estavam habituados a que as famílias julgassem os seus incapazes de suicídio. Era preciso aprofundar.

– A minha filha morreu e só sinto um vazio na minha cabeça. Não tenho teorias.

– Pode ter sido vítima de excesso de drogas?

Rita Vilhena encarou a pergunta com uma naturalidade inesperada.

– A Luzinha era do seu tempo. Parece que todos os miúdos usam drogas para se divertir, talvez fosse o caso dela. O melhor é falarem com os amigos.

– Sem dúvida, falaremos com eles.

– E o seu irmão?

A mãe de Luzia levantou a cabeça e mirou os polícias.

– Que tem o meu irmão a ver com o assunto da minha filha?

– Queremos saber apenas a relação dos dois.

Ainda que não pudessem discutir entre si naquele momento, os três investigadores sabiam que exageravam, mas os bons investigadores seguiam as pistas até ao fim, ainda que mordessem os limites. Rita Vilhena respondeu de modo breve.

– Era excelente.

O tom naquela sala mudara e a sensação de termo de conversa instalara-se. Assinalando o fim da entrevista, Daniel consultou as notas e lembrou-se do que se passara quatro décadas antes.

– Recorda-se da morte da sua mãe?

A custo e com enfado mal disfarçado, Rita Vilhena despachou Daniel.

– Teria oito ou nove anos quando me acordaram de manhã e me mentiram, dizendo que a mãe fora para Lisboa. Descobri que ela morrera ao fim do dia, quando percebi a agitação na casa e escutei uma conversa entre criados.

Continuaram naquele registo de passeio por memórias inconclusivas, até que Rita Vilhena voltou a manifestar cansaço. Daniel aproveitou e escusou-se. Saiu para o jardim e parou por momentos para descontraír, gozando o ar fresco do exterior.

Uma música portuguesa antiga, provavelmente chegada de um rádio, atraiu-lhe a atenção, fazendo-o rodear a casa até às traseiras. Olhando pela janela da cozinha, de onde vinha a música, a empregada que vira em Vale do Forno preparava qualquer coisa numa bancada. Pela fragrância que sentia no ar, o especialista em coisas de cozinha que vivia dentro de Daniel diria que preparava uma sopa rica de legumes. A sua curiosidade foi mais forte e aproximou-se ainda mais, sentindo o cheiro nítido do feijão-verde, regozijando-se por ter acertado no cozinhado só pelo cheiro.

Capítulo X

Hospital de São Francisco Xavier, Restelo, Lisboa,
quinta-feira, 7 de setembro de 2017, 10h

Daniel estacionou o carro junto ao hospital e, antes de entrar para saber de Mateus, telefonou ao seu amigo da medicina legal, o sêrvio mais português que conhecia, mas o telefone estava desligado. Devia estar de volta de algum azarado. Havia sempre duas ou três coisas nas autópsias que careciam da pergunta certa e Todor saberia como responder sem rodeios nem aulas de anatomia ou de patologia clínica. Daniel fizera-lhe chegar o relatório de Luzia e esperava que o tivesse visto.

O seu tempo agora era para Mateus. Depois de entrar diretamente no hospital socorrendo-se do crachá, dirigiu-se ao quarto do amigo, onde se deparou com a médica do outro dia. Perguntou-se como é que ela se chamava. Edite, Irene, Ivone. Daniel arriscou Ivone, era esse o nome, tinha quase a certeza.

– Doutora Ivone.

– Ah, o polícia amigo.

A médica olhou-o com uma inesperada cumplicidade.

– Como está o Mateus, há alterações?

– Passou a noite sem sobressalto. Estou por aqui porque acabei a minha ronda, não se preocupe, não vim por nada de urgente.

Daniel encarou o amigo e saudou-o em pensamento. A médica permanecia absorta e escrevia numa prancheta que pendurou nos pés da cama.

– Já que aqui está, pegue-lhe na mão, fale com ele. O contacto humano pode ser miraculoso.

Verdade, pensou Daniel enquanto ia na direção de Mateus, claro que sim, era preciso continuar a lutar.

De repente, lembrou-se de Luzia. Talvez a médica pudesse ser útil, seria um olhar exterior, não influenciada pela identidade da vítima.

– O que poderá levar alguém a morrer afogado numa piscina?

– Não saber nadar?

A médica ficara admirada com a interrogação, mas a réplica fazia sentido e Ivone Ferro sorria com a satisfação de uma miúda esperta. Daniel pensou naquilo que ouvira e anotou mentalmente que teriam de saber se Luzia sabia nadar. Era sempre preciso fazer as perguntas mais simples e, que se lembrasse, esta ainda não fora feita.

– Admitamos que sabe nadar, então. Suponha que lho perguntem num contexto de exame de faculdade. Como responderia?

– Se a vítima estiver numa piscina, como refere o seu exemplo, desde uma vulgar câibra a outros problemas musculares, passando por uma qualquer perda de consciência, um ataque de pânico, uma pancada na cabeça ao mergulhar, um choque térmico que provoque indisposição séria, um ataque cardíaco, um ataque de asma, uma dor súbita no peito, sei lá. Tudo o que afiançei é no sentido de impedimento que a pessoa reaja e não se consiga colocar a salvo. Partindo do princípio de que não existe socorro próximo e imediato, se a pessoa não tiver condições para se manter à tona, acaba por ter água a entrar para os pulmões, perde a consciência, o cérebro para de receber oxigénio e acontece a morte.

– E envenenamento ou intoxicação, admitamos que por drogas ou álcool? Podem dar afogamento?

– Inspetor Vilar, postas as coisas assim, claro. Se você beber uma garrafa de vodca e eu o atirar ao mar, talvez o senhor fique desperto ou talvez se afunde por não ter força para nadar, tal é o seu estado. Ou talvez fique inconsciente e nem note que está prestes a morrer. Quer experimentar?

Ivone Ferro ironizava, não tinha maneira de saber que Daniel a usava na investigação da neta do banqueiro. A neurologista preparava-se para abandonar o quarto quando Daniel lhe fez sinal para que aguardasse e consultou o telefone em busca de uma mensagem que Sara lhe enviara com os medicamentos encontrados em Vale do Forno. Talvez a opinião de Ivone Ferro fosse útil.

– Doutora, quem tome *Efexor*, *Valium*, *Depakine* e *Rivotril* padece do quê?

A médica abriu um sorriso e respondeu com um tom paciente.

– Vou supor que a sua pergunta é acerca de um paciente a quem foi prescrita essa quantidade de medicamentos e não de uma compra ilegal. Depressão será a resposta mais usual e aquela que mais abarca a prescrição desses fármacos. Mas a depressão é muita coisa, pelo que dizer simplesmente que é depressão é dizer quase nada. De todos os modos, será alguém muito medicado. O *Depakine* é usado para epilepsia, transtorno bipolar, mas pode ser utilizado em enxaquecas. Como me falou do *Efexor*, que é um antidepressivo, estou a supor que o *Depakine* foi prescrito em vez do lítio. Tudo isto com álcool pode dar muito maus resultados. O *Valium* saberá que é para quadros de ansiedade. O *Rivotril* tem muito uso e é bastante popular no Brasil, por exemplo. É prescrito em crises de ansiedade, fobias, ataques de pânico, dificuldades em dormir e é também um poderoso calmante, capaz de amaciar as maiores perturbações psíquicas. Pena é causar dependência, claro, mas isso é outra história. Aliás, todos os que referiu causam. Em resumo, esse sortido de medicamentos parece ter sido receitado em ambiente pesado de psiquiatria. Ou falamos de tenebrosos traficantes?

Daniel fez por ignorar o comentário.

– Alguns destes fármacos são usados como droga recreativa?

– Sim, há quem use essas substâncias em ambiente recreativo, mas não recomendo. Destroem o cérebro.

O tom na resposta da médica era grave, como se Daniel desconhecesse o perigo das drogas e precisasse de ser alertado.

– Só mais uma questão. Conhece algum oftalmologista aqui no hospital a quem possa fazer uma pergunta rápida? Preciso de saber se há um determinado problema na visão que nos faça

ver os objetos de pernas para o ar.

Ivone Ferro voltou a sorrir.

– Ao contrário? Quem sabe, talvez eu possa ajudar. O olho humano é um prolongamento do sistema nervoso central e, como tal, um mistério apaixonante e intrigante. A situação que descreve terá provavelmente uma explicação relacionada com o cérebro e não com o olho em si. Seria a minha aposta, pelo menos. Talvez a dislexia seja uma hipótese presumível. Porquê a pergunta?

– Como a doutora imagina, não posso detalhar.

O telefone de Daniel tocou. Era Todor. O inspetor escusou-se e foi para o corredor. A conversa começou de imediato e o médico explicou-se no seu habitual estilo professoral. Tratava todos os interlocutores como se tivessem acabado de chegar à civilização e não soubessem sequer como abrir um frasco de mostarda. Daniel nunca levava a mal e preferia o cuidado explicativo. Depois das frases de circunstância, o especialista foi direto ao assunto.

– O primeiro facto a reter é que uma morte por afogamento é quase sempre resultante de um acidente. Ou seja, não é uma arma do crime por excelência. Salvo se o plano é surpreender alguém no banho, afundando a cabeça, é raríssimo um assassino decidir que vai matar através de afogamento.

– Percebo.

– Por outro lado, há duas coisas para acrescentar. A primeira é que há muitos afogamentos que podem ter sido crime mas que são tidos por acidentes e, portanto, nunca são investigados. E a segunda é que as estatísticas mostram que os afogamentos em mulheres são mais prováveis de terem sido crime. Como saberás, morre-se por afogamento quando os pulmões se enchem de água, impedindo que a corrente sanguínea seja nutrida com oxigénio, que é o que acontece quando respiramos. Como não temos guelras que nos ajudem a extrair o oxigénio da água, morre-se em aflição, porque, com o pânico de ter os pulmões cheios de água, o oxigénio remanescente é consumido muito mais depressa.

– Dá-me um exemplo de um afogamento que pode ter sido crime mas que foi tido como acidente.

Todor riu-se.

– Levas a tua namorada a dar um passeio de barco para o alto-mar, atiras a pobre rapariga à água e vens-te embora. Dizes que ela caiu e que morreu afogada, por isso foi crime porque o empurrão é que provocou as condições do afogamento, mas tu dirás que desapareceu enquanto nadava, por exemplo. Sentiu-se mal e foi ao fundo. Se acreditarem em ti, então foi oficialmente um acidente.

– Pegando no que dizias das probabilidades, achas que a miúda daquela papelada que te enviei teve um fanico e acabou por ficar na água ou houve malfeitoria?

– Não há qualquer prova de traumatismo craniano, pelo que ela ter batido com a cabeça em algum sítio antes de morrer é improvável, como é improvável que lhe tenham dado uma marretada. Insisto, a não ser que haja marcas de agressão ou coação no corpo, sem testemunhos é muito difícil demonstrar que houve terceiros metidos ao barulho numa situação de afogamento. Mas tem em atenção que nem sempre é evidente que a pessoa tenha morrido, de facto, afogada. Pode ter sido sufocada e ter desmaiado e depois atirada à água.

– Como assim?

– Uma autópsia é uma tentativa de reconstrução do que aconteceu. É uma viagem ao

passado. Numa morte que se tem por acidental ou provocada pelo próprio, começamos por tentar perceber o que não aconteceu. Pelo que li no relatório, ela tem marcas superficiais nos tornozelos e nos pulsos, logo não terá sido amarrada e atirada à água imobilizada, mas não faço ideia se havia vestígios de cordas ou algo parecido nas proximidades. Estou somente a especular, para que entendas onde quero chegar. O exame não fala de danos na traqueia e no coração não havia nada de anormal. O exame toxicológico que vi mais parece uma amostra do inventário de uma farmácia, portanto concordo com a hipótese de afogamento na sequência de um desaparecimento ou desmaio, na medida em que ela, quando entrou na água, estava viva. Pode é não ter entrado consciente, acordada. Não sei as quantidades de químicos, não poderei ser concreto.

– Outra coisa. Eles eram novos e liberais. Admitindo que as marcas na vítima pudessem estar relacionadas com jogos de cama, dirias que faz sentido um cenário desses?

O médico foi direto.

– Não vi as marcas diretamente, mas pelas fotografias não se pode excluir, até porque havia evidência de relações sexuais, incluindo fluidos seminais. Agora que falas nisso, muita marotice dessa acaba mal. Há várias fantasias relacionadas com asfixia, incluindo a chamada asfixia autoerótica, em que é o próprio que se estrangula para procurar o prazer. É mais comum em homens, mas nunca se sabe.

– Junto à piscina não encontrámos nada com que se pudesse estrangular. Só se foi outra pessoa, que levou depois consigo o que utilizou.

Enquanto dizia a frase, Daniel lembrou-se de que, quando chegaram, estava tudo limpo e lavado. Haveria uma fita ou corda nas imediações? Quem poderia saber?

– Havia um casal amigo em casa com ela, mas saiu muito mais cedo para Lisboa.

Todor, que tinha uma costela de investigador, replicou:

– O casal saiu mais cedo, mas podem ter deixado a amiga morta como recordação.

O inspetor Vilar não comentou a tese do patologista e lembrou-se do que lhe dissera Juvenal acerca do *choking*.

– Do que leste, achas que houve violência sexual?

– Aquilo que o relatório descreve é compatível com sexo vigoroso, mas dentro da normalidade, se é que posso usar o termo. Num tribunal, e se me perguntassem, diria que não houve violação.

– Fala-me do exame toxicológico.

– Havia álcool no sangue. O exame rigoroso demora, mas havia resíduos de benzos e outros componentes encontrados em antidepressivos e são notados traços de psilocibina.

– O que é isso?

– Pink Floyd, Yes, The Beatles, King Crimson, The Doors, muita paz e muito amor.

Daniel ficou impaciente. Falava no corredor do hospital e o eco das paredes impedia-o de ouvir o médico em condições.

– Que estás para aí a dizer?

– Que a miúda deve ter comido cogumelos mágicos. Teremos de esperar pelos exames mais apurados do laboratório da Polícia Científica, mas apostaria que foi assim. Pode ter morrido numa *viagem*. Má ideia para uma transplantada, pior ainda dar um mergulho na piscina durante essa viagem.

– Viagem?

– *Trip*, Daniel, uma *trip*. Mas vocês em Portugal não sabem nada da vida?

Capítulo XI

Hospital de São Francisco Xavier, Restelo, Lisboa,
quinta-feira, 7 de setembro de 2017, 10h45

O inspetor Vilar regressou ao quarto de Mateus, onde notou com um certo espanto que Ivone o esperava. Sem perder tempo, aproveitou a oportunidade de a questionar sobre o que soubera por Todor. Desta feita, procurou ser simpático.

– Doutora Ivone, desculpe abusar, mas some, por favor, cogumelos alucinogénicos a tudo o que falámos há pouco.

A médica mostrou-se surpreendida.

– Caro inspetor, que emoção, sinto-me a fazer parte de uma investigação. Vi séries suficientes para saber que não devo colocar muitas perguntas, mas está com sorte, porque na minha tese de mestrado estudei os efeitos da psilocibina que se encontra em alguns tipos raros de cogumelos. Sim, há cogumelos que causam efeitos físicos e psicológicos intensos e afetam, ou podem afetar, os chamados processos involuntários do corpo, como a respiração ou o ritmo cardíaco.

A médica explicou a Daniel que a psilocibina é uma droga ilícita porque muda a forma como o cérebro funciona, alterando os padrões do sistema nervoso. Os seus efeitos são múltiplos e poderosos, daí a atração pelas *viagens* ou *trips* que muitos experimentam, e, dependendo do cogumelo e da quantidade, bem como das interações com outras substâncias, causam alucinações de grande intensidade emocional e física.

Muita gente que experimenta refere uma experiência espiritual que pode causar efeitos duradouros ou mesmo definitivos. Ivone Ferro falava do tema com entusiasmo, enquanto Daniel procurava encaixar a informação no que sucedera em Vale do Forno.

– O movimento *hippie*, e todo esse universo psicadélico, acabou por fazer com que o LSD, os cogumelos e outras fontes fossem proibidas e ilegalizadas, embora estejam a ressurgir. Em finais da década de 1960, tudo isto era excitante, novo e completamente na moda. As implicações são imensas e um botânico americano, Terence McKenna, ligado a movimentos psicadélicos, aventou mesmo uma possibilidade estranhíssima, e inclusive cómica, que é mais interessante do que parece. Ele defende que o *Homo sapiens* ficou *sapiens* porque, um dia, um homem primitivo comeu cogumelos alucinogénicos, a química cerebral expandiu-se e o nosso antepassado pré-histórico foi-se tornando mais esperto e inteligente.

Segurando a mão do amigo, Daniel ouvia Ivone intrigado e divertido.

– A moca do homem das cavernas deu no Einstein.

– Não só. Especula-se se não devemos os poetas e os escritores, no fundo, os artistas, aos cogumelos. A hipótese de Terence McKenna chama-se precisamente a Teoria do Macaco Pedrado, ou Stoned Ape. Os compostos dos cogumelos, que deram origem ao que conhecemos hoje por LSD e que os *hippies* tanto apreciavam, atuam com uma potência inacreditável na química do cérebro. Podemos rir desta ideia de McKenna, mas, preservando uma mente aberta, devemos-lhe pelo menos cinco minutos de reflexão, nem sabemos o que é a consciência, o pensar, inspetor Vilar. Rima e é verdade.

Ivone Ferro falava com determinação, empenhando-se em fazer-se entender por Daniel. As rugas na testa acusavam tensão e os gestos eram enfáticos.

– Não sabemos nada do que é a consciência. A consciência é o maior mistério do universo. Sermos, pensarmos, termos ideia de futuro, lembrarmos o passado e sermos capazes de amar são derivações de sermos seres com consciência. Em ciência, desconhecemos como aqui chegámos. As consequências deste buraco negro são múltiplas. Por exemplo, as pessoas conseguem convencer-se de coisas que jamais aconteceram. Em muitos casos, não há como aclarar o que é ou não verdade. Para dar um exemplo, em casos de denúncias de abusos na infância por parte de adultos, existem casos reais, casos falsos e casos em que a vítima criou essa memória que tem por verdadeira.

Ivone Ferro ia lançada.

– Como dizia um professor que tive, não há ninguém lá nas alturas a quem perguntar porque é que as coisas são como são.

– Deus?

– Por exemplo. Somos habituados desde crianças a que haja explicações para tudo. Ora, não existe explicação para muita coisa. Nem sempre as pessoas inventam memórias para prejudicar ou enganar terceiros.

– Fascinante, mas antes que me esqueça, e voltando um pouco atrás, há drogas que podem ser boas ou ter efeitos bons? Compreendi bem?

– Os antidepressivos ou os antipsicóticos, por exemplo, são exemplos de drogas boas, para usar as suas palavras. Como é a aspirina ou o paracetamol. São boas nas dosagens apropriadas, para quem precisa. O nosso cérebro, e por inerência a nossa consciência e aquilo que somos, tem uma dimensão química que pode ser alterada por drogas ou medicamentos. Há quem use cogumelos para tratar depressões graves, porque numa depressão há desequilíbrios na química que o uso de cogumelos certos pode ajudar a retificar. Não se ouve falar disto porque as fronteiras com a legalidade são ténues ou mesmo inexistentes.

Zona do Murtal, Parede, quinta-feira,

7 de setembro de 2017, 18h30

Prédios de arquitetura indecifrável com pintura lascada e decorados com *graffiti* eram pontuados por contentores de reciclagem demasiado cheios e com lixo espalhado em redor. Passeios pequenos com pilaretes caídos contornavam as várias fileiras de edifícios, onde árvores esqueléticas esperavam pela visita diária dos cães que viessem ser passeados. Carros

estacionados brilhavam ao sol, fazendo lembrar animais adormecidos. Ninguém nas ruas, já ninguém lavava o carro com mangueira, nem os miúdos jogavam à bola. Um amnésico saberia que estavam numa urbanização de subúrbio, pensou Sara, que se vinha chocando cada vez mais com a fealdade do espaço público do seu país.

O inspetor António Vasques insistira que não precisava da ajuda do GPS para encontrar o seu destino, perdendo tempo desnecessário a dar com a morada do amigo de Luzia, mas conseguiu por fim encontrar a urbanização onde Nuno Semedo vivia. Sara optou por não fazer caso das parvoíces do colega. Podia ser um homem com vários defeitos, abrutalhado, machista, pouco culto, mas tinha bons instintos, que transformavam a teimosia intrínseca numa determinação que podia ser útil. A viagem desde a Gomes Freire demorara cerca de três quartos de hora, somando o trânsito vagaroso, desde as portagens de Carcavelos, aos enganos de Vasques.

Cinco minutos depois de arrumarem o carro, os dois inspetores estavam afundados no sofá desconfortável da pequena sala de Nuno Semedo, que, sentado numa cadeira ligeiramente mais alta, parecia tenso. A perna terminava num pé inesperadamente pequeno, enfiado num chinelo de praia, que o treinador de ténis abanava nervosamente. No braço esquerdo, definido pela musculação, Semedo exibia uma tatuagem tribal. A inspetora pensou que seria muito difícil descrever o homem que tinha à sua frente, por ser tão igual a centenas de outros daquela idade, com aquele tipo de corpo, o corte de cabelo, a barba rala e as tatuagens obrigatórias. Uma gigantesca televisão, igual à que Sara tinha em casa, passava *videoclips* com o som desligado. Um estore entreaberto de uma varanda deixava entrar luz e os ruídos da rua. Além de uma mesa quadrada e de mais três cadeiras, não havia nada na sala, exceto pesos de musculação.

– Que raquete usa? Uma *Wilson*, aposto, é sempre a escolha do professor.

A testemunha foi apanhada de surpresa pela pergunta de Vasques, que fora colocada em tom de provocação. O inspetor viera no carro a teimar que Semedo era tão professor de ténis como ele era criador de borboletas e que o tipo não seria mais do que um artista de variedades pendurado nas casas, jantares e viagens que pudesse aproveitar. O típico amigo Nescafé: era só juntar água e mexer que a amizade seria instantânea. Uma expressão que Sara achou feliz, mas não comentou. Também ela reconhecia que Nuno Semedo seria pouco mais do que um arrivista com zero conteúdo, mas, como lhe ensinara a sua mãe, somos todos filhos de Deus.

– Sim. Uso essa e outras. Mas não jogo há uns meses, magoei-me nas costas.

– Como ganha a vida então? Tínhamos a informação de que era professor de ténis.

Nuno Semedo levantou-se.

– Tenho umas poupanças e faço alguns trabalhos de treinador privado que vou arranjando.

Aceitam um café?

Sem aguardar pela resposta, dirigiu-se para a zona interior da casa. Os inspetores seguiram-no para uma pequena cozinha estreita como um corredor. Semedo preparava um café de cápsula de costas para os polícias, uma mancha de transpiração na camisa sublinhava-lhe o nervosismo.

– Viemos falar consigo por causa da morte da sua amiga Luzia Pinto Vilhena. Queremos saber se tem algo para partilhar que nos faça compreender o que se passou.

Ao contrário do que Sara poderia esperar, Nuno Semedo respondeu com naturalidade. Podia estar habituado a perguntas da polícia. E, daí, talvez estivesse.

– Coitada da Luz, afogada na piscina. Não sei como poderei ser útil, porque, como sabem,

nós não estávamos lá, viemos para baixo a seguir ao jantar. Foi um acidente, ao que ouvi dizer, sei que a Luzia estava ótima quando saímos. Já se sabe mais?

- Segredo de justiça, sabe como é.
- Coitada. Importam-se que fume?

Vasques foi rápido.

– A casa é sua, não estamos aqui para lhe ensinar maneiras. Junto ao corpo de Luzia encontrámos álcool e drogas suficientes para animar uma viagem de finalistas durante quinze dias. Algum comentário?

Semedo ignorou-o e abriu a janela da cozinha, colocando o braço no exterior, escondendo o cigarro como se fosse um adolescente.

- Bebo socialmente.
- E drogas?
- Nada de especial. É raríssimo.

Era evidente que Nuno Semedo, exibindo simpatia e disponibilidade para cooperar, pensava que, quanto menos palavras dissesse, melhor.

Sara cortou a direito.

- Não o vimos no velório.
- Não estava em Lisboa, não deu para ir.
- O que acha que aconteceu à Luzia?

Semedo foi convincente na teoria. Uma queda em resultado de uma indisposição que deu em afogamento, defendia. Falou de um caso, de um tio de um amigo que morrera afogado na sequência de um enfarte.

Sara sabia bem que as pessoas tendiam para explicações sequenciais com validação exterior, relatando episódios conhecidos e plausíveis, por isso deixou-o falar. O que acontecia a uns era sempre útil para explicar o que acontecia a outros. E sim, Luzia se calhar tomava umas coisas, ficara com essa impressão, mas seria sempre pouca quantidade. A miúda era viciada em açúcar, pelo que ele vira. Semedo nem a conhecia muito bem, dizia, foi passar uns dias com as amigas por não ter nada melhor para fazer.

À medida que a conversa decorria, Semedo ficava mais relaxado e solto. Devagarinho, Sara e Vasques armavam-lhe uma ratoeira não combinada. Logo se veria se o professor de ténis era apanhado.

– Era uma miúda meio maluca, mas impecável. Rica, mas querida, muito física. Foi uma semana fantástica para descansar. Passámos a maior parte do tempo na piscina, a ouvir música, a beber bom vinho, a conversar e a rir. Eu fazia-lhes massagens. Quase só pegávamos no carro para ir à vila comprar coisas, bebidas, comida, porcarias de quem está de férias.

- Massagens?
- Sim, tenho formação. A Lu queixava-se de dores nas costas e tinha muita tensão acumulada aqui em cima.

Nuno Semedo apontou para a zona do pescoço e das clavículas.

- Que porcarias são essas de que falou?
- Vocês são desconfiados, não são? Pipocas, batata frita, fritos, gomas, essas coisas que só fazem mal e sabem bem.

– Você e a Maria Ana vieram para Lisboa nessa noite. São namorados?

Semedo riu-se espontaneamente.

– Nada disso, ela deu-me boleia. Tinha uma viagem ou uma festa em Lisboa e eu aproveitei.

– Morria com saudades do ginásio e estava farto da farra?

Vasques não escondia a malquerença e Semedo notara-o, mas não se ficou e respondeu, olhando diretamente para a barriga do inspetor.

– Alguns de nós gostam de cuidar do corpo, imagino que na polícia não seja uma exigência.

Como disse, aproveitei a boleia. Se não viesse com a Maria Ana, vinha como?

– Têm provas de que Luzia estava viva quando saíram?

Nuno Semedo estava cada vez mais descontraído. Ou afastara o nervosismo ou percebera que a polícia não tinha grande coisa.

– A minha palavra, a da Maria Ana e a da velhota que lá trabalha. Não tenho de provar coisa nenhuma a respeito de nada, ou tenho? O carro passou sempre na Via Verde, nós nunca parámos, é fazer as contas às passagens na A23 e na A1.

A conversa prosseguiu e Nuno Semedo estava cada vez mais falador.

– Os ricos podem ser o que quiserem que terão sempre gente de volta deles. Conheço muita malta que não presta, apesar do dinheiro que tem. A Luzinha não, era boa gente, apesar de ser meio maluca.

– Disse meio maluca? É a segunda vez que o afirma. Consegue explicar-nos o que quer dizer?

– Meio maluca no bom sentido. Era muito animada, sempre a mexer-se, a querer melhorar o ambiente, à procura da emoção mais forte. Pode ser que tomasse umas coisas, mas parecia aguentar. Se bem que às vezes parecia que apagava, assim do nada.

– Essas coisas que afirmou há pouco que Luzia raramente usava apareceram lá em casa como?

– Não faço ideia, não perguntei. Não percebo nada disso. Acho que eram remédios, mas não sei.

Nuno Semedo falava como se desconhecesse por completo de que modo as pessoas têm acesso a drogas. Ninguém comentou.

– Sabe se Luzia costumava tomar banho na piscina despida?

– Quando lá estive, nunca aconteceu.

Semedo voltou a sorrir. Parecia ter gosto em adicionar alguma ambiguidade ao que ia dizendo.

– E Maria Ana?

– É uma grande amiga dela. As duas entendiam-se às mil maravilhas.

– Aposto que Maria Ana raramente metia essas coisas no corpo.

– Não faço ideia, não ando a ver o que os outros fazem.

– Você é mais amigo de Maria Ana ou de Luzia?

– Se quer que lhe diga, nem sei.

– Teve relacionamentos com alguma delas?

– Não percebo a pergunta.

– Encontrámos preservativos no quarto de Luzia. E traços de sémen na autópsia ao corpo da vítima. É seu, presumo.

Os olhos de Nuno Semedo cintilavam com malícia. Gostava da insinuação de que ele e as duas amigas se teriam divertido em conjunto e gozava o momento.

– Estou sempre na minha, inspetor. Não costumo espreitar para o que as pessoas têm nos

quartos. De qualquer maneira, sexo não é crime, que me lembre.

Não era. Sara não insistiu. Se fosse necessário, voltaria ao tema noutra ocasião.

– Deu aulas de ténis quando lá estive?

O tom de Vasques era óbvio.

– Em que *court*?

– Insisto, envolveu-se com Luzia ou com Maria Ana?

Nuno Semedo foi lesto e respondeu a rir.

– Desta vez ou em geral? Esqueça, inspetora, a resposta é não sei, não comento, não vi, só respondo com o meu advogado ao lado. Sou um cavalheiro, não falo sobre a minha vida íntima.

Os investigadores ignoraram a provocação. Ficara óbvio para os três que Semedo tivera relações sexuais com Luzia.

– Só mais uma pergunta, senhor Semedo, e faça um esforço por guardar para si esse tom bem-humorado. Notou algo de estranho nos quadros ou nas molduras da casa de Luzia em Vale do Forno?

Ou Nuno Semedo possuía talento para as artes dramáticas ou pela sua cara mostrava-se genuinamente espantado.

– Nada, não notei nada, não havia nada de anormal naquela casa. Porque pergunta?

Capítulo XII

Torres do Restelo, Lisboa,

quinta-feira, 7 de setembro de 2017, 19h30

Daniel pensava no que ia preparar para o jantar e voltou aos ovos, uma pequena obsessão que não queria que tomasse conta de si de vez. Adorava ovos de todas as maneiras e feitos e andava a experimentar estrelar ovos com diferentes tipos de gordura, sempre em pouca quantidade. Comia ovos estrelados com frequência, ignorando os seus próprios valores de colesterol, porque os ovos configuravam-se como a sua ideia aperfeiçoada de guloseima. Gostava da gema líquida, do amarelo brilhante e lúcido, a escorrer como tinta no prato, e da clara, ora branca e inteira como gesso, ora borbulhada pelo azeite a espirrar, com os cantos queimados e retorcidos.

Depois da fase do azeite, vivia agora a fase da manteiga, mais complicada de atinar, mas recompensadora quando corria bem. Frigideira antiaderente, uma colher de chá de manteiga, ovos à temperatura ambiente. Primeiro a manteiga na frigideira e só depois acender o lume, no mínimo, para derreter muito devagar. Ovos bem estrelados são um jogo de paciência e uma aprendizagem. O truque era colocar os ovos sem a gordura estar demasiado quente para não deixar passar o ponto da manteiga. O ovo ficava líquido e transparente e ia cozinhando devagar, com o calor no mínimo, lembrava-se Daniel, num monólogo interior muito concentrado, como sucedia quando cozinhava. À medida que a clara ficava opaca, era preciso descolá-la com uma espátula para que não aderisse em definitivo e colasse. No fim, desligava o fogão e deixava os ovos no calor da frigideira cerca de um minuto. Colocava-os num prato, com flor de sal a envolver a gema líquida.

Um estremecimento de vergonha percorreu-lhe as costas quando se deu conta de que era um homem solitário que se entretinha a apurar o estrelar perfeito de um ovo como causa de existência. O silvo da gordura e da transformação do ovo cru em ovo cozinhado era a banda sonora que o embalava. Que vida era aquela? Sentiu a mente a saltar depressa do vago para o concreto.

E Cristina, que estaria a fazer àquela hora com o seu noivo? Escolheriam cortinas, jantariam fora com amigos, a rir alto e a beber sangria? Concentrou-se na televisão que ligara na cozinha. Falava-se mais uma vez da seleção portuguesa de futebol, que vencera o Campeonato da Europa em França no verão do ano anterior. Daniel não seria o maior dos apreciadores do jogo, mas era sempre um curioso sobre a relação dos portugueses com o seu próprio país, os seus feitos e

fracassos, e reparou, de novo, nos comentários a usar um plural gongórico, como se tivessem estado em campo, concluindo estes, por via da glória futebolística, que os portugueses talvez fossem os melhores em tudo e o que sobrasse.

Uma dor de cabeça persistente fê-lo ir à gaveta dos medicamentos. Desde o caso do Chiado, quatro anos antes, em que quase morrera às mãos de um louco que teve de matar antes que fizesse explodir tudo à sua volta, que sentia dores de cabeça súbitas. Tirou uma aspirina e viu a embalagem de *Efexor* que deixara a meio e ocorreu-lhe que ainda não sabiam quem receitara aquela quantidade de medicamentos a Luzia. Aceder aos médicos e conseguir que estes falassem dos seus doentes era complicado, teria de pedir a alguém na UCE que visse o que seria possível fazer.

Daniel preparou os ovos depois de falar com Sara ao telefone. De acordo com a sua inspetora, Semedo era um desses galãs de ginásio de bairro de subúrbio, sem atividade conhecida e provavelmente fora ele o traficante que abastecera Luzia e a amiga. Seria um arrivista, o que não implicava nem culpa nem sequer maldade especial.

Com a idade e os anos de carreira, Daniel deixara-se de estados de alma e moralismos acerca da proveniência dos implicados nos seus casos. Preferia interrogar-se se a maioria não faria igual ou pior que os marginais se nascessem no degredo, no degrau mais baixo da escala social. Semedo era um aproveitador? Tudo aquilo podia valer como conversa de intriga, mas não transformava a morte de Luzia em crime.

Na televisão falava-se agora de falta de chuva, mas Daniel continua absorto no caso. Somos sempre melhores, mais empenhados e mais motivados nas primeiras horas, o problema é quando o tempo passa e nada acontece. Estava ciente de que em breve Luzia seria deixada em paz pelo sistema. Seria esquecida por todos, menos pelos familiares. No dia seguinte, completar-se-ia uma semana da sua morte, a estranheza e o choque dissipavam-se, o suicídio ou uma morte súbita encorpavam como as explicações mais prováveis e qualquer uma significava um ponto final aceitável. Arquite-se.

Comidos os ovos com a ajuda de pão torrado, Daniel lavou a loiça à mão, com cuidado redobrado. Se havia sensação que detestava era a de ter o cheiro a ovo entranhado na loiça.

**Torre do Tombo, Cidade Universitária de Lisboa,
sexta-feira, 8 de setembro de 2017, 8h15**

O frio do outono surgia de vez em quando, mas o calor de setembro dos últimos anos impunha-se com arrogância, como que insultando quem fazia férias em agosto. Aquele fora um ano quente, de fogos graves e mortais, e assim iria continuar, como diziam ansiosamente nas notícias que Sara escutava na rádio no caminho entre a sua casa na Charneca e o Campo Grande.

De braços esticados no volante, acariciou a pele e verificou com agrado que conservava uma cor morena nos braços que podia exibir como troféu de férias na praia. Gostava do mar de Sesimbra, precisava daquele sal todos os anos. A vida era incrível, mas seria muito menos incrível sem o oceano e a areia fina.

Precisava de descobrir quem era o psiquiatra de Luzia; tomou nota no telefone, não queria

desiludir Daniel. Mas antes, sem que ninguém lho pedisse, decidira ir à Torre do Tombo investigar os jornais da época, queria ir mais fundo na morte da avó de Luzia. Precisava de fazer alguma coisa e aquilo afigurava-se como relativamente simples.

Na noite anterior viajara de novo pelas redes sociais das pessoas de interesse. Luzia, Maria Ana e Nuno Semedo. Era um viveiro dos que habitavam num mundo de bronzeados, biquínis, sapatos novos e viagens. Os dentes demasiado brancos e alinhados daquelas mulheres jovens e bonitas deixavam-na sempre com ganas de marcar consulta no dentista. Se tivesse dinheiro a sério, seria a primeira coisa que faria.

À chegada ao Campo Grande, Sara verificou aliviada que havia lugares para arrumar o carro à vontade. Sara gostava de farejar e achar. Ajudava saber que Daniel lhe admirava a capacidade. Ao sair do carro, inspirou o ar fresco da cidade à procura da adrenalina que lhe faltava do café. Dois táxis parados no sinal esperavam permissão para atravessar. Por coincidência, eram duas mulheres ao volante. Sara sorriu e recebeu a ocorrência como um sinal de que o mundo estava a ficar melhor.

Já na Torre do Tombo, depois de questionar onde poderia encontrar jornais regionais, foi aconselhada a visitar a Biblioteca Nacional. A Biblioteca ficava próxima e decidiu ir a pé. Pouco depois das nove, consultava o *Notícias de Celorico* de setembro de 1977.

Biblioteca Nacional, Campo Grande, Lisboa,
sexta-feira, 8 de setembro de 2017, 9h15

O cheiro a jornal velho era único, pensou novamente, enquanto os seus olhos varriam gulpos os tipos de letra, os anúncios e o palavreado antigo dos títulos e cabeçalhos. Sara adorava documentos antigos, do amarelado gasto, do cuidado que era requerido e que implicava um tempo diferente nas pesquisas. Era um mundo mais vagaroso e a inspetora sentia-se a fazer uma coisa séria.

Ainda que otimista, não viera aos arquivos com qualquer expectativa particular, embora tomasse como admissível que o caso do afogamento de há quarenta anos pudesse ser mencionado num jornal da região. Quanto mais não fosse, haveria uma participação do enterro ou um obituário. Em cheio. Sara encontrou com facilidade, na edição do dia 3 de setembro de 1977 do *Notícias de Celorico*, uma nota sobre o funeral de Maria da Graça Castro Pinto no cemitério de Vale do Forno. Infelizmente, na nota, nada sobre o afogamento ou outros detalhes da morte. Conjeturou que alguém, talvez o padre, talvez uma amizade com influência, limpasse da notícia os indícios das causas da morte, incluindo o suicídio, que Sara sabia ser pecado mortal para a Igreja.

Tentou em vão outros dois jornais regionais, até que estendeu a sua busca ao *Diário de Coimbra*, onde encontrou o que procurava.

A notícia titulava «A tragédia que entristece Vale do Forno, nos arredores de Celorico».

Sara leu com atenção.

«Foi com enorme choque e comoção que o povo de Vale do Forno, concelho de Celorico da Beira, distrito da Guarda, acordou no primeiro dia de setembro. A senhora dona Maria da Graça Romeira Castro Pinto, doméstica, de trinta e três anos, morreu num terrível acidente no seu domicílio naquela aldeia da serra. Deixa duas crianças órfãs, um marido inconsolável e toda uma população abatida e em comoção. O caso, contado pelos bombeiros de Celorico da Beira, dá conta de que, na manhã do dia 1, a criada encontrou-a morta no tanque da sua propriedade em Vale do Forno, uma aldeia a oito quilómetros de Celorico.

Os bombeiros da vila chegaram depressa, mas nada conseguiram fazer, apesar de todos os esforços envidados com manobras vigorosas de auxílio e reanimação. Chamado ao local, o delegado de saúde registou com pesar o terrível óbito.

À família enlutada, em particular ao seu marido, Elísio Pinto, aos seus filhos e à sua irmã gémea, Maria da Paz, deixa este jornal votos de sentidos pêsames e condolências e faz votos de que Deus os abençoe nesta altura dramática e triste.»

Sara quase nem reparou na única informação que era novidade. A avó de Luzia tinha uma irmã gémea? Se assim fosse, que se lembrasse, não a vira no velório. Talvez tivesse morrido, haveria de confirmar com a empregada para não importunar a família.

No meio da pesquisa, o telefone vibrou com uma mensagem. Era de Daniel e revelava que Nuno Semedo se encontrava detido desde as seis horas dessa manhã, por ordem de um juiz da Guarda. Seria interrogado antes da hora do almoço, na Judiciária de Lisboa, por um inspetor que viria da serra da Estrela.

O professor de ténis preso? A inspetora saiu o mais depressa que conseguiu em direção à UCE, perguntando-se sobre o que se teria descoberto em Vale do Forno a envolver Nuno Semedo na morte de Luzia.

Capítulo XIII

Unidade de Crimes Especiais,
sede da Polícia Judiciária, Rua Gomes Freire, Lisboa,
sexta-feira, 8 de setembro de 2017, 9h45

Daniel foi avisado naquela manhã da detenção de Nuno Semedo quando se preparava para ir correr. Pelos vistos, o Ministério Público da Guarda obtivera um mandado para deter Nuno Semedo. Daniel soube, através do procurador e amigo Júlio Serra, que havia a suspeita de que tivesse sido Elísio a mexer influências. A acusação contra Semedo? Homicídio involuntário, para já. As provas? As drogas encontradas na mesa. O juiz aceitou a narrativa de que foram as drogas que Semedo forneceu a Luzia que a terão matado, ou pelo menos contribuído culposamente para a sua morte, e quem sabe se havia mais argumentos que desconheciam.

Segundo o juiz, Semedo tinha de ser detido para não fugir. Para Vilar, o passo lógico era gigantesco e um pouco disparatado. Parecia-lhe uma coisa à americana, nada próprio do sistema e da maneira de funcionar em Portugal. Era humano, entendia que um avô a explodir de dor pela perda da neta quisesse um culpado a todo o custo, mas entendia pior que um poderoso conseguisse provocar uma prisão só para se sentir melhor e o sistema o permitisse.

Não foi com demasiada pressa que se meteu no carro rumo à Gomes Freire. Assim que chegou, o telefone da sua secretária tocou. Era da receção.

- Inspetor coordenador Vilar?
- Sim, sou eu.
- Chegou o senhor inspetor Juvenal Caramelo da Judiciária da Guarda. Posso mandar subir?

✱

– Duas horas e quarenta minutos levei eu da Guarda até aqui à sua esquadra na capital. Se não quer um desses esquecidos que lhe trouxe, dê-me cá um que estou cheio de fome. São feitos à mão, de modo artesanal, não se compram aqui nos vossos supermercados.

Juvenal Caramelo mostrava-se eufórico. Perguntava e respondia às suas próprias perguntas, como era usual em quem estava nervoso e se queria acalmar. Daniel olhou-o fixamente e supôs que o registo jocoso do inspetor Caramelo era uma forma de levar o jogo para o seu território.

Vilar não se podia deixar levar pelo amuo e respondeu-lhe à letra. Para lá da rivalidade regional, não percebia ainda que relação tinha com aquele homem e estava sem paciência para as convenções de sociabilidade.

– Na província não têm supermercados? Continuam a ter de ir a Espanha para se sentirem vivos e modernos?

– Somos o que somos, Vilar. Rijos como uma roda de carroça, duros como granito, teimosos como cabritos. Quem não gosta tem bom remédio. Vamos ver se o suspeito gosta dos biscoitos, depois lhe direi.

Juvenal amontoava assuntos na mesma frase, mas Daniel estava atento.

– Essa acusação de homicídio involuntário é pateta e não pegará nem com cola comprada em Salamanca. Até se pode provar que o tipo seja um traficante de meia-tigela, mas dificilmente será condenado pela morte da neta do banqueiro. Nem sequer sabemos se a miúda morreu de *overdose*. A este ritmo, qualquer dia estamos a prender os tipos que vendem facas de cozinha quando aparecer uma vítima com uma faca do pão espetada nas costas.

Juvenal mudou de expressão e respondeu de chofre:

– Repito-lhe com todas as letras, é o que vamos ver. Já vi tanta vida desgraçada pela droga que começo a acreditar que precisamos de punir a sério os maduros que viciam os miúdos e lhes dão cabo do futuro. Não se esqueça das marcas no pescoço, nos pulsos e nos tornozelos, aquilo não se fez sozinho. Tem a certeza de que não quer um esquecido? Nunca me farto de os comer. Sabe porque se chamam assim?

– Diga lá, Caramelo, dê-me mais uma lição de sapiência sobre costumes serranos. Nunca se sabe se um dia vou à televisão a um desses concursos.

Daniel estava saturado de apanhar com Juvenal e a ironia saía-lhe cada vez mais hostil.

– Isto não é mais do que ovos, açúcar e farinha, mas a massa tem de ser bem batida, durante muito tempo. Tanto que as mulheres diziam que se esqueciam do que andavam a fazer. Daí o nome, esquecidos. É só isto.

– Você é mais do que um autêntico guia turístico, o melhor é fundar uma confraria dos esquecidos. Não se esqueça é de que o suspeito tem direitos, e que a nossa obrigação é nunca nos esquecermos, por muito que ache que a massa tem de ser bem batida. O problema da vida muitas vezes são os esquecimentos, se é que me faça entender.

Juvenal ignorou o comentário e a crescente irritação de Daniel. Tinha outro trunfo.

– Posso ser um guia turístico, como diz, mas sou o único que teve acesso ao telefone de Luzia e agora vou interrogar um suspeito.

O telefone da afogada sempre aparecera. Antes que Daniel o pudesse questionar, Juvenal antecipou-se.

– Pelo seu ar baralhado, noto que precisa de uma explicação. O aparelho foi descoberto no meio da confusão no quartel dos bombeiros de Celorico, dentro de um saco de provas e tudo. A minha aposta é que um dos rapazes o enfiou na algibeira, assustou-se quando se deu conta de que a moça era neta de um banqueiro e meteu-o a jeito para ser encontrado. E eis que, por milagre, o aparelho aparece e vem parar às nossas mãos, ou, melhor dizendo, às minhas.

– Temos de descobrir que bombeiro foi o quanto antes.

– É doido? Acha mesmo possível investigar uma corporação inteira, fatigada pelo combate aos fogos durante o verão todo, em busca de um delito menor, que até pode ter sido uma distração a arrumar macas? Vão fechar-se mais depressa do que ostras.

O inspetor Vilar não disse nada, pois suspeitava que Caramelo estivesse certo. Juvenal partilhou com Daniel que foram encontradas mensagens entre Luzia e Semedo. Apontavam para uma relação entre cliente e fornecedor.

– Ela perguntava por rebuçados de menta, chupa-chupas de *Coca-Cola* e chocolate de amendoim. O tipo respondia que tinha uns caramelos, coisas desse género. Códigos. Mostrámos isso ao procurador, que conseguiu um mandado judicial. A nosso pedido, a malta aqui de Lisboa bateu-lhe à porta hoje de manhãzinha, como aposto que lhe disseram, e aqui nos encontramos.

Ninguém avisara Daniel ou qualquer outro membro da UCE da detenção de Nuno Semedo ou da descoberta do telefone de Luzia Vilhena. Daniel soubera da prisão porque o amigo Serra fizera o favor de o manter a par.

O inspetor Vilar optou pelo silêncio e não revelou a fraca colaboração interna na Judiciária. Não ia dar a satisfação a Juvenal Caramelo, que continuava ufano e certo.

– Isto aqui em Lisboa é tão grande que fiquei com medo de que o tivessem deixado de lado. Almoçamos de seguida? Era bonito levar-me a um restaurante típico de gastronomia lisboeta, talvez um bitoque, ouvi dizer que é uma especialidade. O interrogatório não deve durar muito.

O inspetor Vilar respondeu com um monossílabo, aquiescendo, e afastou-se. Enfadado, consultou o telefone e percebeu que Ivone Ferro respondera a um pedido de informação sobre Mateus. Não havia novidades. Sem pensar demasiado no que fazia, Daniel perguntou a Ivone se aceitava almoçar, Juvenal que comesse uma sanduiche na Judiciária. A resposta da médica veio célere. «Sim, claro que sim.»

Juvenal Caramelo enervara Daniel, que precisava de descontraír. Deter um traficante de vãos de escada por uma morte por afogamento obrigara um juiz a ter imaginação para mais qualquer coisa além de termo de identidade e de residência.

Mas a verdade é que Semedo estava detido, ainda que parecesse a Daniel que jamais chegaria a julgamento, por mais esforçado que fosse o Ministério Público.

**Restaurante Calecute, Rua de Pedrouços, Lisboa,
sexta-feira, 8 de setembro de 2017, 13h20**

O ruído obrigava a que Daniel e Ivone ficassem muito perto para se ouvirem, uma proximidade inesperada que parecia confortável para ambos. Estavam por ali há menos de meia hora, depois de ter ido buscar a médica ao hospital. Daniel levava-a a um pequeno restaurante em Pedrouços, onde sabia haver um arroz de polvo invulgar. O polvo não era pota, nem se parecia com borracha. Também não se desfazia e o arroz não era demasiado cozido. Os coentros e o malandrinho vinham na quantidade certa. O picante era raro como a bondade.

Nos últimos anos, resultante de investigações que adorava fazer no tempo livre, Daniel via a cozinha como uma busca pela autenticidade, o que equivalia à arte de procurar a simplicidade não complicada, como dizia Mateus, assumindo sempre o pleonismo da frase. Um bom arroz de polvo era simples. Bom polvo, tempo certo de cozedura, caldo certo, arroz carolino, tempero, sal, ervas frescas e técnica. O problema era encontrá-lo e aquele era um dos poucos locais onde era garantido.

Daniel convidara Ivone para almoçar por impulso e viera a pensar durante o caminho se considerava a médica do amigo ou a mulher que era a médica do amigo.

Um pouco depois da uma, estavam sentados numa boa mesa, bebiam água e comiam arroz de polvo. Ivone falava do cérebro e Daniel ouvia com mais interesse do que suporia.

– Um indicador de que estamos a ficar adultos é a capacidade de apreciar água. Quando eu era miúda, achava que beber água era um disparate, só queria refrigerantes. Engraçado como mudamos com a vida, não achas?

O entusiasmo de Ivone era contagiante. Daniel perguntara se as drogas podiam ser uma arma do crime e a conversa escorrera para o cérebro e as suas alterações químicas.

– Como diria Paracelso, a diferença entre remédio e veneno é a dose. Caro inspetor, o que a ciência conhece sobre o cérebro resume-se a duas palavras juntas, quase e nada.

Ivone Ferro fez uma pausa. Notava-se que não era a primeira vez que dizia a frase. Daniel imaginou que fosse uma daquelas pessoas afortunadas que sempre souberam o que queriam fazer da vida e a médica confirmou-o, como se lesse pensamentos.

– Desde muito cedo que me interrogava porque é que as coisas eram como eram para nós. Se as borboletas que eu via nos terrenos junto de casa da minha avó no Alentejo eram iguais às que os outros viam. Entendes-me? Se o pudim flã amarelo-torrado que comia também era amarelo-torrado para os outros. Decidi então ser cientista quando descobri, num programa de televisão, que os cientistas eram aqueles que descobriam coisas.

– O que é que descobriu desde esse dia?

– Um vasto e maravilhoso universo que me foi apresentado pelo neurocientista português António Damásio e pela sua mulher no livro *O Erro de Descartes*, que devorei quando era adolescente.

A médica era cativante.

– Damásio conta a história de Phineas Gage. Em meados do século XIX, Gage trabalhava em algumas obras quando uma explosão fez com que uma barra de ferro lhe atravessasse a cabeça. A barra, com mais de um metro de comprimento, atravessou-lhe o rosto, o crânio e o cérebro e saiu pelo alto da cabeça. Espantosamente, Gage não morreu e viveu mais dez anos. O problema é que ficou outro homem e a chamada responsabilidade e a ideia de compromisso para com os outros desapareceram. Em resumo, o homem sobreviveu, mas mudou de personalidade.

– Essa história é-me familiar.

– Essa mudança comportamental deixou toda a gente perplexa. Anos após a sua morte, exumaram o cadáver e perceberam que o seu cérebro sofrera danos. Foi a partir deste caso que se começou a especular que temos zonas no cérebro que lidam com situações diferentes. Hoje sabemos bem que com certos tumores ou traumas as pessoas mudam socialmente.

– Para além das barras de ferro, as drogas e os químicos mudam muita coisa no cérebro?

– Já falámos disso e a resposta é vasta, inspetor. Em todas as culturas, da tribo mais remota ao povo mais forte e bem-sucedido, encontramos a vontade de mudar a consciência, de alterar o seu estado. O álcool, claro, mais mil e uma plantas, sozinhas ou combinadas, extratos de animais e, infelizmente, e graças à ciência, as drogas criadas em laboratório. Não é à toa que quando bebemos um pouco de álcool ficamos mais relaxados, mais desinibidos.

– Nunca estamos satisfeitos com nada.

– Essa é a característica número um da humanidade.

Ivone elogiou o polvo e lamentou não poder estar a beber um bom copo de vinho tinto.

Daniel sorriu e concordou. O almoço arrastou-se até perto das três, quando a médica disse que precisava de se ir embora. Por sua insistência, dividiram a conta e, recusando a boleia do inspetor, Ivone apanhou um táxi que passava, despedindo-se com um aperto de mão mais burocrático do que Daniel contava.

Capítulo XIV

**Escritório do Banco Indústria e Negócios, Rua Castilho, Lisboa,
sexta-feira, 8 de setembro de 2017, 15h**

Depois de sair do almoço, Daniel voltou ao mal-estar que a prisão de Nuno Semedo lhe causara nessa manhã. Sentia-se a ser ultrapassado e não gostava que o todo-poderoso Elísio Pinto fizesse pouco dele, muito menos apreciava ser posto à margem por Juvenal Caramelo. Se Daniel estivesse certo, Elísio congeminara para que prendessem o treinador de ténis e teria alguma informação que mantinha em segredo de Daniel e da sua brigada. Teria de ser ele a desembrulhar aquele mistério. Não fez por contrariar o ímpeto e, assim que se meteu no carro, telefonou para o escritório do banqueiro pedindo para ser recebido naquele dia, deixando entender que havia novidades. Aguentando o telefonema vários minutos até ser transferido para chegar à pessoa certa, Daniel conseguiu falar com a secretária e persuadi-la da importância do encontro. Pouco depois, o banqueiro mandou dizer que arranjaria tempo, desde que fosse ao início da tarde.

O homem parecia ainda maior do que a memória que Daniel criara há poucos dias: encorpado, de peito largo e aberto, com um pescoço grosso e uma cabeça enorme. Era tudo menos o português típico.

Estavam num escritório extenso, a meia-luz, decorado com sobriedade, com os castanhos da madeira e do cabedal a combinarem com os alumínio escuros das janelas e os tons crus dos tapetes. O cheiro agradável almiscarado a couro e a ambientador podia ser uma arma para descontrair aqueles que Elísio receberia.

Sentado e instalado, Daniel sentia-se a afundar na poltrona.

– Diga-me, inspetor, em que posso ajudá-lo?

– Obrigado por aceitar esta conversa. Para lhe ser franco, não sei se poderemos chamar àquilo que estou a fazer uma investigação. Tentamos congregar e relacionar o que sabemos sobre a morte da sua neta, para concluir se houve mão criminosa ou não; seguimos procedimentos.

– Agradeço-lhe, inspetor Vilar. Para a família é muito importante ficar a saber se Luzia pode descansar em paz.

– Quando o senhor refere em paz, quer dizer o quê?

Vilar decidiu baralhar o banqueiro e foi lesto a aproveitar a deixa.

Elísio Castro Pinto fixou Daniel. Possuía aquela capacidade de esconder o que pensava,

mesmo quando as expressões se adequavam às circunstâncias. Só um sulco negro debaixo dos olhos denunciava tensão.

– O senhor tem filhos, inspetor?

A pergunta a que estava condenado a responder até ao fim dos seus dias. Cá está de novo, pensou Daniel, cerrando o punho e esperando que Elísio não notasse.

– Não, não tenho.

Cada vez menos sentia que traía a memória de Zé Maria ao responder desta forma, mas nunca se sentia confortável a dizer que não tinha filhos. Era pai, mas sem filhos, era demasiado difícil para explicar.

– Eu, tendo dois, nunca os senti próximos. Acredito que a morte da mãe deles fosse motivo para um afastamento maior, mas os homens da minha geração nunca foram habituados, ou sequer estimulados, a viver a paternidade.

– Com os netos é outra história, suponho.

– E bem. Luzia, aquela miúda fantástica, mudou muita coisa em mim. Devo-lhe saber como é que morreu, como creio que lhe disse há uns dias em minha casa. A Luz era sensível, criativa, queria intensamente as coisas que desejava. Sei bem que me manipulou vezes sem conta, que a mimimei, mas os avós também estão cá para isso. Não para educar, para isso ela tinha a mãe e o pai.

– Manipular em que sentido?

– Os jovens portugueses não sabem a sorte que têm. Os familiares chegados vivem para eles, para os seus sonhos e aspirações. A um jovem chinês, por exemplo, é explicado desde criança que é suposto contribuir para os rendimentos da família. Claro que a Luz nunca trabalhou, embora no seu caso tenha atenuantes. A minha neta lutava contra dores de cabeça terríveis, enxaquecas, de que nunca se descobriu a origem. Quando estava mal ia completamente abaixo, mas quando se sentia bem agarrava o mundo todo, inteirinho. A manipulação de que falo teve que ver com isso, com a pressa de agarrar as coisas e de as viver. Quando quis montar a cavalo, comprei-lhe um, quando quis passar um mês na Austrália, dei-lhe os meios para isso, quando quis fazer fotografia, deixei-a comprar as máquinas que ela quis, por aí fora.

Luzia seria mimada, portanto.

– Voltando ao que disse, constou-me que o senhor fez muitos telefonemas a muita gente importante a propósito desta investigação.

Elísio Pinto sorriu ligeiramente. Podia ser entendido como assentimento ou como negação, o velho era um enigma com pernas e cabeça grande.

– Conhece a região da Beira?

– Não, na verdade não. Sou apreciador de queijo, mas não do frio.

– Na Beira temos e tivemos de tudo, até o frio que menciona. Do cônsul Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de judeus da morte durante a Segunda Guerra Mundial, a Salazar, que é de Santa Comba Dão. O alfa e o ómega deste Portugal separados por poucos quilómetros, ambos beirões. Dois homens singulares.

Elísio Pinto não o podia saber, mas Daniel Vilar estava saturado de lições e digressões históricas. Interrompeu-o com uma afirmação que sabia que Elísio Pinto não ia gostar.

– O senhor também é singular. É o único banqueiro português que escapou ao terramoto que destruiu o sistema bancário e arruinou milhares de cidadãos.

– Tem razão, inspetor. É verdade que o meu banco não foi sugado por esse vórtice do

crédito que deu cabo da vida a muita gente. Alguém desatento poderá dizer que foi sorte ou mesmo que fomos cautelosos. Prefiro dizer que fizemos bem o nosso trabalho.

– Não duvido.

– Não duvide, inspetor, e não caia na tentação gulosa e lusitana de achar que o mérito dos outros tem sempre contornos inexplicáveis. Fizemos bem o nosso trabalho, nunca estivemos expostos a riscos disparatados.

– Julga que lhe podem querer mal?

– Por não ter falido? Por não forçar os contribuintes portugueses a salvar os meus clientes e os meus acionistas?

– Ninguém tem êxito, muito menos à sua escala, sem que outros percam.

– Um homem não chega à minha posição sem fazer inimigos.

Elísio fez uma pausa para que Daniel pudesse interiorizar a palavra *inimigos* e voltou à aula de História.

– Um tipo espreita as televisões e fica convencido de que a serra da Estrela é o queijo, a raça do cão e os papalvos da cidade em busca de neve. Mas a Beira é muito mais do que isso, acredite.

Outro Juvenal? Estes beirões eram todos descendentes diretos de Viriato e assumidos divulgadores da região.

– Em várias zonas do Centro do país, e agora não falo da Beira Alta em termos estritos, a corrida ao volfrâmio animou e enriqueceu muita gente, e não em exclusivo durante a Segunda Guerra Mundial, quando Salazar se entendeu às mil maravilhas com os ingleses e os alemães. Porque a extração de volfrâmio ou de tungsténio ganha com as guerras. Fala-se muito da nossa suposta neutralidade, mas fartámo-nos de ganhar umas massas à custa das guerras. Há sempre quem lucre com o conflito. Aqui em Lisboa ou no Porto, limitaram-se a beneficiar com isso, como se beneficiou em tempos com o ouro do Brasil. Aceita um café?

Daniel aceitou. Elísio levantou-se para chamar a secretária e o inspetor aproveitou para analisar melhor o gabinete. O ambiente era neutro, confortavelmente clínico, não vislumbrou molduras ou objetos que pudessem ser pessoais.

O telefone de Daniel tremeu. Era uma mensagem de Sara a perguntar se vira a mensagem anterior. Não vira. Estivera demasiado absorto na conversa com Ivone e depois saíra a voar para o encontro com Elísio.

«Descobri que a avó da miúda que morreu afogada tinha uma irmã gémea. Não sei se é importante, mas fica a informação.»

O inspetor Vilar procurou na memória e não se lembrava de ter visto nenhuma mulher idosa que pudesse ser família próxima no velório. Iria tirar aquilo a limpo daí a nada. Matutava na gémea quando Elísio regressou, mas voltou a focar-se no que o levava verdadeiramente àquele encontro, saber se Elísio mandara prender Nuno Semedo. Habilidade, o avô de Luzia conseguira falar muito e não dizer nada. Bebido o café, o diálogo disperso prosseguia, quando Daniel interrompeu e cortou a direito.

– Deixemos o passado e voltemos à morte da sua neta. Acha que a podem ter matado para o atacar a si?

A pergunta de Daniel não apanhou o banqueiro de surpresa.

– Esperava a questão e a resposta é evidente, meu caro inspetor Vilar. Tudo é possível, mas, pelo que me dizem os passarinhos que voam pelos céus, não há indícios de nada disso. Ninguém arrombou a casa, o corpo da minha neta não mostrava sinais de violência, a autópsia não demonstra influência direta de terceiros.

– Última questão. Como lhe terão dito, o amigo da sua neta que passou a semana em Vale do Forno está neste momento detido e a ser interrogado. Imagino que saiba algo a esse respeito.

– Porque haveria de saber?

– Fiquei com a ideia de que os beirões nunca são apanhados de surpresa.

Elísio Pinto fez por não esconder um sorriso. Era inútil disfarçar que fora ele quem pressionara a prisão do desgraçado, nunca o admitiria, nem era necessário, os poderosos conseguiam coisas que nem se imaginavam. O inspetor Vilar quisera pressionar o banqueiro a admitir a interferência na detenção de Semedo, mas fora enrodilhado numa conversa que não controlara e de que nem entendia o propósito. No que dependesse da colaboração do avô, o esclarecimento da morte de Luzia prometia ser uma tarefa mais complicada do que Vilar presumira.

Daniel estava ciente da assimetria entre ele e o banqueiro e largou o tópico. Seria um desperdício de energia. Aquele não era o tempo de confrontos inúteis.

– Aguardemos. Vou deixá-lo, mas antes tenho uma última pergunta. Por curiosidade, sabe se a tia-avó de Luzia, a irmã gêmea da sua falecida mulher, estará hoje na missa do sétimo dia? Não tenho ideia de a ter visto no velório.

Oitava carta de Luzia

Londres, 18 de junho de 2016

Olá, avozinha do coração,

Ando outra vez ralada com o tio João Carlos e não sei o que possa fazer para o ajudar. Em setembro, vou sempre para Vale do Forno, para a casa onde a tia e a avô cresceram. Ando a fazer isto de ir à serra há dois ou três anos, no fim das férias na praia, e também é porque não quero ir logo para Caxias a seguir ao verão. Este ano, o tio prometeu que estará lá comigo, fiquei feliz com a sua disponibilidade, que conto aproveitar para conhecer melhor as nossas origens. Com a idade, vou percebendo a importância das raízes e de nos ligarmos mais às nossas coisas, ao nosso passado, de onde viemos. Sinto um chamamento, é como se a casa e a aldeia tivessem uma importância que ainda não alcancei plenamente, e um dia que tenha filhos quero saber explicá-lhes o significado de cada pedra, de cada árvore, de tudo e mais alguma coisa de Vale do Forno. Espero que esteja tudo bem consigo e com as suas irmãs.

Crescer, ser adulta, ter mais responsabilidade, também implica saber estar sozinha, conseguir aguentar a nossa própria companhia. Penso nisso várias vezes quando me lembro de si, aí em clausura, e interrogo-me até que ponto a fé ajudará a suportar melhor um caminho que pode ser difícil e doloroso. Gosto muito da minha família, do meu avô, da minha mãe, do meu tio e do meu pai, mas não lhe escondo que me sinto só muitas vezes.

É só um desabafo, não a quero aborrecer com a minha existência que ainda vai curta, e espero

ter muitos e bons anos à minha frente, mesmo solitária.

Reze por mim, por favor, que bem preciso para ter boas notas nos trabalhos que entreguei ontem na faculdade.

Beijinhos,
Luzinha

P. S. Estou a brincar, não precisa de rezar pelas minhas notas, terei as notas que merecer.

Capítulo XV

N232, estrada que liga Manteigas à Sortelha,
sábado, 9 de setembro de 2017, 15h50

Para o inspetor Caramelo, aquela visita à Sortelha seria sempre útil. Se nada somasse à investigação, pelo menos voltaria a um lugar de que gostava e perceberia se o turismo o teria estragado. Juvenal cuidava das Beiras e da sua reputação. Desse lá por onde desse, não ia ser a morte de uma lisboeta a sujar a região. Talvez jantasse pela Sortelha, encontrara dois restaurantes que lhe agradavam, e pensava nisso enquanto guiava com calma.

O percurso devia ser coisa para uma hora, cinquenta quilómetros feitos por boa estrada. Juvenal era da opinião de que um polícia está sempre de serviço e gostava do personagem do lobo solitário: poder investigar ao seu ritmo, nas suas condições, farejar novas pistas sem trela, na direção do inesperado e do acontecimento. Apostava que ia ter sorte.

Na estrada, o castanho das folhas e o vento que ia batendo nos ramos pressagiavam o primeiro outono. Ao fim de semana, havia um trânsito diferente, mais pastoso e hesitante, talvez gente das cidades em passeio, mas Juvenal Caramelo queria lá saber. Andava bem-disposto porque apertara com Semedo no interrogatório, um rapazola a quem nunca teria ocorrido que um dia pudesse ser apanhado, como sucedia com praticamente todos os idiotas que queriam enriquecer depressa vendendo drogas aos ricalhaços. O homem negara tudo, mas era natural que o fizesse. Nada que tirasse o sono a Juvenal, habituado às faltas de memória dos suspeitos. Mais uns tempos na prisão e logo se veria se não começava a lembrar-se das coisas. A prisão de Semedo era forçada, Juvenal sabia, mas podia ser que desse em alguma coisa.

Ao chegar ao destino, testemunhou que, nos terrenos contíguos a um antigo hotel, alguém erguera o Centro Espiritual da Pena, para onde, descobrira pela Internet, vinha gente de todo o mundo. Semedo revelara que Luzia e Maria Ana andaram em grandes aventuras por lá, motivo mais do que suficiente para Juvenal, sem nada para fazer, se meter no carro naquela tarde quente e seca de sábado.

O Centro Espiritual da Pena era o nome de um retiro de reflexão de novas terapias a funcionar nas antigas instalações do Hotel das Águas Radium, a pouquíssimos quilómetros da Sortelha. O que seriam reflexões de novas terapias ultrapassava o inspetor da Guarda, seria mais uma coisa a descobrir, embora o seu ceticismo duvidasse que fossem úteis. Juvenal conhecia vagamente a história deste hotel, que julgava abandonado, fundado por um espanhol nos primeiros anos do século xx, onde se vendiam tratamentos com água radioativa como cura

para todas as maleitas. Uma terapia que caíra em desuso quando se descobriram os efeitos nefastos da radioatividade. Era mais uma das histórias que a serra ia engolindo, tapando-a com o mato, esquecimento e carros de um lado para o outro. Restavam as ruínas das fachadas, agora com as tais terapias e respetiva reflexão. Era só mais outra história da Beira, Viriato não andara por ali de espada em punho para nada.

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela, sábado, 9 de setembro de 2017, 12h15

Um cheiro a campo, mistura de vegetação, pó e gado, recebera Daniel Vilar em Vale do Forno na manhã de sábado. A temperatura começava a subir a sério, agora que a hora do almoço se aproximava e o orvalho ténue, que vinha a observar na autoestrada nessa manhã, se tornara memória.

Seguira o impulso de regressar ao local onde tudo acontecera. Acordara mais cedo do que o habitual e sentiu que os mais de trezentos quilómetros entre a sua casa e aquela aldeia na serra seriam simples de vencer e úteis para refletir. O desconhecimento dos motivos precisos que levaram à detenção de Semedo e o convívio com a família sobrevivente de Luzia mantinham-no inquieto e ligado ao caso, podia ser que na Beira houvesse alguma coisa para ser encontrada.

Desde Lisboa, Daniel verificara com mais atenção como a morfologia do território e da vegetação mudava rumo à serra da Estrela, em especial a partir da serra da Gardunha. O inspetor Vilar matutava na coincidência de ter ouvido no caminho um programa na rádio sobre o recém-inaugurado museu da resistência em Vilar Formoso, na fronteira com a Espanha. Local de passagem dos judeus salvos por Aristides Sousa Mendes na Segunda Guerra Mundial. Recebia propaganda serrana de todo o lado. Confiando no lampejo de ir até ali, intelectualizara a necessidade da viagem durante o percurso, convencendo-se de que uma segunda visita a Vale do Forno, com menos pressa e tensão, seria útil.

A entrada da aldeia era inesperadamente banal, verificava nesta segunda visita. Daniel confirmou que o mito patusco de que tudo é belo no campo resistia mal aos factos enquanto observava com uma certa sobranceria as casas novas de arquitetura variada e díspar que ocupavam as duas beiras da estrada que levava à propriedade dos Castro Pinto, onde Luzia morrera. Na entrada para Vale do Forno parecia haver um café de dez em dez metros.

Devia ser aquilo o progresso. A pouco e pouco, o granito típico da serra ia aparecendo nas casas, os alumínio desapareciam e a aldeia transformava-se na típica foto incluída nos roteiros. As flores e os arbustos nas soleiras e nos parapeitos eram de cores abertas. Duas idosas, cobertas de preto dos pés à cabeça, atravessavam a rua e olhavam para o carro, onde Daniel conseguia ouvir os pneus a trilhar a estrada empedrada. Gatos pachorrentos andavam por ali e afastavam-se enquanto ele passava. O ressoar de um chocalho ao longe interrompia a quietude.

O inspetor Vilar parou num dos cafés para sentir o ambiente e para fazer questão de ser visto. Escolheu casualmente um com fitas antimoscas na porta e lá dentro receberam-no a penumbra, o cheiro a vinho e a convicção de que viajara no tempo.

Um mata-insetos elétrico oferecia um ponto de luz fria e fraca, inútil para vislumbrar detalhes. À medida que se habituava à meia-luz, Daniel reparou em mesas de fórmica básicas e

cadeiras desconjuntadas que rodeavam um balcão alto, onde outros cheiros, a serradura com pó e a cigarro fumado, o apanharam em cheio. A meia dúzia de fregueses sentados virou-se na sua direção com despudor, como se Daniel fosse cego e não os pudesse sentir a examiná-lo. Seguindo as convenções, o inspetor Vilar fingiu não notar que era o centro das atenções e dirigiu-se ao balcão para pedir um café, quando uma voz exibicionista cortou o ar.

– Inspetor coordenador Daniel Vilar, que bela surpresa.

O som chegava do fundo. Um surdo teria escutado a frase arrastada e exagerada. Daniel virou-se. Apesar da meia-luz, percebeu que era João Carlos Pinto, o tio de Luzia. Acomodou a surpresa e interrogou-se sobre o que faria ele em Vale do Forno. Pelo menos explicava a sua ausência reportada por Vasques na missa rezada pela sobrinha na véspera, numa diligência de rotina.

Sem denunciar espanto, Daniel Vilar foi na sua direção e estendeu a mão ao homem, que aparentava estar mais doente do que da última vez, lembrando um desgraçado num sanatório na era da tuberculose. Um resto de vinho tinto no copo era a visualização do cheiro tremendo a álcool que chegava de João Carlos, que se apressou a provocá-lo.

– Inspetor, veio passear ao campo ou comprar queijo da serra?

Daniel fintou a instigação e aproveitou para esclarecer os presentes, usando um tom mais alto do que seria necessário.

– Não estou aqui de serviço, mas sim em turismo. Vim passear.

– Ótimo, então pode beber comigo, sente-se aí. Fernando, traz duas taças de tinto. Chegou um amigo.

**Centro Espiritual da Pena, Sortelha,
sábado, 9 de setembro de 2017, 16h20**

Atravessando um caminho íngreme e sem interesse, e depois de passar um portão pesado de ferro, Juvenal Caramelo parou à entrada de uma porta, rodeado por dois cães enervados, que lhe farejavam as canelas, arfando. Uma mulher de ar estrangeirado, e vestida com uma túnica azul-clara, disse uma palavra num tom grave e apressado, que Juvenal não compreendeu, e os cães evaporaram-se. O inspetor apresentou-se e a estrangeira estendeu-lhe a mão, sem dizer quem era.

Cinco minutos depois, com um copo de água na mão, Caramelo estava sentado e ouvia outra mulher a explicar o que se fazia por ali. Segundo a lição, no CEP funcionava um centro terapêutico indicado para várias referências, baseado na ideia de *vision quest* se Juvenal percebera bem, tratando-se uma série de questões emocionais abordadas nas viagens interiores que os utentes faziam pela serra, sozinhos ou em grupos, durante pelo menos dois dias e duas noites. Tretas, pensou o inspetor, sem o dizer, interrogando-se que mais se inventaria, se havia muitos a pagar para andar ao frio e ao relento, com sede, fome e comichão.

A mulher, que se apresentou como diretora, explicava com paciência que ninguém era obrigado a viajar interiormente, mas que quem permanecesse ali no CEP deveria seguir as regras impostas para seu próprio bem, a segurança era sempre garantida. As palavras que usava, redondas e pretensiosas, abespinhavam o polícia, que fazia um esforço para nada comentar.

A mulher debitava aquele pequeno discurso com um à-vontade permanente, até que o inspetor Caramelo experimentou arrelia-la com uma provocação que sabia ser inconsequente.

– Se bem percebo, largam os clientes na serra e seja o que Deus quiser?

A mulher sorriu e devolveu uma resposta repetida vezes sem conta.

– Os ritos de passagem são uma prática tão antiga como o homem. Nos tempos convulsos que vivemos, cremos que uma ligação renovada à terra, ao ambiente, ao planeta, a um estado ancestral, em suma, à natureza, tem o benefício de pelo menos obrigar a recentrar as pessoas, que, por esta ou aquela razão, se encontram perdidas.

– É seguro? Não há bandoleiros por aí à solta?

– Nada disso. Tivemos um pequeno assalto há uns tempos, mas nada de violento, roubaram um computador deixado num cacifo, creio. De qualquer modo, reforçamos a segurança nesse aspeto.

Juvenal pensou que fosse alguém que achava que os estrangeiros ricos deixavam as pulseiras de diamantes em cima do tapete de ioga. Já que ali estava, fingiu interessar-se.

– Que tipo de terapias fazem?

– Temos variadas, se quiser experimentar. Desde sessões de ioga à *vision quest*, como disse. Respondendo à sua preocupação acerca da segurança, os nossos utentes têm um identificador com GPS que podem acionar e que nos coloca perto deles rapidamente.

– E o que tomam os utentes?

– O que comem? Tudo é frugal e ligado à terra, quase toda a nossa comida é de origem local, vegetariana e preparada aqui, respeitando os tempos e os processos certos.

– Referia-me a outras coisas, do tipo cogumelos mágicos ou outras substâncias que alterem o chamado estado normal. Coisas que fazem rir ou chorar, está a ver?

– Por aqui não usamos nada de ilegal, inspetor. Como adivinhou, nada do que fazemos aqui procura ser confortável. A dimensão de se estar exposto aos elementos faz parte das terapias, mas não como possa imaginar. Podem ser caminhadas de quilómetros, em território muitas vezes igual e aborrecido, para que a mente seja forçada a enfrentar o que tem de enfrentar. Um rito de passagem, como o nome indica, e quem tem de o passar é cada um por si e sem drogas.

Os raios de sol que entravam pela janela refletiam-se na bracelete de aço do relógio da diretora do centro espiritual. Juvenal inspirou e deixou o ar escapar antes de fazer a pergunta que queria ter feito quando entrou.

– Reconhece estas duas jovens?

Juvenal estendeu-lhe o telefone onde se via uma fotografia de Luzia e Maria Ana.

– Sim, claro que reconheço. Que brincadeira é esta, inspetor, posso saber?

A diretora ficou alterada e apanhou Juvenal de surpresa.

– Brincadeira? Isto é trabalho sério, de polícia. Reconhece estas duas mulheres?

A mulher bebeu água e engasgou-se. Depois de tossir bastante, respondeu secamente.

– Sim. Conheço-as. Trata-se da minha filha e de uma amiga.

Capítulo XVI

Casa dos Castro Pinto, Vale do Forno,
Parque Natural da Serra da Estrela,
sábado, 9 de setembro de 2017, 14h50

– Portugal é um acaso geográfico. Ou, direi melhor, uma imposição da geografia e do relevo. Esqueça por momentos o Atlântico, inspetor, faça-me esse obséquio.

Um gesto exagerado escoltava as palavras de João Carlos. Daniel era o seu único ouvinte, mas poderia estar a falar para uma sala preenchida.

– Se for a ver bem, a nossa ligação por terra a Espanha é quase toda separada por montanhas ou rios. A natureza desenhou-nos.

João Carlos Pinto e Daniel Vilar estavam no quintal da casa de família a poucos metros do local onde Luzia morrera, sentados na exata mesa onde a sobrinha e os amigos tomaram drogas e beberam tudo o que conseguiram. Daniel conseguia ver a piscina revestida com uma cerâmica escura, provavelmente para absorver o calor do sol, e asas de insetos a brilhar em cima da água.

Galhos secos flutuavam como barcas deixadas à sorte. As oliveiras que resguardavam a piscina abanavam devagar com o vento. A terra via-se seca e havia ramadas por apanhar. À esquerda, Daniel reparou em videiras com uva madura. Seriam colhidas ou secariam ao sol, até se fazerem pó? Talvez o moço que por ali andava, o que tirara o corpo de Luzia da piscina, as apanhasse. O verão caminhava para o fim, as vindimas chegariam com o outono e o frio haveria de aparecer, mas não seria hoje.

– Da minha parte sempre achei espantosa esta nossa sorte ou azar, se preferir. É como se fôssemos um retângulo natural. Não acha admirável, inspetor?

– Não sei o que lhe diga. Itália parece uma bota. Você costuma vir aqui?

Daniel lembrou-se da expressão *retângulo à beira-mar plantado* e de um livro de José Saramago sobre a Península Ibérica cuja leitura andava a adiar, mas não disse nada e sentiu-se orgulhoso por ter resistido a responder ao paleio de João Carlos.

– Poucas vezes, acho. Planeava vir por esta altura e vim, de facto. Não quero soar melodramático, mas não me recompus da morte da Luz e por isso vim. Talvez como homenagem à miúda. Estar aqui ou em Lisboa é a mesma coisa para mim, sou um desempregado desocupado, sem mulher, filhos ou gatos. O mundo quer lá saber onde pouso.

João Carlos falava com uma clareza inesperada, sem as provocações e as insinuações do costume, e Vilar não viu motivo para se ir embora, pelo contrário. O homem inspirava-lhe

pediade. A solidão que exhibia era tão forte que se tornava obscena. Na mesa havia um jarro de vinho, pratos com restos de pão de centeio esfarelado, queijo, compota e lascas de presunto que o próprio tio de Luzia preparou e dispôs com um cuidado que não correspondia à imagem que Daniel tinha dele. O homem sabia receber quando queria.

– Soube que prenderam um dos amigos dela. Foi ele quem a matou?

Daniel esquivou-se.

– O caso não está connosco, a Judiciária da Guarda é que está a tratar disso. Como disse, vim à serra da Estrela em passeio, acredite que o caso aumentou a minha curiosidade sobre a região.

Não era a mais pura das verdades, mas Daniel não mentia. A curiosidade sobre aquela parte de Portugal aumentara muito desde que ali fora no primeiro dia de setembro.

– Compreendo e aceito que não possa falar. O meu pai há de saber de tudo, porque tudo lhe chega. Tem por hábito passear no local onde acontecem os seus casos?

– Os investigadores criminais são pessoas e também fazem turismo nas suas folgas. Mas não escondo que sentir os ambientes é importante.

– A seu ver, houve crime?

Uma pergunta direta. João Carlos queria estabelecer onde se situava Daniel, que o percebeu. Não valia a pena estar a evitar o tema.

– Não sei. Mas há coisas que não sabemos e precisamos de descobrir. E a sua sobrinha, como qualquer um, merece que não se desista que se tente saber como partiu. Antecipando as suas próximas dez perguntas, quando a mente humana desata a acreditar nas coisas é complicado parar. Tudo é possível, mas convém manter distanciamento para que não haja mais inocentes prejudicados.

Daniel foi ambíguo, mas João Carlos não insistiu. O fumo do seu cigarro extinguiu-se pelo ar e bebeu mais vinho. Muito ao longe, um som que poderia ser de um rebanho misturou-se com os safanões que o vento mais forte dava no arvoredo.

– Todos merecemos que não desistam de nós. Uma das coisas mais interessantes da vida é constatar que somos construções feitas pelos outros. Sabia que um humano abandonado, em criança muito pequena, numa ilha deserta, e que conseguisse sobreviver, não desenvolveria um sentido próprio e particular, aquilo a que chamamos identidade, consciência? Por mais que nos tenhamos em boa conta, somos um produto daqueles que nos amam e dos que nos detestam, até do taxista que nos levou daqui para ali. Antes que me esqueça, inspetor, agradeço-lhe o que está a fazer por Luzia, porque lhe está a preservar a identidade.

João Carlos falava como um sábio desiludido, exibindo uma lucidez cativante na tristeza.

– A memória da minha infância é uma memória de solidão. Você é um tipo esperto, já o terá percebido. É duro para um miúdo encontrar a mãe morta a boiar num tanque. Ainda agora, viro-me para ali e é como se a visse, por mais remodelações que tenha havido entretanto.

Era bem verdade, a morte era inesquecível.

– O que recorda desse dia?

– Pouca coisa que lhe possa assegurar ser verdade.

– Como assim?

– Os traumas são apenas nostalgias com tempero. O que aprendi sobre a memória e de como a construímos infetou de vez o que me lembro do dia. Não sei se imaginei os acontecimentos, se os vivi, se mos contaram ou reportaram. Lembro-me de que teria uns seis

anos quando a minha mãe morreu. Recordo indeterminadamente que na véspera me puseram de castigo porque parti uma travessa ou um prato e que eu, como retaliação, fiquei acordado por birra, à espera que todos estivessem a dormir, e virei todas as molduras e todos os quadros que conseguí de pernas para o ar. Pequenas patifarias de criança.

Daniel ficou incrédulo com a revelação.

– Não sei se sabe, mas, no dia em que Luzia foi encontrada, os quadros e as molduras nesta casa onde estamos foram encontrados de pernas para o ar, tal como há quarenta anos.

O inspetor Vilar arriscou e confidenciou aquele facto pouco conhecido com o tio de Luzia para poder ver que reação teria, mas João Carlos não abriu a boca. Dois afogamentos, duas vezes os quadros da casa ao contrário.

**Casa dos Castro Pinto, Vale do Forno,
Parque Natural da Serra da Estrela,
sábado, 9 de setembro de 2017, 15h50**

– Uma vez na Suíça, assisti a uma conferência em que um psicólogo perguntava à audiência se preferia gelado de chocolate ou de baunilha. A seguir questionava como é que o decidiram e fez-se silêncio na sala. Está a perceber-me, inspetor? O tipo apenas perguntava ao auditório como é que haviam decidido se preferiam chocolate ou baunilha.

A curta visita à casa dos Castro Pinto estendeu-se por aquela tarde de sábado de setembro. As deambulações de João Carlos eram infundáveis.

– Ora, segundo ele, ninguém pode dar uma resposta sobre o motivo dessa decisão particular, porque não temos acesso no nosso cérebro a essa informação. Não conseguimos estar de fora e olhar cá para dentro. Engraçado, não acha?

O tio de Luzia bebia e fumava sem parar.

– Os antigos acreditavam numa coisa chamada *elã vital*. Se bem me lembro, chamavam-se de vitalistas. Defendiam que nós, além de sermos carne e osso, teríamos um espírito, uma alma, o que seja, algo que nos distingue daqueles que não estão vivos. E sabe o que é estar vivo?

– Diga lá.

– É estar sempre alerta e em busca de padrões, repetências, explicações para o que acontece. E é manter com todas as forças toda a espécie de certezas, cismas, convicções, opiniões. Se sempre preferimos chocolate à baunilha, não vamos mudar de ideias aos trinta anos. Nesse sentido, as coincidências e os acasos perturbam-nos. Como as mudanças. Queremos um mundo coerente, precisamos de sentir que controlamos as coisas. Viver é ter explicações, é ser investigador do que nos escapa ao entendimento, para que percebamos como voltar a equilibrar a nossa existência. Porque é que a mulher nos deixou, porque é que o chefe não gosta de nós, porque é que cheira a frango assado. Da vida, queremos explicações e pouco mais.

O inspetor tinha o interior da boca áspero e sentia-se enjoado pelo fumo. Temia enrodilhar-se de novo nas conversas daquela família e optou por cortar as filosofias inconsequentes.

– Contou alguma vez a história dos quadros à sua sobrinha?

Daniel não conhecia o homem o suficiente para destrinçar se dizia balelas, se lhe dava credos ou se o queria provocar. Ou tudo junto, mas precisava de saber aquela informação.

– Insisto porque, no dia em que ela morreu, alguém colocou os quadros e as molduras da casa ao contrário. Chegou a falar dessa sua travessura de há quarenta anos com Luzia?

– A Luz teve um sarilho no fígado, nunca percebi bem qual, não sou médico. Sobreviveu, mas veio de lá outra, ficou fixada na ideia de fim, de morte. A sua transformação teve um impacto forte na família, obrigou o meu pai a recuperar isto e ela passou a celebrar a avó que nunca conheceu.

João Carlos Pinto estava quebrado pela bebida e Daniel suspeitou que não era direto porque pensava no que haveria de dizer.

– Respondendo diretamente à sua questão, não me recordo se lhe contei. Posso ter contado, posso não ter dito nada, não é um assunto no qual esteja sempre a pensar.

Mais poesia, mais confusão, mais frases intrigantes. Resolver um caso era motivado pelo respeito às vítimas e pela busca da justiça que a comunidade exigia e merecia, mas, por mais que os investigadores não o admitissem, também havia que contar com a vaidade intelectual, e os quadros ao contrário no dia da morte de Luzia davam com Daniel em doido.

Lembrou-se no momento do que ficara a saber na véspera e da esQUIVA do banqueiro.

– A sua mãe morreu aqui, há quarenta anos e uma semana. Ao que sabemos, ela tinha uma irmã gémea. Por curiosidade, a sua tia morreu quando?

– Quem lhe disse que ela morreu, inspetor?

– Ontem perguntei ao seu pai por ela e ele afirmou que ela desaparecera há muito.

– E você presumiu que a minha tia tinha morrido.

– E não morreu?

– Não. Não a vemos há quarenta anos, mas a tia Maria da Paz está tão viva como nós os dois.

Daniel voltou a amaldiçoar-se. Fora displicente com Elísio ou este é que o induzira em erro de propósito?

**Casa dos Castro Pinto, Vale do Forno,
Parque Natural da Serra da Estrela,
sábado, 9 de setembro de 2017, 16h50**

A história que João Carlos contava era extraordinária.

– Só semanas depois de ter perdido a minha mãe é que me apercebi de que não via a minha tia Maria da Paz desde o dia em que tudo aconteceu. Anos depois, soube que nesse próprio dia ela meteu os seus pertences numa mala e entrou direta numa ordem religiosa ao pé de Coimbra, onde ainda permanece, sem receber visitas, ao que sei.

A irmã atira-se a um tanque e a gémea foge para um convento. A revelação apanhara Daniel em cheio. As vidas e os seus acontecimentos não costumam ter esta carga, tudo é muito mais simples e básico. Ou não?

– Sabe os fundamentos dessa decisão? Porventura, a sua tia demonstrava vocação religiosa?

– Não faço ideia. Cheguei a confrontar o meu pai e ele só me disse que a vontade alheia é muitas vezes tão incompreensível como determinada. Revelou-me que tentara visitar a minha tia e que nunca conseguira ser recebido.

Foi então que João Carlos disse uma coisa extraordinária.

– Só há pouco tempo, talvez pouco mais do que um par de anos, é que a Luz soube que ela existia, o que significa que não havia fotografias da minha mãe e da minha tia, as duas juntas, em lado nenhum. Não parece uma coisa levada da breca, inspetor?

*

A tarde quente prosseguia na serra e a conversa entre aqueles homens percorria temas e assuntos dispersos, que fizeram Daniel lembrar-se de que, com exceção de Mateus, não falava de coisas variadas com os outros. O silêncio ia sendo atalhado pelo zoar das moscas preguiçosas que sobrevoavam os copos e a comida e Daniel procurava detalhes na paisagem para se distrair.

Pelo canto do olho, notou uma teia de aranha a brilhar como prata num buraco na loja adjacente, onde a sombra sugava a luz. Depois de João Carlos ter contado que Luzia descobriu a tia um dia quando vasculhava memórias da avó por quem ficara obcecada depois do transplante e de ter falado de religião, filosofia, tradições, costumes e do que mais se lembrou, Daniel deixara-o a dormir, cozendo a bebedeira. Lembrara-se de fazer uma coisa. Num pequeno caderno que trouxera do carro, o inspetor Vilar escreveu as primeiras palavras-chave:

Piscina, amigos, férias, afogamento, homicídio, suicídio, drogas, depressão, solidão, tristeza, avó, quadros, molduras, quarenta anos, avô, tio, mãe, pai, tia, família, coincidências.

Leu com cuidado, soletrando as palavras, fazendo por mexer os lábios, abrindo as vogais, carregando as consoantes. De seguida, acrescentou:

Serra, setembro, água, Lauro, medicamentos, telefone, computador, gémeas, empregada, Adelaide, Macau, Maria da Paz e Maria da Graça, convento.

Arrancou a folha e dobrou-a em quatro, colocando-a no bolso traseiro das calças. O método era muito dele, acontecia muitas vezes colocar palavras por instinto, sem grande racionalismo. Aprendera há muito a confiar no lado adormecido do cérebro. Esperava que através da fixação e da repetição de palavras conseguisse fazer nascer algum sentido. Mal guardou a folha, o telefone vibrou, sobressaltando-o. Era uma mensagem de Sara Correia que dizia simplesmente:

«Nuno Semedo está morto.»

Capítulo XVII

**Aldeia histórica da Sortelha, a meio caminho entre
a serra da Estrela e a Reserva Natural da Serra da Malcata,
sábado, 9 de setembro de 2017, 19h20**

Não era tarde, mas também não era cedo, e mais valia ir jantar, concluiu Juvenal, mirando a sua Beira do alto da Sortelha. Juvenal acabara de saber que Semedo estava morto, assassinado na cadeia por outro prisioneiro, restando saber quem e porquê. Se fora ele a matar Luzia, a responsabilidade criminal extinguiu-se. Mas fora mesmo ele a matar a jovem, pior, alguém a matara sequer? Essa era a questão, pois era. *Que lindo serviço*, pensou, enquanto constataba que as surpresas em redor da morte da miúda não terminavam. Tudo aquilo dava mau nome à região, o que irritava o inspetor.

Como tantos outros colegas, Juvenal Caramelo mantinha uma relação dúplice com o instinto. Por um lado, confiava nas primeiras intuições, só que, por outro, sabia que era indispensável manter o pensamento lúcido e o processo ágil e que, portanto, a conversa do instinto podia ser treta. Dependia, como quase tudo dependia. Nas suas fases de dúvida e indecisão, lembrava-se sempre do conselho de um velho professor do liceu. Digam sempre depende a qualquer pergunta que vos façam. Ganham tempo e passam por inteligentes.

À mesa do restaurante, onde era o único cliente, passou as notas da conversa dessa tarde para um bloco.

Marta Moreira era uma mulher de pouco mais de quarenta anos, que se intitulava psicóloga e terapeuta de *reiki* e geria há três anos o Centro Espiritual da Pena. Além disso, era companheira, para usar as suas palavras, de Jaime Vilhena, pai de Luzia, ex-marido de Rita Castro Pinto, filha do banqueiro. Era madrastra de Luzia, mas sempre a considerou como uma filha, uma vez que ela própria não tinha filhos.

Ao que Marta esclarecera na informalidade daquele testemunho inesperado, Luzia era uma jovem mulher com saúde mental frágil ou instável, como corrigiu depois. Juvenal sublinhou *instável* no seu bloco, com dois traços firmes. Pelos vistos, a vítima era acometida por mal-estares e estados depressivos, que entremeavam com períodos eufóricos e de normalidade. Marta sabia que a família de Luzia tentara tudo para que esta pudesse ter uma vida o mais confortável e saudável possível, que era muito mimada e amada por todos.

Explicara ainda que a enteada e Maria Ana Brandão apareceram de surpresa no CEP em abril, durante as férias da Páscoa, de mochila às costas e disposição para experimentarem uma

das experiências. As duas acabaram por passar uma noite ao relento num dos percursos, evidentemente industriadas para os poucos riscos que poderiam correr, com cantos cheios, vários alimentos e recomendações variadas. Tudo foi feito sem tensão, com naturalidade, e não ocorreu a Marta dizer a ninguém, exceto ao pai de Luzia, até porque acabaram por assaltar o cacifo onde Luzia deixara o computador e o telefone. Afinal de contas, as duas eram maiores de idade e o CEP privilegia a privacidade dos utentes.

Como era da praxe, as duas levaram o identificador com GPS com botão de salvamento para pressionar, caso se vissem em apuros. Naquela altura do ano, nem o frio nem o calor eram ameaças, pelo que, passada a surpresa, Marta Moreira não viu qualquer problema em que a enteada fizesse uma versão reduzida do rito de passagem com uma amiga. Pelo contrário, só a poderia ajudar, afirmou. As duas estiveram sempre bem-dispostas, antes, durante e depois da experiência. Se viesse a ser necessário, teriam sempre de confirmar o relato, mas Marta Moreira parecia falar verdade.

Ali à mesa, também adveio a Juvenal que podia haver relações subterrâneas naquela família a afetar Luzia, mas a possibilidade pareceu demasiado remota. Talvez Luzia fosse simplesmente meio neurótica, o que era possível, se bem que Juvenal preferisse o diagnóstico *macaquinhos e sótão*. Ele sabia que do nada muitas vezes agia-se sob instruções daqueles macaquinhos e Juvenal adorava usar a expressão.

Olhando em redor para os clientes que, entretanto, entravam, o inspetor bebeu um pouco de vinho e deixou que aquelas informações e deduções encontrassem um sítio para ficarem na sua memória. Relembrou a morte de Nuno Semedo, esfaqueado na cadeia. Um leve sentimento de culpa por ter pressionado a detenção do traficante tentou invadir a sua mente sem êxito. Fizera o seu trabalho.

A caminho do carro, voltou a concluir que o que mais custava na profissão de polícia era esperar. Não se lhe afigurava que houvesse muito mais para fazer. Ou talvez houvesse, como concluiu já em casa, depois de uma viagem de pouco menos de duas horas, mas mais cansativa do que antecipara, pelas estradas obscurecidas da serra, quando tomou uma decisão sentado na sua cadeira favorita.

Torres do Restelo, Lisboa,

sábado, 9 de setembro de 2017, 21h50

Logo que soube da morte de Nuno Semedo, Daniel inventou um compromisso, despediu-se apressadamente de João Carlos Pinto e deixou Vale do Forno. Preferiu regressar a casa, onde, moído pela viagem e acusando o vinho bebido a meio da tarde, fazia um esforço para não adormecer no sofá.

Nuno Semedo fora assassinado com vários golpes de qualquer coisa cortante na barriga na sequência de uma rixa, longe dos guardas, sem que se soubesse quem eram os culpados. A investigação decorria, o que em linguagem de polícias significava que quem estivesse com o caso não fazia ainda ideia concreta do que sucedera na cadeia naquela tarde, e por isso as diligências continuavam.

Se perguntassem a dez pessoas à sorte na rua, nove diriam que estaria ligado com o caso de

Luzia, pensou Daniel. Teriam razão ou a décima pessoa é que estaria certa?

Na viagem de Vale do Forno, Daniel telefonara a Júlio Serra, que pouco adiantara, embora promettesse ir saber mais acerca do interrogatório que Caramelo fizera a Semedo. O inspetor coordenador da UCE teve de se contorcer, mas telefonou a Mendonça, ilustre superior hierárquico, o que acabou por ser útil. Segundo um estranhamente cooperante diretor da Judiciária, Semedo negara ter feito mal a Luzia na casa do avô na aldeia serrana, durante o interrogatório que Juvenal fizera horas antes da sua morte, tendo negado ainda que lhe fornecia coisas proibidas por lei.

No balcão da sua cozinha, Daniel descascou duas pequenas maçãs amarelas que comprara em Celorico. Comeu-as depois de ter atacado o pão de centeio com queijo da serra e uma pequena colher de mel da região. Viu as couves, as cenouras e o feijão-verde e pensou na bela sopa que faria no dia seguinte, apesar de não ter substituído a varinha mágica, que, descobrira, Cristina levava na sequência do divórcio. Teria de usar a faca e fazer uma juliana.

Na sala, refastelou-se, esperando aterrar, mas precisou de se levantar para fechar a janela. O ar fresco podia ser bem-vindo, mas perdia em benefício para o rolar persistente dos carros na avenida. Vilar preferia estar com calor do que levar com o ruído, que o endoidecia.

No sofá, o telefone vibrou. Seria Ivone com notícias de Mateus? Daniel pegou no aparelho e percebeu que era uma mensagem de Juvenal Caramelo, perguntando-lhe se podiam falar. Daniel não respondeu. O agastamento com o inspetor da Guarda não passara. Adormeceu no sofá em menos de nada a pensar que deixara uma garrafa de Dão no carro. Momentos depois, acordou sobressaltado com a vibração teimosa do seu telefone.

**A23, a poucos quilómetros da saída para o Fundão,
domingo, 10 de setembro de 2017, 8h20**

A A23 ia anunciando o país do interior a cada placa. Abrantes, Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Guarda. Nem sob juramento, Daniel conseguiria dizer quais daquelas cidades conhecia, depois de constatar que, com a idade, a reminiscência ia ficando pior. Ou então desenvolvia demência precoce: quase tudo o que vira, vivera ou experimentara flutuava agora sem ligações e as coisas novas não pareciam aderir da mesma maneira. Felizmente, o problema não se estendia às coisas do trabalho e da profissão. Queria acreditar nisso.

Ali ao volante, ainda ligeiramente estremunhado, pensava em Mateus. Assumia que a ausência de novidades fosse positiva. Há muitas horas que não se dava ao trabalho de contactar o hospital ou a médica. Enquanto ponderava, surpreendeu-se por verificar que o rosto de Ivone lhe surgia na consciência, sorridente e tímido.

Na rádio, os anúncios teimosos a lembrar o regresso às aulas entristeciam-no, como acontecia nos últimos anos. Desde que Zé Maria morrera que tudo o que tivesse a ver com recreios, escolas e estudantes o oprimia, confirmando-lhe que a crueza objetiva da vida era invencível. Na rota desde Lisboa, as nuvens vigiavam e escoltavam o carro à medida que se aproximava do encontro com Juvenal Caramelo. Com Semedo morto, os dois inspetores haviam concertado juntar esforços para desfazer de vez o mistério da morte de Luzia. Daniel ia céptico, mas tinha de ir, não havia remédio.

Uma chuva de baga grossa deu-lhe as boas-vindas na parte final do percurso, recordando, a quem quisesse estar atento, que é em setembro que se entra no outono, por mais que se prolongasse o estio.

**Café do Hélder, zona comercial do Fundão,
domingo, 10 de setembro de 2017, 10h20**

Estavam no segundo café e Juvenal não se calava. Vilar supunha que o congénere falava pelos cotovelos por solidão e suspeitava que este vivesse sozinho. Agora, Caramelo contava-lhe do Centro Espiritual da Pena e voltava às conversas por mensagem entre Semedo e Luzia. Daniel Vilar ainda não lhe revelara que os quadros ao contrário de há quarenta anos foram uma partida de João Carlos, nem que a tia-avó desaparecida estava num convento perto de Coimbra. Não que quisesse guardar as informações, mas Juvenal dava outra aula de História e não dava mostras de querer ser interrompido.

Onde Vilar era reservado, observador e calado, Caramelo era vivaço, falador e disperso. A necessidade de vincar méritos e proezas da região tinha uma dimensão tão louvável quanto repetitiva.

– Durante o Estado Novo, ali nos finais da década de 1950, as pessoas acordavam de manhã e, do nada, havia uns que tinham desaparecido. A essa fuga chamavam-lhe *dar o salto*, rumo a França, e essa emigração clandestina para fugir à miséria marca hoje o nosso país. E nós fizemos o quê? Durante décadas, gozámos com eles, com o seu sotaque, os seus carros e as casas que cá construíram. Não sei se sabe, mas fugiam de cá sem passaportes nem vistos, sem contratos de trabalho, muitas vezes sem amigos à espera, sem saber sequer dizer *oui* ou *non*.

Daniel conhecia bem a realidade dos emigrantes de outros países em Lisboa, que chegavam à capital sem nada. Quando estudava, fora voluntário nas ruas e vira o que ninguém deveria viver.

– Eram viagens aterradoras. Mais do que emigrantes, estes nossos compatriotas eram autênticos aventureiros que merecem a nossa homenagem. São dimensões do humano que os lisboetas não entendem, nem que um tipo pegue numa navalha e lho escreva na testa.

A animosidade de Juvenal Caramelo para com Lisboa não admirou Daniel, que engoliu tudo sem um comentário. Ainda assim, o inspetor Vilar não evitou pensar até que ponto o inspetor Caramelo se iria esforçar no deslindar das circunstâncias da morte de Luzia Vilhena, porque, afinal de contas, a vítima era uma alfacinha. No imediato, outra preocupação persistia: o homem não se calava.

– Estamos os dois de folga, de acordo, Vilar?

– De acordo.

Era verdade. Haviam acordado que eram dois inspetores da Judiciária numa pequena diligência particular, bem abaixo do radar das coisas oficiais. Dois cidadãos com curiosidade a passear.

– Aquilo que senti ontem na Sortelha não me cheirou completamente bem.

Juvenal voltou a falar da conversa com Marta Moreira, a madrastra de Luzia.

– As duas deviam estar passadas.

- Passadas?
- Sim, deviam ter cheirado, fumado ou bebido o que não deviam. Via-se que a mulher não queria entregar a enteada, mas a tipa não é tão boa atriz como julga.
- Fale-me outra vez das mensagens no telefone.
- O telefone de Luzia que apareceu nos bombeiros deve ser relativamente recente. Digo isto não só porque o aparelho parece novo, como pelo facto de não ter muita coisa. Imagino que uma mulher daquela idade e bonita fosse muito popular e fotografasse tudo o que mexia. Bate certo. Roubaram-lhe o telefone lá no centro das terapias e este que recuperámos é o novo.
- Havia mensagens para Nuno Semedo, não havia?
- Afirmativo. Eram mensagens curtas e incomuns.
- Dele ou dela?
- Dele. O tipo perguntava se ela queria rebuçados, gomas, chupa-chupas.
- E ela?
- Respostas curtas do tipo «OK» ou «pode ser».
- Pois. Já me tinha dito.

Daniel ficou a pensar. Quanto mais coisas ouvia acerca de Luzia, mais esta lhe parecia uma estranha. Aquilo era código para drogas com toda a probabilidade, mas havia qualquer coisa que não batia certo. Costumava ser ao contrário, a regra era ir conhecendo os seus mortos cada vez melhor.

- Havia mensagens para Maria Ana?
- Inúmeras. Parvoíces de miúdas, cabelos, pestanas, roupas, combinações para jantar e mais não sei quê. Para outros amigos e família também havia comunicações, nada de suspeito ou transcendental e sem qualquer ligação ao afogamento.

Assim fazia mais sentido, pensou Daniel. Teria de ler as mensagens por si próprio, mas não ia ser no imediato. Estava longe de casa, precisavam de se despachar.

- O melhor é ir andando, ainda queria dormir em Lisboa hoje.

Meia hora depois, Juvenal e Daniel iam a caminho do Centro Espiritual da Pena no carro do inspetor da Guarda. Daniel enviou uma mensagem a Sara, que não lhe respondeu. Enviou outra a Ivone Ferro, que também ficou por responder.

Juvenal falava continuamente enquanto conduzia, ocupando o espaço entre os dois.

- Se um dia tiver árvores de fruto ao seu cuidado, comece sempre por colher primeiro o fruto que estiver na ponta do ramo e depois vá apanhando os outros na direção do tronco. Faça sempre assim, Vilar, e verá que não cai nada ao chão. Nas investigações é igual. Nunca esquecer os testemunhos mais longínquos.

Daniel mudou de assunto. Botânica não era o seu forte nem iria ser.

- Entretanto, descobri a explicação para os quadros ao contrário. O tio de Luzia meteu-os ao contrário por brincadeira parva no dia em que a avó morreu. Uso as suas palavras.

Juvenal não tirou os olhos do volante. Fez uma pausa e o inspetor de Lisboa sabia que Caramelo interiorizava a nova informação, refazendo ligações e conjeturas. Era assim que se resolviam os casos.

- E foi imitado quarenta anos depois.

– Pois, parece que sim. Há mais. A avó de Luzia tinha uma irmã gémea que afinal não morreu e está num convento perto de Coimbra.

– Reclusa?

– Pois, parece que sim. Não foi ao enterro da sobrinha-neta, isso já confirmámos.

– Se calhar não se dá com a família.

– Se calhar é isso.

Os dois ficaram calados e quietos até que Juvenal não aguentou mais.

– Vilar, sabe o que é escrita criativa? Eu vou-lhe dizer. Um dia fiz um desses cursos da Internet, que a malta aqui do interior tem menos *stress* do que vocês na cidade. Parece que os personagens precisam de ter motivações. Pena não ser sempre assim na vida real. Por causa da nossa profissão, sabemos bem que muita gente vai aos cornos dos outros sem ideia nenhuma do que está a fazer. Até pode ter uma motivação colateral, mas está tão enterrada naquela alminha que é preciso uma escavadora para a tirar lá de dentro. Pode ser vingar-se da vida porque a irmã lhe roubou um chocolate há trinta anos e depois quem leva com as consequências é um bêbado numa taberna qualquer. Isto é para eu o enquadrar, para que mantenhamos presente que Luzia pode ter sido morta por razão nenhuma. Voltando ao nosso assunto, acha que há relação entre os quadros de há quarenta anos e os de agora? É capaz de haver, digo eu.

Saber se Luzia fora sequer morta por alguém seria a primeira coisa a esclarecer, respondeu Daniel, que não negou que poderia haver relação entre os quadros com quarenta anos de intervalo.

Andaram em volta daquelas especulações sem chegarem a nenhuma conclusão. Os dois tinham consciência de que estavam muito longe de chegar a uma resposta para as questões que se ia colocando naquele caso.

O inspetor Vilar andava há dias a tentar descortinar o que o agitava quando estava com Juvenal e por fim percebeu que este lhe lembrava um colega do primeiro ano do curso. Um tipo aloirado, com ar de turista, que meteu conversa com ele no primeiro dia de aulas do primeiro ano, como velhos conhecidos. Um colega que, a seguir ao Natal, nunca mais apareceu e de quem Daniel nem sequer se recordava do nome. Para onde teria ido, o que lhe teria acontecido?

Daniel não tinha a garantia de que pudesse confiar completamente no seu semelhante serrano. Caramelo dava ares de ter decorado um papel, que debitava quando se encontravam, com as suas tiradas culturais e etnográficas e agora a macaqueação intelectual da escrita criativa. Misturava assuntos de torto e de direito, como se pensasse em voz alta, alheio a quem estivesse ao seu lado. Para desligar do que Juvenal ia dizendo, Daniel pensou que devia levar mais um queijo da serra com ele para Lisboa. E marmelada. Talvez pudesse convidar Ivone para ir a sua casa.

A perspetiva alegrou-o e começou a pensar no que podia cozinhar para a médica, quando Juvenal lhe interrompeu o raciocínio.

– Terá reparado que sou tudo menos português. De aspeto, quero dizer. Sabe porquê?

Daniel notara que Juvenal parecia nórdico, mas havia portugueses loiros com olhos azuis, não era completamente incomum.

– Não.

– Uma das possibilidades é haver aqui sangue de um soldado que veio com os franceses nas invasões do século XIX. A entrar pelo nosso país, as tropas pilhavam e violavam só porque sim, quem sabe se não sou tetraneto de algum tipo da Alsácia que veio tomar Lisboa e deixou descendência pelo caminho.

Uma curva mais apertada feita a grande velocidade assustou Daniel, que estava ansioso por chegar ao destino. Não ia perorar sobre as Invasões Francesas.

- Nós os dois sabemos que há casos, crimes e homicídios que nunca têm solução.
- Ter têm. A polícia pode é não descobrir qual é. Os homicídios não se cometem sozinhos.
- Errado. Vá por mim, Vilar, há mortes que nunca chegam a ter solução. Sabe porquê?

Porque não têm sequer explicação, acontecem simplesmente. Aposte nisso. Não dão para sessões de escrita criativa, mas existem.

Capítulo XVIII

**Centro Espiritual da Pena,
arredores da aldeia histórica da Sortelha,
domingo, 10 de setembro de 2017, 12h20**

Jaime Vilhena seria um homem fraco e prepotente. Ali, junto da mulher, ignorava-a. Pela linguagem corporal, tornava-se claro que queria mostrar que era ele quem mandava no Centro Espiritual da Pena, e quaisquer questões a respeito do que fosse seriam com ele.

O típico figurão dos negócios inovadores, atreveu-se a pensar Daniel, que era hostil a tudo o que se promovesse como terapias alternativas, medicinais naturais e outras imposturas, que via como aproveitamento de vulnerabilidades. Vilar também não gostava dos homens que subjugavam as mulheres.

– Obrigado por nos receber a um domingo.

Daniel iniciou a conversa pelos agradecimentos porque queria um clima amistoso. Era sempre melhor começar as operações sem pressões inúteis a atrapalhar.

A verdade é que a presença do pai de Luzia era inesperada. A mulher devia ter-lhe contado o encontro anterior e Jaime deve ter vindo logo que pôde. A polícia punha toda a gente nervosa em todo o lado e o controlador doutor Vilhena haveria de querer estar aos comandos, na primeira fila, não fosse o destino entrar-lhe porta adentro. Era claro para os quatro que estavam ali por causa de Luzia e do seu passeio meses antes.

Daniel decidiu começar a conversa, usando uma informação que o colega partilhara, criando a impressão de que andavam na pista do roubo.

– Soubemos que houve um assalto quando a Luzia cá esteve há uns meses. Têm ideia do que foi roubado?

Jaime respondeu de imediato.

– O computador e o telefone de Luzia. E o telefone da amiga.

– O que aconteceu ao certo?

Marta Moreira explicou que havia uma zona de cacifos, onde os utentes que se sujeitavam às experiências deixavam as ligações ao mundo, como telefones ou computadores e outros valores, admitindo logo que a segurança era mínima porque a região era sossegada e pacífica e nunca lhes ocorreu serem assaltados. Fez questão de sublinhar que havia agora câmaras e um alarme ligado a uma empresa. Reportaram à GNR, mas permanecia um caso por resolver. No fim, a mulher parecia aliviada por ter acrescentado qualquer coisa útil.

A pequena troca de impressões sobre o incidente quebrou o gelo. Vilhena era outro, mais confiante. Explicou que ele e a mulher montaram aquele centro no interior do país com uns investidores porque acreditavam que podia ser um bom negócio. Havia milhares que acorriam a este tipo de terapias por todo o mundo, e a relativa proximidade a Espanha e à cidade universitária de Salamanca fora tida em conta.

Pois havia, pensou Daniel. Como a sua ex-mulher, por exemplo.

– Trata-se de uma moda, então?

– Não vou negar que vimos aqui uma oportunidade. Há toda uma nova corrente ligada ao autoconhecimento e a um determinado tipo de intervenções. As serras, com tantas partes silvestres, são um local ideal para nos reencontrarmos com a nossa essência, tocar no que temos de mais primitivo. Não escondo que o ângulo turístico também é relevante. Comprámos esta propriedade para a rentabilizar e contribuir para o dinamismo da região.

O inspetor Caramelo falava com Jaime Vilhena sobre o negócio das terapias da natureza com evidente ironia.

Daniel lembrou-se de uma coisa que Todor lhe dissera sobre a autópsia de Luzia e interrompeu a conversa.

– Usam cogumelos mágicos com os vossos clientes?

A pergunta surpreendeu Marta Moreira, que só conseguiu dizer:

– Nós dizemos convidados ou utentes, não clientes.

Antes que pudesse acrescentar mais, Jaime interrompeu-a.

– Não usamos. E tanto quanto a Marta me confidenciou, ela teve oportunidade de dizer isso mesmo ao inspetor Caramelo.

– Não embarcam em correntes psicadélicas ou em viagens cósmicas? Pensei que fosse uma dimensão indispensável nestas ofertas terapêuticas.

Daniel fez de conta que Jaime Vilhena não dissera nada e fez a pergunta reforçada com o sinal das aspas com os dedos. Lembrara-se do que Ivone lhe dissera no restaurante.

– Não. Seria impossível fazê-lo aqui, por ser ilegal e por motivos reputacionais. É curioso que pergunte, porque eu já experimentei psicadélicos. Aliás, foi daí que me veio a ideia deste centro.

– Isso não é exatamente legal, como aliás afirmou.

Juvenal não ia desperdiçar a oportunidade de intimidar o homem, mas este ripostou sem hesitar. Jaime Vilhena estava a gostar de meter os inspetores na ordem e confessara o uso de cogumelos com orgulho.

– Foi nos Estados Unidos, pelo Novo México, creio que é fora da vossa jurisdição. A ciência mais tradicional não se interessa pelos estados mentais alterados nem pela consciência aumentada, porque não tem ferramentas para a compreender. Tem medo das substâncias psicadélicas. As experiências que fiz, porque quis e em ambiente controlado, estão entre as mais extraordinárias que vivi.

Daniel insistiu.

– O que são substâncias psicadélicas?

– Não sou médico ou sequer cientista, mas tentarei responder. São substâncias psicoativas que atuam no nosso cérebro de um modo muito específico. Os seus efeitos não são totalmente conhecidos, mas são complexos e poderosos. Ou podem ser. Nos últimos anos tem havido uma maior compreensão e crença sobre o tipo de substâncias que se podem usar para o tratamento

de uma das maiores epidemias mundiais, a depressão.

– Fala do LSD, a droga dos *hippies*?

– E também da psilocibina, que encontramos em cogumelos, da mescalina e da *ayahuasca*. Ou, atualmente, do *ecstasy* e da quetamina, que são drogas mais modernas e muito perigosas, como é evidente. Há uns sessenta anos, nada disto era proibido; era usado terapêuticamente e legalmente, mas hoje as farmacêuticas não estão interessadas porque fazem bilhões com os antidepressivos e calmantes, mas acredito que lá chegaremos.

– Talvez, mas por ora continua ilegal. Sabe se a sua filha recorreu a esse tipo de experiências? Sabemos que ela era depressiva.

Jaime Vilhena mostrou-se ofendido com aquela observação.

– Que eu saiba não, mas não deixo de lhe dizer aqui, poucos dias após a sua morte, que se tenho um arrependimento é de não ter levado a Luz a locais onde poderia ser tratada com este tipo de substâncias. Trabalho muito, vivo entre Portugal e Madrid, e essa foi uma das coisas que ficaram por fazer.

– Recomenda isso a gente mais cinzenta, imagino? Malta que precise de ser sacudida.

Para exasperação de Daniel, Juvenal não resistiu a provocar Jaime Vilhena, cortando-lhe a conversa acerca da filha. Era por estas e por outras que Vilar detestava parceiros faladores.

– Aceito que me estenda a armadilha, mas não vou morder o isco. Sou um empresário, não prescrevo nada a ninguém. O que vos posso aconselhar é que se informem e documentem sobre o tema.

– O que pensa que causou a morte da sua filha?

– Que longo interrogatório, inspetores.

– Discutiu o tema da morte de Luzia com a sua ex-mulher ou com o seu antigo sogro, por exemplo?

– Porque haveria de o fazer?

– Estamos só a conversar. Não se dá com eles?

– Muito bem, estou convencido de que teve uma espécie de síncope que a fez morrer afogada na piscina.

– Não se matou?

Vilhena olhou fixamente para Daniel.

– A minha filha tinha um perfil depressivo, não adianta negar o que é sabido. Chame-lhe instinto de pai, sexto sentido, o que quiser, mas não acredito em suicídio. Acredito em acidente misturado com doença súbita, ou vice-versa.

As rugas marcadas indicavam um homem sofrido e determinado, ou pelo menos mal dormido, com os ombros tensos, denotando atenção e atitude guerreira. Até ali, fora menos o pai de uma filha que morrera e mais o homem de negócios a proteger o investimento, mas a menção a Elísio Pinto traía alguma da concentração e ilustrava que a morte de Luzia não era um tema pacífico na família.

Daniel interrogou-se se o agitado Juvenal partilharia a convicção, quando o telefone vibrou. Viu rapidamente a mensagem de Ivone, onde esta revelava não haver novidades acerca de Mateus.

– Queria apenas esclarecer e reiterar que não usamos nada à margem da lei. A visita de Luzia há uns meses nada tem que ver com a sua morte.

– O tipo nunca cá veio?

– Desculpe, que tipo?

– O Semedo, o professor de ténis que esteve com a sua filha e a amiga em Vale do Forno no princípio de setembro.

– Esse não está preso a mando do meu sogro?

Pelos vistos, Daniel não era o único a achar que fora o banqueiro a tramar Semedo.

– O senhor discorda da sua detenção?

– Inspetor, nada tenho a favor do homem, mas não estava ele a centenas de quilómetros da Serra da Estrela quando a minha filha morreu? E não, nunca cá esteve, que nós saibamos. A violência emocional que representa a morte de uma filha não precisa de mais ingredientes, muito menos de arranjar um culpado à pressão só para satisfazer vontades.

Podia ser, mas Jaime Vilhena parecia interessado que os investigadores se pusessem ao fresco, por muito que a morte da sua filha continuasse menos bem explicada. Não ia dizer a Jaime que Nuno Semedo fora assassinado na cadeia, pensou Daniel. Aparentemente alinhado, Juvenal também não abriu a boca.

Sentada na sombra do marido, com o olhar fixo no infinito, Marta virou a cabeça para os inspetores.

– Posso dizer uma coisa?

– As que quiser.

Juvenal respondeu antes que Jaime Vilhena pudesse reagir e calar a mulher.

– Fiquei com a ideia de que a amiga de Luzia estava muito apaixonada por ela.

Décima carta de Luzia

Caxias, 10 de maio de 2017

Querida avozinha,

Não lhe tenho escrito tanto como queria, ando ocupada e transtornada, peço desculpa pelo silêncio. Mas preciso do seu amparo. Não quero estar outra vez a contar-lhe as mesmas histórias, mas a tiazinha sabe que o que me sobra em alegria de viver falta-me em saúde, e muitas vezes me pergunto se não me falta em mais qualquer coisa, em ânimo, entusiasmo, vontade.

É como se houvesse duas Luzias, a minha amiga diz até que pode haver um fantasma qualquer que entra no meu corpo e me vira do avesso, já viu a parvoíce? Sei que as pessoas pensam que devo ter uma perturbação psicológica e, para lhe dizer a verdade, há muito que me cansei de as tentar convencer do contrário. Não sinto que seja isso, mas não sei. Sinto-me exausta e confusa, misturo tudo, por vezes sinto-me a enlouquecer.

Muitas vezes, quando não consigo dormir, imagino o que seria a vossa vida quando tinham a minha idade. Nós agora andamos por todo o lado e vocês não tinham essas facilidades, era tudo diferente. Se tivesse nascido há trinta ou quarenta anos, acho que estaria casada com um rancho de filhos, era dona de casa e fazia bolos todas as tardes. É muita parvoíce minha, não acha? Não diga nada, prefiro achar que a tia concorda comigo. Por outro lado, interrogo-me se não seria melhor assim, vidas aparentemente menos complicadas, com menos estímulos.

Seria eu mais feliz se tivesse vivido nessa altura? Penso que estar a escrever-lhe é como

escrever a alguém que vive noutra era. Não sei se a tia já ouviu falar daqueles que atiram uma garrafa à água com uma mensagem que só se vem a descobrir décadas depois. A sensação que tenho é igual.

Fora isso, por aqui tudo bem. E aí? Faz frio? Veem televisão? Fazem croché? Estou convencida, não sei porquê, de que as freiras fazem imenso croché.

Este ano estou ainda mais ansiosa por passar a primeira semana de setembro na serra. A minha amiga Susana diz que só me faz bem estar lá, perto das minhas origens, que há sempre algo das nossas raízes que passa para nós, e eu quero acreditar que sim, que ela tem razão.

A casa grande reconcilia-me com o que sou, é a melhor terapia possível e imaginária. Enquanto escrevo, e mesmo faltando algum tempo para ir até à serra, sinto o cheiro, as árvores, o calor seco, oiço os rebanhos, até enxoto as moscas. Quero ver se este ano convenço o tio a ir comigo, adoro o meu tio, aprendo e rio-me sempre imenso com as suas parvoíces. Não a aborreço mais, receba um beijo e reze por mim, por favor.

Luz

P. S. E a tiazinha, como anda?

Capítulo XIX

**Esplanada da praia de São Pedro do Estoril, São Pedro do Estoril,
domingo, 10 de setembro de 2017, 18h20**

Atravessar a ponte e chegar à Linha do Estoril não fora o pior, difícil foi conseguir arrumar o carro na praia num domingo de verão. Bem dentro de setembro, aquele vinha a ser um dos melhores dias de calor do ano e os lisboetas acorriam em força às praias da região.

Com a maré subida, a pequena praia de São Pedro apresentava-se completamente cheia e Sara Correia só conseguiu deixar o carro em cima de uma raia amarela pintada no cimento. Quando passou pelo fiscal de estacionamento, mostrou-lhe o crachá e apontou para o seu carro, prometendo-lhe que seria breve. Sara não conhecia a praia, perguntou pela esplanada a alguém que passava e que apontou para uma rampa, que a inspetora desceu com entusiasmo, tentando não chocar com um veraneante distraído que vinha na sua direção

Daniel telefonara-lhe a meio da tarde perguntando se ela se importaria de falar com Maria Ana Brandão, explicando-lhe o que descobrira, e Sara achou que o devia fazer no próprio domingo. A capacidade de persuasão era um dos fortes da engenheira e, depois de muito tentar, conseguiu que a amiga de Luzia aceitasse um encontro e atravessou o Tejo para ir a uma das praias da Linha do Estoril, uma zona que não conhecia e com a qual antipatizava. Estava cheia de meninos e meninas da linha, arrogantes, ricos e ociosos como cabaças como as que a avó tinha na cozinha.

✱

Sara e Maria Ana estavam há dez minutos a conversar. Sentadas numa pequena mesa, Maria Ana Brandão soluçava e respondia quase só com acenos de cabeça. A inspetora conseguira o mais importante, que a jovem admitisse estar apaixonada por Luzia, e agora Maria Ana procurava dar sentido àquela semana da Páscoa passada na Sortelha.

– Demos um grande passeio por Portugal quando ela veio de férias. Não aguentei mais e confessei-lhe o que sentia, abri o coração. Eu nem sequer sabia que gostava de mulheres, só o descobri por causa da Luzia. Apaixonei-me. Quando me abri, ela ficou a olhar para mim, falámos, conversámos, chorámos as duas, mas a Luzia disse-me que devíamos ficar só amigas, que não se sentia atraída por mim daquela maneira, mas queria ser minha amiga na mesma.

Nunca houve nada.

– E em Vale do Forno?

– Nada. Nunca mais voltámos ao tema. Passámos uns dias juntas no verão no meio de grupos de amigos e deu-se a hipótese de ir ter com ela à casa da serra da Estrela.

– A Luzia convidou-a?

Maria Ana bebeu mais um pouco de água. No chão, os pombos bicavam as migalhas que conseguiam nos intervalos entre mesas, enquanto miúdos barulhentos passavam, agitados. Homens e mulheres entravam e saíam da praia e talvez um em cada três exibia tatuagens de toda a espécie, notou Sara. Há dez anos, não seria assim, pensou, lembrando que nas praias da Margem Sul podia ser ainda pior.

– Não me convidou formalmente, entre nós não havia essas coisas, passávamos a vida nas casas uma da outra. Deve haver roupa minha nas casas dela em Caxias, na serra e na Comporta e roupa dela na minha casa do Estoril e na de Sesimbra. A Luz só perguntou quem queria ir.

Sara compreendia, Maria Ana agarrava-se a qualquer coisa. O que fosse a versão correta do que se passara, ardis amorosos não eram crime e as pessoas tinham todo o direito à sua intimidade e de tentar dormir com quem quisessem. Semedo teria percebido e aproveitado aquilo tudo, o que coincidia com o perfil de espertalhão que Sara conhecera dias antes, até porque poucos homens teriam dito não à possibilidade de dormir com duas mulheres jovens e atraentes. Agora estava morto e o mais certo era Maria Ana ainda não o saber.

– Fale-me mais um pouco de Luzia.

Sara disse aquilo como uma amiga que fala com outra e, na realidade, era assim que se sentia, como uma confidente. A simpatia por Maria Ana era em parte autêntica, ou pelo menos a tristeza do luto era.

– Somos amigas desde a infância, passámos muitas férias juntas desde muito novas, fizemos viagens, ficámos em casa uma da outra várias vezes. A Luz sempre foi radiosa, muito viva e esperta, sempre gira e magnética.

– Um dia descobriu que estava apaixonada por ela. Diria que era um sentimento que toda a gente conhecia?

Maria Ana respirou fundo.

– Sei lá.

Sara concentrou-se.

– Insisto, porque pode ser importante.

Maria Ana tirou os óculos escuros, limpou os olhos e respondeu que não confessara a sua paixão a ninguém. Sem se deter, desatou a falar largos minutos sobre Luzia, de como era injusto e incompreensível que estivesse morta.

– Naquele último dia da vida de Luzia, aconteceu alguma coisa de esquisito?

– Não, nada. De manhã fomos a Celorico porque a Lu disse que queria comprar coisas. Parámos nos correios para comprar selos para uma carta que estava a escrever, passámos no supermercado e fomos embora, almoçámos em casa, depois ficámos na piscina a conversar, a mergulhar, estava calor. Acho que foi isto.

– Como lhe pareceu a Luzia?

– Normal. Bem-disposta. De tarde dormitou, estava um pouco mais ausente, mas ela era mesmo assim, de repente parece que lhe faltava a energia, eu não disse nada, conhecia-a bem.

– Durante a estada, há alguma coisa de nota de que se recorde?

– Não. Nós estávamos quase sempre na piscina. Como disse, por vezes íamos espairar a Celorico, comprar guloseimas, cigarros, revistas, mas voltávamos depressa porque estava calor.

– Houve visitas, estiveram com alguém?

– Não. Havia uma empregada que está com a família há muitos anos e andava por lá um rapaz do campo que de vez em quando aparecia, de resto nada mais de que me recorde.

– Falemos um pouco de Nuno Semedo. Como é que o conheceu?

– Nem me lembro bem. Foi neste verão, acho que numa festa em casa da Lu, na Comporta.

– Diria que era alguém a quem se recorre quando se querem drogas?

Maria Ana ficou calada até que Sara insistiu.

– Confie em mim, não a vou importunar com a questão das drogas. Só queremos perceber o que se passou com Luzia.

As duas mulheres mexeram-se nas suas cadeiras em simultâneo.

Quando Maria Ana falou, soou quase agressiva.

– Sabe perfeitamente que nos grupos há sempre gente para tudo. Que eu saiba, o Nuno era professor de ténis, não era nenhum *dealer*. Era um homem igual a muitos, boa companhia.

Fazia umas massagens ótimas.

– Havia muitas drogas perto da piscina.

– Não sei nada disso.

– Também havia umas garrafas.

– Bebíamos quantidades normais, sobretudo eu e o Nuno. A Lu não bebia quase nada, só um pouco de vinho ao jantar. Ela nunca foi muito de beber.

Maria Ana soava sincera.

– Falando ainda de Semedo, correu tudo bem com ele na serra?

– Normal. Ele fazia-nos rir, passámos aquela semana bem divertidos, acho eu. É perguntar-lhe.

Ela não sabia que ele morrera e Sara decidiu nada dizer. Depois de várias insistências, conseguiu que a amiga de Luzia falasse das festas que havia ao fim da tarde na piscina da casa da família na Comporta, onde apareciam muitos amigos e conhecidos do grupo da praia.

Festas normais, sublinhou, só álcool, como vodca e cerveja e talvez um pouco de erva. Nuno Semedo começou a aparecer porque jogava ténis com outro amigo ou amiga. Maria Ana não sabia bem quem o conhecia.

Sara achou que Semedo fora bem aceite de imediato porque fornecia droga aos meninos da Comporta, o que não implicava que fosse um Prémio Nobel da traficância, bastava ter passado cinco minutos com ele para o topar.

A inspetora sabia que, em geral, as pessoas tinham muito menos critérios de avaliação dos outros do que pensavam. Certamente, se Sara fosse mais nova, rica e despreocupada, também beberia umas vodcas a mais ao pé de uma piscina qualquer com amigos bronzeados e atraentes. Usaria drogas? Talvez sim, talvez não.

– Ele foi para Vale do Forno convosco, mas saberá dizer-me como é que se proporcionou a disponibilidade?

– Não sei bem, foi uma daquelas coisas de que falámos todos na Comporta, mas acabámos por ir só os dois e a Luz.

Luzia ia por causa da avó, pensou Sara. Maria Ana por causa de Luzia. E Semedo?

– Luzia e Semedo envolveram-se?

Contemplando o mar, Maria Ana admitiu que talvez tivesse acontecido, mas que não sabia. Pela linguagem corporal durante a resposta, Sara apostaria que Maria Ana achava que Semedo e Luzia dormiram juntos.

O que acontecera, sabiam-no por causa da autópsia, pois havia vestígios de atividade sexual. Se Maria Ana gostava de mulheres, só sobrava Luzia como alvo para as atenções do professor de ténis. A inspetora optou por não questionar a lealdade para com a amiga e prosseguiu noutra direção.

– Havia muitos medicamentos nos pertences de Luzia. Que diz disso?

– Há anos que a Luz tomava remédios. Era uma autêntica farmácia. Tinha sempre comprimidos para isto e para aquilo, mas os medicamentos eram usados por questões de saúde e não com a intenção que está a insinuar.

– Não insinuo nada, apenas tentamos compreender o que lhe aconteceu. Sabe se o telefone dela era novo?

– Era capaz de ser. Ela foi assaltada e roubaram-lhe um telefone quando fizemos o passeio na Páscoa na Sortelha. A mim também me roubaram o meu.

Sara fez um ar perplexo, não se recordava daquilo, julgara que fora apenas o computador. Felizmente para ela não teve de se justificar porque Maria Ana prosseguiu.

– A Luz era desprendida nestas coisas e noutras, nem ligou ao telefone roubado, arranjou outro.

– E foi boa a estada na Sortelha?

Maria Ana pareceu surpreendida com a pergunta.

– Foi engraçado. Fomos lá ao centro da mulher do pai da Lu e fizemos uma espécie de acampamento terapia. Foi giro estar ali ao ar livre, sem tecnologia, sem distrações, mas de resto mais nada. Só foi chato terem-nos assaltado o cacifo.

Sara não sabia o que mais podia tirar da amiga de Luzia, sentia pena da jovem, identificava-se pela paixão não correspondida, mas aquilo era um poço seco. Pediu a conta.

– Agradeço a sua disponibilidade. Só mais uma coisa, a Luzia era muito ligada àquela terra?

– Sim e à avó que morreu lá. A Luz estava sempre a falar disso.

– Sempre a falar do afogamento da avó?

– Sim. Ela disse-me várias vezes que um dia gostava de morrer como a avó, ali na serra, longe de toda a gente. Uma morte branca.

Sara tomou nota daquela estranha afirmação.

– Como chamam aos afogamentos, não é?

Escreveu no seu bloco «morte branca».

– Antes que me esqueça, algum de vocês mexeu nos quadros pendurados nas paredes?

Maria Ana não percebeu e Sara teve de ser mais explícita. A amiga de Luzia garantiu que não notou nada de anormal nos quadros ou nas molduras quando esteve na casa, muito menos mexeu em alguma coisa.

Torres do Restelo, Lisboa,

domingo, 10 de setembro de 2017, 23h45

Daniel estava exausto. A viagem de volta da Sortelha custara-lhe, ainda por cima pouco ou nada souberam que se aproveitasse. Em casa, sopesava agora a falta de reação mais emotiva dos familiares ao que acontecera a Luzia, como se uma morte por afogamento na piscina da casa de família fizesse parte de uma qualquer ordem de normalidade. Haveria essa lógica, haveria um consenso coletivo do que seriam mortes que implicassem emoções fortes prolongadas? Era uma boa questão, até porque havia mais mortes inesperadas do que se pensa, sem que tal constituísse crime. O tio que morre num desastre em que circulava devagar, o primo em excelente forma física que se vai durante o sono, a avó que tropeça na cadela e morre da queda. Afogamentos na piscina. Ou o detido que leva uma facada na cadeia por causa de uma treta qualquer, só porque sim.

Mortes inesperadas, estúpidas ou com motivação fútil são frequentes e não acontecem só aos outros. Talvez fosse ele quem estava a exagerar nas emoções, talvez fosse ele a sentir a revolta, talvez a família estivesse já na fase da aceitação.

Maria Ana explicara a Sara que as marcas nos tornozelos e nos pulsos em Luzia podiam ser de pulseiras e de sandálias que usou nos dias antes da sua morte. Talvez sim, a ciência forense não era nem nunca seria exata. Só ficava a faltar saber quem teria virado os quadros ao contrário, imitando o que o tio fizera quarenta anos antes. Se não fossem os quadros, Daniel aceitaria o veredicto de morte accidental, fosse por uma síncope qualquer ou uma morte súbita. Mas os quadros ao contrário existiam e Daniel começava a consolar-se de que ficaria sempre com essa espinha na garganta, a vida de um investigador estava cheia delas e havia que saber lidar.

As várias viagens à serra partiram-lhe os rins, quebraram-lhe as costas e trituraram-lhe a disposição e qualquer gostinho das férias de agosto fora-se. A voz de Juvenal transformara-lhe o cérebro em papa e Daniel quase pulou de felicidade só de pensar que não o voltaria a ver tão cedo. Depois de comer uma sopa de brócolos, que comprara num supermercado e a que juntara tabasco e lhe soubera pela vida, decidiu que chegava. Nada apontava para que tivesse havido crime na morte de Luzia Pinto Vilhena. No dia seguinte tentaria ir correr de manhã e depois passaria pelo São Francisco Xavier.

Quando chegasse à UCE, falaria com Mendonça para fechar de vez o caso da neta do banqueiro que morrera afogada na piscina, provavelmente derrubada pelas drogas que tomou. Paz à alma da miúda.

Segunda parte

Capítulo XX

Avenida Ilha da Madeira, Restelo,
sexta-feira, 15 de setembro de 2017, 18h15

A semana fora calma, quase aborrecida. Na UCE não havia nenhum caso premente, a morte da neta do banqueiro não só deixara de ser urgente como fora metida na gaveta por ordem expressa de Mendonça. Ficou claro a todos que Nuno Semedo servia e bastava como culpado para a opinião pública. As incidências do futebol, cuja época começava a aquecer a sério, dominavam o interesse dos jornais, rádios e televisões naquela sexta-feira.

O calor era uma constante. O ar na cidade, misturado com o fumo do crescente número de carros, incomodava as corridas matinais do inspetor Vilar, para não falar da quantidade cada vez maior de turistas a passear. Ou era ele quem estava cada vez mais avesso a estar junto de gente?

As visitas a Mateus, que continuava em coma, ganhavam uma dimensão rotineira e Daniel passava no hospital mais para se cruzar com Ivone do que para ver a figura do amigo ligado às máquinas. Uma ténue culpabilidade persistia, Daniel nunca diria de si que era alguém que se habitua ao coma de um grande amigo, e, no entanto, era mesmo isso que estava a acontecer. Teria de se reconciliar com a circunstância de lhe agradecer estar e falar com a médica; sentia-se melhor junto dela, menos só, e acabou por convidá-la para jantar em sua casa numa das visitas ao amigo. A conversa ganhou vida própria e a médica conseguiu que ele promettesse cozinhar para ela. Ou a ideia partira dele? Não se recordava.

Há mais de um ano que Daniel não cozinhou para uma mulher e, para seu azar, não se sentia inspirado. Talvez fosse medo. Demasiado tarde, pensava, enquanto fazia as compras, mirava as frutas e os legumes no supermercado, divagando interiormente para a questão do ambiente e se o planeta do futuro seria muito diferente. Não chegou a lado nenhum, mas levou os legumes mais feios e com pior aspeto em nome da ideia de sustentabilidade, talvez temendo que Ivone perguntasse sobre as suas preocupações ambientalistas. No corredor das águas e sumos, acelerou o carrinho para fugir ao fogo que ameaçava atear na sua consciência.

Decidira fazer uma salada de *burrata* com pinhões, *pesto* e nectarinas no forno. Comprou o melhor sorvete de limão que encontrou e uma garrafa de vinho branco do Chile, que confirmou ser uma aposta segura através de uma aplicação no telefone. Quando se preparava para pagar, voltou atrás e pegou noutra. O dia seguinte era sábado e Ivone dissera-lhe que não estava de banco.

A noite despachava-se velozmente. O jantar fora um êxito e Ivone estava um pouco tocada do vinho, com as rosáceas do rosto a desmentirem a sobriedade que reivindicava de dez em dez minutos. Como muitas outras mulheres, Ivone tapava a boca quando se ria. Não escondia o copo quando Daniel oferecia mais vinho. Por motivos que não saberia explicar, o inspetor Vilar escolheu pratos melhores do que os habituais e usou copos de vinho novos, comprados nessa tarde. Meses depois, Daniel lembrar-se-ia da naturalidade e generosidade com que a médica entrou na sua cozinha para colocar no frigorífico a tarte de amêndoa que trazia. Sempre fora sensível à familiaridade dos gestos e aquilo fazia-lhe uma falta imensa, percebeu então.

Ao jantar, com música em fundo, falaram quase só de trivialidades, como duas pessoas com pressa para despachar essa parte da sua história para poder chegar ao passo seguinte. Perto das onze e de copos na mão, começaram a arrumar a cozinha, quando Ivone lhe fez uma pergunta, tratando-o por tu, assinalando uma proximidade que Daniel não esperava.

– Queres-me falar do que aconteceu ao teu filho?

Daniel quase deixou cair o copo que segurava.

– Como assim?

– Sei que tinhas um filho e que morreu, apanhei os zunzuns no hospital numa das vezes que foste visitar o Mateus. Compreendi de imediato porque tens um ar triste. Gostava que me falasses nisso, mas compreendo se não quiseses fazê-lo.

As frases de Ivone não eram ordens ou instruções, mas, se não era aquele o assunto que Daniel esperaria abordar, pareceu-lhe lógico fazer o que Ivone pedia.

Há muito que não falava de Zé Maria. Na cozinha, contou a história do afogamento do filho, ainda criança, no Alqueva há seis anos. Durante um passeio de barco em família, com tudo para ser banal, uma discussão entre ele e Cristina levou a uma fatal distração e só repararam que o filho caíra à água demasiado tarde. Morreu porque o barco lhe bateu na cabeça. O corpo foi encontrado já de noite. Daniel verbalizou o óbvio: que a sua vida se destruiu naquele dia, perdeu o Zé Maria, o casamento não resistiu, gaguejando quase a contragosto que é mesmo verdade que as coisas mudam de um momento para o outro.

Falou ainda da longa terapia com Mateus Meireles, o desaparecimento inesperado da sua agora ex-mulher, um caso estranho e espetacular no Chiado, que o trouxera de volta à vida na Unidade de Crimes Especiais da Judiciária, e o regresso de Cristina a Lisboa. Partilhou ainda que Cristina lhe dissera que ia voltar a casar no dia em que Mateus deu a queda nas escadas. No fim, Ivone ofereceu-lhe um sorriso.

– Para um homem que não fala muito, havia aí muito para dizer. Achas que a circunstância de a tua mulher ir refazer a vida com outro casamento significa o remate da vossa história?

O interesse de Ivone era inesperado para Daniel.

– Não faço ideia, não penso nas coisas desse modo. Fiquei admirado por Cristina me ter dito que se ia casar, confesso. Mais do que isso não posso dizer, nunca fui bom a elaborar sobre sentimentos, sou homem de coisas palpáveis.

Daniel não ia reconhecer que quase ficara zozinho com a notícia, mas não valia a pena tentar esconder o incómodo, muito menos a uma mulher. Ivone aproximou-se de Daniel e deu-lhe um

abraço. Os dois ficaram juntos, sentindo a naturalidade do cheiro um do outro, sem incómodo nem pressa para largar, até ao momento em que a médica recuou às risadas, perguntando se havia vinho naquela casa.

A inteligência e a vivacidade de Ivone mexiam com Daniel, que gostava cada vez mais da ideia que tivera de a convidar para jantar. Antes que o silêncio se prolongasse e sem se esforçar demasiado para esconder a excitação, a médica fez por interromper o embaraço que se instalava e perguntou pelo caso em Vale do Forno.

– Li qualquer coisa sobre o caso daquela neta do banqueiro e falavam de uma equipa especial da Judiciária de Lisboa. Lembrei-me que estavas por essa zona quando te falei ao telefone. Estás ligado ao assunto?

De costas a fechar um armário, Daniel pensou que fazia parte da vida de um polícia a curiosidade dos que lhe eram próximos. Em boa verdade, aguardava aquela interpelação. Em quase toda a gente havia a propensão para fazer de detetive amador, Ivone não seria exceção.

– Como os médicos, também temos confidencialidade, como sabes, mas sim, é um caso nosso. Quero dizer, não é nosso, porque não é um caso.

– Como assim, Daniel?

– Não há crime. Não houve mão criminosa, intenção ou ação de alguém para cometer dano a terceiros ou a propriedade. Foi doença, acidente ou suicídio, ainda que haja mil e um detalhes singulares em volta do afogamento da miúda. Mas a singularidade por si só não é crime e a matéria está fechada.

– Não prenderam um homem?

– Sim, houve uma detenção, mas o suspeito foi assassinado na prisão numa rixa de traficantes, pobre tipo. Além disso, havia poucas ou nenhuma evidências de que fosse um suspeito com fundamento. Foi uma coincidência triste.

Os dois ficaram a falar de Luzia e do caso, e Ivone percebeu que toda a conversa sobre drogas e os seus efeitos no cérebro que haviam tido nos dias anteriores radicava na morte de Luzia. O interesse da médica cresceu e, quando Daniel mencionou a tia freira, Ivone perguntou-lhe diretamente se não ficara curioso.

– A respeito do quê? Os dois casos não têm relação direta.

– Como sabes?

– Acho que é uma coincidência ajudada pelo facto de Luzia passar o princípio do mês de setembro naquela casa de família. A senhora está em clausura numa ordem, não tem qualquer contacto com o exterior há quarenta anos.

– Sim, mas só sabes se é mesmo assim quando tentares falar com ela. Pode não adiantar nada, mas pelo menos tentaste. Porque da boca sai uma coisa, mas o teu corpo e o teu modo de falar dizem-me outra e revelam-me que este arquivamento não te agrada.

Urbanização Varandas da Serra,

arredores de Manteigas, Parque Natural da Serra da Estrela,

sábado, 16 de setembro de 2017, 11h

No sábado de folga, o dia começava sempre lento. Juvenal Caramelo foi-se deixando ficar

sem fazer nada que não fosse dormir sem abrir as janelas. De controlo remoto na mão, ia espreitando se havia documentários sobre ovnis na televisão. Adorava vê-los. Cientistas com sotaque diziam que talvez os faraós fossem extraterrestres, numa teoria que Juvenal levava a sério. Como explicar as pirâmides? Em paralelo com sonhos de arqueologia e História, levava anos daquilo, centenas de horas de leituras e a ver documentários sobre conspirações extraterrestres. Juvenal estava convicto de que havia vida fora da Terra e gostava da ansiedade que a ideia lhe causava. Seriam bons, seriam maus, grandes, pequenos, aprenderíamos com eles e aprenderíamos o quê? Quando o documentário dos faraós terminou, não encontrou nada em qualquer dos canais e decidiu arrumar o embrulho que viera para a Guarda, vindo dos calabouços da Judiciária de Lisboa. Trouxera o volume por descargo de consciência para decifrar se havia utilidade e reparou com meia surpresa que eram as coisas de Nuno Semedo. A burocracia enviara o pacote para a Judiciária da Guarda e chegara a si, na qualidade de responsável pela investigação.

Em cima da mesa da sala foi dispondo os despojos. Um casaco de algodão com capuz, um molho de chaves, um isqueiro, umas moedas e uma carteira porta-cartões. Admirado, verificou que havia um telefone com a aparência de ser novo, sem carga na bateria.

Vasculhando a carteira, Juvenal Caramelo encontrou comprovativos de levantamentos em multibanco, um cartão de um ginásio em Oeiras, o cartão de cidadão e a carta de condução de Semedo e duas notas de vinte euros. Teria de fazer chegar aquela porcaria toda à família da vítima. Um talão de caixa automática estava bem dobrado, entalado nas profundezas da pequena carteira. Juvenal desdobrou e verificou que era uma relação de movimentos de conta. Uma das transferências para Nuno Semedo, de 150 euros, era de um tal João Carlos Romeira Castro Pinto.

Juvenal reconheceu o nome, mas demorou alguns segundos a relacioná-lo com alguém em específico, até se fazer luz no seu espírito e concluir que se tratava do tio de Luzia.

Capítulo XXI

Departamento de Investigação Criminal da PJ,
Rua António Fernando Saraiva Morais, Guarda,
terça-feira, 19 de setembro de 2017, 12h15

O fim de semana passou sem história nem memória. Nas vias rápidas, carros de matrícula espanhola cruzavam-se com camiões e grandes autocarros, e na cidade continuavam a notar-se os turistas nos passeios apertados, atulhando os restaurantes, que os locais demoravam a reclamar de volta. Na Judiciária, com pouco para fazer, Juvenal continuava de volta do caso do afogamento que talvez fosse outra coisa. Com a fome a rondar, observava como o telefone de Semedo era pequeno, de uma marca de que Caramelo nunca ouvira falar, próprio quem sabe dos modelos pré-pagos que se podiam adquirir em todo o lado. O telefone de quem não queria correr riscos e pretendia ser discreto, pois claro.

O aparelho fora desbloqueado, tal como Juvenal supusera. Afinal de contas, para códigos de quatro números só havia dez mil combinações possíveis, e um computador na Polícia Científica descobria-o em minutos.

O relatório tornava claro que o número associado ao cartão fora usado pela primeira vez no começo de julho e as cópias das mensagens que constavam eram evidentes na sua estranheza. Códigos com referências a alimentos, músicas, filmes ou séries de televisão e mensagens absolutamente óbvias para quem tinha o contexto daqueles códigos. Se os traficantes pensassem um pouco, chegariam depressa à conclusão de que as polícias conhecem muitas cifras de ginjeira. Uma das comunicações era de João Carlos Pinto, que, numa troca de mensagens no princípio de agosto, perguntava a Semedo se este estava em casa. O inspetor da Judiciária da Guarda não demorou a encontrar outras mensagens entre os números, concluindo que os dois mantinham uma certa dinâmica de comunicações.

No domingo, Juvenal falara com Daniel Vilar e pedira-lhe o contacto de João Carlos Pinto, explicando-lhe o intuito, e agora, ao ver aquilo, voltou a marcar o número de Vilar para partilhar a informação. Nada era oficial e teria de ser cruzado com outros testemunhos ou provas, mas tudo indicava que Semedo fornecera drogas tanto a Luzia como ao seu tio.

Podia valer a pena investir naquilo, fazer um pouco de arqueologia, ao fim e ao cabo, mesmo sem a promessa de faraós ou extraterrestres. O caso dava as últimas, teimava em não se deixar arquivar.

Daniel pedira a Sara que viesse com ele falar com João Carlos Pinto porque acreditava que a presença de outro inspetor seria útil para que o tio de Luzia não tombasse para conversas redondas e enigmáticas. O inspetor coordenador da UCE não andava com paciência para o artista. A novidade é que havia uma relação de João Carlos com Semedo e a UCE queria mais informações a esse respeito. Daniel fora avisado por Juvenal Caramelo, a quem pedira para adiar uns dias o relatório e a nada dizer aos superiores, pelo menos nesta fase. O colega da Guarda nem fez perguntas, disse logo que sim.

Com o aspeto de quem não saía de casa há dias, João Carlos recebeu-os com um longo copo de vidro cheio com uma bebida transparente e uma rodela de limão. O tom amistoso e cénico sublinhava que bebia álcool, uma constatação corroborada pelo leve cheiro adocicado que se sentia na sala onde entraram os dois inspetores. Passadas as gentilezas e recusadas as bebidas, Daniel foi direto. Não ia cair outra vez na ratoeira.

– Estamos aqui para tirar a limpo uns pendentes. Há quanto tempo conhecia o amigo de Luzia, refiro-me a Nuno Semedo, que foi com ela para Vale do Forno e acabou assassinado na cadeia?

A reação de surpresa foi evidente. O filho do banqueiro ficou calado durante uns instantes, bebeu um longo gole do copo, ajustou-se na poltrona, acendeu um cigarro, tragou, expeliu o fumo e respondeu por fim. Era inútil mentir.

– Não faço ideia. Há cerca de um ano, acho.

– Que relação tinham?

– Relação? Ora, inspetor coordenador Vilar, menina inspetora júnior Correia, que relação se tem com um fornecedor de droga? Talvez um misto de estima, amizade, afeto, desdém, desconfiança, escárnio e utilidade? Além da necessidade e da dependência, bem entendido.

João Carlos ultrapassou o choque da revelação em segundos. O tom sardónico regressara.

– Foi você que o apresentou a Luzia?

Sara quase tropeçou nas suas palavras, tal era a excitação.

– Julgo que disse ao inspetor Vilar que a relação que eu tinha com a minha sobrinha era especial, *sui generis*, nunca lhe ofereci o livro *O Príncipezinho* no Natal ou comprei-lhe algodão-doce. Por outro lado, não sou completamente doido ou desligado.

– Ou seja?

Daniel faria o que pudesse para atalhar divagações. Responder com poucas palavras era uma tática como outra qualquer.

– Não fui eu quem apresentou o Nuno à Luz.

– E você, como o conheceu?

– No Meco.

– Em que circunstâncias?

– Sem roupa.

Como Daniel temera, João Carlos assumira o controlo da conversa com os dichotes do costume.

– Conheceram-se num balneário?

– Não, inspetor, na praia. Numa praia para nudistas que existe no Meco.
– Tem uma teoria sobre como é que Luzia conheceu Semedo? Por exemplo, se a sua sobrinha frequentava a praia do Meco ou coisa parecida?

A questão de Sara não escondia segundas intenções, mas foi tarde de mais que se capacitou de que João Carlos podia pensar o contrário.

– Ora, inspetora, que insinua? Que eu e a minha sobrinha andávamos ao léu de mão dada? A voz arrastada era enervante e o tom de gozo piorava o efeito. Daniel perdeu a paciência.
– De uma vez por todas, se o senhor tem respeito pela memória de Luzia, deixe-se de tretas e responda. Queremos saber como é que Semedo, que foi assassinado na cadeia, se aproximou da sua sobrinha.

João Carlos levantou-se da poltrona e dirigiu-se devagar para a saída da sala. Ruídos evidentes revelavam que enchia o copo de gelo na cozinha e quando regressou vinha a beber. Com cuidado, sentou-se e fixou um ponto na parede, até que começou a falar.

– Comecei a sugerir erva à minha sobrinha para a ajudar. Depois passamos para a canábis, o hashixe, o pólen. Não suportava vê-la sofrer daquelas dores de cabeça e estados de humor insanos que a acometiam de repente. Suponho que saibam do que falo, a miúda parecia ter mau-olhado. Ver quem gostamos a sofrer faz-nos tomar decisões estranhas. Como devem ter entendido, o Semedo era o meu fornecedor.

– Ela fumava erva porque o tio lhe sugeriu, estou a compreender bem?
– Espero bem que sim, inspetor. Espero bem que sim. O sofrimento em Luzia podia ser uma coisa aterradora.

– Era com ele que Luzia se abastecia?
– Não faço a menor ideia, inspetor. O que sei é que eu me abastecia com o pobre do Semedo. Como referi, queria apenas ajudar a Luz. Há muita gente em todo o mundo que usa a canábis para aliviar a dor e o sofrimento.

– Sabe se a Luzia seguiu os seus conselhos? O resto da família estaria a par dessas boas intenções?

João Carlos Pinto fingiu que não ouviu e levantou-se. O copo voltava a estar vazio. Momentos depois, regressava à sala com o copo cheio. A crescente embriaguez ficou evidente para todos quando se sentou desequilibrado e deixou bebida pingar no chão.

– A nossa vida em família tem muito que se lhe diga. Sabe o que são as crianças Cáritas, inspetor? Duvido que saiba, mas vou-lhe contar uma longa história, pelo que sugiro que se ponha confortável. Têm a certeza de que não querem beber nada?

Os polícias negaram a oferta, queriam que se apressasse com mais uma historieta que vinha daí, para se poderem cingir ao mistério da morte da sobrinha. O que quer que fosse que viesse a contar, seria imprescindível não deixar que divagasse, em especial porque o ar de satisfação e superioridade que agora exibia aos dois inspetores denunciava essa possibilidade.

– Em 1949, um rapazinho chamado Joseph Schiff foi metido pela mãe num comboio em Viena, na Áustria. Carregava uma pequena mala com pouca roupa, que teria ainda um pente em osso e uma pequena medalha de São Cristóvão. Ao pescoço levava um cartão com o seu nome e um número. O seu destino era um dos poucos países da Europa que não foram destruídos pela Segunda Guerra Mundial, mas Joseph não fazia ideia, obviamente. Acabara de fazer cinco anos e não imaginava que não voltaria a ver a sua mãe, porque ela morreria poucos meses depois, quando o prédio em que vivia desabou, provavelmente porque as estruturas

cederam aos efeitos dos bombardeamentos, não sei, nem eu, nem ninguém. Sobre o que era aquela vida e viria a ser o seu destino noutro país, o pequeno Joseph só o viria a descobrir muitos anos depois, já um homem feito.

Um sorriso escarninho não abandonou os lábios de João Carlos Pinto enquanto ia falando, o que inflamou Daniel. Sem se preocupar em ser sequer educado, disparou, impaciente:

– Qual é a relação do que nos conta com a Luzia?

– Sei que digresso, conserve a paciência, inspetor. Como ia dizendo, a recém-criada Cáritas Portugal organizou esta autêntica missão humanitária, décadas antes de tudo o que vemos hoje nas notícias a respeito de refugiados e situações de guerra. Naquele tempo, as organizações não governamentais eram essencialmente a Igreja Católica e as vítimas de então eram os europeus, alemães, franceses, belgas, austríacos, húngaros e os seus filhos, crianças sem culpa nenhuma da loucura dos homens. Portugal recebeu-os.

Um ataque de tosse interrompeu o discurso por alguns segundos.

– Desculpem. Não se preocupem que acabo rapidamente. Na nossa Cáritas, trataram de tudo. Levavam os miúdos de comboio da Áustria para a Itália, para Génova, onde apanhavam um barco para Portugal. Depois de dias de viagem, desembarcavam em Lisboa e eram espalhados por várias famílias, que se voluntariaram previamente para as recolher. Gente muito católica e gente poderosa que foi em frente para dar o exemplo aos mais pobres. Ou gente menos católica que não conseguia ter filhos, ou pessoas que perderam filhos e viam nestes miúdos uma terapia de alívio da dor. No final da sua viagem, este pequeno Joseph, de que lhes falei, veio parar ao Roscal, uma pequena aldeia escondida na serra da Estrela. Quem pensa que Portugal não esteve envolvido na Segunda Guerra Mundial está enganado. Esteve e de várias maneiras, esta foi uma das que nos honram.

Roscal. Daniel conhecia aquele nome, não se lembrava de onde, mas conhecia.

– Poucos anos depois do fim da guerra, mais de cinco mil crianças foram acolhidas por famílias portuguesas para que pudessem ter uma vida melhor e para que os seus pais biológicos, que ficaram nos países devastados pela guerra, sentissem o consolo de saber que os filhos eram cuidados. Passado cerca de um ano, quase todas as crianças regressaram ao seu país e às suas famílias, depois de separações dolorosas com as novas famílias de cá. Ainda hoje, algumas mantêm laços com Portugal, visitam-se com regularidade, promovem encontros, essas coisas. Dessas cinco mil, umas mãos cheias morreram de doenças variadas ou acidentes. Outras ficaram por cá para sempre. Joseph Schiff foi uma das crianças que ficaram e tornou-se português com outro nome.

João Carlos Pinto bebia e fumava enquanto prosseguia a estranha história que parecia chegar a despropósito.

– O acolhimento das crianças não foi inteiramente pacífico na sociedade portuguesa. Portugal era paupérrimo e muita gente não compreendia porque se deveriam sustentar crianças estrangeiras quando por cá havia fome.

Vilar interpelou João Carlos abruptamente. O tipo era como um encantador de serpentes, dificilmente se calaria se não fosse interrompido, por mais que estivesse curioso por saber onde aquilo iria dar.

– Pela enésima vez, porque nos conta esta história e qual a relação com Luzia?

– Verá que compensa esperar pelo fim, inspetor, falta muito pouco, asseguro-vos. Uma coisa engraçada nas famílias que recebiam estas crianças era o compromisso de as levar todos os

domingos à missa. Outra era a sugestão, quase uma obrigação, de que se fossem deitar o mais tardar às nove da noite. Eram crianças normalíssimas, como todas as crianças são à sua maneira. Ir para a cama às nove da noite é normal nas crianças, que dormem mais do que os adultos, a diferença é que estas corriam para dentro de casa quando ouviam aviões a passar e escondiam-se debaixo das mesas. Suponho que sejam as consequências de se nascer e crescer com bombardeamentos. A infância pode ser a parte mais curta das nossas vidas, mas será certamente a que terá as memórias mais longas.

Daniel estava prestes a levantar-se para se ir embora.

– Joseph Schiff ficou em Portugal e veio parar à aldeia do Roscal. A casa que o albergou pertencia a um casal sem filhos, Amadeu e Generosa de Castro Pinto, os meus avós paternos. Joseph Schiff é o meu pai, hoje conhecido por Elísio Castro Pinto.

Capítulo XXII

Avenida Infante Santo, Lisboa,
terça-feira, 19 de setembro de 2017, 16h45

Daniel demorou a reagir às palavras de João Carlos, que à sua frente continuava a história do pai em criança, com o tom perverso dos que revelam segredos que garantiram guardar para sempre.

– O meu pai é uma dessas crianças Cáritas, um pequeno austriaco que ficou órfão e acabou criado e educado por um casal de lavradores da serra portuguesa.

– Porque nos está a contar tudo isto?

– Lá chegaremos. Só soube desta particularidade da vida do meu pai em adulto. Ele nunca falou do assunto, nem teria de o fazer, todos temos direito ao nosso mistério. O passado pode ser pesado, deixá-lo enterrado e imóvel é compreensível a um certo ponto. O que quero sublinhar é que há uma dimensão da Europa Central, ou não latina, se preferir, que creio que o influenciou toda a vida. Vejo no meu pai uma determinação que ligo à sua história e à sua origem, à sua genética, diria.

– Prossiga.

Agora, Daniel queria perceber onde aquilo ia dar.

– Todas as famílias são particulares, em todas há sótãos e caves cheios de segredos e coisas inexplicáveis. O meu pai aterrou no Antigo Testamento quando veio para Portugal. Os seus pais adotivos, os meus avós, que nunca conheci, eram severos, duros, extremamente religiosos e criaram-no sem afeto. Tinham perdido um filho e acharam que, se Deus lhes estava a dar aquela segunda oportunidade, haveria de querer que educassem o filho rigidamente para que este se mantivesse sempre temente a Deus. Em miúdo, o meu pai passou por muito, era obrigado a trabalhar no campo horas a fio, cuidar do gado e comia mal. Justificará isso seja o que for? Para ele sim, dado que depois da morte da minha mãe se afastou dos filhos, foi para Macau, enriqueceu, tornou-se poderoso e raramente o víamos, sem que ele desse nota de saudades. Esse passado, duro como o granito da serra, se me perdoa a imagem, virá a marcar a vida da minha sobrinha.

Finalmente chegavam a Luzia.

– Luzia humanizou-o. O casamento da minha irmã durou pouco, o meu cunhado era e é um tolo e depressa se pôs a andar, apesar de o meu pai lhe sustentar caprichos porque o tipo como que abdicou da filha, que ficou a viver connosco. O meu pai ficou obcecado com a neta à

medida que ela ia crescendo.

– O que quer dizer com obcecado?

Sara não deixou passar a insinuação.

Depois de tossir, percebendo a carga do seu discurso, o tio de Luzia corrigiu-se.

– Talvez a palavra não seja essa, inspetora Correia, dedicado é mais próprio do que obcecado, peço desculpa. A verdade é que a Luz, como eu gostava de lhe chamar, era uma princesa na nossa casa.

– O amor de um avô nada tem de errado.

Agora era a vez de Daniel dar lastro a João Carlos. Pressentia uma revelação importante.

– Claro que a miúda acabou por controlar a família. Não saberei dizer se eram processos conscientes ou inconscientes, mas era o que sucedia. Por mais animada que chegasse de férias, de viagens ou agora do curso em Londres, chegava a casa e como que apagava, chamando assim a atenção de todos. Um abstémio ter-lhe-ia dado erva para a consolar ou tratar, como fiz a dada altura.

– Para chegar onde?

O homem abriu um meio-sorriso e fez uma expressão genuína. Sara aproveitou para perguntar pela posição da mãe de Luzia.

– A minha irmã sempre fez o que o nosso pai queria. Ele punha e dispunha. Progressivamente, tornou-se o único responsável pela neta.

Daniel quis dar um tom moralista de propósito e marcar a conversa.

– Muito interessante o drama de família. Já notara que nenhum de vocês, a mãe, o pai, o avô ou o tio, é completamente transparente e, gostem ou não de o ouvir, isso dá que pensar.

João Carlos Pinto deixou que Daniel terminasse e acrescenta:

– E, num dia em que esteja menos ocupado, pedia-lhe que me apresentasse um ser humano completamente transparente.

Foi a vez de Sara intervir, cortando rente a ironia de João Carlos.

– Os casos arquivados não são casos intocáveis. Acontece arquivarmos casos numa segunda-feira e abri-los na terça. Não têm de decorrer sempre quarenta anos entre uma coisa e outra.

Durante vários segundos ninguém falou, até que João Carlos surpreendeu os inspetores.

– O meu pai pagava a Nuno Semedo para que este vigiasse a Luzia. É essa a informação que procuram.

Em poucas frases, João Carlos Pinto chegou onde queria, vingar-se do pai, metendo-lhe um traficante na sombra e responsabilizando-o pela morte da neta.

– Vigiar Luzia?

Aquela revelação era séria e relevante para o caso.

– Tal e qual, inspetor Vilar. Na aparência nada é simples, mas por vezes as coisas são muito mais lineares do que se crê. Na vida de Luzia sempre existiram pessoas vindas do nada que serviam para a controlar, percebi depois. Explicadores de matemática, professores de desenho, de música ou de ténis. A todos era exigido o curso de primeiros socorros, sempre me pareceu inaudito. Semedo começou a aparecer na nossa casa da Comporta para levar a Luzia a ter aulas de ténis. Topei-o depressa, conhecia-o.

Daniel sabia que era indispensável ter cuidado com João Carlos, um homem inteligente e manipulador.

– Como soube que Semedo estava a soldo do seu pai?
– Conheci-o no Meco como referi e uma hora depois combinávamos transações. Uma coisa leva à outra e ele disse-me um dia, despreocupadamente, que alguém no banco do meu pai o contratara para dar aulas de ténis à neta do proprietário. Pagavam muito acima da média, queriam que apresentasse prova de curso de socorrismo e exigiam relatórios sobre as aulas.

Daniel achou aquele controlo perturbador, embora fizesse sentido à luz do que ia conhecendo do banqueiro e da família. Era bizarro, estranho e chocante, talvez mordesse os limites da legalidade, andar a vigiar a neta por um interposto professor de ténis, teriam de tirar aquilo a limpo com o banqueiro.

Qual seria a intenção de João Carlos Pinto com a partilha daquela informação acerca do pai? Daniel não conseguia discernir. Que mais esconderia a família?

– Antes de irmos embora, conhece o Centro Espiritual da Pena?

De face rosada e macilenta por tanto álcool e cigarros, João Carlos Pinto abriu um sorriso, exibindo uma dentição amarelada.

– Claro, é um dos últimos brinquedos que o meu pai deu ao pai de Luzia para este se entreter e deixar de chatear.

Avenida 24 de Julho, Lisboa,

terça-feira, 19 de setembro de 2017, 18h45

Conduzindo devagar, Daniel contava com o tráfego da cidade para lhe dar tempo para pensar e ruminar o que soubera naquela tarde. A confirmar-se tudo aquilo, o preocupado avô mantinha gente nas proximidades da neta para a vigiar e Semedo fora mais um. Desta vez, teve azar. Semedo foi guloso, descobriu que Luzia usava a erva como terapia e aproveitou para lhe oferecer outros serviços além dos de professor de ténis. Batia certo com a morte misteriosa do tipo na cadeia. E Semedo pagara com a vida ter viciado Luzia em drogas mais pesadas? Não era impossível.

A história sobre a origem do homem, o órfão vítima da guerra que cresceu na serra vítima da severidade dos pais adotivos, dava um crédito insólito ao enredo. Elísio passara de criança abandonada a protetor. Daniel pediu a Sara que marcasse um encontro com a irmã de João Carlos para se cruzarem versões. Antes falariam com o médico de Luzia. Sara obtivera finalmente o seu nome num telefonema entretanto feito a Maria Ana Brandão e marcaria o encontro para a manhã seguinte. Vilar decidiu que também iria. O telefone deu sinal e Daniel aproveitou a paragem num semáforo para ver a mensagem. Era Ivone a pedir que retornasse o contacto, tendo o cuidado de avisar que o tema não era Mateus. Um bonequinho sorridente acabava a mensagem e Daniel sentiu a face a ruborizar.

Não se voltaram a ver desde a noite em que Ivone jantara em sua casa, mas falavam e contactavam-se com frequência por telefone. Com um friozinho na barriga, sorriu e procurou música nas várias estações que captava no rádio do carro. Queria qualquer coisa animada para sublinhar a felicidade, prolongá-la pelo menos até chegar, ainda que a música que se ouvia lhe dissesse pouco. Quem sabe, apanharia um clássico. Desistiu quando só encontrou publicidade e gente a falar do calor e do trânsito.

Foi interrompido nas suas reflexões por um telefonema. Era Todor.

– Daniel, desculpa se incomodo. Fiquei a pensar no que falámos no outro dia e não tenho a certeza de ter sido tão claro como devia. É para te reforçar que na autópsia o afogamento é um diagnóstico por exclusão das outras causas de morte possíveis. Nesta lógica de excluir eventos, lembrei-me de que no exame que me enviaste havia menção a distensão pulmonar e água no estômago, mas não havia informação sobre lesões abrasivas na zona das mãos ou dos pés.

– Estás a dizer-me que a vítima não estava consciente quando caiu à água?

– Estou a dizer-te que é possível que a vítima estivesse inconsciente quando caiu à água. Dito de outra forma, não há vestígios de que se tenha tentado agarrar às bordas ou tentado subir as paredes da piscina para vir à superfície. Ou se deixou morrer ou morreu porque estava desmaiada e os pulmões se encheram de água.

– Pode ter sido um desmaio induzido por drogas?

– Sim, claro. Se bem me recordo, havia muita porcaria perto da piscina, no teatro das operações, como vocês gostam de dizer. E no exame preliminar toxicológico havia vestígios de substâncias e álcool no sangue da vítima.

Daniel ficou em silêncio durante alguns instantes.

– Temos maneira de saber se ela desmaiou fora de água ou quando estava já dentro da piscina?

– Não. Isso não será possível saber com certeza suficiente para que um tribunal possa decidir sem nenhuma dúvida. Não havendo lesões nas mãos e nos pés, podemos dizer que não lutou para se salvar. Mas não podemos afirmar mais nada com uma garantia total.

Capítulo XXIII

Avenida 5 de Outubro, Lisboa,
quarta-feira, 20 de setembro de 2017, 9h45

Sara Correia enganou-se a mudar de direção e encontrava-se presa num engarrafamento. Ainda nem estava a meio da manhã e o dia já ia longo e nada prazenteiro, um acidente na ponte retivera-a numa fila enorme, deixando-a tensa. Queria ter feito uma aula de ioga através da Internet, mas Rafael achou por bem acordar bem-disposto e desatar a falar de uma nova televisão que pretendia comprar em promoção.

Sara tivera um sonho transtornante, em que visitava a Torre de Belém com Maria Ana Brandão e via cavalos castanhos debaixo de água, como peixes colossais, que vinham à superfície tentar morder-lhes. Abalada pelo susto que a assomava e incomodada pela boa disposição de Rafael, fugiu para o duche, escapando-se de casa assim que conseguiu, rumo ao encontro com Luís Pimentel, o psiquiatra de Luzia que aceitara recebê-los.

Chegada por fim às Avenidas Novas, na transversal encontrou por sorte um lugar, porque um carro saía. Vasculhou por moedas para o parquímetro e despachou-se tão depressa quando pôde.

Daniel Vilar e Luís Pimentel discutiam o caso de Luzia quando Sara entrou no gabinete, guiada por uma funcionária do consultório. As marcações começavam às dez da manhã e o homem, magro, de nariz afilado e queixo desenhado, com cabelo e barba grisalhos, demonstrava impaciência.

– Senhor inspetor, tudo o que reporta à relação entre médico e doente tem um selo sagrado que nenhum tribunal pode quebrar. Quanto mais um inspetor e uma colega que chega atrasada.

Sara corou.

– Lamento. Foi um choque em cadeia na ponte.

O médico não fez caso e Daniel nem olhou para ela.

– Como venho dizendo, Luzia era uma jovem mulher normalíssima. Teria os seus desassossegos, mas nada de transcendente, digamos assim. Mais não posso revelar ou teria a Ordem dos Médicos e a família à perna.

– Encontrámos vários medicamentos junto das suas posses no dia em que morreu. Foram prescrição sua?

– Estamos outra vez a entrar na privacidade a que Luzia tem direito, mesmo depois de morta. Confidencialidade entre médico e doente, que imagino tenha ouvido falar. Não acredito

que seja novidade para si a quantidade de portugueses que se encontram medicados para a depressão. Luzia fazia parte desse grupo crescente e preocupante.

– Preocupante?

Sara achou que devia dizer qualquer coisa.

– Preocupante, sim. A crise económica e a pressão do dia a dia atingem tudo e todos. Há divórcios, rejeições, ruturas, frustrações e desemprego. A vida moderna não é uma vida fácil e muita gente agarra-se aos medicamentos e estes ajudam de facto as pessoas quando bem administrados. A Luzia era uma jovem mulher funcional que recorria ao consultório e à minha clínica em total liberdade e autonomia. Dir-vos-ei que não era, nem de perto, nem de longe, o meu caso mais dramático. Agora, por favor, compreendam que tenho trabalho para fazer. Os meus pacientes esperam-me.

Daniel e Sara aceitaram que não valia a pena teimar. Apesar do discurso redondo e paternalista, o médico e Luzia tinham direito ao sigilo, os investigadores sabiam-no antes de entrarem, mas muitas vezes contava tanto ou mais o que não era dito. Infelizmente, naquela vez, o psiquiatra não parecia estar a esconder nada que fosse relevante.

Antes das onze, Daniel despediu-se rapidamente de Sara, sem sequer conversarem acerca do que se passara no consultório. Apressado na direção do parque de estacionamento, Daniel tinha a cabeça noutro sítio. Tentou falar com Ivone Ferro, em vão, o telefone estava desligado. Na véspera, e apesar da intenção, quando chegou a casa esquecera-se de devolver o telefonema e adormeceu sem jantar no sofá da sala, só quando acordou estremunhado antes do dia nascer é que percebeu a omissão.

Foi correr em direção ao rio e no regresso enviou uma mensagem a Ivone, que não respondera. Teria ficado aborrecida com o seu silêncio da véspera? Uma mulher vestida com o hábito de freira passava pelo passeio do outro lado da rua e Daniel lembrou-se de novo de Ivone e de como ela o incentivara a procurar a tia-avó de Luzia.

Bar do Hotel Altis Belém, zona ribeirinha, quarta-feira, 20 de setembro de 2017, 13h15

Quem olhasse de longe, diria que Ivone e Daniel eram um casal que se encontrara ali para almoçar e não um homem e uma mulher ligados por um homem em coma num hospital. Ivone estivera em reuniões a manhã inteira e Daniel convidara-a para almoçar, optando por aquele local por ser próximo do hospital e a caminho de Caxias, onde falaria com a irmã de João Carlos Pinto nessa tarde. Ivone não trouxe más notícias e voltou a apelar à paciência. Daniel voltou a agradecer interiormente a Mateus por trazer Ivone para a sua vida. Como é o provérbio, por mais escura e longa que seja a noite, o Sol volta sempre a brilhar?

A pontinha de culpa por estar a sentir-se bem por causa do acidente do amigo regressou e para afastar Daniel decidiu ter fé em que Mateus acordaria e que em breve estariam a almoçar num restaurante qualquer e gozariam com a decoração, com os outros convivas e com os nomes dos pratos do *menu*. Também ele tinha direito ao otimismo, como lhe dissera tantas vezes o amigo.

Em consonância com o ambiente leve e descontraído, pediram saladas e esperaram que o

simpático e lento empregado anotasse tudo, depois de repetir várias vezes as mesmas perguntas e ouvir as mesmas respostas.

Ivone Ferro estava vibrante. Enquanto a ouvia, Daniel questionava-se se a teria alguma vez visto assim, luminosa e afirmativa.

– Acho que Luzia pode ter sido envenenada por alguém da família. Era disso que te queria falar da outra vez, estava a dar em doida para te dizer.

Daniel não esperava aquilo, que Ivone falasse do caso e muito menos de envenenamento. A tese da médica sobressaltou-o e deu por si a contradizê-la.

– A pobre mulher, lembro-te, morreu afogada numa piscina. A autópsia não indica nada suspeito.

Baixando o tom de voz, Ivone aproximou-se tanto de Daniel que este sentiu em cheio o cheiro da sua água-de-colónia. Veio-lhe à memória o telefonema de Todor, mas não disse nada.

– Quando falámos do caso no outro dia em tua casa, houve qualquer coisa que me ficou. Havia ali no meio informações que sabia serem preciosas, só não sabia quais, até que ontem de manhã cheguei lá.

– Explica-te, por favor.

– Contaste-me que ela se sentia sempre mal quando estava em casa, doenças por explicar, idas constantes ao médico, mil e um testes. O transplante por causa do fígado. E disseste que quando ela estava fora, a estudar em Londres e noutros locais, era normalíssima. Não sei se notaste essa diferença.

Não, admitiu Daniel, não notara o que agora parecia óbvio como o azul do Tejo à sua frente.

– Para falar a verdade, escapou-me essa oscilação do estado geral, mas creio que se explica. Adoecer, ou fingir adoecer, seria a forma que Luzia encontrou para ter a atenção da família.

– Ela tinha toda a atenção, escusava de fingir-se doente, não havia sequer competição. Para ela andar desorientada em contexto familiar, era porque alguém o instigava. Ou alguma coisa o provocava. Coisa essa que não acontecia em Londres, porque ela andava feliz por lá, tanto quanto percebi do que contaste.

Verdade, pensou Daniel, que ficou mudo. A dedução de Ivone era plausível.

– Além disso, soma-se a questão do transplante de fígado. Ela teve uma hepatite aguda, correto?

– Penso que sim, foi o que nos disseram na família. Não explorámos demasiado, porque foi há muito tempo e não há qualquer relação com o afogamento.

– Não me surpreenderia que fosse do hipotético envenenamento, o que dá mais crédito à minha tese. Tens noção de que o envenenamento é uma das principais causas de morte direta ou indireta entre adultos? Uma parte substancial é involuntária, o que seria interessante se não fosse nefasto. Álcool, pesticidas, monóxido de carbono, pessoas que tomam medicamentos receitados em excesso, as chamadas drogas duras, além de plantas ou picadas de bichos, tudo são venenos em ação, por assim dizer.

Ivone estava lançada.

– Um transplantado é muito mais vulnerável a substâncias tóxicas. Pensa na medicação imunossupressora que lhe era prescrita. As combinações entre drogas e medicamentos podem envenenar facilmente. Ela teria de tomar muita coisa por causa do transplante.

Ivone parecia uma criança, excitada com a sua teoria, que continuou a explanar, falando de venenos, da toxicidade inesperada de plantas e temperos ou do uso de venenos de cobras em

crimes nunca descobertos. Ou de hábitos simples que não eram mais do que mortes lentas e progressivas. Mascar folhas de coca na Bolívia ou de *khat* no Iémen. Para não falar de fumar, claro está.

– Fumar?

– Sim, fumar. Falo de cigarros, a forma mais difundida de autoenvenenamento nos humanos. O tabaco é uma planta, ou já te esqueceste? Fumar mata, nunca leste os avisos de um maço?

O inspetor Vilar não respondeu e pensou que devia deixar de vez as cigarrilhas.

A sua mente voou para o Centro Espiritual da Pena, para o pai de Luzia e das suas viagens pessoais com cogumelos. Para os resultados da autópsia, para o que haviam encontrado em Vale do Forno, tanto no seu quarto como na mesa da piscina. Optou por não comentar.

O silêncio foi salvo pelo empregado que chegou com os pratos, pretexto para mudarem de assunto, com a inesperada naturalidade a instalar-se de novo. A teoria do envenenamento dissolveu-se como espuma breve de ondulação, porque Ivone desatou a contar a sua manhã no serviço. O inspetor fingiu ouvir com atenção enquanto interiorizava o que ouvira de Ivone, espreitando os passeantes, quase todos turistas, mas também portugueses, e se voltava a interrogar acerca da mudança de hábitos pela qual os seus compatriotas passavam. Os turistas tornavam os portugueses mais adeptos de uma vida ao ar livre por imitação, o que era excelente. Daniel Vilar só voltou a si quando a médica lhe perguntou pela tia freira de Luzia.

– Já tentaste o contacto?

Capítulo XXIV

Alto do Lagoal, Caxias,
quarta-feira, 20 de setembro de 2017, 15h15

Sara demorou três telefonemas a descobrir que João Carlos Pinto era um homem sem acesso a crédito e com o nome na lista negra do Banco de Portugal. Era provável que o seu pai, um homem com apreciável fortuna, o soubesse, mas era indesmentível que João Carlos era um contribuinte com cadastro. O homem não completara os cinquenta anos e falido era o seu nome do meio. Era no que a inspetora remoía, agora que estavam em Caxias, onde Daniel quisera ir falar outra vez com a irmã de João Carlos. Sara estava consciente de que talvez operassem à margem de uma investigação oficial. O processo da morte de Luzia estava arquivado, mas, como dissera a João Carlos, reabrir casos podia ser tão simples como cozer um ovo. Basta querer e haver uma oportunidade que convencesse o Ministério Público a emitir o respetivo despacho.

A inspetora continuava acirrada pelo atraso nessa manhã e pior ficou com a relativa indiferença que Daniel lhe devotava. O chefe dava ares de andar mais satisfeito com a vida, menos acabrunhado, e ela sentia-se posta de parte, ressentia-se com a rejeição. Para se distrair, tomou uma nota para se informar finalmente sobre as lições de boxe que parecia haver no ginásio da Charneca; o que não lhe faltava era energia para dissipar.

Quando se concentrou, Rita Vilhena falava do irmão com carinho.

– O meu irmão tentou tudo e teve todos os azares, dos mais previsíveis aos mais incríveis. Uma vez investiu forte no golfe, num campo no Algarve, mas uma praga rara na relva arruinou-lhe o projeto. Importou bagas do Brasil, mas chegaram estragadas, foi tudo apreendido e destruído. Teve vários restaurantes em que foi enganado pelos sócios. Chegou a fundar uma revista de cultura e fechou-a em menos de um ano porque os prejuízos não paravam. Lançou livros de poetas amigos, abriu um café boémio, organizou viagens a locais remotos, muito antes de ser moda viajar para todo o lado. O João Carlos é talvez a pessoa com mais cultura geral que conheci. E a mais desafortunada.

A mãe de Luzia falava do irmão com reverência, estima e, sobretudo, resignação.

– Dizer que ele queria impressionar o meu pai não é rigoroso. O que o mobilizou durante muitos anos foi o desejo de deixar uma marca. Sempre que ia ao estrangeiro trazia duas ou três coisas na mala, que dizia que ia importar ou fabricar cá e que em breve toda a gente em Portugal haveria de querer e ele poderia dizer que foi o responsável por isso. O João Carlos era essa pessoa. Satisfeita por elogiar o irmão, Rita Vilhena sorria com as memórias e bebericava da

chávena de café que a empregada trouxera.

– De certeza que não tomam nada? Água, café, chá? Pela minha parte, detesto chá, mas posso pedir que o façam num instante.

Daniel levantou a mão e agradeceu, estava saciado do almoço e não queria interromper a conversa com mais distrações.

– O João Carlos era bipolar, como constatámos ao fim de alguns anos, quando essa palavra se começou a usar. Era muito ansioso e pouco paciente, mas quando estava em casa ficava noturno, abatido e sem energia. Acabou vencido pela bebida e pelos mil e um comprimidos que creio que ainda toma. A solidão tomou conta dele, perdeu os laços sociais, nada de muito diferente do que ouvimos por aí. Foi viver para um apartamento que herdou na Infante Santo.

– Que relação havia entre ele e Luzia?

Rita Vilhena suspirou. Os olhos encovados e um ar sonolento denotavam tristeza e provavelmente medicação para dormir. A sua única filha morrera há menos de um mês, não admirava aquele ar ausente e fatigado.

– Eram muito chegados, adoravam-se. Para a minha filha, o tio era tudo e era recíproco. Quando a Luz foi transplantada, o João Carlos não saiu de junto dela, o que para alguém tão dado à misantropia é obra. A Luzia era a sua cobaia para muitas das ideias e projetos, pareciam sócios no entusiasmo. Muitas vezes tinha inveja.

– Inveja?

– É a vida, inspetora. Não sei se tem filhos, mas um dia que tenha notará que nem sempre somos nós quem merece o melhor deles.

Daniel ficou a pensar naquilo num repente. Teria ele tido direito ao melhor de Zé Maria?

– Sabe que o seu irmão conhecia Nuno Semedo.

– Não faço ideia.

– Percebeu mal. Estou a dizer-lhe que se conheciam.

– A sério, de onde?

A mulher parecia espantada, embora desligada.

– Da praia do Meco, segundo nos confidenciou.

– Faz sentido, o meu irmão teve uma fase nudista. Ou naturalista, como creio que se diz. Acho que ele pensava em fazer um parque privado em Melides, dizia que podia ser um negócio espetacular. O maior da Europa, claro. Com ele, era sempre tudo o maior da Europa ou do mundo. O sócio do meu pai estava metido nisso, mas quando morreu o projeto teve o mesmo fim.

– Aparentemente, Semedo era mais do que professor de ténis. Ganhava a vida de várias maneiras.

Rita ficou em silêncio e Daniel hesitou. Contaria a Rita Vilhena que o irmão acusava o pai de ter contratado Semedo para vigiar Luzia?

– Deixe-me voltar um pouco atrás. A sua filha sempre foi muito protegida, correto?

– É natural, filha única, neta única, sobrinha única, não creio que nesta casa a tenham impedido de fazer o que quer que fosse.

– Como assim?

– Ela andava de bicicleta, subia às árvores, ia a escolas normalíssimas. Quando chegou à idade certa, ia à praia com os amigos, à discoteca, a festas, eu sei lá. Se quisesse ter tido um tigre como animal de estimação, não tenho dúvidas de que todos teríamos arranjado maneira, em

especial o meu pai.

– Exceto quando estava doente, presumo.

Rita Vilhena enxugou as lágrimas e assoou-se.

– Sim, claro. Era uma miúda com uma saúde que não merecia, muito menos a tragédia que lhe aconteceu no fígado, que a obrigou a ser transplantada praticamente de repente.

– Soube-se a causa?

– Não, os médicos nunca descobriram com precisão. O órgão entrou em falência muito depressa, os médicos disseram que nunca tinham visto análises assim. Por sorte, encontraram um dador compatível.

Daniel ficara com a impressão de que Rita Vilhena ignorava que o seu irmão dava erva e talvez mais qualquer coisa à filha. Pensou por instantes e decidiu não violar a confidencialidade ou sequer contar que o seu pai, avô da miúda, a espiava através do professor de ténis.

– Já que estamos aqui, e só por curiosidade, qual é a sua versão para o que aconteceu há quarenta anos com a sua mãe?

– Admito não estar a compreendê-lo, inspetor Vilar.

Daniel sabia que a investigação criminal era muito mais feita de palpites do que se imaginava e que nem tudo é demonstrável por prova científica ou testemunho. Eram muitas as vezes em que era preciso atirar bolas ao ar e esperar que alguém as apanhasse. Rita Vilhena parecia a leste dos acontecimentos do passado. O inspetor explicou-se, mas Rita Vilhena não acrescentou nada de especial ao que dissera antes, constatando que era uma criança e que de pouco se lembrava. A experiência dizia a Daniel que Rita muito provavelmente estava a ser sincera, aquele não era um tema traumático.

– Deixe-me perguntar outra coisa. O nome Joseph Schiff é-lhe familiar?

Daniel repetiu o nome duas vezes e pronunciou primeiro Joseph à inglesa e depois de outra forma, talvez à francesa ou à alemã.

– Não, inspetor, quem é? Amigo de Luzia de Londres ou amigo do meu irmão? Na Comporta há muitos estrangeiros, sabe, mas esse nome nunca ouvi.

Sem esperar resposta, a filha do banqueiro disse que se sentia cansada. O inspetor Vilar decidiu que chegava. As pessoas e as famílias tinham direito aos seus segredos e, ou muito se enganava, ou nada do que pudessem ser esses segredos empurraram Luzia para a piscina. Ainda por cima aquele nem era um inquérito oficial, não ia arranjar sarilhos com eventuais insubordinações. O irmão sabia, ela não. Ele que lhe contasse.

Antes que fossem despachados, Sara não se conteve.

– Ainda se dá com a sua tia?

– Não, ela não pode receber visitas. Sei que a Luzinha lhe enviava cartas para o Carmelo desde que viu uma fotografia da minha mãe com a irmã. A minha filha dizia muitas vezes que escrever para a tia-avó lhe aquecia o coração.

Estrada Marginal, zona de Algés,
quarta-feira, 20 de setembro de 2017, 16h45

Mal saíram de casa de Rita Vilhena, Daniel pediu a Sara que descobrisse onde estava a tia-

avô de Luzia. Haveria de a visitar. Sara anuíra, ficando ainda a pensar que interesse poderia ter a correspondência de Luzia com uma freira septuagenária. Não havia confidencialidade nas confissões religiosas?

Sara Correia nunca ficava admirada com segredos nas famílias ricas, entre pais, mães e irmãos ou entre maridos, mulheres e filhos. O que a surpreendia era acharem-se especiais e convencerem-se de que ninguém as enganaria ou as toparia. E os ricos eram sempre os piores.

Um camião enorme à sua frente, com escritos que identificou serem em alemão, lembrou-lhe que na véspera pesquisara sobre as crianças Cáritas, uma manifestação de bondade dos portugueses para com miúdos europeus com a vida destruída pela guerra. Sara emocionou-se quando pensou como as coisas seriam diferentes naqueles tempos. Perguntou-se se naquela época haveria controlo da Cáritas sobre os miúdos. Apostava que a verdade andava muito mais escondida do que seria possível nos dias de hoje, em especial se as crianças se sentissem condicionadas pelos pais portugueses adotivos. O avô de Luzia podia de facto ter aterrado no Antigo Testamento, como revelara o seu filho, e teria tudo a ganhar em ficar calado com medo das consequências. O que teria passado o homem em criança, só ele saberia. Sara Correia engoliu em seco e ultrapassou o camião, deixando para trás memórias que não eram suas. Até os ricos podiam ser merecedores de compaixão e recato.

Quando ia a chegar a Alcântara, ocorreu-lhe que não perguntaram a João Carlos como é que ele soubera do passado do seu pai. Com a pulsação acelerada, verificou que precisavam de o descobrir depressa, em particular depois de perceberem que a irmã não sabia de nada.

Capítulo XXV

Unidade de Crimes Especiais,
sede da Polícia Judiciária, Rua Gomes Freire, Lisboa,
quinta-feira, 21 de setembro de 2017, 9h30

Quando chegou à UCE, Daniel Vilar sabia que o diretor da Judiciária estaria por lá porque viu o seu lustroso carro estacionado na garagem comum. Bateu à porta do seu gabinete e entrou de imediato. Mendonça estava virado para o computador, com os óculos na ponta do nariz, e não se mexeu. Sem esperar nenhum tipo de reação, Daniel anunciou-lhe que ia tirar da gaveta o caso da neta do banqueiro. O diretor da Judiciária mexeu-se devagar e Daniel sabia que era para ganhar tempo. Mendonça detestava surpresas.

– Como assim?

– Descobrimos umas informações que vou escrever no relatório, mas antes tenho de meter mais uns quilómetros na viatura de serviço. Mais logo estou de regresso.

Menos de um minuto depois de ter batido à porta, Daniel saiu sem esperar pela resposta de Mendonça, que ficou com ar pasmado. Não era de supor que a incumbência que o trouxera ao gabinete do diretor fosse alterar muito o rumo dos acontecimentos, mas ele que se considerasse avisado. Ao chegar ao carro, recebeu uma mensagem de Sara Correia.

«Carmelo de Santa Teresa, na Rua de Santa Teresa,
em Coimbra. Meta no GPS. De certeza que não quer companhia?»

Apesar de ser contra os procedimentos, Daniel respondeu em conformidade. Não ia em missão oficial, de qualquer modo. Vasques e Bráulio ajudavam na investigação de um imenso fogo que havia pelas bandas de Sintra e Sara que ficasse pela UCE. Não sabia bem a razão, mas preferia ir sozinho, pelo menos numa primeira vez exploratória, que podia dar em coisa nenhuma. Talvez telefonasse a Juvenal Caramelo no caminho para o convidar a juntar-se a ele.

Na A1, a caminho de Coimbra, com o nevoeiro vago da zona de Aveiras há muito vencido, no rádio, os locutores anunciavam as músicas de sempre encadeadas como vagões de uma locomotiva. Funcionavam como companhia naquela curta viagem e ajudavam a pensar.

Daniel lera que passamos um terço do tempo em que estamos acordados a divagar, talvez concordasse que fosse mais ainda e era o que a sua mente fazia naquele instante. Nada provava que a morte de Luzia fosse causada por terceiros num ato criminoso, mas o que vinham

penetrando dos que lhe eram próximos justificava um esforço acrescido. A sua tia-avó freira não teria detalhes sobre a morte da jovem, mas poderia acrescentar ao que se passara quatro décadas antes, e Daniel continuava com o pressentimento de que havia acontecimentos por esclarecer.

Santa Teresa era a padroeira das mães cristãs e foi no seu Carmelo, em Coimbra, que Maria da Paz Romeira se refugiara horas depois da morte da irmã, afogada a 1 de setembro de 1977, em Vale do Forno. Ninguém da família a voltara a ver. Naquele Portugal de 1977, por certo muito ficou por perguntar a Maria da Paz, agora inacessível por ser uma carmelita a viver em clausura no mesmo refúgio onde vivera a irmã Lúcia, a vidente de Fátima.

Daniel Vilar via como tremendamente remota a possibilidade de chegar à fala com a freira, mas sentia que devia tentar porque, além de o ter prometido na véspera a Ivone, era o seu trabalho e queria fazer justiça à memória de Luzia. Para além dos pontos de contacto entre os dois primeiros de setembro que sentia nos ossos.

Refletiu sobre a descoberta que ia fazendo de Ivone.

Na noite anterior, ela perguntou-lhe se ele tinha alguém e ele disse que não. Ela não perdeu tempo, beijou-o nos lábios à saída e ele ficou sem saber o que fazer. Felizmente, Ivone não se atemorizou com a inibição e a vida continuou como era suposto ter continuado entre dois adultos sem contas para prestar a ninguém. Daniel fruía ainda os benefícios de uma intimidade inesperada e levava um sorriso pendurado desde que saía de Lisboa.

As suas digressões só foram interrompidas pela voz do sistema de navegação que saía do seu telefone. Em menos de um quilómetro deveria sair da autoestrada.

**Carmelo de Santa Teresa das Irmãs Carmelitas Descalças,
Rua de Santa Teresa, Coimbra,
quinta-feira, 21 de setembro de 2017, 11h30**

Depois de arrumar o carro perto do Carmelo, Daniel circundou o edifício, procurando uma zona que se apresentasse como de serviço. Era sempre melhor ideia entrar pelas traseiras, havia a possibilidade de testemunhar atividade quotidiana, a que interessava mais a um investigador. Não demorou muito a perceber onde se situava quando viu um cabo ligado a uma sineta num portão, que fez tocar. Um badalo soou momentos depois e uma voz por detrás da grande porta de metal questionou quem era. Daniel identificou-se e pediram-lhe que fosse à volta e que entrasse pela entrada principal. O inspetor Vilar insistiu, reiterando que seria rápido.

Estimava que por ali teria um acesso imediato às irmãs e esperava poder ultrapassar as barreiras protocolares que existissem. Do outro lado da porta de ferro, ouviram-se rangidos e abriu-se uma pequena portinhola. Uma freira fez-lhe sinal com a mão para que aguardasse no exterior. Minutos depois, uma outra irmã anunciou-se sorridente.

– Sou a irmã Paula de São José, superior deste Carmelo. Em que posso ser útil, inspetor?

Guardada pelo calor de Coimbra, num pequeno pátio no exterior do Carmelo, junto ao portão, a superior irmã Paula de São José explicava a Daniel com calma e simpatia desarmantes o que eram as carmelitas descalças.

– Através da castidade, as carmelitas descalças testemunham o amor a Cristo. Fazendo o

voto de pobreza, demonstra-se o desprendimento dos bens terrenos, acolhe-se a humildade e a temperança. Finalmente, ao abraçarem o voto de obediência, as carmelitas descalças imitam a Cristo, que veio à terra para fazer a vontade do Pai e Lhe obedeceu até à morte na cruz. Nesta inspiração, que se torna numa missão, somos uma comunidade contemplativa, que se dedica à oração.

Era uma mulher bonita, de olhos azulados, que parecia ser a pessoa mais feliz e calma que Daniel conheceria.

– Se bem recorde, a irmã Rita de Santo Agostinho foi postulante durante poucos anos quando entrou. Hoje é uma das irmãs carmelitas há mais tempo no Carmelo, perto de Cristo, em oração e devoção. Foi uma irmã muito próxima de Lúcia, a santa vidente que viu Nossa Senhora em Fátima.

Estavam ali há alguns minutos e Daniel voltou a repetir o motivo da sua visita.

– Gostaria de poder falar com a irmã Rita.

Num pequeno bloco de notas, Daniel anotou o nome da freira. Rita. Como a sobrinha, a mãe de Luzia.

A superior fez uma pausa e escondeu as mãos dentro do hábito.

– Assim que foi ordenada, a irmã fez um voto de silêncio que perdura. Nunca lhe ouvi a voz, apesar de a sentir presente no meu coração. A nossa irmã toma conta da horta e de um pequeno pomar, sabia? Temos os mais saborosos morangos e pêssegos das redondezas. Deus Nosso Senhor vai perdoar-me a imodéstia e o orgulho. Não será possível falar com a irmã, como é fácil de entender.

Voto de silêncio. O silêncio de décadas que Maria da Paz devotava à família estava justificado.

A freira acabou de falar a sorrir, com um ar levemente desapontado, como que lamentando que Daniel tivesse feito a viagem em vão. Colocou as mãos novamente dentro do hábito e encarou-o.

– A vocação é um presente de Deus, inspetor. Um privilégio. O silêncio é só mais uma forma de agradecimento. Mas a irmã está connosco no recreio e nunca nos falha com a alegria no seu coração, não julgue que é uma eremita. Santa Teresa de Jesus sabia bem que Deus quer que estejamos com os outros, na amizade e na atenção. Bem como na oração e na contemplação.

A mulher soava contente como poucas vezes Daniel ouvira alguém. Ele fazia por não julgar demasiado os outros, mas sempre tomara por estranhos aqueles que optavam por se fechar ao mundo. Não que se sentisse a mais social das criaturas, mas, mesmo assim, o que se ganharia na solidão e como se suportaria ter a própria mente como única companhia?

– As irmãs têm o hábito de falar das suas famílias ou têm fotografias dos seus parentes?

– Ora, senhor inspetor, se nós bebemos *Coca-Cola* e recebemos pedidos de oração por e-mail, não haveríamos de falar de quem gostamos? Para que as irmãs possam comunicar entre si, com espontaneidade e alegria, temos recreação em comum duas vezes ao dia, depois do almoço e depois do jantar. Ficaria espantado sobre aquilo de que falamos. As que falam, naturalmente.

– Imagino que a irmã Rita seja exceção, uma vez que não fala.

– Há muitas maneiras de falar, senhor inspetor coordenador. Mas não poderei comentar, por motivos que me parecem evidentes, a vida das irmãs, aquilo que fazem e, por conseguinte, quem as visita ou deixa de visitar. Só posso dar o meu testemunho do seu amor a Cristo, de

todas as monjas.

Vilar capacitou-se de que não conheceria a cunhada do banqueiro em pessoa e viu-se num beco sem saída. Pressentia ansiedade por não poder levar novidades concretas para Ivone, havia qualquer coisa nele que lutava para não desapontar a médica. Numa fração de segundo, optou por ser direto e franco com a irmã Paula e contou-lhe da morte de Luzia, da coincidência de ter acontecido quarenta anos depois da avó, irmã gémea da monja agora chamada Rita, que ali vivia reclusa.

Reconheceu não haver vestígios concretos de crime ou de malfeitoria, sossegando a superior, reiterando que se estava ali era porque Luzia merecia que se apurasse a verdade. Quando terminou, a freira não exibiu qualquer choque ou comoção.

– Por favor, espere um pouco.

Quase dez minutos passados, regressou com um pacote embrulhado em papel pardo, envolto com uma fita azul, e um cesto com o que pareciam ser pêssegos e tomates. Daniel notou que mantinha o sorriso apaziguador.

– Isto é para si.

Quando se despediu do inspetor, a irmã Paula abraçou-o brevemente e deu-lhe um beijo na face.

– Vá com Deus, inspetor. Rezaremos por si e pelos seus.

Décima primeira carta de Luzia

Comporta, 22 de agosto de 2017

Olá, avozinha linda do meu coração,

Como tem andado? Tem rezado por mim? Desculpe perguntar logo, mas estou a precisar. Os meses de agosto, sobretudo o final, custam-me muito, sinto a angústia do mundo nas entranhas e uma falta de ar que nem lhe conto, oscilo entre um extremo e o outro, como um ioiô ou coisa parecida. Um dos meus terapeutas dizia-me que o tédio era um desejo por ter desejos. (Para dizer a verdade, acho que era uma frase de um escritor famoso, não me lembro de quem.) Pois bem, querida tia, o tédio vem visitar-me muitas vezes e em especial nesta altura do verão, do tempo quente, das vésperas de setembro, penso que seja sobretudo por isso. Que desejarei eu, afinal?

Uma coisa sei que desejo e é provar todos os sabores da vida. Quero muito agarrar tudo o que conseguir com todas as minhas forças, apaixonar-me, ter filhos, uma casa grande para ter cães e gatos, construir ao lado de alguém de quem goste e que goste de mim. A saúde também é muito o que sentimos cá dentro. Há tantos exemplos de pessoas limitadas que conseguem superar adversidades físicas e fazer as coisas mais incríveis.

Não sei quando vou conseguir enviar-lhe esta carta. Estou a escrever-lhe aqui na Comporta, mas nem tenho selos, muito menos faço ideia onde ficam os correios aqui da zona. O mais certo é enviar a carta quando for para Lisboa, antes de me meter a caminho de Vale do Forno. Se calhar vou mandar já esta e depois continuo a falar da família. Desculpe, tiazinha, é que me esqueci completamente, que baralhação, que disparate de carta.

Às vezes, pergunto-me se não estou com Alzheimer como a Adelaide, coitadinha.

Em breve escrevo mais, prometo.

Milhões de beijinhos,

Luz

P. S. Claro que sei que a tia fez um voto de silêncio. A Adelaide contou-me num daqueles momentos em que está lúcida e que felizmente ainda são muitos, mas ainda não desisti de desejar que no voto de silêncio não incluía o voto de não escrever à sobrinha-neta Luzia. Não é batota, porque, quando a tiazinha fez essa promessa, eu não existia. Vou pedir a Deus este favor.

Capítulo XXVI

**Algures no IP3, a caminho da A25,
quinta-feira, 21 de setembro de 2017, 15h15**

Nada havia mudado depois da visita ao Carmelo. Era o que tinha dito a Ivone ao telefone quando esta lhe ligou e perguntou se conseguira falar com a freira. Sempre cioso da confidencialidade no seu trabalho, Daniel evitara detalhar a sua visita, mas quando desligou ponderou se lhe teria dito a verdade. Refletindo melhor, talvez não estivesse a ser totalmente honesto, afinal de contas a tia-avó de Luzia fizera-lhe chegar a correspondência que esta lhe enviara para o Carmelo. Para lá do gesto, aquilo poderia significar outra coisa, uma mensagem, por exemplo?

Daniel não conseguira ser definitivo, mas, depois de ler as cartas que a freira lhe cedera, decidiu que precisava de estar com Juvenal Caramelo, seria útil poder dialogar livremente sobre tudo o que acontecera e continuava a acontecer, não estava longe e seria de aproveitar a ocasião. Localizou-o através de um telefonema e encontrou-o na Guarda. Combinaram encontrar-se em Celorico da Beira.

O que se percebia das cartas era que Luzia era uma miúda que gostava de viver, uma otimista que superava os estados depressivos, que adorava a família e se sentia muito próxima do tio, por exemplo. Não parecia ser o retrato de um possível suicida ou de alguém que andasse com ideias. Por outro lado, Daniel sabia que as conclusões eram como as senhas nos balcões de atendimento: podia-se sempre tirar as que se quisessem. Outra rica frase que Mateus soltara um dia e ele retivera.

A fragrância dos pêssegos e dos tomates que se entranhava no carro levou-o à própria infância e depois de novo ao caso de Luzia.

Se não o soubesse já, a tia tomara conhecimento naquele dia através da superior que a sua sobrinha-neta morrera da mesma maneira que a sua irmã, exatamente quarenta anos depois. Vilar contava partilhar o que sabia com Juvenal, duvidava que Caramelo soubesse que o banqueiro Elísio era um pequeno austríaco adotado a seguir à guerra e queria dar-lhe essa informação. Se até Pedrógão fora varrido para debaixo do tapete da História, que dizer de uma história com mais de sessenta anos?

Descobriu uma hora depois que estava enganado.

Juvenal insistira que fossem no seu carro e Daniel deixou o dele à entrada de Celorico. Encontraram-se facilmente junto à Câmara Municipal e perderam pouco tempo em saudações. Em menos de nada, o inspetor da Guarda serpenteou pelas vias locais, estreitadas por muretes de granito com oliveiras, vinhas, pereiras e pessegueiros, e fazia voar o carro na deserta A25, a caminho de Vilar Formoso, na fronteira com a Espanha. Era um instante, garantira Juvenal.

Agora que aquela autoestrada que sulcava montes e vales era paga, o tráfego diminuíra consideravelmente e passaram tantos quilómetros sozinhos que Daniel sentia-se num anúncio de automóveis. Para seu enfado, Juvenal debitava curiosidades ao longo do percurso. Daniel começava a achar que era a forma que Caramelo tinha de lidar com o nervosismo.

– Vilar Formoso foi uma vila com um rendimento médio apreciável, quando ali havia fronteira e alfândega e tanto o lado português como o lado espanhol viviam das taxas. Com a abolição das fronteiras, perdeu força e agora pendura-se nos espanhóis que vêm almoçar. Os portugueses fazem ao contrário e vão ao outro lado atestar o depósito.

Acabavam de entrar na vila e Daniel ouvia o que lhe ia dizendo um homem que teria sempre trabalho como guia turístico se um dia deixasse de investigar crimes. Daniel quase que lhe disse, mas preferiu conter-se, sabia lá como reagira o beirão.

– Atualmente vive de atalhados, do café e do emprego espanhol. Sabias que os espanhóis são maluquinhos por café português? Ao contrário, muitos dos nossos atravessam a fronteira para trabalhar nas bombas de gasolina e nos supermercados espanhóis, pois o salário mínimo é muito maior do que por cá. Em larga medida, continuamos nas Terras do Demo de que falava Aquilino Ribeiro.

Daniel continuava mudo e quieto, pensando sobre a sua própria ignorância em relação ao interior do país e de como lá se vivia. Não sabia quase nada sobre o escritor citado. Ocorreu-lhe que uma maneira de conhecer o que nos rodeia era ler os autores que falavam disso. Haveria de pesquisar quando chegasse a Lisboa, se se lembrasse.

Naquele passeio estranho até à fronteira, vivera de novo o caso de Luzia em conversas soltas e desligadas com Juvenal.

Nenhum dos dois conseguia ultrapassar aquela morte imprevista, era como um espirro que não saía, dissera ele a dada altura e era capaz de ter razão. Tudo somado, os dois contavam anos de experiência, sensibilidade e calo e a verdade é que aquele afogamento no primeiro dia de setembro continuava ali, a pairar sobre eles, para que o explicassem, antes de cair irremediavelmente na gaveta de arquivo de onde nunca mais sairia.

Para espanto de Daniel, Juvenal sabia que Elísio era uma das mais de cinco mil crianças Cáritas que Portugal acolhera, porque no princípio da carreira ouvira a história de um graduado. Juvenal foi a tempo de acrescentar que não comentara porque não julgara pertinente. Daniel ficou a matutar e acabou por não concluir nada.

Estacionaram o carro perto da estação e saíram. Não se via gente por ali e dos poucos automóveis à vista nenhum tinha matrícula espanhola. Juvenal notou a dúvida em Daniel.

– Os espanhóis vêm de manhã e ou ficam para o almoço ou vão-se logo embora.

Sentindo-se deslocado e cada vez mais irritado por não sentir a investigação a encorpar,

Vilar interrompeu Juvenal. Não estavam ali em turismo.

– O filho dele está falido.

Daniel optara por ir soltando informação sobre os Castro Pinto e verificar as reações do camarada da Judiciária.

– Quem? O tio da miúda que morreu, o filho do banqueiro?

– Exato e isto melhora. Foi esse tio que apresentou Nuno Semedo à sobrinha.

Daniel contou a história que o próprio lhe havia contado, bem como o que Rita Vilhena dissera do irmão.

– E isso leva-nos onde?

– Ainda não acabei. O mais importante é que o avô da miúda, pelos vistos, contratou o professor de ténis para vigiar a miúda.

Juvenal não perdeu tempo com chistes. Mostrava-se genuinamente surpreendido.

– Vigiar, como assim?!

– A ironia é essa. O homem pagaria a Nuno Semedo para estar próximo da neta e entregar-lhe uns relatórios ou coisa parecida e perversamente foi Semedo quem lhe forneceu as drogas que levaram à sua morte.

– Vigiar para quê? Não estou a chegar lá.

– Miúda instável, com saúde frágil, sei lá eu. O avô queria saber por que caminhos se andaria a meter, que perigos se atravessariam no seu caminho. Semedo não foi o primeiro guarda-costas. Não falei com Elísio Castro Pinto sobre estas vigilâncias por encomenda, mas inclino-me para o ditado que diz que o inferno está cheio de boas intenções.

– Portanto, aqui entre nós, continuamos a achar que o senhor mandou limpar o sebo ao traficante na prisão?

– Será inútil discordar, mas na verdade não faço a menor ideia.

– Esse tio devia querer mal à miúda.

– Pelo contrário. Cheguei há bocado de Coimbra, onde visitei a tia-avó da miúda. A gémea da avó que morreu afogada como ela.

Daniel revelou a Juvenal que a freira lhe entregara as cartas e que estas sublinhavam que a relação de Luzia com o seu tio era próxima e especial, ao contrário da relação deste com o pai. Passou o molho de cartas a Caramelo. Foi só nesse instante que se lembrou que deixara os pêssegos e os tomates no carro em Celorico, com aquele calor haveriam de estar num lindo estado.

Juvenal ficou quieto a ler as cartas, encostado a um muro com sombra por cima, e os painéis de azulejos que decoravam a estação de Vilar Formoso atraíram a atenção de Daniel, que se aproximou. Incrível obra, pensou.

Percorreu toda a estação fascinado, com olhos fixados nos azulejos que retratavam regiões de Portugal e os seus habitantes nas primeiras décadas do século xx. Sorriu quando viu um esquador com roupas improváveis e achou bizarra a circunstância de aqueles painéis não estarem sujos de *graffiti* ou com cartazes colados. Vantagens do interior, pensou. Daniel abominava os *graffiti*, que mais não eram do que vandalismo, e os cartazes e a publicidade que enxameavam Lisboa como uma praga.

Os passos que escutou fizeram-no virar a cabeça. Era Juvenal, que não perdeu a oportunidade para exibir de novo a vocação de guia turístico.

– Estás a ver um trabalho de João Alves de Sá para a fábrica Viúva Lamego de meados dos

anos 30 do século passado. Feitos a partir de postais e ilustrações. A primeira coisa que muitos dos refugiados que chegaram de comboio viram de Portugal foram esses azulejos. Vilar Formoso foi a principal porta de entrada no país para quem fugia dos nazis. Aqui ao lado está o memorial bem mais recente dedicado aos refugiados e a Aristides de Sousa Mendes.

Daniel reparou num edifício notoriamente moderno no lado direito da estação.

– Foi inaugurado há poucos meses. Há relatos e até imagens da hospitalidade destas gentes a receber refugiados com sopa, pão e mesmo alojamento. Os beirões são gente de bem, forte e solidária.

– Diz-se que outros portugueses também.

– Talvez sim, mas os beirões de certeza. Dá a ideia de que faltam cartas.

– Pode ser, mas só recebi estas.

– Será que a freira nos quer dizer alguma coisa?

– Pensei no mesmo.

– À partida, as cartas não têm nada de especial, nem tinham de ter, mas é indesmentível que a tia as decidiu partilhar. Foi por amabilidade ou por outra razão?

– Não faço a menor ideia, nem a vi.

Era verdade. Em rigor, Daniel não sabia. Claro que esperava obter mais informações, mas era estúpido pensar que alguém que não saía de um convento há dezenas de anos pudesse saber factos contemporâneos que o ajudassem. Era estúpido, mas ele foi na mesma.

Também não fazia muito sentido andar por ali com Juvenal e no entanto ali estava ele. E daí, tal como a freira pudera querer transmitir uma mensagem, talvez Juvenal não o trouxesse ali por turismo e quisesse partilhar uma espécie de lição, de que era fundamental não desistir, por exemplo.

Enquanto bebiam café, os dois conversavam sentados numa esplanada igual a centenas de outras, com cadeiras queimadas pelo sol e mesas que abanavam por conta de uma perna mais curta do que as outras. Próximo deles, um empregado desinteressado levantava loiça suja de outras mesas. Como companhia daquele trio, só o calor e o marasmo das ruas desocupadas.

– Um tipo lê as cartas e convence-se de que a vítima devia ser boa gente. Há mortes que custam mais do que outras, incluindo alguém que nunca vimos ou que não conhecemos de parte alguma. Caramba, Vilar, não podemos largar esta porcaria. Precisamos de voltar às primeiras coisas, reiniciar a fita do tempo, conhecer melhor o local do crime.

– Crime? Não há nenhuma prova, nenhuma evidência, nenhum testemunho direto ou sequer indireto de que tenha havido má-fé na morte de Luzia.

– E não há prova do contrário.

– Só que não funciona assim. Eventuais suspeitos não têm de provar que são inocentes, nós é que temos de provar a sua culpa. Aqui nem sequer há suspeitos.

A frase final foi proferida como um sussurro. Os dois inspetores ficaram em silêncio, passando a fazer parte do viver vagaroso na fronteira portuguesa. Nenhum o admitiria, mas estavam muito próximos de desistir.

Refugiado no seu telefone, o inspetor da Guarda distraía-se enquanto Daniel imaginava os refugiados de guerra a serem recebidos pela gente da Beira. Têria ele aguentado um sofrimento e uma incerteza como os dos judeus? Era o que se perguntava quando, num repente, Juvenal pôs os braços na mesa e encarou Daniel Vilar de frente.

– Anda, vem daí, vamos.

Juvenal Caramelo levantou-se, entalou uma nota de cinco euros debaixo de um copo e disparou na direção do automóvel. Daniel apostaria que sabia para onde se dirigiam.

Capítulo XXVII

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
quinta-feira, 21 de setembro de 2017, 19h45

Quando Juvenal bateu à porta da casa dos Castro Pinto em Vale do Forno, o calor dissipava-se, levado por um vento miudinho que trazia humidade e frescura aos campos. De dentro da casa, nenhuma reação. Daniel ficara ligeiramente atrás, enquanto Juvenal insistia e batia à porta. Aquela era a zona dele.

– Lauro! Lauro! Estás em casa? Abre!

O remanso rural feito de nada, o chilrear de pássaros, zumbidos de besouros e o som distante de um motor foram a única resposta. Resoluto, Juvenal notara num portão lateral que parecia aberto e entrou. Daniel seguiu-o para dentro da propriedade. A noite de setembro na serra anunciava o outono. O frio que chegara inesperado entrava-lhe pela camisa e assinalava-lhe a transpiração nas costas. Para todos os propósitos, os dois inspetores não tinham qualquer direito legal de entrar ali, mas não era o tempo para se ser legalista.

Vieram de Vilar Formoso em busca de Lauro, o homem da terra, amigo de infância de Luzia, com quem Juvenal falara antes, sem nada a assinalar. No dia em que descobriram o corpo, também fora ouvido, igualmente sem particular destaque.

Frustrados com a morte de Luzia, os dois inspetores agarravam-se ao que podiam e, já que por ali andavam perdidos na Beira e amarrotados pelo pessimismo de uma investigação que não ia a lado nenhum, podiam falar com ele de novo. Havia sempre coisas para perguntar e era sempre útil olhar o local onde tudo acontecera.

Lauro não era suspeito, Sara falara com ele, Caramelo também, mas era possível que tivesse visto mais do que aquilo que contara a Juvenal. Sobrava a esperança de alguma coisa estar enterrada na memória do campónio que um interrogatório mais fino poderia despertar. Mas não faria, pensou Daniel, aliviando ligeiramente a consciência pela ilegalidade que cometiam.

No quintal das traseiras, via-se uma estrutura em madeira com uma porta onde presumiam que Lauro vivia. À esquerda, ao fundo, visível entre as oliveiras, a água negra da piscina onde Luzia morrera brilhava, atraindo a luz que sobrava naquele dia. O silêncio cobria a propriedade e fazia parar o tempo.

O inspetor Juvenal empurrou a porta daquela espécie de barraco e conseguiu abri-la à primeira. Lá dentro, o escuro recebeu-os. Habitados à penumbra, lentamente vislumbraram um catre, uma cadeira, uma mesa, prateleiras em cima de tijolos, desarrumação variada, roupa

pendurada, cajados, sachos e teias de aranha nas frinchas por onde a luz entrava. Em cima da mesa, a um canto, Daniel notou os cantos brilhantes de um computador portátil. Ia pegar-lhe quando se ouviu um cão ofegante a latir com nervosismo e passos rápidos.

Os inspetores viraram-se e pela porta aberta notaram Lauro a chegar. A surpresa transformou-se em pânico quando descortinou os dois homens no seu território.

– Quem sois? Quietos!

Juvenal sorriu quando ouviu o berro de Lauro. Percebeu que tinham feito bem em passar por Vale do Forno.

Menos de cinco minutos depois e esclarecidos os pretextos, os dois polícias falavam com mil cuidados, procurando que Lauro não se assustasse. Eram três homens a conversar sobre a morte de Luzia, mais nada. O cão fora largado no quintal e parecia distraído a roer uma bola velha.

Dentro do barraco, o aldeão sentou-se na cadeira e os inspetores arrumaram-se no espaço, encostando-se onde conseguiram lugar. Daniel fez questão de ficar próximo do computador fino e elegante que destoava no cenário. Embalado pela energia de um dia estranho, e a pensar na bondade tocante da freira Paula, nas cartas e na memória da fronteira e dos refugiados judeus acoitados em Portugal, Daniel Vilar deixou que Caramelo liderasse a conversa.

– Lauro, desculpa lá, fomos entrando, não leves a mal. Para te explicar, andámos por Vilar Formoso por causa de umas coisas da Judiciária e, como o inspetor de Lisboa tinha o carro em Celorico, aproveitámos e passámos aqui mais uma vez só para tirar umas coisas a limpo, se estiveres de acordo. Como imaginas, é do interesse de todos esclarecer a morte de Luzia Vilhena.

– Não sei de nada, mas ajudo vossemecês no que for necessário, pois está claro.

Lauro parecia aflito, mas podia ser do susto. Nem Daniel nem Juvenal faziam ideia de onde aquilo poderia ir ter. Os inspetores iam à pesca, mas Lauro Cruz escusava de o saber. Que o moço sabia mais do que contara, parecia evidente desde o início. Os próximos sabem sempre mais do que revelam, até sem terem essa consciência. No dia em que Luzia foi descoberta morta na piscina, o homem dissera que não vira nada, não sabia nada e, sem surpresa, foi o que gaguejou novamente aos inspetores, que o sossegaram, ele que não se preocupasse que em breve estariam fora dali.

– Não estejas nervoso, que isto passa depressa.

– Soubemos que o tal Semedo se enrolou com a Luzia.

– Enrolou?

– Relações sexuais. Não sabes o que é enrolar, ó Lauro, não me lixes.

– E Maria Ana também, um passarinho disse-nos que os três terão tido relações sexuais.

Enquanto Juvenal falava, Daniel espreitava com atenção a casa de Lauro. Acrescentou aquilo de propósito, sem saber sequer se era verdade, mas não era preciso ser um sobredotado para saber que Lauro haveria de sentir ciúmes. Podiam ser ciúmes vagos e leves ou intensos, mas sentiria, porque é assim que funciona a cabeça dos homens. Apostava na possibilidade de o moço ter algum sentimento de posse por Luzia ou simplesmente de se babar pelas lisboetas elegantes e bem cheirosas.

– Eu cá não vi nada e cada um é como cada qual, não é verdade? Essas coisas que o senhor inspetor fala não são da minha conta.

Na penumbra, pressentia-se a tensão. Nas aldeias tudo se sabia, a má-língua era um passatempo comum, sem olvidar que ele vivia na propriedade e a probabilidade de os ter

espreitado era elevadíssima. No campo ou na cidade, a vida dos outros é o maior entretém, na Lua ou em Marte haveria de ser o mesmo.

Para moer Lauro Cruz e aumentar-lhe o nervosismo, o inspetor Juvenal Caramelo percorria os acontecimentos do dia da morte de Luzia devagar e com detalhe.

Vagueando pelo barraco, Daniel elogiou o computador de Lauro e pegou-lhe, a pretexto de procurar um copo de água. Verificou de imediato que era um modelo caro.

– Belo computador. Tens ligação à Internet aqui ou andas a escrever as memórias?

Se já estava tenso e incomodado com a presença dos dois polícias, Lauro sobressaltou-se e tentou arrancar o computador das mãos de Daniel, que conseguiu evadir a manobra com facilidade.

– Onde o compraste?

O desconforto de Lauro era indisfarçável.

– Na Guarda.

– Tens a fatura, espero. Se uma coisa destas se avaria, o arranjo é caro e é preciso ter os papéis em ordem para usar a garantia.

– Comprei a um amigo que ia viver para Espanha e que me vendeu barato em segunda mão.

– Em Espanha não são precisos computadores?

– Ele diz que precisava do dinheiro.

Lauro falava depressa. Queria deixar cair o assunto do computador o mais rápido que conseguisse. Daniel olhava para o computador com cuidado, ligando a lanterna do seu telefone para ver com mais rigor e deixar Lauro ansioso. Levando o portátil ao nariz, Daniel sentiu um ténue, mas real, cheiro a perfume de mulher.

Arriscou.

– É o computador de Luzia, não é?

Sem esperar pela resposta, Daniel acrescentou em tom severo, esticando a aposta:

– Tu é que sabes da tua vida, mas por mim começavas a falar e a contar tudo o que sabes. Ou então chamamos um carro para te vir buscar e vais dormir à Guarda, até o juiz nos dizer o que fazer contigo. O que pode demorar uns dias.

Juvenal não abriu a boca e nem se mexeu. Lauro olhou primeiro para Daniel e depois para Juvenal e respondeu em voz baixa:

– Foi a Adelaide que me disse para ficar com ele.

Lauro Cruz baixou a cabeça e tombou os braços ao longo das pernas. Daniel acertara em cheio.

O inspetor Juvenal levou a mão ao bolso, tirou uma cigarrilha da caixa e dirigiu-se para a porta, não sem antes dizer:

– O melhor é começares pelo princípio.

Ao longo de quase uma hora, vergado pela dinâmica dos inspetores, Lauro Cruz contou a sua versão do que se passou naquela noite.

Depois de os amigos terem regressado a Lisboa, Luzia ficou na zona da piscina sozinha. Tinha auscultadores nos ouvidos e o telefone na mão. Ele vira o carro com os outros dois a ir embora e saiu do barraco para perguntar se ela precisava de qualquer coisa. Lauro admitiu que se mantivera ao largo, afastado, quando por lá andavam os amigos lisboetas, mas agora que eles haviam partido aproximou-se. Talvez a Luzinha quisesse ajuda a arrumar as cadeiras.

Estiveram ali à conversa a falar de coisa nenhuma, dos bons velhos tempos, de quando eram

cachopos a correr pelos campos. A Lu bebia vinho e ele não bebia nada, porque queria distância do álcool, mas iam falando e rindo, era noite e nenhum tinha sono. Foi então que ela partilhou que queria virar todos os quadros e as molduras da casa ao contrário, virá-los de pernas para o ar, e perguntou se Lauro a ajudava. Era uma maneira de homenagear a avó, explicou-lhe, e sempre pregavam uma partida à Adelaide, como quando eram crianças a cirandar na aldeia.

Lauro referiu que achou aquilo engraçado e esquisito, mas que a Luz explicou que o tio João Carlos lhe contara que ele próprio o fizera na véspera de a mãe dele morrer, e agora ela queria reviver o momento, como uma homenagem e um divertimento.

– E mais?

Juvenal foi ríspido.

– Eu ia trocando os quadros, enquanto ela ficava a segurar neles e mos dava para a mão. O que eu não queria era fazer barulho por causa da Lai. Ela é um pouco dura de ouvido, mas mesmo assim não queria estar a atrapalhar àquela hora. Sabe como é, sem querer a gente pode deixar cair uma coisa ao chão e fazer um estrondo.

Um valente ator, suspeitou Daniel. Humilde e atencioso como nas histórias da carochinha.

– Por favor, não quero confusões nem causar aborrecimentos. Estava preocupado com a Luzinha, que ela caísse ou se magoasse a mexer nos quadros, por isso fui com ela. Estava muito virada.

Daniel tomou as rédeas da conversa.

– Que dizes de ela ter aparecido morta na água?

– Não sei. Eu fui-me embora e ela ficou. Deve ter dado um mergulho, estava calor.

– Não a viste a mergulhar?

Assim que Daniel lançou a pergunta, Lauro começou a soluçar e a repetir que deveria ter feito mais, que devia ter ficado perto de Luzia e que ela não estava bem para ter ficado sozinha ali ao pé da piscina.

– Vá lá, Lauro, deixa-te de coisas, já és crescido. Conta lá.

Refeito do achaque, Lauro revelou que nos últimos anos Luzia dava sempre um mergulho na piscina na noite em que avó morreu.

– Hum, imagino que sim, Lauro. Nos outros anos, também estava nua?

– Pois, isso não sei dizer, senhor inspetor.

– Então como sabes que ia sempre à água de 31 de agosto para 1 de setembro?

– Foi ela que me contou. Só abanco aqui no quintal há uns meses, no ano passado estava lá para baixo, à entrada do povo.

– Isso à gente não interessa nada. No dia em que ela foi encontrada morta, disseste aos inspetores que, quanto te foste embora, Luzia ficou na zona da piscina. Afinal foste embora quando?

– Quando a gente acabou de virar as molduras e os quadros, perguntei se queria mais alguma coisa, mas ela disse que não e que se ia deitar não tardava. Enrolava as palavras e parecia cheia de sono e eu estava atrasado para ouvir um programa na rádio. Começa pelas onze e pouco, a seguir aos anúncios, e já passava da hora.

Lauro desatou a chorar, enquanto gemia o nome de Luzia.

– Sobre essa coisa dos quadros, e antes que me esqueça, porque não nos disseste que foste tu e a Luzia que os viraram?

– Ninguém me perguntou, senhor inspetor. Não disse porque ninguém me perguntou.

Típico, pensou Daniel. Havia sempre perguntas que escapavam na diligência criminal. Ninguém lhe tinha perguntado e afinal os quadros e as molduras de pernas para o ar que o deixaram sem dormir um par de noites eram uma homenagem qualquer de uma neta bêbada a uma avó morta quarenta anos antes.

– Só para pormos isto em pratos limpos, quando a deixaste junto da piscina ela estava bem?

– Então não? Sonolenta, mas bem. Perguntei se precisava que eu fosse buscar alguma coisa, mas a Luz disse que não precisava de nada.

– Temos de acreditar em ti, não é verdade, Lauro?

Era acreditar ou não acreditar, era disso que se tratava. Daniel cismou, não podia dizer que acreditasse completamente, mas duvidava que arranjassem provas diretas que incriminassem Lauro Cruz. Para mais, faltava o motivo. Mesmo assim, a sensação de que aquele pateta não estava a dizer tudo o que sabia era cada vez mais forte.

O que sabia é que, se um lorpa daqueles, pobre e sem conhecer ninguém, se visse caído nas malhas da justiça, talvez não se safasse, fosse inocente ou culpado. Seria o próximo Semedo que Elísio iria meter atrás das grades. Sem ter sequer a certeza de que Luzia fora assassinada, Daniel não queria ser cúmplice de uma situação dessas, dar-lhe-ia o benefício da dúvida, haveriam de ter tempo de pensar no que fazer.

– Mudando de assunto, porque é que a empregada te disse para ficares com o computador de Luzia?

– Nem lhe perguntei, obedeci, arrecadei o computador e trouxe-o para aqui, mas nem lhe toquei. Só estou a guardá-lo, ia devolvê-lo, só esperava que alguém da família viesse aqui a Vale do Forno.

Daniel pensou que João Carlos já lá estivera, mas voltou a nada dizer naquele momento. Aquilo era conversa, o aldeão ia ficar com o computador, o que por si só nada implicava. A maioria, perante uma oportunidade de ficar com alguma coisa valiosa, aproveita-a, não significa que sejam assassinos.

– Lauro, tenho uma última questão.

Daniel disse aquilo num tom amigável, a ideia era que o campónio descontraísse. Lembrara-se de uma coisa que Ivone lhe dissera.

– Diga, senhor inspetor.

– Achas que a Luzia foi envenenada?

**Restaurante A Casa da Tia Eduardinha, Celorico da Beira,
quinta-feira, 21 de setembro de 2017, 21h45**

– Não há relógios em Lisboa?

Apesar da pergunta, o sorriso acolhedor da mulher desfez as dúvidas. Estavam com sorte, o restaurante aceitava servi-los.

– Só tenho iscas. Podem optar por batata frita ou cozida. Desejam uma salada?

Minutos depois, a mulher bonita, de olhos pequenos, claros e generosos, com o cabelo muito preto armado num carrapito perfeito, trouxe-lhes uma travessa pródiga cheia de iscas de cebolada. Daniel e Juvenal estavam com tanta fome que apressaram o final da conversa com

Lauro, teriam comido a roda de um camião se a servissem com batata frita.

Lauro parecera a ambos enrascado e com medo da polícia, mas nem de perto nem de longe essa atrapalhação fazia dele culpado de mais do que abusar da circunstância de ter a chave da propriedade. Talvez guardasse coisas nas lojas, talvez andasse por dentro da casa grande da família, talvez se servisse de couves sem dizer nada, se calhar desviava algumas que vendia pelo lado, mas não tinha pinta de mestre do crime. E faltavam o motivo e as provas, naturalmente.

O computador de Luzia estava à vista, o que era demonstrativo de uma ingenuidade a que Juvenal chamou embrutecimento. É o típico gajo da aldeia, que por acaso não bebe, o que o torna no gajo da aldeia que não bebe, dissera Juvenal entre gargalhadas. Daniel podia ter dito que o computador estava à vista porque o homem não esperava a visita de dois polícias da Judiciária, mas não aditou nada de especial à conversa, não ia competir com Juvenal na antropologia às gentes da serra, precisava de assentar ideias.

Pensando ligeiramente no que diria a Mendonça quando chegasse a Lisboa, a companhia de Juvenal distraía-o. Havia a questão das cartas da freira, agora na sua posse. Gostara de conhecer Vilar Formoso e mais ainda de satisfazer a curiosidade sobre os quadros e as molduras ao contrário. E haviam recuperado o computador da miúda. Fora um rico passeio.

No fim da refeição, um telefonema de Sara Correia alertou-o. A inspetora costumava enviar mensagens e só telefonava em caso de urgência. Daniel, que comera o suficiente, escusou-se para fora com a vontade de fumar uma cigarrilha, enquanto Juvenal espreitava a televisão. Sara deveria estar ansiosa.

– Sara, o que se passa?

– Chefe, tenho novidades sobre a morte de Nuno Semedo.

Capítulo XXVIII

Hotel Central, Celorico da Beira,
quinta-feira, 21 de setembro de 2017, 23h45

O inspetor Vilar resistira às insistências de Juvenal para ir até Manteigas. De manhã retornaria a Lisboa. Ficara por Celorico, terra do pioneiro da aviação Sacadura Cabral, como descobrira depois de reparar que tudo na terra tinha o seu nome e confirmar a informação na Internet. Era divertida a gratidão das populações aos seus heróis, podia até ser exagerada, ainda que inadvertidamente. Haveria um dia um celoricense maior do que Cabral, pensou Daniel. Duvidava, mas se houvesse seria um sarilho homenageá-lo em condições.

Com a concordância de Juvenal, assumindo a informalidade dos passos que iam dando na investigação, o computador de Luzia ficara com ele. Quando o tentou ligar, não ficou admirado de a bateria estar prestes a ficar sem carga. Daniel não tinha a solução consigo e guardou-o na mala. Na Judiciária, resolveria o problema e entregaria o computador dizendo que Lauro o devolvera.

Do carro trouxera o pequeno caderno que usava para escrever as palavras que o caso ia suscitando:

Afogamento, homicídio, suicídio, drogas, depressão, tornozelos, pulsos, setembro, Lauro, telefone, computador, empregada.

Leu cada palavra sussurrando como um miúdo a estudar para um exame. Notou que faltava Nuno Semedo, mas ignorou a omissão e acrescentou apenas mais duas: *crianças* e *Cáritas*.

As novidades que Sara revelara acerca do professor de ténis retiraram-no do quadro de putativos implicados porque afinal não tinham executado Semedo por causa da morte de Luzia. Um detido falara a troco da redução da pena e ficara-se a perceber que Nuno Semedo fora morto devido a um acerto de contas de um negócio antigo de drogas. O passado apanhou-o e tudo indicava que o banqueiro nada tivera a ver com aquilo. Haviam-se precipitado naquela elucubração.

Deitado em cima da cama, refletindo sobre Lauro Cruz, Daniel Vilar fazia por ser imparcial. Nunca olvidava que a lei portuguesa permite uma prova indireta para chegar a um veredicto em tribunal, o que significava que ninguém estava verdadeiramente fora do radar.

A verdade é que seria possível construir um caso contra o assustado Lauro, que estaria em maus lençóis se encontrassem um motivo, mesmo fútil, que o justificasse como suspeito.

Daniel queria resolver o caso, mas não ia entregar Lauro como um cordeiro para sacrificar, nem ninguém, a não ser que reunisse evidências muito mais fortes. Preferiria sempre assumir a incapacidade. Com a esperança de que os seus sonhos estranhos o deixassem em paz, apagou a luz pelas duas da manhã e embalou-se a lembrar que a dúvida é a razão de ser do processo judicial. A frase, repetida vezes sem conta no curso de Direito, assomava à sua cabeça com frequência. Investigava-se para procurar o que não se sabe ou que se julga não saber e, talvez mais importante, também para se rebater o que se julga saber. Ir atrás de fezadas, intuições ou rastros esbatidos era necessário, mas duvidar, perspetivar e enquadrar não era menos.

Toda a gente estava familiarizada com o conceito de presunção de inocência, mas Daniel sabia demasiado bem que a presunção de culpabilidade era frequente.

Unidade de Crimes Especiais,

sede da Polícia Judiciária, Rua Gomes Freire, Lisboa,

sexta-feira, 22 de setembro de 2017, 10h30

Apanhando menos movimento no trânsito do que supusera, o inspetor Daniel Vilar chegou depressa à UCE, vindo do Restelo, onde passara para um duche rápido depois da viagem de regresso de Celorico. Passara o caminho repousando a atenção no tráfego da autoestrada e na paisagem, enquanto deixava o cérebro visitar o que sabia sobre o caso. Tratava-se de limpar a secretária imaginária. A expressão que aprendera, e que nem se recordava onde, pareceu-lhe útil e podia ser eficaz.

Quando entregou na Polícia Científica o computador resgatado do barraco, antes de voar para o São Francisco Xavier para ver Mateus, pediu ao seu contacto que fosse discreto e que quaisquer ficheiros no processador de texto guardados em alguma pasta com o nome «cartas», «tia» ou «variantes» lhe fossem entregues o quanto antes. Mais tarde poderia ser mais exaustivo, mas imaginava que Luzia tivesse guardado os documentos com nomes óbvios, porque é o que as pessoas fazem nos seus computadores. Ninguém supõe que um dia a polícia vai perscrutar ficheiros.

Ainda na véspera, tirara a limpo a questão da morte de Nuno Semedo com Bráulio, Vasques e Sara. Um dos supervisores dos guardas da cadeia jogava futebol com Vasques e este falara com ele sobre Semedo. Um recluso estrangeiro a tentar uma redução de pena viera falar com o diretor a contar a história do ajuste de contas antigas. Um negócio antigo de droga valeu a Semedo um golpe que lhe cortou a artéria femoral e o fez esvair-se em sangue. Os guardas encontraram-no já cadáver. Na revista que fizeram encontraram uma faca improvisada numa cela cujo locatário acabou por assumir a culpa e o motivo. A morte de Semedo fora somente uma infeliz coincidência com o caso de Luzia e era agora uma ponta que deixava de estar solta.

Mais tarde, ao fim da manhã, Daniel tinha consigo uma pasta com impressões dos ficheiros de texto encontrados no computador de Luzia. Leu os cabeçalhos, passou os textos na diagonal e não lhe pareceu que houvesse qualquer documento relevante. Seriam trabalhos para a universidade, era quase tudo em inglês.

Para desanuviar da desilusão e antes que se esquecesse, enviou uma mensagem a Sara Correia com uma questão que há muito lhe tamborilava na cabeça e só naquela manhã se formulava com clareza.

«Tente saber, nem que seja perguntando diretamente à família, se Luzia sabia nadar. Partimos desse princípio, mas em concreto não sabemos.»

Sem se deter, enviou outra mensagem, desta vez a Todor, o patologista:

«Se a coisa for bem feita, um homicídio por afogamento pode ser indetetável? Alguém pode forçar a cabeça de uma vítima dentro de água, esta morrer afogada e nunca se saber a verdade através de perícias e autópsias?»

Desta vez, a resposta veio célere e inequívoca.

«Sim. A água é a arma do crime perfeita, não deixa vestígio. Como falámos, importa é saber como é que o indivíduo foi posto em circunstâncias tais que implicaram afogamento. Ainda é sobre aquela miúda que apareceu na serra da Estrela?»

Daniel não respondeu. Oficialmente, não havia inquérito a decorrer, o melhor era que Todor pensasse que foi uma ideia solta. A reter a extrema dificuldade, para não dizer impossibilidade, de demonstrar que há crime num afogamento se não houver testemunhas ou indícios que atestem que a vítima estava inconsciente. Daniel já andara a pesquisar e percebera que é aquilo que está em redor do afogamento, as provas, as testemunhas, as circunstâncias, que dirá se houve ou não dolo, e consequentemente crime. O que ia sabendo não impedia que continuasse a sentir que havia alguma coisa que não assomara ao seu processo consciente. À saída da Judiciária, o telefone vibrou. Era Sara:

– Confirmei com a mãe de Luzia que ela não teve aulas de natação quando era pequena. Um trauma qualquer numa piscina fez a miúda ter medo de água. Telefonei a Maria Ana, que me disse que Luzia costumava entrar na piscina e sair logo e que não se lembra de a ver nadar no mar. Nunca ia para zonas fundas.

No carro atendeu um telefonema da Judiciária que revelou que havia uma outra carta escrita por Luzia no computador, encontrada numa pasta dos ficheiros temporários. Perto de casa, Daniel pediu que enviassem uma cópia por *e-mail*, seria mais uma para juntar ao lote que a tia lhes cedera, mais palavras doces.

Saturado da escuridão mental sobre o que acontecera a Luzia, Daniel decidiu cozinhar para se distrair, com música dos tempos em que as viagens com cogumelos eram legais como companhia. Não mais regressaria ao centro de Lisboa e, se se saísse bem nos tachos em casa, talvez convidasse Ivone. No semáforo atravessou a avenida e meteu-se a caminho do supermercado. Talvez um caril de lulas, com salada de tomate com melancia. E um bom vinho branco.

Sim, iria convidar Ivone para jantar com ele, a médica fazia-lhe bem e ele precisava de viver o que lhe fazia bem.

Vale do Forno, 30 de agosto de 2017

Querida tiazinha,

Estou perto de si, aqui na sua casa, na serra, lembra-se? Gostava imenso que a pudesse ver agora, como está bonita e confortável. A casa foi recuperada e modernizada, mas nada tema, fiz questão de que o avô pedisse à empresa das obras que mantivesse a autenticidade e o espírito da família. Ou a ruralidade, como disse o arquiteto que fez o projeto. A Lai disse-me uma vez que ele era filho de alguém que era nosso primo, mas não me lembro dos nomes. Engraçado como aqui somos todos da mesma família, todos os anos é a mesma conversa, este é primo, aquele é primo, para mim é sempre uma revelação, esqueço-me de tudo e mais alguma coisa desde pequena. A minha mãe gozava comigo e dizia que era de eu comer muito queijo, a tal ponto que me assustei e fiquei anos sem tocar em queijo, nem nas pizzas. Gosto disto daqui, destas madeiras antigas, deste granito, das janelas que fecham com portadas travadas com aqueles ferros de que nem sei o nome.

Quando para cá venho, gosto de ouvir o som da aldraba a bater na porta e por isso nem temos campainha, nem quero. Há muita gente que passa aqui na casa quando vê os carros e percebe que por cá estamos e bate à porta. Há sempre quem traz um queijo, um pão de ovos, umas couves, fruta, legumes, vinho ou azeite. É tudo tão bom por aqui, parece que o sabor do ar puro está nas comidas, é tão agradável ouvir os sinos a tocar.

Este ano sinto-me mais próxima do passado que aqui habitou com a avozinha e os vossos pais. Acho que já lhe contei, mas conto outra vez, encontrei uma fotografia sua e da minha avó quando eram pequenas, deviam ter uns oito ou nove anos. Tão parecidas que vocês eram, muito engraçadas, com um olhar muito assustado, com um vestidinho branco igual, sapatos pretos e meias a chegar ao joelho. Deve ter sido a um domingo ou num dia de festa, imagino que se devem ter assustado com o fotógrafo. Estou a pensar mandar ampliar a fotografia e colocá-la em destaque na casa. Não se importa, pois não?

Desculpe, tiazinha, tive de interromper a escrita porque fomos a Celorico comprar coisas e algumas são pecado, mas dos pequeninos, tipo cigarros. A Maria Ana não tinha e tivemos mesmo de ir. E gomas! Adoro gomas, não vivo sem gomas, já lhe tinha dito?

Peço uma tonta, escrevo-lhe a pensar que estou a conversar consigo, mas é assim que me sinto, próxima de si e de mim mesma. Estou aqui deitada ao computador a ver a piscina e está calor, tanto calor que nem parece que amanhã já é setembro. Queria tanto que a tia visse como arranjámos a casa e visse a zona nova cá fora. Infelizmente, não tenho muito jeito para descrever com palavras. Um dia faço umas fotografias e mando-lhas. Temos uma piscina escura, preta, para reter o calor na água, foi uma ideia do arquiteto que achei muito gira, o avô deu-me carta-branca e ficou espetacular. Gaba-te cesto, como diz a Adelaide, ela é tão engraçada.

Não sei mais o que escrever, o dia está a acabar, os meus amigos estão a arranjar-se e eu estou aqui sozinha, se excetuarmos o Lauro, escondido ali atrás da piscina a olhar para mim. O Lauro é um rapaz da terra que dá uma ajuda aqui na casa, não sei se lhe falei dele antes. O que é giro é que em criança brincávamos juntos, mas agora ele está muito mais tímido e não se aproxima de mim, deve achar que eu mordo. Agora lembro-me que ali ao fundo queria mandar plantar uma espécie de sebe, mas é preciso primeiro tratar de um sistema de rega qualquer que

avariou

[Nota da Polícia Científica: a carta interrompe no vocábulo «avariou».

Assinatura ilegível.]

Capítulo XXIX

Torres do Restelo, Lisboa,

sexta-feira, 22 de setembro de 2017, 22h30

Daniel e Ivone falavam sobre nomes enquanto acabavam a garrafa de vinho do jantar. O inspetor Vilar dera por si a contar à médica a estranha conversa com Juvenal no arranque do mês sobre a serra e o lamento deste acerca do seu nome. Ivone aproveitou e enumerou os nomes divertidos de pacientes que conhecera. Floripes, Eduíno, Orquídea. A médica era uma pessoa cheia de características surpreendentes e o humor fino com um traço de cinismo era uma de que o inspetor gostava em particular.

Continuavam sentados à mesa há mais de uma hora e Ivone falava pelos cotovelos sobre tudo e o seu contrário. Daniel escutava com gosto, sobretudo porque notara que aprendia a sério. Egoisticamente, sentia ainda que o tempo de descontração lhe podia ser útil nas maquinações sobre o caso de Luzia. Era deixar as informações a fermentar enquanto se distraía. Não durou muito tempo o ócio. Ivone queria muito falar da morte na serra da Estrela.

– Sabes que a consciência é um dispositivo que constrói uma narrativa para que possamos ter como que um guião explicativo do que nos aconteceu?

Apesar da complexidade da frase, Daniel percebia o que a médica dizia. Falavam da consciência, depois de Ivone ter voltado ao caso e teimar que Luzia não estaria na posse de todas as suas faculdades cognitivas naqueles últimos dias de agosto.

– O nosso mundo pode ser nosso, mas precisa de fazer sentido na relação que temos com o mundo dos outros. Essa consciência orienta-nos as decisões futuras, ligando-as ao passado e ao presente. Eu fiz isto, porque aquilo é então um dia aqueloutro. Só que é uma ilusão de que somos sempre nós ao volante, que é a nossa vontade a ser feita, executada, que somos donos do nosso destino.

– Claro. Eu sou eu e tu és tu. Não vou ser eu a decidir o que vais fazer amanhã.

Ivone riu-se, aproximou-se de Daniel e deu-lhe um beijo na face.

– Nem eu, caro inspetor, nem eu. Mas não é bem isso. A Ivone de amanhã ainda não existe. Digo-te mais, a Ivone, que andou na escola de música aos nove anos, não está aqui. Eu, aqui e agora, sou outra. Sou aquela rapariga de nove anos com todas as experiências por que passei até agora. Além disso, ao nível celular, o nosso corpo quase nada tem, literalmente, daquilo que outrora fomos. Amanhã, somam-se mais vinte e quatro horas de experiências e de células. Amanhã, tu não serás tu. Faz sentido ou estou a cansar-te?

Daniel acenava e sorria. Que mais poderia fazer? Estava com sede e preguiça de ir buscar água à cozinha.

– O que quero dizer é que somos muito menos quem julgamos ser. Para teres uma ideia, a tristeza pode muito bem ter uma explicação biológica porque, como sabes, não optamos por estar tristes. Ainda assim, a tristeza pode ser útil e ter um propósito.

Daniel assentiu. Ivone continuou como se tivessem marcado o jantar exclusivamente para falar daqueles temas.

– Existe uma teoria evolucionista da depressão que diz que o neuroticismo, ou seja, uma propensão para a ansiedade, para o pessimismo, para avaliar os acontecimentos e os cenários através de um prisma negativo, pode ter sido benéfico do ponto de vista evolutivo e da salvação da espécie. Porque a cautela ajuda à sobrevivência. Um otimista temerário corre muitos mais riscos, não podemos saltar de um avião sem paraquedas só porque somos otimistas achando que não nos vamos esborrachar no chão. É melhor ser o chato que não quer saltar de maneira nenhuma.

Ivone acabou a frase às gargalhadas. Ali, sem bata e com um copo de vinho, transformara-se.

– Por outro lado, seguindo lealmente esses pessimistas ainda estaríamos em cavernas, vestidos com peles de coelho e moca na mão, porque ninguém teria ousado sair dali com medo de ser abocanhado por um leão ou pisado por um mamute. Somos então produto de cautelosos misturados com otimistas e inovadores, aqueles obcecados com a ideia de que vão conseguir fazer coisas, como criar um motor de combustão ou pôr um avião a voar. E não é que a humanidade foi até à Lua e tudo?

O inspetor Vilar ouvia Ivone com metade da atenção, enquanto pensava outra vez em Luzia e na nova carta que aparecera no computador e que nunca chegara a ser enviada à freira.

– Em todos convive uma versão defensiva com uma versão otimista e voluntariosa. A vítima do teu caso pareceu-me que tinha estes perfis marcados nos extremos.

– Achas que se pode ter suicidado?

– Sinceramente, e guiando-me pelas conversas que tu fazes o favor de ter para alimentar a minha curiosidade, a Luzia dá a impressão de ser alguém instável. As pessoas que decidem tirar a sua própria vida são instáveis.

– Sim, seria. Ora estava bem, ora estava péssima, a família deu-nos conta dessa oscilação.

Daniel respondia por automatismo. Havia uma parte do texto de Luzia que lhe ficara a martelar na cabeça como um zumbido, só ficava a faltar saber qual. Ivone continuava, agora num tom mais melancólico.

– O que me contaste há pouco fez-me muito sentido. Ri à gargalhada, mas foi uma defesa da minha parte. Não sei se te disse, mas não gosto do meu nome. A minha mãe chamou-me assim por homenagem a uma madrinha dela que morreu de cancro. Que raio de maneira de marcar a vida, não achas? Detesto Ivone e cheguei a pensar em mudar de nome quando era adolescente.

Daniel não sabia o que dizer. Nunca pensara se Juvenal Caramelo ou Ivone eram ou não nomes peculiares. Para ele, Ivone era um nome normalíssimo, embora nunca tivesse conhecido outra Ivone. Não houvera uma atriz de revista com esse nome?

A médica teimava e continuava a partilhar o sofrimento pelo nome de batismo. Seria uma lamúria antiga, percebeu o inspetor Vilar. Ou podia ser do excelente tinto do Dão que ele trouxera de Celorico e agora bebiam.

– Há nomes que parecem definir quem os tem. Não faz sentido um bebé com o nome de Albano ou Valdemar. Ou então Juvenal, como o teu amigo. Não achas, Daniel? Já agora, qual era o nome do teu filho? Creio que nunca mo disseste.

A frontalidade de Ivone era refrescante, mas conseguia ser desassossegadora. Daniel estava a milhares de quilómetros do filho, a pensar no que Luzia queria partilhar com a tia freira, e demorou a responder. Teria dito o nome do filho anteriormente? Pelos vistos, não. Não se lembrava.

– Zé Maria. O meu filho chamava-se José Maria.

A médica de Mateus nem se deu conta da solenidade com que o inspetor proferiu o nome do filho e prosseguiu a sua teoria dos nomes, como se a informação que Daniel prestara fosse equivalente a ter dito que na véspera passara na lavandaria antes de ir para casa.

– Gosto do nome. É nome de boa gente, de gabarito, bem-posta. Ivone não. O meu é nome de velha, odeio. Ivone, Odete, Celeste parecem nomes dados de propósito para definir a vida para sempre. E, quando mais raro, pior é. Não achas que há nomes que parecem ser mesmo pensados para empregadas? Desculpa se estou a ser snobe, mas é o que penso.

Ivone continuou a perorar sobre nomes, esbracejando com o à-vontade dos que estão juntos há muito e não há alguns dias como eles. Daniel ouvia sem dar muita importância e preferia aproveitar para a observar, até que percebeu que ele próprio pronunciava um nome quase em murmúrio.

– Adelaide.

Torres do Restelo, Lisboa,

sexta-feira, 22 de setembro de 2017, 23h10

A vida de inspetor da Judiciária era a vida toda, pensava Daniel, enquanto conversava com Juvenal ao telefone. A intenção era validar uma intuição decorrente da conversa sobre nomes próprios com Ivone. O nome Adelaide viera-lhe à cabeça e Daniel julgou que descobrira por fim o que lhe rondava o pensamento há muitos dias e demorara a entrar. A empregada Adelaide Leonardo estivera sempre perto dos Castro Pinto e das duas falecidas, mesmo com os quarenta anos de intervalo. Saber melhor quem era esta mulher podia ser útil e conveniente.

Infelizmente para Daniel, o beirão estava pouco disposto a ajudar.

– Deves achar que aqui todos nos conhecemos, que somos uns parolos, todos da família ou o que seja, que se calhar até ficamos com os cães uns dos outros quando vamos de férias. Aí em Lisboa perguntarias a um dos teus inspetores se conhece a empregada doméstica que fazia limpezas na casa de uma vítima de roubo?

Com larga persistência, Daniel aturou o agastamento de Juvenal até conseguir que este se compromettesse a fazer uns telefonemas para familiares na zona de Celorico. Não era remoto supor que a memória das gentes podia chegar longe naqueles locais afastados das cidades e Daniel sabia que Juvenal, atrás da pose, estaria de acordo com a conjectura. Enquanto se mantinha ao telefone, Ivone Ferro espreitava a sua curta coleção de música, correndo os CDs com o indicador, entortando o pescoço para tentar captar o que diziam as lombadas.

Com o divórcio, Cristina levava bastantes discos, sobrava muito do *jazz* e da *soul* de que

Daniel aprendera a gostar. Mais sereno depois da conversa com Juvenal, aproximou-se da médica sentindo o perfume que lhe começava a ser familiar, esticou o braço e tirou um disco de Benjamin Moussay que colocou no leitor. A música encheu a sala e a sofisticação suave do pianista cancelou explicações à detetive amadora sobre o telefonema.

Capítulo XXX

Torres do Restelo, Lisboa,

sábado, 23 de setembro de 2017, 00h45

Perto da meia-noite, Ivone foi-se embora porque entrava cedo na manhã seguinte e Daniel aproveitou para arrumar a cozinha, o que fez com vigor. Vilar esfregou, limpou e arrumou tudo o que encontrou à frente, sentia-se capaz de arrumar todas as cozinhas do universo, estava irrequieto, precisava de se proteger do que lhe acontecera, não se ia consumir. Quando terminou a lida, e notando que se esquecera do telefone na sala, correu a ir buscá-lo. Havia uma tentativa de contacto por parte de Juvenal. Apesar da hora, Daniel mandou a educação às malvas e telefonou de volta.

– Ainda bem que ligas, Vilar, devo-te um pedido de desculpas, tinhas razão. Um familiar meu velhote ouviu falar dessa Adelaide e deu-me um contacto na Guarda com mais informação. Antes que questionares, obviamente que falei, entretanto, com ele.

– E então?

Daniel sentiu o coração a bater mais depressa. Por mais anos que tivesse de carreira, a perspetiva de uma revelação provocava sempre esse efeito.

– Vê lá tu que essa Adelaide veio da Áustria. Também é uma dessas crianças Cáritas, como o avô da miúda. Desse eu tinha conhecimento da história, mas dela não. É como diz o outro, isto anda mesmo tudo ligado.

Sem deixar que Juvenal terminasse, Daniel exclamou:

– São coincidências que se encontram quando se procura. Haverá conexão com a morte de Luzia?

– Ou com a morte da mulher do banqueiro, há quarenta anos.

Os dois homens prosseguiram o diálogo, terminando as frases um do outro.

Ainda que nada apontasse para qualquer conspiração ou culpabilidade da agora velhota, Adelaide estivera presente em ambas as mortes e era criança Cáritas. Juvenal apontava para o sítio certo. A morte de há quarenta anos fora tida como acidente, mas não havia notícia de autópsia e nenhum investigador lá foi farejar.

Agora, a de Luzia também ia a caminho de ser accidental e ambos sabiam que o inferno estava cheio de culpados de mortes dadas como acidentais ou fortuitas.

Antes que perdessem o entusiasmo e concluíssem ali mesmo que nada daquilo daria em grande coisa, Daniel falou.

– É preciso tirar o papel da empregada a limpo e acho que sei como. Envia-me, por favor, toda a informação extra que tenhas sobre a mulher.

- Que raios, que vais fazer aí em Lisboa?
- Dir-te-ei depois, agora preciso de fazer outro telefonema.

João Carlos Castro Pinto demorou a atender, mas foi rápido a responder. Menos de dez minutos depois de desligar, Daniel ia a caminho de sua casa, mas não sem antes apanhar uma garrafa de conhaque *Ferrand* que Mateus lhe oferecera. À entrada para o carro, Daniel telefonou a Sara. Era tarde, mas também era a altura ideal para a sua melhor inspetora mostrar o que valia.

Avenida Infante Santo, Lisboa,
sábado, 23 de setembro de 2017, 1h50

O tio de Luzia era uma criatura da noite, não havia dúvidas. Enquanto Daniel Vilar acusava cansaço e temia pela capacidade de se mostrar atento e ponderado, João Carlos Pinto falava continuamente, bebendo do conhaque luxuoso que o inspetor trouxera.

– Que maravilha este conhaque, espero que não seja para me soltar a língua. Seria insidioso da sua parte, mas quero lá saber, a cor é admirável, o palato é inacreditável. Alguma vez pensou que todos os seres humanos, que habitam ou habitaram o planeta, estiveram ou estão cá involuntariamente? Ninguém pediu para nascer. Calhou cá chegarmos. Cómico, não acha?

Daniel fumava uma cigarrilha e forçou o sorriso sem abrir a boca. As dores nas costas e o mal-estar lembravam-lhe como estava macerado e tenso. Quanto menos dissesse, melhor, porque o que João Carlos ia contando quando não divagava era extraordinário.

– Penso que a minha mãe descobriu que o meu pai andava metido com a minha tia e, no fim de contas, morreu por causa deles. Acredito que a minha mãe se matou com o desgosto. O meu pai não sabe que eu sei e eu sempre fui demasiado covarde para lho dizer na cara. A Adelaide encobriu tudo. No dia em que a minha mãe apareceu morta no tanque, forçou a minha tia a fugir para um convento e obrigou o meu pai a mentir a quem chegou para levar o corpo. Disseram que a minha mãe estaria a colher peras de uma árvore perto do tanque, ninguém achou esquisito, como ninguém achou estranho o desaparecimento imediato da minha tia. Naquele tempo, parece que os desgostos davam muitas vezes em idas para conventos ou fugas desse tipo.

– Como teve conhecimento disso tudo? São intrigas invulgares para a compreensão de uma criança, concordará.

Daniel queria tempo para estruturar aquela visita ao passado dos Castro Pinto. Até àquela noite, João Carlos nunca referira aquelas informações.

– Eu lembro-me. Vi a minha mãe a morrer, não é coisa que se olvide. Antes, ouvi-a aos gritos com o meu pai e com a minha tia, a acusá-los de serem amantes. Vi a minha mãe a querer bater no meu pai e ele a tentar acalmá-la, pedindo-lhe que se calasse. Na altura não sabia o que era um amante, mas nunca me esqueci da palavra.

– E depois?

– Tinha fugido do meu quarto, vim cá para fora esconder-me. Vi tudo, a minha mãe a cair nas escadas e a bater com a cabeça, e a Adelaide a chegar e a mandar calar toda a gente. A ordenar aquele caos. A minha tia, o meu pai e a Adelaide ficaram a falar entre eles e algum tempo depois pegaram na minha mãe e atiraram-na para o tanque, vestida. Só de manhã foram chamados os bombeiros.

O inspetor Vilar estava ali porque inventara uma insónia. Pegando numa garrafa de conhaque para partilhar, fora ao encontro de João Carlos sem revelar que sabia que Adelaide era uma refugiada tal como o seu pai, queria saber o que João Carlos conhecia daquele passado. Nunca poderia adivinhar o que resultara daquele repente. Depois do que escutara, não imaginava o que teria sido para uma criança assistir à morte da mãe e compreendia melhor o que Rita Vilhena dissera do irmão.

O tipo era meio avariado, não teria tido vida fácil desde muito cedo. João Carlos nunca seria uma testemunha fiável, nem de perto, nem de longe, e o próprio ressaltava-o constantemente. Mas sobre o episódio da morte da mãe, quem inventaria uma coisa assim? Além de que Adelaide estivera mesmo envolvida naquela espécie de trama.

João Carlos era de uma fragilidade e solidão transparentes. Por várias vezes naquela noite, Daniel especulou sobre que conversas aqueles quadros, livros e cadeirões na sala da Infante Santo teriam testemunhado. Haveria amigos na vida de João Carlos Pinto, gente que quisesse a sua companhia? Há uns anos, Daniel apostaria que não, mas agora, mais velho, sabia que todos têm vidas surpreendentes, em especial quem menos esperamos. Esforçou-se para voltar ao presente, tinha de ser judicioso.

As memórias com quarenta anos dificilmente são mais do que construções, o inspetor coordenador da UCE queria entender a maquinaria, se é que houvera uma.

– Fomos criados pela Adelaide, enquanto o meu pai trabalhava fora, em Macau, para enriquecer e, imagino, tentar fugir à monstruosidade que originou.

– Algum motivo que justifique essa fidelidade canina da empregada ao seu pai? Medo, paixão, dever?

– Não adivinhou? Ora, a querida Adelaide é uma dessas crianças que vieram da Áustria, uma criança Cáritas. A ligação entre os dois sobrepõe-se a tudo o que possamos imaginar, é uma aliança de destino, de proveniência, não só de local como de passado comum. Hoje, se calhar, deveria estar internada num lar, mas o meu pai mantém-na em casa. Dá com os criados de Caxias em malucos, ao que me dizem.

Afinal, João Carlos sabia do passado de Adelaide. Daniel não partilhou com ele que também obtivera a informação e não mexeu um músculo da face. Era mais seguro não lhe dar nenhum tipo de vantagem.

– Suponho que seja um assunto da família, então.

– Nem por isso. A mim quem me contou foi um amigo.

– Um amigo?

– O sócio do meu pai e meu grande amigo, que morreu em Macau. Outra criança Cáritas. Foi ele quem me contou que eram três refugiados de guerra, inspetor coordenador Daniel Vilar, três refugiados de guerra à conquista da serra.

Capítulo XXXI

Torres do Restelo, Lisboa,

sábado, 23 de setembro de 2017, 8h12

Era inútil andar às voltas na cama. A boca sabia a papel de música e as têmporas latejavam como se dançassem sapateado na cabeça. Um sonho vindo do nada entrara-lhe no sono e ficara na memória. Daniel vestia uma farda preta de polícia demasiado apertada e carregava um cassete como nos filmes antigos. A sua missão era proteger a estação de Vilar Formoso de um vândalo com asas de mosca que lhe escapava permanentemente e que todos na terra sabiam onde se escondia, menos ele. A única coisa que o vândalo fazia era colar cartas de jogar nos painéis de azulejos, enquanto toda a população se ria dos esforços inúteis do polícia de cassete.

Daniel lembrou-se de que João Carlos Pinto e Lauro apareciam em algumas dessas cartas de jogar, mas há muito que desistira de interpretar fosse lá o que fosse, o melodrama que se tramasse, ele nem sequer jogava cartas. No sonho, um barco passava devagar na linha de comboio, com uma criança empoleirada na proa de braços abertos, a rir e a acenar.

A sede que sentia ao acordar parecia-lhe insaciável. Bebeu dois copos de *San Pellegrino* de seguida, o travo amargo espevitou-o e o gás na água picou-lhe a garganta, despertando-o um pouco mais. Tomou duas aspirinas e calculou que fizessem efeito em menos de dez minutos. Colocou uma raspa de limão no café, como fazia muitas vezes de manhã para se desintoxicar. Ou talvez fosse para acordar bem-disposto, nem se lembrava porque tomara aquele hábito. Deambulando estremunhado pela cozinha, maldizia demasiadas cigarrilhas e o abuso de conhaque no sistema, enquanto visitava os acontecimentos da véspera a pairar à sua frente. João Carlos Pinto confirmara espontaneamente o que haviam descoberto, revelando o que Daniel suspeitava. Adelaide e Elísio mantinham uma espécie de pacto que incluiria o encobrimento da morte da mulher deste há quarenta anos. A revelação de que Elísio e Maria da Paz estariam apaixonados e que Maria da Graça os descobrira em flagrante e morreria na sequência dos acontecimentos levava a crer que o banqueiro se poderia sentir responsável pela morte da mulher e pelo desterro da cunhada. Quarenta anos depois, seria culpado pela morte da neta por proteção em demasia. Se fosse pessoa de remorsos, contava com duas mortes a pesar na consciência, com a coincidência terrível de terem sido no mesmo local. O seu sócio, que morreria em Macau, não deixava de ser outra ocorrência que chamava a atenção. Elísio atraía a morte, vivia com ela ao lado.

A questão era o que fazer. Decidiu telefonar ao seu amigo e procurador Júlio Serra. Excluindo Mateus, era o único em quem confiava de facto. Sabendo que Serra identificaria os protagonistas de qualquer maneira, o inspetor Vilar contou a história sem revelar identidades, partilhando o que soubera sobre a dupla tragédia familiar, separada por quarenta anos. Falou da coincidência de haver duas crianças Cáritas e de como a empregada encobriu o patrão. O procurador respondeu depressa do outro lado do telefone e fez-lhe ver que alianças forjadas na infância não são crime e que desenterrar um caso com quarenta anos não seria simples.

– A meu ver, nada do que tens se aguenta, a vida não é um filme americano, não é o que costumam dizer? Lembro-te de que só tens o testemunho de um miúdo que na altura brincava com carrinhos e bebia leite com chocolate ao lanche.

– E de uma freira que fez um voto de silêncio.

– Dessa não tens, que ela não fala. A bem dizer, terás da empregada e do viúvo, mas, dada a aliança cuja existência partilhaste, não é crível que abram a boca. Nem sempre a justiça dos homens se consegue fazer. É verificar a assimetria entre vocês os dois e medir o tamanho da tarefa que seria conseguir fazer prova e carrear a coisa nos tribunais.

Daniel percebia. Alguém meteria um poderoso no grelhador da justiça por uma morte accidental há quarenta anos?

– Que dirias se eu fosse falar com o dito viúvo?

Do outro lado da linha, Serra rumorejou e hesitou antes de responder.

– O importante é olhares para dentro de ti e compreenderes o que queres. A investigação tem limites naturais e humanos, o processo judicial *idem*. Há razão para tamanha teimosia?

Daniel não disse nada. Serra tinha razão. Ele estava a ser teimoso.

– Que se saiba, o viúvo nem sequer atirou a mulher ou a neta à água, não lhes deu um tiro, não lhes passou com o carro por cima. Um tipo apaixonar-se pela cunhada não é crime. No caso da neta, ele estava a centenas de quilómetros de distância.

– Pois.

– Uma pergunta, Daniel. Como sabes se esse filho que assistiu a tudo te contou a verdade?

A ideia de que João Carlos Pinto falara a verdade, descontando os jogos e enigmas, sempre fora uma convicção em Daniel. O tio de Luzia era um personagem fantasioso e exagerado, mas Vilar teria de admitir que confiara nele e que o telefonema a Serra tinha isso implícito. Alertado pelo procurador, percebeu que estava a ser ingénuo, quem sabe embriagado pelo seu próprio entusiasmo decorrente da conversa regada a conhaque.

Num repente, vestiu a roupa de corrida e saiu de casa furioso, iria castigar-se, nem que fossem cinco quilómetros. Precisava de sacudir a humilhação que a sua credulidade ingénua lhe provocara.

Zona do Marquês de Pombal, Lisboa,
sábado, 23 de setembro de 2017, 11h12

No regresso da corrida, um Daniel mais calmo conseguira que Sara Correia atendesse o telefone antes de entrar no duche e a engenheira estava quase a chegar, enquanto as duas

aspirinas e uma banana lhe combatiam a dor de cabeça da ressaca. Iam ter finalmente com o médico de Luzia. Vilar telefonara-lhe de véspera e a inspetora conseguira que fossem recebidos em sua casa, que se danassem as regras e os regulamentos, o psiquiatra ia colaborar na investigação, mesmo num sábado.

A manhã mostrava-se quente e luminosa na cidade forrada a turistas que saíam dos hotéis e entravam em táxis. Havia pouca gente dali àquela hora na rua. A cidade do fim de semana era para ser gozada pelos visitantes.

Deixado o carro no parque do Marquês, Daniel verificou como havia pouca gente no Parque Eduardo VII, só se lá ia durante a Feira do Livro, a verdade era essa. Por mensagem, acertou os detalhes e encontrou-se com Sara. Iriam juntos a casa do médico, que vivia num prédio do meio do século xx, sem elevador e com casas desmedidas, que encontraram facilmente.

Depois de tocarem à porta, Luís Pimentel recebeu-os e encaminhou-os para um dos quartos no interior, que parecia ser o escritório, como denunciavam as estantes cheias de livros e as miniaturas de carros de corrida. Um computador portátil aberto indiciava que Pimentel estaria a trabalhar. Uma coluna *Bose* de uma cor inusitada, que Daniel sabia ser de qualidade, encontrava-se discretamente a um canto, oculta na luz fraca daquela divisão. Que cor seria aquela, magenta, escarlata, cor de vinho? Não saberia dizer.

– Tem bom som, não tem? Estou a pensar comprar uma.

Daniel apontou com a cabeça para a coluna.

– Excelente. São as vantagens da modernidade, podemos ouvir toda a música que queremos sem que ocupe todo o espaço. Só não me habituei aos livros digitais, de resto converti tudo a *bits*. Que querem de mim, senhores inspetores? Dava-me jeito, admito, esclarecer todas as vossas dúvidas de uma vez por todas.

Apesar da jovialidade, o médico estava determinado a que aquele fosse o último encontro com os investigadores.

– Como conheceu Luzia?

– Não compreendo a pergunta.

– É simples. Como é que Luzia começou o tratamento consigo?

– Marcou uma consulta pelo telefone e compareceu à hora marcada. Serve como resposta? Insisto que não estou a perceber onde pretende chegar.

Daniel não sabia precisamente porque perguntava aquilo. Ocorreu-lhe como desbloqueador de conversa, mas também sabia que não se costumam escolher médicos na lista telefónica.

– Dá trabalho?

– Desculpe?

– Essa coleção de carros, aí atrás?

O médico riu e, aceitando a cumplicidade, respondeu mais bem-disposto.

– Nem imagina o pó que se entranha. Limpo, arrumo, mas raras vezes tem o aspeto que pretendo. Arrependo-me às segundas, quartas e sextas de ter começado esta coleção. Às terças, quintas e sábados vasculho a Internet à procura de a fazer crescer.

– E ao domingo?

Sara não resistiu.

– Ao domingo repouso, senhora inspetora.

Sara preparara perguntas específicas sobre Luzia que podiam ir dar a algum lado, mas não foi necessário porque o médico começou a falar.

– A morte de um paciente é sempre um trauma para um médico. Para mim, pelo menos, é, não o esconde. Há uma envolvimento que, por mais profissional que seja, nos faz sentir em falta para com aqueles com quem estivemos num contexto de clínica. Imagino que a morte de Luzia tem contornos de mistério, de outro modo não estariam aqui.

Luís Pimentel fez uma pausa e bebeu um pouco de chá de uma caneca que fumegava ligeiramente.

– Não sei se já lhe perguntei, mas o Luís pensa que ela se matou?

Tratando-o pelo nome próprio, Daniel sabia que corria um risco, mas o médico ignorou a familiaridade.

– Inspetor Vilar, não saberei dizer, palavra de honra que não saberei dizer. A minha intuição, o meu sentimento, se quiser a minha experiência, dizem-me que não, mas posso estar errado, sou humano, falível e não estava lá. Infelizmente, sei que há a ideia de que quem recorre a um psiquiatra é visto como desequilibrado.

Daniel conhecia o anátema.

– Como nos pode ajudar? Há alguma coisa que julgue pertinente e não viole a intimidade da vítima?

– Para a Luzia eram importantes certas amigas nas redes sociais. Se me deixar consultar as minhas notas, dir-lhe-ei mais. Não devia, mas que se dane, somos todos humanos, como referi. Conto com a vossa reserva.

As vantagens da informalidade portuguesa, pensou Daniel.

Luís Pimentel levantou-se e alcançou um pequeno caderno de capa preta. Durante uns segundos percorreu as páginas, folheando para a frente e para trás.

– Ela falava muito de uma Susana Paula.

– Quem?

– Pois, não sei. E creio que Luzia também não, mas dizia que essa Susana Paula com quem dialogava nas redes sociais era a pessoa que melhor a compreendia.

– Estranho.

– Nem por isso, estas amizades virtuais podem ser intensas. É sabido que há ocasiões em que temos mais facilidade em falar com estranhos, dizendo-lhes o que nunca confessamos a ninguém. Em viagens é muito frequente, quem calha ao nosso lado no avião ou no comboio acaba por ouvir coisas que não diríamos a mais ninguém. Por paradoxal que possa soar, podemos ser mais honestos com quem não conhecemos do que com quem nos é próximo.

– O senhor crê que ela era boa influência para Luzia?

– A única coisa que me ocorre, além do que lhe disse, é que a Luzia chamava-lhe a *psicóloga virtual*. Antes que faça a pergunta óbvia, reitero que é normal que se estabeleçam laços rápidos e intensos em contextos em que não há a barreira da proximidade ou da familiaridade. Não temos tanto o julgamento de estranhos.

Daniel nunca se habituara às redes sociais e nem sabia bem o que lá fazer se um dia decidisse embarcar em aventuras virtuais.

– A dada altura, essas amigas virtuais conhecem-se ou não?

– Neste caso concreto, e segundo a Luzia, a Susana Paula é que não se mostrava interessada, dizia viver longe, ter pouca disponibilidade. Se bem recorde, Luzia não se mostrava particularmente ansiosa.

– Acha que esta Susana Paula virtual é relevante para o nosso caso?

– Não faço a menor ideia, mas diria que não. A Luzia era uma jovem inquieta e preocupada, o que está longe de ser incomum, antes pelo contrário. Estava medicada, mas também porque senti que era importante para ela ter qualquer coisa à mão a que pudesse recorrer em caso de um sofrimento que sentisse não conseguir controlar.

«O transplante deixou algumas sequelas psicológicas, ainda havia uma certa revolta e sentido de injustiça. Era acometida de tristezas que pareciam caídas do céu, para usar palavras dela novamente. Os químicos existem para ajudar. O nosso trabalho passava por conseguir guiá-la pelas suas prioridades, a família, o seu futuro, a saúde frágil e uma angústia que lhe tolhia a definição de objetivos.

– Estava medicada, disse?

– Estava medicada, claro. A ciência evoluiu muito, os químicos, quando ajustados, tratam as doenças. Medicamentos que milhares de pessoas tomam, que se compram na farmácia, antidepressivos e um calmante ligeiro.

Daniel presumiu que fossem os encontrados no seu quarto em Vale do Forno, perguntou ao médico e este confirmou.

À saída, tanto Daniel como Sara ficaram com a sensação de terem ouvido o que já sabiam e que pouco ou nada haveria a extrair da conversa com o médico. Havia o computador, lembrou Sara, podia ser que a Susana Paula, fosse quem fosse a amiga virtual de Luzia, por lá andasse. Queria agradecer a Daniel e sugeriu a busca.

Sim, pensou Daniel, havia. E também havia o tio, a empregada, a tia, a avó morta e o avô sobrevivente.

Cafetaria Vencidos da Vida,

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, Chiado, Lisboa,
sábado, 23 de setembro de 2017, 13h12

Sentado à mesa de uma esplanada, Daniel bebericava uma água com limão e gelo enquanto lia um *e-mail* no telefone com mais resultados da perícia ao computador de Luzia. Havia muito pouco que lhe interessasse. Além da carta do outro dia, ficheiros de texto de coisas relacionadas com o curso de Design em Inglaterra, variados planos de dietas e outros textos dispersos, poemas e excertos de livros banais, de autoajuda. Nas contas das redes sociais, pouca história e nenhum registo de uma Susana Paula como amiga ou seguidora. A informação específica que Daniel havia pedido levava a outro beco sem saída, escuro como um buraco negro.

À sua frente, Sara Correia olhava para os transeuntes e voltava a verificar como era simples distinguir um português de um estrangeiro pela roupa e expressão facial; os estrangeiros sempre mais coloridos e despreocupados do que os locais. Almoçava com o chefe num sábado, depois de ter enviado uma mensagem a Rafael, que lhe respondeu com um polegar para cima. Haveria de estar a ver desporto na televisão, nunca desperdiçaria tempo a vir ter com ela ao Chiado.

Há coisas que não fazemos com certas pessoas, por mais próximas que sejam, e há coisas que só fazemos com pessoas especiais, como agora com o chefe, almoçar num sábado no centro da cidade. Otimista, ocorreu-lhe que Daniel pudesse querer conversar.

– E o seu amigo, chefe?

- Não me chames isso, Sara. Continua em coma, na mesma.
- Alguma evolução? A vida são mesmo dois dias.
- Nenhuma.

Por mais que tentasse, Sara não furava a carapaça de Daniel, que sentenciava a sua tentativa de conversa solta com informações sobre o caso.

- O perito não encontrou qualquer Susana Paula no computador da vítima, nem sequer como amiga ou seguidora nas redes sociais. Há novidades da Brandão?

- Nada, por enquanto. Que acha disto da Susana, chefe?

- Nesta altura, acho que estou com fome e vou pedir qualquer coisa para comer.

A pedido de Daniel, Sara enviara uma mensagem a Maria Ana Brandão, perguntando se conhecia Susana Paula.

A amiga de Luzia respondeu por fim por mensagem, dizendo que se encontrava na Comporta, mas Daniel fez sinal a Sara para que insistisse e esta telefonou de imediato a Maria Ana. Enquanto a conversa decorria, Vilar afastou-se para não pressionar a inspetora.

Estava a ser um daqueles dias patinho feio, que começa fechado e fresco e que se transforma num tempo de verão perto do meio-dia, quente como se fosse o pino da estação. Daniel lembrou-se do nome da amiga virtual. Susana Paula não se lhe afigurava como nome de gente de quem Luzia pudesse ser amiga. Se fosse da escola da análise de nomes de Ivone, Daniel diria que teria uma proveniência popular, mais humilde, talvez fosse brasileira, mas aquilo era apenas um pensamento solto, palerma e inconsequente.

Observando o trânsito lisboeta a serpentear pela zona histórica, o inspetor coordenador da UCE pensou na coleção de miniaturas de carros do médico e no que significariam na sua vida. Ele não era do tipo de ter passatempos ou coleções e de certa forma invejava aqueles que o conseguiam. Precisava de falar com o avô de Luzia. E com o outro médico da vítima, o que lhe transplantara o fígado. Agendava tudo isto na memória, até que Sara falou.

- Más notícias, Maria Ana não conhece nenhuma Susana Paula na vida de Luzia.

- Outra porcaria que não dá em nada.

Mal acaba de falar, o telefone de Daniel estremece no bolso. É uma mensagem de Ivone Ferro:

«Vem o mais depressa que conseguires para o hospital.»

Capítulo XXXII

Hospital de São Francisco Xavier, Restelo, Lisboa,
sábado, 23 de setembro de 2017, 15h47

Daniel estava com muita pressa. O amigo despertara de repente e, segundo a médica, tudo apontava para que recuperasse. Descontando o desnorte natural que se ia dissipando, Mateus Meireles fizera um uso quase imediato da sua proverbial ironia. Só os sãos de cabeça conseguem ser irónicos, dissera-lhe Ivone com solenidade e foi o que bastou para sossegar o inspetor Vilar.

Depois de dez minutos de caminhos, portarias, guichés, corredores e indicações, Daniel Vilar pôde finalmente ver o amigo Mateus Meireles e contemplar gente em vez de um comatoso. Deitado numa cama com a parte superior erguida, de ar extenuado e muito mais magro, Mateus sorriu quando viu o amigo.

Comovidos, os dois homens não disseram nada durante algum tempo, até que Mateus estendeu a mão e Daniel a agarrou, abraçando-o de seguida com cuidado, dizendo as palavras de circunstância que lhe saíram. Fazia um esforço para não se comover, não queria que Mateus se apercebesse do medo que sentira.

Foram interrompidos no reencontro por Ivone Ferro, que entrou e abraçou Daniel com naturalidade. Pelo canto do olho, o inspetor coordenador da UCE viu o amigo sorrir e perceber que haveriam de ter de falar daquele abraço. Depois de Ivone sair do quarto, pedindo-lhe repouso, Mateus Meireles cismou em conversar com Daniel, apesar de estar fraco e esgotado. Este não teve outro remédio que não fosse sentar-se na borda da cama e contar-lhe por alto o caso em que trabalhava nas barbas dos superiores.

Em dez minutos, falou de Luzia, da coincidência da avó, do amigo morto na cadeia, do avô e do tio, do passado austríaco, da empregada e de Juvenal. Mateus ouvia sem interromper e parecia ir adormecer a qualquer momento. Daniel pensou parar várias vezes, mas Mateus abanava-lhe o braço, como sinal de que continuasse. Antes de sucumbir, prostrado pelo esforço, teve presença de espírito para lhe dar um conselho.

– Não terei captado nem metade, querido Daniel, mas, se bem compreendi, há qualquer coisa na tua cabeça que resolveu que houve marosca na morte da miúda e não tens provas. És um investigador tremendo e temos de confiar nos teus instintos. Duas coisas te digo, aqui deitado numa cama de hospital, sem forças para partir um ovo. A primeira é que há casos assim, opacos e sem portas de entrada e de saída, e isso tu até sabes melhor do que ninguém. A segunda é que deves usar a navalha de Ockham.

Agora que uma grande parte da apreensão sobre a saúde de Mateus desaparecera, o corpo de Daniel reclamava um ritmo diferente, sentia bem a descida de adrenalina a esmagar a tensão que o coma do amigo provocara.

A caminho da saída, foi devagar, passeando pelos corredores, gozando o alívio, notando como as boas notícias tornam tudo com melhor aspeto, até paredes de hospital. Pensava no que Mateus dissera e saudou a sua perspicácia e pertinência. Ele estava certo. Daniel acreditava que alguma coisa sucedera a Luzia e lutava por essa convicção. Não fazia outra coisa nos últimos vinte dias.

Ao chegar ao carro, concluiu que a sugestão prática de Mateus fazia sentido. Em tempos, num jantar, falaram longamente sobre a navalha de Ockham, um conceito que ficara na História, depois de um monge inglês do século XII ter postulado que a melhor via para abordar um problema complexo eram as teorias simples e não as opções improváveis. Era uma lógica de comedimento e possibilidade, a trave mestra da investigação criminal por sinal. Quase sempre a explicação mais evidente e simples era a explicação certa. Naquele instante, Daniel esforçava-se por aplicar a navalha, com a noção de que fazia uma pequena batota, porque rejeitava à partida as causas mais prováveis, que eram acidente ou suicídio. Com improbabilidade, teria de admitir, mas para ele alguém causara a morte de Luzia. Que se danasse, usaria a lâmina partindo desse princípio.

Ainda que a UCE fosse uma ideia antiga de um ministro precisamente para casos complicados, Daniel sabia que foram chamados para que o avô não julgasse que as autoridades não davam a importância e a solenidade que a morte da sua neta merecia, não propriamente pelas dificuldades que apresentava. Fora um suicídio, fora uma morte súbita, era o que diria Ockham se estivesse ali ao lado no automóvel e Daniel teria de concordar. Mas Ockham morrera há muitos séculos e não o iria importunar.

O problema impôs-se então na sua mente quando Daniel voltou a constatar que lhe faltava o motivo. Se a mataram, porque é que a mataram? Por dinheiro? Teria inimigos mortais? Improvável nos dois casos, diria Ockham. Ciúme? Luzia não tinha namorado, nem havia notícias de ter antigas relações mal resolvidas, pelo que fora perguntado à família e amigos. Vingança por uma negociata do avô? Qual? E quem se queria vingar? Elísio não dera nenhuma pista nesse sentido e, pelo amor que tinha à neta, seria admissível que a desse se julgasse pertinente. De um estranho ponto de vista, os motivos nunca eram fúteis para quem praticava os crimes. Podia ser detestável pensá-lo, mas um homicida consumido pelos ciúmes extrai de facto benefício imediato com a morte da sua vítima, como alguém que quisesse atingir o banqueiro Castro Pinto por conta de negócios que corressem mal.

Na clarificação de um crime, o meio caminho andado passava por limitar o número de suspeitos, não considerar que o mundo estava perdido e todos eram malévolos ou que o oculto desempenhara um papel. O tempo era sempre das probabilidades e das possibilidades. Sentado no carro, Daniel telefonou a Sara Correia.

O pai de Luzia dava ares de ser um homem com medo que o apanhassem por qualquer coisa que fizera, muito diferente do candidato a tiranete de república sul-americana que Daniel conhecera no velório. O ar calmo e ponderado que exibia era traído demasiadas vezes por olhares por cima do ombro. Se tivesse de apostar, Daniel diria que Jaime Vilhena temia consequências que haveriam de chegar. Pouco interessava, não era pelos negócios de Vilhena que ali estavam há dez minutos, numa cafetaria cheia e barulhenta, com Jaime Vilhena a pedir insistentemente a atenção dos empregados porque queria outra bebida para a sua mulher. Falava muito e dizia pouco.

– Estive casado com a Rita seis ou sete anos, separámo-nos e acabámos por nos divorciar. Coisas normais, suponho. Pergunta-me pela família? Na altura, o meu sogro passava muito tempo fora, em Macau, e quando voltou de vez para Portugal tínhamo-nos separado.

– E Luzia?

– A Luzia ficou com a mãe. Sabe como é, os filhos ficam sempre com a mãe.

Nos minutos seguintes, Vilhena tentou justificar-se por ter sido um pai ausente, sem que ninguém lho tivesse pedido. O remorso não era convincente, nem Vilhena se esforçava demasiado, mas o mundo era como era e o pai de Luzia queria fazer aquilo à frente dos inspetores e da atual mulher.

– Sobre a família, alguma peculiaridade?

– Como assim?

– O seu cunhado, o seu sogro, convivia bem com eles? Como eram os Natais, as férias, essas coisas?

Quem olhasse de fora, poderia defender com facilidade que o inspetor Vilar se aproveitava do estatuto para forçar a conversa sem qualquer enquadramento jurídico e difícil de justificar oficialmente. Jaime Vilhena não era suspeito de nada, a não ser de ser um idiota, mas isso não era crime, como não era crime usar o cabelo untado e tê-lo a brilhar à frente dele. No momento, Daniel deixara-se ir naquele cinzento-escuro regulamentar, prometendo-se que pararia muito em breve.

Sara percebia que andavam às apalpadelas e contribuía para a solenidade, tomando notas num pequeno caderno perante o olhar atento de Marta Moreira, que não abria a boca. O objetivo era fazer uso da navalha de Ockham.

A pedido do chefe, Sara conseguiu não só localizá-los como sentá-los àquela hora no Centro Cultural de Belém, porque Daniel se lembrara de chegar à família e respetivos segredos através daquele fala-barato. Para todos os efeitos, Vilar pretendia que Jaime falasse da família Castro Pinto, incluindo de Adelaide Leonardo.

– Quem lhe financiou o centro?

A mulher de Jaime intrometeu-se na conversa e entregou o marido sem hesitar.

– Foi a família. O centro existe e foi comprado com o dinheiro com que o banqueiro comprou Luzia ao meu marido, que tem muitas qualidades e tem no dinheiro a maior das suas fraquezas. A filha ter ficado a viver com o avô e ser educada por ele e pela sua trupe foi um preço que pagou de bom grado. Bom seria conseguirmos vender aquilo, que só dá chatices.

Aparentemente, Marta Moreira fartara-se de fingimentos e nem as tentativas de Jaime Vilhena de a silenciar através de gestos tiveram êxito. O seu sucesso, independentemente do que projetava, era devido ao dinheiro do antigo sogro e essa noção que se tornara óbvia para todos fê-lo encolher de tamanho. Percebendo que se divergia demasiado na conversa e precavendo

que o homem se casasse, Sara Correia perguntou-lhe diretamente se se dava bem com João Carlos Pinto.

– O meu ex-cunhado? Nem bem, nem mal, não temos ligação. Acabámos por perder o contacto. Chegámos a ter sociedade num negócio que íamos ter cá em Portugal. Uma coisa com estojos de maquilhagem da Escandinávia que não deu em nada.

– Que pensa dele?

– Um autêntico personagem, homem culto, torturado, que bebia uns copos. Ele e o pai nunca se deram bem, aquilo fazia faísca. Havia um sócio do meu sogro que apaziguava as coisas. Esse dava-se bem com o meu cunhado e financiava-lhe umas coisas. Quando morreu, o João Carlos veio por aí abaixo.

Jaime Vilhena voltara ao registo folgado e falava com a confiança postiça habitual, como se a todos os outros faltasse o seu engenho infalível.

– E a sua ex-mulher? Como era a relação com a família?

– Muitas vezes penso se ela não casou comigo para lhes escapar.

O homem falava sem freio. A seu lado, Marta Moreira voltava ao silêncio e segurava-lhe na mão. Daniel pensou que Vilhena podia ter razão. Acontecia muito o casamento por motivos pessoais e interesseiros, longe da ideia romantizada que se suporia. Vilhena falou da ex-mulher e do passado, como se ela fosse alguém que casara com outro homem e aquela fosse uma história que ouviu algures. Meras palavras justificativas e de circunstância, uma novela sem interesse. Era melhor não desviar caminho.

– Já agora, sobre Adelaide, vê algum papel da empregada no meio disto? Sabemos que a sua ex-mulher e o irmão foram criados por ela, na sequência da morte da avó de Luzia.

– Essa Adelaide e o meu ex-sogro tinham uma relação muito própria. A senhora nunca gostou de mim, devo dizer.

– O que sabe dela?

– Sei que estava na casa desde sempre. A Rita tratava-a com carinho, como uma tia ou avó, alguém de família. Era a governanta da casa e controlava tudo. Na prática, mandava ela, nada de original.

– O Jaime acha que o ex-sogro e essa Adelaide dormiam juntos. E acha que é por causa dela que a Luzia foi transplantada.

Conservando o ar inescrutável, Marta Moreira limitou-se a beber devagarinho do seu copo com água depois de ter soltado aquelas duas bombas em cima da mesa.

Eram quase sete da tarde e Jaime Vilhena estava embalado. As palavras de Marta abriram o dique e tudo o que lhe estava entalado jorrava da sua boca em frases lamurientas e vingativas.

– Um tipo quando casa também casa com a família. Imagino que o casamento fosse visto como uma parvoíce que a Rita fizera, um erro, como me disse na cara o meu ex-sogro quando o divórcio foi assinado no escritório dele, com advogados e notários por todo o lado. Só faltou ser filmado e transmitido em direto.

Vilhena parecia uma versão exagerada de si mesmo e insistiu com a maledicência sobre o antigo sogro e de como ele fora alvo de uma campanha. Soltara o ressentimento e havia que o domar. Só que Daniel não estava ali a fazer uma reportagem sobre as frustrações do homem e respectivas contas por ajustar, mas sim para fazer uso da navalha de Ockham. Além disso, a vida privada de Elísio, os seus amores e com quem se deitava, mesmo que tivesse sido com Adelaide, interessavam só até certo ponto.

– Voltemos à Luzia. Conhece uma amiga dela chamada Susana Paula?

O inspetor Vilar fez a pergunta para interromper o caudal de vitimização do sujeito. Vilhena parou de falar, encarando o inspetor com espanto. Virou-se para Marta Moreira, interrogando-a com o olhar, mas a mulher nem se mexeu.

– Acho que não, quem é? O nome é divertido. Alguma cantora popular?

– Estamos a desbastar informação, nada de mais.

Jaime Vilhena bebeu um pouco de água e prosseguiu.

– E sobre Adelaide, então?

– Nunca foi com a minha cara, isso é a primeira coisa a dizer. É uma mulher fechada, sempre a controlar e controlada, daquelas que sabe muito mais do que diz saber, se é que me faço entender. Não me admirava que fosse amante do meu sogro, por isso a Marta falou do assunto.

– Viu alguma coisa?

– Não, inspetor. Na verdade, nunca vi nada, mas não sou parvo. Aquela mulher era e é estranha, muito ligada à terra, sempre a receber encomendas de lá. Tinha a mania dos chás. Se estava frio, era chá porque estava frio, se estava calor, era chá porque estava calor. Chá para a dor de cabeça, chá para as dores nos ossos, chá para a alegria, chá para a tristeza. A Rita não bebia, não gosta, mas o irmão e a Luz bebiam muito. Pela minha parte, nunca toquei naquelas zurrapas.

Na esplanada cheia, os empregados circulavam pelas mesas com ar atrapalhado. Ao fundo, Daniel observava um casal a discutir e foi apanhado desprevenido pelo que ouviu de seguida.

– O Jaime acha que foram esses chás que envenenaram a Luzia e a obrigaram a fazer um transplante.

Quando Marta Moreira disse a frase, a empregada aproximou-se e perguntou se havia pedidos finais a fazer, pois em breve teriam de libertar as mesas para o jantar.

Capítulo XXXIII

**Torres do Restelo, Lisboa,
domingo, 24 de setembro de 2017, 18h15**

O encontro com Jaime Vilhena e a mulher na véspera fora mais útil do que pensaria. A ideia de Ivone, de que Luzia pudesse estar de facto a ser envenenada, mesmo que inadvertidamente, reforçou-se. O inspetor Vilar juntava as peças naquele domingo molengão em que sentia que se aproximava de um desfecho.

Por insistência de Daniel, Sara conseguira saber o nome do cirurgião que tratou do transplante junto da mãe de Luzia e telefonou-lhe nesse mesmo domingo, perguntando se o problema que levava Luzia à mesa das operações poderia ter tido origem numa intoxicação por chá de ervas ou cogumelos.

O médico ficou surpreendido com o contacto da polícia, e, pressionado, acabou por admitir que talvez fosse possível que o estado do fígado de Luzia se coadunasse com um quadro de substâncias encontradas em cogumelos e ervas prejudiciais aos humanos e que poderiam ser usadas para fazer chás e infusões. Na altura, as análises posteriores à condição de Luzia não foram conclusivas, mas a intuição de Ivone sobre envenenamento poderia mesmo estar certa. Aquela hepatite aguda podia muito bem ter origem nas terras da serra da Estrela.

Souberam ainda que as operadoras de telecomunicações tinham finalmente entregue o relatório e que os telefones de Maria Ana e Nuno Semedo saíram do alcance das antenas que serviam a casa de Vale do Forno perto das onze da noite de 31 de agosto e passaram para outras na rota da autoestrada para a capital. Mais uma prova de que tinham ido para Lisboa nessa noite. Nunca foram suspeitos consistentes, agora eram ainda menos. A navalha de Ockham ia funcionando, bendito Mateus. Finalmente, com a história dos chás de Adelaide tinham uma boa pista para as depressões e mal-estares de Luzia e talvez para a sua morte. O seu corpo físico a ser intoxicado dava cabo do seu corpo emocional e não o contrário, como muitas vezes acontece. A depressão advinha da falta de energia e do envenenamento. A tristeza e o abatimento geral eram consequência, não a causa, de um estado emocional instável. Poderia ter sido até suficiente para que Luzia colapsasse sozinha na piscina da casa no primeiro dia de setembro. Teriam de despistar se Adelaide tinha noção do que acontecia com os seus chás, até porque, como dissera Ivone, a diferença entre remédio e veneno é a dose.

Passara a noite anterior com Ivone em casa dela e o que o deixara mais admirado fora a naturalidade com tudo o que sentira. Quase não falaram de Mateus, de Luzia ou de outras

coisas, ocuparam-se um do outro, como lhe dissera a médica quando ele se escapuliu. Era aquilo a vida a continuar? Era capaz de ser.

Na tarde de domingo, depois de visitar Mateus no hospital e de lhe levar os jornais, notou que este recuperava depressa e bem. Deixou-o menos de uma hora depois de ter chegado com melhor cara e muito mais energia, aliviado e feliz. De seguida, Vilar telefonou a Ivone dizendo-lhe que precisava de ficar sozinho, a pensar. No supermercado comprou limas, pequenos pimentos vermelhos embalados, coentros, chalotas, cebola roxa, uma posta de perca e outra de corvina. Apetecia-lhe *ceviche*, precisava da força do leite de tigre. Comprou os tomates mais feios e sumarentos que encontrou, um pepino japonês e melancia para uma salada fresca. Na zona exclusiva do supermercado, levou um *chablis* mais caro do que o habitual, gostava de experimentar vinhos e permitiu-se a extravagância, como um presente a si próprio pelo regresso de Mateus.

O vinho já estava no frio e podia começar a bebê-lo enquanto estivesse a preparar a refeição. O fim de semana corra escorreito, o otimismo na navalha dera-lhe segurança reforçada no método de investigação. Saber coisas, conhecer factos, cortar gorduras e distrações, apurar o que fosse para apurar que as conclusões haveriam de chegar.

A seguir ao jantar, que teria pontuado com uma ótima nota no seu padrão de avaliação e o deixou orgulhoso, Daniel telefonou a Juvenal e desligou menos de um minuto depois. Cansado, fitou por fim o papel que segurava na mão com a sua lista de palavras, respirou fundo e levantou-se, apagando as luzes atrás de si.

Antes de se deitar, sabia o que era preciso fazer.

Chegara o tempo da cartada final.

**Escritório do Banco Indústria e Negócios, Rua Castilho, Lisboa,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 11h**

– Conhece Macau, inspetor?

– Não, devo dizer que não.

– Alguma parte da China?

– *Idem*, nada, nunca fui à Ásia.

Daniel lembrou-se de que era uma das viagens que ficaram por fazer na sua outra vida.

– Como suponho que o seu tempo é valioso, vou poupá-lo aos lugares-comuns sobre os chineses. Prefiro falar dos portugueses, não sei se os conhece.

O banqueiro patenteava um sorriso trocista no seu escritório numa das principais ruas de Lisboa.

– Deixe-me que lhe diga que nunca encontrei povo mais formidável que o português nestes mais de setenta anos de vida. Somos um povo superior. Não admira que Nossa Senhora da Conceição seja a padroeira do país e tenha decidido cá aparecer em 1917, no cimo de uma azinheira. É como ouvimos por aí, os franceses não tomam banho, os alemães são quadrados, os brasileiros uns vigaristas, os espanhóis têm a mania de que são bons, os americanos burros e os chineses são muitos e todos iguais. Os portugueses, como se sabe, são o melhor povo do

mondo.

Foi a vez de Daniel sorrir. O banqueiro tinha inclinação para o sarcasmo, era inegável.

– Todos nos querem mal. Terá ouvido falar da crise do chamado *subprime*, que fez cair bancos na América e teve implicações na Europa e por cá.

Daniel achou que deveria marcar posição:

– Lembro-me. E lembro-me de o ver nas televisões e nos jornais a propósito do resgate aos bancos.

O banqueiro não só o ignorou como conseguiu fazer de conta que nem ouvira Daniel.

– Por todo o mundo, muita gente com idade, cultura e estudos para saber o que deveria fazer atirou-se de cabeça e deu-se mal. O que fizeram a seguir? Vieram a correr para a saia da mãe: o governo.

Daniel abriu a boca, mas o homem levantou a mão com brusquidão.

– Deixe-me acabar. Como lhe dizia da última vez, não há riqueza sem bancos ou sem risco. No nosso banco, fomos afetados pelo dominó que a crise provocou, mas aqui não havia essa usura gulosa que levou a que muitos perdessem as poupanças. Repito, nenhum dos nossos clientes perdeu nada de significativo. O mercado deu um estouro, é natural haver perdas, mas o rigor protegeu-nos. Dos outros bancos não se pode dizer o mesmo. Ver os seus clientes aos berros, fez-me lembrar de quem adormece ao sol e acorda sem pele nas costas. A vida é uma constante análise de risco, estejamos ou não conscientes disso.

O inspetor Vilar pedira para ser recebido e Elísio Castro Pinto fizera-lhe a deferência. Queria falar de Adelaide, mas a conversa fugira-lhe há muito.

– A minha neta era portuguesa dos pés à cabeça, péssima na análise de risco. Pagou com a vida.

António Vasques, que acompanhava Daniel, ergueu ligeiramente o braço e disse:

– O doutor Elísio saberá quem decidiu que a sua neta seria cremada? Porventura, ela deixou instruções nesse sentido ou foi decisão da família?

O avô de Luzia nem hesitou.

– A minha neta sempre disse que desejava ser cremada. Queria ser pó, como o pó das estrelas. Era assim que dizia. Fizemos-lhe a vontade.

Daniel tentava descortinar se o homem dizia a verdade, apelando a toda a experiência em lidar com testemunhas fechadas ou hostis, mas nem que a sua vida dependesse disso conseguiria afirmar se Luzia fora cremada por sua vontade ou por outro motivo.

– Segundo sei foi feita autópsia, pelo que nem sequer entendo porque quer saber da cremação.

Vasques escreveu no bloco. Elísio arrumara-o.

Daniel Vilar decidiu virar o tabuleiro. Na sua cabeça, formou-se um jogo de damas. Ele com as brancas, o banqueiro com as pretas.

– Importa-se que falemos de Adelaide Leonardo?

O banqueiro sorriu quase impercetivelmente, mas Daniel apanhou-lhe o reflexo. Tinha comido uma das pretas. Elísio Pinto inspirou, bebeu água e começou a falar como se estivesse a debater os seus vinhos favoritos com amigos.

– Não faço ideia se tem conhecimento, mas só em 1881 é que os lentes lisboetas se dignaram a explorar a serra da Estrela, uns setenta anos depois de os franceses e os ingleses andarem em guerra nas chamadas Invasões Francesas. Consegue imaginar? O que estamos sempre a ouvir

falar como sendo o povo era na verdade o povo lisboeta. Portugal já era Lisboa muito antes de cá andarmos e a serra da Estrela era-lhes tão distante como um reino misterioso na Ásia.

Elísio parecia ressentido, as faces ruborizavam e não se ia calar. Contava-lhe a mesma história que Juvenal recitara no dia em que Luzia morreu. Daniel nem queria acreditar que ia levar com mais uma ode à Beira.

– Em 1881, como dizia, uma expedição da Sociedade de Geografia partiu da Estação de Santa Apolónia, dirigida por Hermenegildo Capelo e contando, entre outros, com o médico Sousa Martins, que queria saber se os ares da serra seriam amigos dos doentes de tuberculose. Para dizer o quê? Somente isto, que para a corte lisboeta a serra era bruta e misteriosa.

Parecia Juvenal a falar.

– Demorei muitos anos a ver-me livre dos traços mais notórios das minhas costelas beirãs. Nos negócios é sempre má ideia dar nas vistas.

Daniel decidiu que chegava.

– Sabemos das suas origens, sabemos que se chamava Joseph e veio da Áustria por causa da guerra.

Elísio não se desmanchou ou deu nota de ter sido surpreendido.

– As pessoas têm a mania de que conhecem a Beira, mas nada podia ser mais longe da verdade. Se há heterogeneidade numa região portuguesa é na Beira. A Beira Litoral, a Beira Baixa ou a Beira Alta não têm quase nada em comum, a não ser estarem entre o Porto e Lisboa. O que é indiscutível é a importância da serra. A serra domina a Beira, define-a. Chegando ao que lhe interessa, nunca quis saber quem era a minha família da Áustria, as minhas raízes. O que sou, o que me tornei, tudo o que fiz tem origem na serra, neste país. Não espero que o compreenda, naturalmente.

Daniel fintou a provocação.

– Segundo o seu filho, essa sua infância beirã e portuguesa não foi nada fácil.

– Ora, inspetor, acha que pode haver pior do que crescer num país arrasado por bombas, em que a sua mãe é magra como um espeto, está só e não tem como lhe dar de comer? Dir-lhe-ei, porém, que endurecer como o granito talvez não seja para qualquer um. Não é crime ter nascido na Áustria do pós-guerra, como não é crime ter crescido na serra.

– Que relação tem com Adelaide, que também sabemos ser de origem austríaca?

– Não é da sua conta, como é evidente.

E não era, Elísio não era suspeito de coisa nenhuma.

De repente, António Vasques fez-se ouvir.

– Queremos desenlaçar o caso da sua neta, estamos do seu lado, porque acreditamos que o senhor pretende a mesma coisa. A não ser que tenha algo a esconder. Por exemplo, ouviu falar de uma amiga da sua neta de nome Susana Paula?

Vasques fizera bem em aproveitar para meter a deixa. Mudava-se de assunto e o banqueiro baixava a tensão arterial.

– Não estava lá em cima com a minha neta na semana da tragédia?

– Essa é Maria Ana. Esta Susana Paula, descobrimos entretanto, seria uma confidente da sua neta.

– Nunca ouvi falar dela. Os senhores fazem muitas perguntas, admito que estou um pouco confuso. Estão a querer dizer-me que mataram a minha neta?

Vasques foi o primeiro a falar.

– Não sabemos.

Elísio Pinto não disse nada.

– Gostaria de saber a sua opinião sobre Nuno Semedo.

Elísio Pinto desatou a rir.

– Outra vez esse tema, inspetor. Nenhuma opinião, claro.

– Contratou-o para seguir a sua neta.

O banqueiro fez um ar impaciente e nem se deu ao trabalho de negar.

– Se tivesse o dinheiro que eu tenho e uma neta sempre doente, e por vezes meio alucada, filha de pais separados, em que a mãe não tem fibra e o pai está ausente, não faria tudo para a proteger?

As pretas comem outra branca. A resposta fazia sentido no esquema mental de alguém com o poder de Elísio, em especial considerando que ele era o tipo de homem que crê que o mundo é seu para dispor dele.

– Existem rumores de que o senhor teve alguma coisa a ver com a morte do dito Semedo.

– Pelo que sei, esse sujeito morreu na prisão numa rixa por conta de negócios antigos, talvez a informação lhe seja útil, senhor inspetor coordenador, embora algo me diga que o senhor esteja a par. Não se prova uma negativa, não há forma de lhe provar a si ou a seja quem for que nada tive que ver com a morte desse pobre coitado. Eu é que o posso processar e ganhar, se o senhor arriscar nesse sentido.

As pretas comem outra branca. A intimidação era evidente. A posição e o poder na sociedade de Elísio garantiam que tanto ele como a UCE passariam um mau bocado por difamação e injúria se lhe tentassem colar a morte de Semedo. Ver-se-ia mais tarde, agora era o tempo de Luzia.

– Só mais uma coisa, a propósito do que aconteceu há quarenta anos.

Era para aquela parte que Daniel se vinha preparando desde que chegara. Quase que podia sentir a navalha na mão. Com paciência, expôs o que João Carlos contara. O homem estaria apaixonado pela cunhada, a mulher descobriu, discutiram, com o nervosismo caiu nas escadas, bateu com a cabeça, morreu e eles atiraram-na para o tanque com a conivência de Adelaide, simulando o afogamento. Com o choque, a cunhada refugiou-se num convento, Elísio acabou por ir para Macau, onde enriqueceu, e as duas crianças foram criadas pela empregada.

Concentrado em fitar Elísio Castro Pinto, o inspetor Vilar optou por não acrescentar se iriam abrir inquérito. Falou devagar, foi cru e incisivo. Quando terminou, a sala ficou tão silenciosa que os três homens conseguiam ouvir a respiração uns dos outros.

Por fim, Elísio levantou-se e dirigiu-se para a janela, onde ficou de costas para os investigadores. Era um homem deveras enorme, Daniel pensou que teria visto muito, vivido muito, sabido muito. Parecia ser capaz de carregar uma tonelada de lenha nos ombros com toda a facilidade se viesse a ser preciso. Daniel fez sinal a Vasques para que ficasse quedo.

Rompendo o silêncio belicoso que pousara sobre a sala, o avô de Luzia fez-se ouvir.

– Inspetor Vilar, rogo-lhe que peça ao seu inspetor que abandone a sala. Queria dizer-lhe uma coisa em privado, rogo-lhe a deferência. De um pai que perdeu um filho para outro pai que perdeu um filho.

Capítulo XXXIV

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 10h30

Juvenal Caramelo não tivera muito trabalho a convencer os peritos Sardão e Morato do laboratório da Polícia Científica a irem com ele a Vale do Forno a casa dos Castro Pinto. Dissera-lhes que era um pedido de Lisboa e sobretudo falou-lhes da Casa da Tia Eduardinha e de um célebre entrecosto no forno que por lá havia. Iam em missão mais ou menos secreta, embora Juvenal tenha tido o cuidado de conseguir um mandado judicial por conta do roubo do computador. Se patentes mais altas viessem a meter o nariz, Juvenal teria sempre a possibilidade de informar os superiores de que houvera uns rumores, captados por um informador numa taberna, que davam conta do roubo do computador e de este estar ligado à morte da neta do banqueiro de Lisboa.

O pedido de Daniel era simples e fazia sentido para Juvenal. Se Lauro andara a ajudar Luzia a virar os quadros de pernas para o ar, haveriam de encontrar impressões digitais dele e dela, por mais que os quadros pudessem ter sido limpos pela empregada ou manuseados durante a revista à casa no dia em que se encontrou Luzia morta.

Havia sempre vestígios para serem encontrados se se soubesse o que procurar. Não era esse o fulcro da teoria de Locard que Sara lembrara nos primeiros dias daquilo tudo? Juvenal achou que havia lógica naquela conjectura. Nem todos os quadros e molduras teriam impressões, mas algum haveria de ter. O malandro do Lauro era suspeito de alguma coisa, perguntara Juvenal. Era capaz de ser, dissera Daniel, o que bastou ao inspetor da Guarda. Iriam picar o toiro.

✱

Já em Vale do Forno, Juvenal consultou o telefone e viu uma mensagem de Daniel que não compreendeu. O inspetor Vilar pedia-lhe que aproveitasse e perguntasse a Lauro se conhecia alguma Susana Paula. Devolvendo a interrogação, Juvenal quis saber de quem se tratava e Daniel ripostou com um misterioso «Não sei. O problema é esse», que arrufou Juvenal por momentos. Perguntaria ao moço, se o visse.

Passada a humidade da primeira manhã, aquele final de setembro garantia dias gloriosos. O

cheiro a campo entrava pelas janelas do carro e envolvia os três investigadores da Judiciária como uma comitiva de boas-vindas. Quando iam a chegar ao largo, Lauro estava à porta da casa com duas sacas pesadas nas mãos, preparando-se para transpor o portão lateral. Juvenal apressou-se a cumprimentá-lo, fazendo-se notar.

– Que levas aí, Lauro?

Sobressaltado, Lauro Cruz demorou algumas frações de segundo a reconhecer que o grito viera de Juvenal Caramelo, armando um sorriso tão afável quanto fingido. Juvenal fez de conta que não notou o nervosismo e tratou de perguntar se lhes dava acesso à casa. Precisavam de conferir umas coisas e já agora de recolher as impressões digitais dele. Havia desenvolvimentos, Lauro sempre disse que colaborava no que fosse preciso e Juvenal fez-lhe ver que era do cumprimento dessa promessa que se tratava.

Meia hora depois, os dois conversavam junto à piscina da casa grande onde Luzia se afogara, longe dos peritos que recolhiam impressões digitais nas molduras e nos quadros.

– Ouve cá, Lauro, alguma vez a Luzia apareceu por aqui com outros amigos que não a Maria Ana e o Semedo?

O ar confuso de Lauro Cruz evidenciava um desnorte total.

– Não o estou a entender, senhor inspetor Juvenal. Vossemecê quer saber o quê?

– Se veio mais alguém da idade dela passar férias ou visitá-la? Que tu saibas ou que te tenham dito. Pode ser que as gentes daqui tenham reparado em acontecimentos fora do normal e que possam ter comentado e tu teres ouvido alguma coisa. Seria a primeira vez numa aldeia que se fala de estranhos, mas nunca se sabe.

O escárnio passou ao lado de Lauro, que respondeu que não, que nunca notara ou soubera de outros amigos. Só aqueles dois na noite em que a Lu morreu.

– Não conheces, portanto, uma tal de Susana Paula?

Até ouvir aquele nome, Lauro Cruz parecia saído de um postal do tempo da outra senhora. Cajado na mão, boina na cabeça, levemente curvado, mãos gretadas, a falar português das Beiras, servil e disponível. Só lhe faltava a espiga de trigo entre os dentes. Depois de ouvir o nome Susana Paula, ficou diferente e Juvenal captou. Os olhos semicerrados, os músculos do maxilar retesavam, as veias nas mãos mostravam que agarrava o cajado com mais força. A linguagem corporal mudou por completo e todo ele era cuidado, enquanto da sua voz saía uma negação que tentava que soasse despreocupada.

– Ah, não, senhor inspetor, nunca, nunca ouvi esse nome. Quem é a moça? É da família?

Juvenal decidiu assustar Lauro.

– A Susana Paula? Pois, isso não te posso dizer, é segredo de justiça. É muito importante para este caso, muito importante. Podia ser que a conhecesses. Queremos muitíssimo falar com ela e rapidamente.

– Era para saber se ela era gorda ou magra, de cabelo loiro ou comprido ou amiga lá das Internets. Foi só por isso que lhe perguntei, eu cá só quero ajudar. Se a visse por aí, avisava-o.

Juvenal sorriu-lhe sem se dar ao trabalho de o sossegar. O rapazola estava cada vez mais nervoso e Caramelo manteve o silêncio enquanto pegava no telefone e enviava uma mensagem a Daniel, dando conta de que Lauro nunca ouvira falar de Susana Paula, mas que provavelmente estaria a mentir, porque o estado em que ficou mal ouvira o nome revelava o contrário.

No fim da mensagem escreveu:

**Escritório do Banco Indústria e Negócios, Rua Castilho, Lisboa,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 11h25**

– Foi o meu filho quem empurrou a mãe pelas escadas, provocando-lhe a morte.

Sentado no sofá confortável, Daniel ouvia o banqueiro sem reagir. A uma certa distância, Elísio mantinha-se de pé, andando de um lado para o outro, sem o encarar.

– A história que ele lhe contou é falsa, a verdadeira é que o meu filho empurrou a mãe, ou pelo menos é o que julgamos ter sucedido naquele dia. A Graça caiu das escadas e partiu o pescoço.

– O seu filho, uma criança, empurrou a mãe pelas escadas, porque o faria?

– Nunca soubemos, o trauma fez com que o rapaz esquecesse o que se passou naquela noite em 1977.

– Porque diz que foi ele?

O inspetor Vilar ouviu o banqueiro a inspirar longamente. Só falou depois de uma pausa enervante.

– Por dedução. Mais tarde nesse malfadado primeiro dia de setembro, a Adelaide contou-me que a Graça se zangara com ele, coisas de mãe e filho, ralhetes. O miúdo ficou o dia todo a remoer, ele era assim, ressentido e magoado, parecia ter gosto em amuar. O que sabemos é que ouvimos um grito de madrugada, na zona da cozinha. Quando chegámos às escadas que levam ao quintal, vimos a minha mulher caída e o meu filho lá em cima, no topo dos degraus, paralisado. Agarrei-o e perguntei o que se passara e ele só disse que a mãe tinha caído.

– Insisto, então porque diz que foi ele?

– Há coisas que sabemos observando. Quando o interroguei por causa da mãe, percebi. Para sublinhar esta convicção, o miúdo virara os quadros da casa todos ao contrário, o que julgamos ter sido o motivo da fúria entre ele e a mãe.

Daniel não disse nada. Não discordava que era possível algumas coisas serem verdade, mas não seria na qualidade de inspetor coordenador da Polícia Judiciária que o admitiria a um envolvido num caso. E para acusar alguém de homicídio não bastam sentimentos.

– O meu filho é um falhado, pouco mais há a acrescentar. Um alcoólico, viciado em jogo, um desgraçado, um tóxico, e não pense que digo isto com satisfação. Lamento-o. Lamento o que lhe aconteceu na infância, por ele, pela mãe dele, por todos nós. O que o meu filho possa ter dito sobre mim, ou a respeito seja de quem for, deve ser escutado e processado com parcimónia.

Qualquer coisa no tom e na escolha das palavras fez com que Daniel se fiasse no que o banqueiro dizia. O perfil do tio de Luzia ajudava a corroborar aquela narrativa. Entendia agora que o que sucedera com a mãe e o desamor por parte do pai teriam impactado a sua personalidade. Daniel reconhecia-se anjinho em acreditar no valor facial do que João Carlos lhe dissera. Havia uma intenção de vingança ou ajuste de contas.

– Não é verdade que eu e a minha cunhada estivéssemos apaixonados. Talvez ela pudesse estar, admito-o, não são pensamentos que aprofundasse. As coisas são o que são, a culpa tê-la-á feito entrar no convento. Nunca mais a vi desde o dia em que a minha mulher morreu, mas

tentei. A última vez que soubemos dela foi quando a Maria da Paz assinou a papelada transferindo os bens para nós, alguns meses depois da tragédia. Um solicitador tratou de tudo através de uma procuração.

– A sua mulher saberia dessa eventual paixão da irmã por si?

Elísio não se fez rogado e respondeu.

– Não faço ideia, as duas não mantinham uma relação serena e amistosa, quem sabe fosse esse o motivo. Não sou e nunca fui de me consumir com os sentimentos piegas e amorosos dos outros e, portanto, não os saberei decifrar. Elas não eram as melhores pessoas do mundo, foram muito protegidas pelos pais, eram quezilentas e manientas.

Daniel não sabia o que pensar nem pressentia nenhuma inclinação. Podia ser tudo verdade, podia ser tudo uma mentira cabeluda.

– Só para esclarecer, o senhor vê o seu filho como responsável direto pela morte da sua mulher?

– Entendo a questão e sobretudo compreendo como soa um pai a dizer isto de um filho, mas sim, vejo. Neste contexto, admito-o, somos dois homens a falar, não espere que o vá dizer para os jornais ou num inquérito da justiça.

– Quando voltam a esse dia, falam do quê?

– Nunca abordámos o assunto, jamais falámos sobre a morte da mãe dele. Não o ia entregar naquela idade, a Adelaide protegeu-o e seguimos em frente. Ele e a irmã perderam a mãe e a tia no mesmo dia, eram crianças. Esse tempo, a oportunidade dessas conversas, tudo se perdeu. Os tapetes também servem para que lhes possamos esconder coisas por baixo. Se me perguntar se lhe perdoei, digo-lhe que não, mas porque nunca o inculpei.

Extraordinário, pensou Daniel.

– A ideia de que toda a gente fala de tudo é absurda.

Daniel não discordava e recordou o que Ivone dissera sobre os mistérios da mente e da consciência, do que somos, do que fomos, do que seremos. De como todos são diferentes. Ele falaria com o filho sobre um caso assim, estava seguro, mas a cabeça de Elísio Pinto não funcionaria como a sua. Pensou aquilo com benevolência, não como indício de que Elísio fosse pior gente do que ele.

– E Adelaide?

O contexto ali era peculiar, mas Daniel raciocinou que se Elísio continuava a falar com ele era porque lhe queria dizer alguma coisa. Dificilmente seria dos que simplesmente ficavam a falar.

– Inspetor, como deve ter percebido, eu e a Adelaide conhecemo-nos desde crianças. Se conhece a história das crianças Cáritas, compreenderá melhor a minha gratidão a esta terra e o empenho e compromisso que faço na sua defesa. Os pais de Maria da Graça e Maria da Paz eram gente de certas posses, contrariamente à minha família portuguesa. Esperava-nos um destino de agricultura de subsistência, de cavar batatas em solo mau, pastorear ovelhas para outros enriquecerem com o queijo. Se hoje em dia somos um dos países mais pobres da União Europeia, outrora éramos muitíssimo mais pobres. Adelaide também era pobre. Fizemos um pacto de andar sempre juntos e procurar sair do destino de contentamento pouquinho, miserável e pobre. E conseguimos, eu e o meu irmão e Adelaide.

– Irmão?

– Sim. Carlos Vicente, que também era uma criança Cáritas. Crescemos juntos na serra, era como meu irmão, foi meu parceiro de negócios em Macau. Era padrinho de João Carlos e mais tarde um seu amigo próximo, um protetor, financiou-lhe muito disparate. O dinheiro era em grande parte meu, mas isso é um detalhe sem a menor importância, não ia falhar ao meu filho. Não é mentira se lhe disser que foi através de Carlos que consegui muitas vezes acudir a João Carlos.

O inspetor Vilar lembrou-se então do que João Carlos dissera. As crianças eram três à conquista da serra.

– Morreu, certo?

– Sim, num acidente disparatado em Macau, há uns anos. Foi atropelado quando corria na rua.

Outra morte na vida do banqueiro. Quando falou do amigo, a voz entortou-se. Elísio Castro Pinto elogiou o irmão, descrevendo o pacto e o caminho que fizeram juntos. Depois de largos minutos de digressão e a custo, Daniel conseguiu que voltasse ao dia em que ficou viúvo.

– Eu e Adelaide decidimos, naqueles minutos depois de perceber o que João Carlos fizera e com a Paz fora de controlo, esconder as causas da morte da Graça. Funcionou. Todos acreditaram que a Maria da Graça caiu no tanque a apanhar peras. Não íamos correr o risco de o miúdo ser levado para uma instituição e que a nossa origem austríaca pudesse ser usada a nosso desfavor. Sabíamos lá o que aconteceria naqueles momentos a seguir à Revolução de Abril.

Um argumento real ou um argumento congeminado depois de terem tempo para pensar nisso? Daniel apostaria na segunda hipótese.

– Onde estava o seu irmão nesse dia?

– Nem me recordo, inspetor. Agora que fala nisso, creio que chegou, entretanto, quando lá estavam os bombeiros que levaram a minha mulher. Ele não soube do que se passou e como se passou.

Elísio confirmou o que Daniel sabia, que quando se mudaram de vez para Lisboa, anos depois da morte de Graça, só voltariam à casa de Vale do Forno décadas mais tarde, depois de muita insistência de Luzia e de obras que tornaram a casa moderna. No lugar do tanque fizeram uma piscina e as escadas foram completamente modificadas.

– Pode imaginar o choque quando percebi que a minha neta morreu na piscina que em tempos foi o tanque onde escondi a morte da minha mulher. Quando um dia lhe disserem que o passado fica lá atrás, diga-lhes que não sabem nada da vida. O passado apanha-nos sempre.

O inspetor Vilar acreditava que Elísio sentisse alívio por ter de falar do que fizera há tantos anos, se bem que pouco ou nada esclarecesse a morte de Luzia. A navalha de Ockham cortara mais uma grande porção de incógnitas, mas do passado.

Os pensamentos de Daniel foram interrompidos pelo banqueiro.

– Que conta fazer com o que lhe disse, inspetor Vilar?

Daniel respondeu descontraído.

– Pouco ou mesmo nada. Cheira-me que me conta a verdade e que Adelaide irá corroborar a versão. Também diria que isto prescreveu, apesar de não lho poder garantir, que isto das leis tem sempre as suas interpretações.

Daniel fazia *bluff*, sabia que havia sempre a possibilidade de abrir um inquérito se houvesse novos factos, mas também estava consciente de que aqui as probabilidades nunca seriam a favor

desse desenlace.

– Finalmente, algo me diz que tirar uma freira com voto de silêncio de um convento para prestar declarações sobre acontecimentos com quatro décadas não será fazível. O que quer que tenha acontecido em 1977, acredito que todos tiveram as penas e os castigos na consciência mais do que suficientes. Estou interessado em Luzia e por isso queria perguntar-lhe outra coisa acerca de Adelaide.

Elísio Pinto voltara à pose. Era como se o que contara na última hora estivesse esquecido para sempre.

– Claro, inspetor. Pergunte à vontade.

Capítulo XXXV

Largo do Rato, Lisboa,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 13h25

O trânsito no Rato parecia entupido como sempre. Daniel não queria meter-se pela faixa dos autocarros, mas a pressa não ajudava. Finalmente, cedeu e acelerou rumo à Rua de São Bento, sacudindo o engarrafamento que o arrelia. Acabara de falar com Sara pelo telefone. Esta conseguira acesso a uma série de informações de gente ligada aos figurões da finança. Ninguém achava que houvesse alguém prejudicado em negócios que se quisesse vingar de Elísio Castro Pinto a ponto de lhe matarem a neta. Era uma pista que os inspetores já achavam que não daria em nada, mas mesmo assim Daniel pedira a Sara que fosse farejar.

O inspetor Vilar decidira almoçar na zona de Santos e ficar preso no trânsito não fazia parte do plano. Ia a Caxias falar com Adelaide Leonardo, quem sabe se não encontraria utilidade numa conversa sobre os acontecimentos de há quarenta anos. Os segredos das famílias existem para que sejam revelados, pelo menos alguns.

Perto do Parlamento, lembrou-se de falar com Juvenal. Ligou do carro, esperou pouco tempo até o colega atender.

- E nessa Beira Alta, continua tudo rijo como o pão com três dias?
- Tudo belo e perfeito, como Deus quis e o beirão deixou. E a capital, Vilar, no mesmo sítio?
- Ando a passear. E tu?
- Em Celorico, a almoçar umas febras na grelha. És servido?

Daniel lembrou-se de que se tratavam por tu e depois foi direto ao assunto. Até estava com vagar para as epopeias de Juvenal, talvez tivesse chegado a altura de admitir que de um modo geral aqueles sermões da montanha podiam ser divertidos, mas havia perguntas para fazer. Continuou no tom de diversão.

- Encontrei o bravo Lauro?
- Encontrei, pois.

Juvenal relatou a Daniel o encontro com Lauro nessa manhã. Nada digno de registo a não ser alguma inquietação do beirão, apesar de tudo um comportamento normal ou pelo menos previsível. Ninguém quer estar perto da Judiciária se o puder evitar.

– Sobre a Susana Paula, disse que não a conhece, mas pareceu-te agitado, inquieto, diferente quando ouviu o nome?

Do outro lado, Juvenal deu uma gargalhada.

– Sei lá, é capaz, não sei. Aquilo mexeu com ele, é inegável. Vilar, afinal quem é essa Susana Paula e o que tem a ver com isto tudo?

Daniel repreendeu-se. Não explicara ainda a Juvenal o mistério.

– Tens razão, desculpa. Não sabemos. É uma das pastas pequenas deste caso e precisa de ser arrumada. Foi um nome que apareceu quando falámos com o psiquiatra de Luzia e sobre o qual temos vindo a perguntar, até agora sem sucesso. A questão é que havia uma relação intensa, ainda que virtual, entre as duas. Pode ser pertinente.

– Relação? Que palavra é essa, eram namoradas?

– Relação virtual, insisto. Relevante a ponto de o psiquiatra nos ter dito que a Luzia a considerava a sua *psi* e estou a citar. Eram amigas da Internet, das redes sociais. Supostamente esta Susana seria um ombro amigo.

Do outro lado, Juvenal ouviu e comentou descontraidamente:

– Foi o que o Lauro disse, que essa Susana podia ser amiga da Internet.

No final da Avenida D. Carlos I, Daniel quase bateu no carro da frente quando ouviu Juvenal.

– Repete, por favor. O que disse Lauro ao certo?

Do outro lado, Juvenal resmungou qualquer coisa. Não era homem de ter de dizer a mesma coisa mais do que uma vez.

– Que não conhecia Susana. Queria saber quem ela era, se tinha cabelo comprido ou coisa que o valha, e depois aventou que ela podia ser uma amiga da Internet e que, portanto, nunca teria lá ido a Vale do Forno. Suponho que era para nos ajudar ou para fazer conversa, não faço ideia nenhuma. Podia ser arenga do tipo.

Como é que Lauro sabia que a Susana que procuravam era uma amizade virtual e porque é que sabia? A verdade é que sabia, e Daniel percebeu que a partir daquele momento tudo seria diferente na investigação. Lauro Cruz, modesto aldeão, vinha sendo descascado como uma cebola grande e Daniel começava a sentir a energia de quem ultrapassava os nós cegos nas investigações. Alheio aos pensamentos do inspetor Vilar, Juvenal prosseguiu com o relato do encontro com Lauro. Por esta altura, Daniel encontrava-se parado nos semáforos junto à antiga FIL, percebendo que passara a zona de Santos. Era irrelevante, tudo era irrelevante agora. Talvez parasse em Belém, encontraria facilmente local para almoçar. Uma sensação de calma e clareza invadiu-o e quase se esquecia de que a conversa com Juvenal continuava. Uma luz, finalmente. Uma luz brilhante.

– Agora que me estou a recordar, Lauro parecia nervosinho.

– Nervosinho?

– Nervosinho, Vilar, nervosinho, ansioso para que tudo aquilo terminasse, embatucado. Notava-se que o tipo queria agradecer e ser prestável, mas o corpo dele dizia mesmo outra coisa.

– Temos novidades das impressões digitais?

– Temos. Não há impressões digitais nos quadros.

– Como assim?

Daniel quase gritou e Juvenal irritou-se.

– Limpam os quadros e as molduras, estavam impecáveis, sem impressões. Podias comer de um quadro se quiseses. Nem pó tinham, o que denota um esmero inesperado.

Inesperado, sem dúvida, ponderou Daniel. Juvenal estaria a pensar o mesmo que ele?

– Só vejo uma possibilidade. Alguém, ou seja, o tipo, calçou umas luvas e deve ter ido

limpar aquilo depois da conversa que tivemos aí os três. Assim nunca dará para provar que ajudou ou que não ajudou coisa nenhuma. Ou que mais alguém tocou nos quadros. O que sei é que não deve ter sido por acaso que se deu ao trabalho.

Sem dúvida, pensou Daniel. Alguém limpou os quadros e só podia ter sido Lauro.

– O Lauro anda a ver se nos dá música. Agora que estamos a falar, lembro-me da última carta que se descobriu. Luzia fala dele diretamente. De como o tipo a espreitava, achando que ela não reparava.

A ideia da obsessão ganhava peso no pensamento de Daniel. Era um motivo frequente de homicídio.

– Achas que o pascácio tem alguma coisa a ver com a morte de Luzia?

Olhando para o Tejo por instantes, pela sua esquerda, Daniel sentiu-se otimista. Bendita navalha. Preferiu não ser definitivo, ainda assim.

– É o que precisamos de descobrir. Esse teu almoço celoricense vai ter de ser adiado.

Daniel não ia confessá-lo a Juvenal, mas tinha o coração a bater a duzentos à hora.

Capítulo XXXVI

Casa dos Castro Pinto, Alto do Lagoal, Caxias,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 16h25

Os avanços da tarde começavam a pesar e ainda faltava falar com Adelaide, a leal e fidelíssima empregada de Elísio, mais do que uma irmã, que com ele partilhava as origens austríacas, as memórias, os segredos e talvez mais qualquer coisa que haveria de descobrir. O caso podia ter quarenta anos, mas um caso era sempre um caso. Daniel julgara perceber que a velhota teria um princípio de demência, lembrava-se de que Luzia tinha feito referência a Alzheimer numa das cartas, mas não se perdia nada em ouvir a sua versão, em nome da resolução do mistério em redor de Luzia. Com a permissão de Elísio, Daniel iria ter com ela.

De manhã, no banco, no final do encontro, Vilar perguntara ao banqueiro se conhecia que ervas ou cogumelos Adelaide usava nos chás e tisanas. O banqueiro dissera despreocupadamente que Adelaide lhe chamava os segredos da serra e que os considerava superiores a qualquer medicação moderna, numa daquelas prédicas homeopáticas previsíveis e que ele próprio tomaria se não lhe fizesse azia.

Quando Daniel partilhou o que deveria ser óbvio, que talvez Luzia tenha necessitado do transplante por causa desses tais segredos da serra, notou o banqueiro a ficar pálido. Ou nunca lhe ocorrera que a inocência das boas intenções da velha seria a origem dos transtornos emocionais e físicos que afligiam a sua única neta ou era outro fingimento, o que explicava a cremação apressada, sem sequer se saber o relatório completo da autópsia.

O inspetor Vilar nunca o poderia demonstrar, mas apostaria na segunda, que Elísio Castro Pinto mandou cremar a neta para proteger a fiel empregada. Poder falar com Adelaide também seria precioso para cruzar uma questão acerca de Lauro.

Em Caxias, Daniel tocou à porta e pediu a outra empregada para falar com Adelaide e a mulher demorou pouco a aparecer. Tudo aconteceu depressa e a conversação acabou por ser inesperadamente objetiva. Com muito menos fragilidade do que nas outras vezes, Adelaide apresentou-se assisada, como uma precetora de filmes antigos, sentada na ponta da cadeira e mãos pousadas nas pernas.

Quando começaram a falar, depressa ficou patente que Elísio a havia contactado, não ia ser desta vez que aquela aliança se iria quebrar. Falaram sobre a noite em que Luzia morreu, com

Adelaide a reafirmar que se deitava cedo, dormia como uma pedra e que além disso era um pouco surda. Luzia e os amigos terminavam todos os dias junto à piscina, a aproveitar as noites quentes, nunca houve nenhum problema. Sobre os excessos, as garrafas e as drogas em cima da mesa, Adelaide confidenciou que nunca tinha visto nada assim nas outras noites e que as quantidades de bebidas encontradas se justificavam talvez porque fizeram uma pequena festa de despedida, antes de os amigos partirem para Lisboa. Eles bebiam sempre bom vinho da região. Ao jantar, afiançou a empregada, com um certo orgulho na voz, que o inspetor Vilar registou. Os beirões eram muito parecidos.

Daniel pensou que era estranho fazer uma festa de uma hora ou duas a seguir ao jantar, sobretudo quando se vai conduzir até Lisboa, mas guardou a perplexidade para si, o mais certo era Adelaide não se lembrar de que teria sido sempre assim e que se calhar as garrafas estiveram lá a semana toda. Talvez Luzia tenha bebido sozinha nessa noite, talvez se sentisse triste por os amigos terem partido ou porque era véspera do primeiro de setembro, o dia em que a avó morrera ali mesmo. Ou as duas coisas em simultâneo. Daniel lembrou-se ainda de perguntar sobre as roupas de Luzia, dado que esta foi encontrada nua, e Adelaide disse que era possível que as tivesse arrumado quando lá estiveram os bombeiros para a levar, não se recordava, tinha sido um dia muito agitado.

*

Quando a conversa chegou aos chás e mezinhas, a disposição de Adelaide alterou-se progressivamente até soltar lágrimas e o inerente drama, depois de Daniel lhe ter perguntado frontalmente se alguma vez imaginara que podia ter envenenado Luzia com aqueles seus chás frequentes. A possibilidade foi uma revelação para a empregada, que pareceu ter ficado em estado de choque com o que Daniel lhe ia transmitindo, embora fosse evidente para o inspetor que Elísio a teria sinalizado antes daquele encontro. Seria impossível dizer se a Adelaide alguma vez lhe passara pela cabeça que as suas poções mágicas pudessem ter efeitos prejudiciais à saúde de Luzia.

– Envenenei quem sempre gostou de mim, quem sempre me tratou bem. Estou pronta para pagar o meu preço, não mereço nada. A minha Luzinha apagou.

Daniel não interrompeu. Adelaide Leonardo não se defendeu, não inventou justificações, julgou-se e condenou-se sozinha, ali, junto dele. O inspetor ouvia as lamúrias e perguntava-se se haveria alguma plausibilidade em imaginar que pudesse haver procedimento criminal que resultasse numa pena pesada? Alguém acreditaria que Adelaide envenenara Luzia de propósito?

Ao escutar aquele rosário, e enquanto matutava, o inspetor Vilar acrescentou que seria necessário enviar amostras das ervas e dos cogumelos que usava para as infusões para o laboratório.

– Que ervas eram ao certo, faz ideia?

– São ervas da serra que curam doenças desde que há homens e doenças. Às vezes usava cogumelos, mas não dos venenosos, que eu sabia o que apanhar e ensinei o Lauro. Agora é ele que os apanha e mos manda para aqui pela transportadora.

Depois de saber a sua origem, era claro que Adelaide teria proveniência do Norte da

Europa. As feições eram mais suaves, o nariz pequeno e afilado, os olhos azuis, o cabelo branco a esconder alguns fios loiros. Daniel deambulava interiormente porque Adelaide respondia com automatismo e repetia-se, ora vagueando o olhar para lado nenhum, ora fitando as mãos que apertava no regaço. Quase deixava passar a menção a Lauro. Era o aldeão quem apanhava as ervas e os cogumelos. Ao longe ouvia-se o tinir da loiça a ser arrumada, lembrando que o dia era como os outros.

Ansiando por uma cigarrilha e um copo de vinho junto de Ivone, Daniel deu por si a considerar finalmente que talvez a solução daquilo tudo fosse a óbvia, como explicara há muito o monge Ockham. Provavelmente sem se dar conta, Adelaide andara a envenenar Luzia a vida inteira, como envenenara João Carlos, dado que este também era depressivo e taciturno.

O choro e os soluços prosseguiram e havia que quebrar aquela expiação. O inspetor Vilar voltou a perguntar se haveria algum vestígio ali em casa para enviar ao laboratório. Era importante avançar. Alheada, Adelaide continuava em pranto, falando mais consigo do que com quem a pudesse escutar, criando uma cortina ruidosa e cansativa.

– Quando era pequenita, a menina era agitada, parecia possuída, enxertada em corno de cabra. Comecei a dar-lhe chá de cogumelo da serra para a acalmar, com medo que ela me fugisse. Era o mesmo chá que dava ao menino João Carlos.

Cá estava a confirmação.

Depois de longos minutos a soluçar, repetindo aquela espécie de confissão, Adelaide desapareceu por fim no interior da casa e trouxe um pequeno saco de plástico azul com restos de cogumelos e ervas. Daniel colocou-os num saco de provas que tirou do bolso do casaco, haveria de conseguir que a Polícia Científica espreitasse. Alternando com momentos de silêncio e vazio, Adelaide Leonardo prosseguia no tom arrastado e choroso repetitivo. Daniel deixou que o encontro fosse terminando, não sem antes tentar viajar pelo passado.

– E há quarenta anos?

Virando-se para ele, Adelaide Leonardo interrompeu-o com uma brusquidão inesperada, arregalando o olhar.

– Há quarenta anos, muitas vidas mudaram para sempre. Se um dia lhe disserem que as coisas vão ser assim ou assado, nunca acredite, que o Diabo gosta de se divertir com a gente. De repente, tudo pode mudar como as cobras mudam de pele.

Armada de uma lucidez repentina, a mulher encheu os pulmões de ar e disparou frases rápidas consecutivas. Quaisquer indícios de demência evaporaram-se. Falou das irmãs e da morte de Maria da Graça, que João Carlos empurrou pelas escadas por uma birra qualquer hoje mal lembrada. Com voz baixa, explicou como ajudou Maria da Paz a refugiar-se em Coimbra, telefonando a um amigo padre que tratou do assunto. Descrevia com clareza e sem emoção os mesmos acontecimentos que Elísio reportara, como ocorrências triviais a serem reportadas a quem se encarregaria de as guardar num registo.

Daniel estimulou-a.

– Uma irmã morreu e a outra foi para um convento. Sabe porquê?

– A menina Maria da Paz achou que era ela a culpada, mal viu a irmã morta. Com o desgosto e a culpa, fechou-se com as freiras. Perdemos as duas no mesmo dia.

Daniel ficou surpreendido.

– Uma pessoa matar-se é pecado mortal, a menina Maria da Paz não aguentou ficar com o

peso na consciência de a irmã ter ido para o inferno. Entregou-se a Cristo.

– Peso na consciência? Porque haveria de pesar a consciência a Maria da Paz? Não foi a criança a culpada?

Daniel lembrava-se de que Elísio não negara que ele e a cunhada poderiam estar enamorados e queria saber a reação da empregada. Esta retraiu-se e murmurou uma espécie de resposta.

– Por ter sido ela a sobreviver e a irmã a morrer. Eram gémeas. Viviam uma para a outra.

A velhota voltava a soar confusa e dispersa. João Carlos dissera que a tia e o pai seriam amantes e aquela resposta frouxa de Adelaide podia ser interpretada de muitas formas, incluindo o sublinhar de um triângulo amoroso.

– Essa dor é motivo suficiente para a clausura?

Nervosa e agitada, Adelaide respondia ofegante, esfregando as mãos enquanto dava a sua opinião.

– Eram muito chegadas as irmãs, coitadas, eram gémeas, iguaizinhas como dois malmequeres. Já não tinham mais família, só uma à outra, e quando a menina Maria da Graça morreu a irmã preferiu aquele destino, só Deus a pode julgar.

No final do ramerrame sobre a ida para o convento, e sem que Daniel ficasse surpreendido, Adelaide reafirmou a versão de Elísio. Foi o miúdo o responsável pela morte da mãe, ela e Elísio atiraram o corpo para o tanque, inventaram a história das peras, a irmã sobrevivente refugiou-se na fé por causa do desgosto e Elísio herdou toda a fortuna para ele e para os filhos. Matthias, o Carlos, por sua vez, nunca soube de nada, só que uma morrera e a outra fugira para ser freira com o desgosto.

Um melro pousou em frente deles, bicando o chão. Em fundo, ouvia-se o motor de um camião que subia a estrada que circundava a propriedade. A casa era grandiosa, o terreno vasto, e o sossego e a privacidade eram protegidos pelas grandes árvores. Naquele fim de tarde, o frio aparecia na luz de setembro, tornando o dia em promessa de noite. Os dois mantinham-se calados, aguardando a deixa um do outro. Daniel Vilar sentiu-se a ser tomado por uma consciência muito forte do seu presente, do que fora ali fazer, aceitando que tudo desde há quarenta anos vinha sendo orquestrado por Elísio e Adelaide. De que tamanho era esse tudo?

– Davam-se bem nessa altura? Elísio e a mulher, quero dizer.

Na resposta, regressando ao registo do campo, simplória, triste e confusa, Adelaide garantiu que sim, que foram feitos um para o outro, embora os olhos vivos traíssem a disposição modesta.

Daniel pensou o que seria um casal dar-se bem no Portugal de 1977. Era plausível o cenário de haver duas irmãs a competir pelo mesmo homem, como reclamava João Carlos? Um cenário com um homem que nascera nos escombros da guerra, uma burguesa da Beira Alta, a sua irmã gémea, a empregada fidelíssima, um terceiro refugiado e duas crianças pequenas. Como seria o equilíbrio naquele verão de há quarenta anos?

– Sabe que fui ao convento?

Daniel não acrescentou mais nada. Ficando em silêncio, a velha empregada ignorou-o. Vilar apostaria que no mínimo Maria da Paz teria peso na consciência, porque de outro modo Elísio nunca teria tido acesso aos dinheiros da família que permitiram ter construído o império e a

fortuna, mas sobre o resto não juraria por nada. De Adelaide, nem uma palavra sobre esta parte do enredo, só uma atenção vazia e uma respiração audível a acusar cansaço.

– Falou com a menina? Tenho tantas saudades dela, da minha menina Maria da Paz.

A pergunta soou como se não precisasse de ser respondida, uma delicadeza de Adelaide a retribuir a partilha do inspetor Vilar acerca da visita.

Inspirando o cheiro a pinheiro, Daniel pensava que tinha de preparar um relatório com o que apurara, que colocaria em cima da secretária de Mendonça. Se fosse para haver um regresso ao passado, os procuradores teriam muito do levantamento feito.

Era altura para largar de vez as memórias da austríaca.

– Antes de me despedir, queria perguntar-lhe se pediu a Lauro que ficasse com o computador da Luzia e por que motivo?

Adelaide acordou.

– Não pedi uma coisa dessas, senhor inspetor, valha-me Deus.

A resposta rápida e sentida surpreendeu Daniel, que esperava uma mera aquiescência.

– E os quadros e as molduras que Luzia virou ao contrário junto com ele?

Adelaide pareceu genuinamente surpreendida.

– A Luzinha? A minha menina era muita coisa, mas de certeza que não teria arranjo para uma partida dessas. Era uma preguiçosinha, coitadinha. Devem ter sido os amigos de Lisboa por brincadeira, só pode ter sido pândega, senhor inspetor.

Daniel julgou perceber que havia sinceridade em Adelaide. Se a impressão da velha era a correta, apanhara outra mentira de Lauro, desta vez por causa do computador. Que mais escondia o rústico? De volta a casa, telefonou a Sara Correia. A conversa com Adelaide despertara-o para uma outra pista.

Capítulo XXXVII

**Algures no Parque Natural da Serra da Estrela,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 15h10**

*Eles andavam a perguntar pela Susana Paula.
Sabiam tudo, aqueles filhos do diabo.
Ele tinha apagado tudo. Como é que podiam ser dela?*

Agarrado ao volante da *Renault Kangoo*, Lauro voltou a maldizer a precipitação que desencadeou a trapalhada em que se encontrava. Nunca deveria ter virado as molduras e os quadros de pernas para o ar naquela noite, muito menos se devia ter impacientado a limpar tudo depois. Perguntava-se porque o fizera, mas não chegava a lado nenhum naquele pensamento. Na altura, afigurou-se-lhe como a coisa mais lógica, mas verificara que fora estupidez em estado puro, como lhe dizia a professora quando ele não sabia a tabuada.

Estupidez pura da primeira vez, estupidez ainda mais pura da segunda.

Naquela manhã, quando percebeu que os inspetores vinham à procura de impressões digitais, um nervoso miudinho entrou-lhe no goto e foi crescendo. Lauro sabia que não encontrariam nada, porque limpara tudo, não haveria vestígio dele, muito menos de Luzia, que não estivera sequer perto dos quadros e das molduras. Virá-los fora uma aldrabice só dele para entreter os inspetores, filha de uma historieta que ela andava sempre a contar, porque acontecera quando a avó tinha morrido. Se calhar era por causa disso que Lauro o fizera, porque uma coisa leva à outra.

Que estúpido, que estúpido, pensava, que alimária tinha saído, enquanto batia com as mãos no volante para esconjurar a frustração.

A descer a estrada escura, metendo mudanças com a mão suada, Lauro urrava como uma alma penada. A cagança tinha-o apanhado e ele agora fugia, a pensar que, se se esquecesse, talvez deixasse de ser verdade. Uma estupidez confirmada, era o que era, olhava as mãos muito vermelhas coladas ao volante e via as mãos de uma cavalgada da pior espécie.

Quando os viu chegar e a tirar as traquitanas, Lauro não podia dizer aos inspetores que procurar impressões nos quadros significava tempo perdido. Teve mesmo de ficar por ali, a gramar a espera, fazendo-se discreto e servil, do tamanho que cabia numa caixa de fósforos. O temor, quando aparece, tarda em ir embora.

A polícia andava a aparecer muito por ali em Vale do Forno, deviam estar a rondar uma

coisa má para ele, o melhor era pôr-se na alheta. Era por isso que estava ali a transpirar como um boi no calor, a Luzinha era neta de quem era e um assunto assim demora a fechar, ninguém fica satisfeito com o que está à frente da cara. Ela caiu à água, afogou-se, qual o segredo para encontrar, era o que Lauro gostava de saber. Por que raio andavam os polícias pela sua horta?

A pequena luz cor de laranja da reserva do gasóleo mostrava-se cada vez mais luminosa. Assustado e com uma fome caída do céu que lhe abria um buraco no estômago, Lauro Cruz desatou a gritar de desespero, não sem antes fechar as janelas para que ninguém o ouvisse.

Apostou que seria o polícia de Manteigas a dar com o computador. Enganou-se, foi o de Lisboa, e ficou mais contente do que uma centopeia com sapatos novos. Não fazia mal, a ideia era mesmo encontrarem o computador que ele palmou na noite em que Luzia morreu e a que fizera a manicure. Lauro gostava de dizer e de pensar naquilo, como uma palavra sua, uma coisa inventada por ele. Gostava da palavra, era assinatura de artista. A manicure. A manicure era pegar num computador, ir-lhe ao disco e às memórias e navegações e deixar tudo a nosso gosto, polido, limpo, impecável. Os polícias não sabiam, nem iriam saber, que o computador fora limpo. Era por esse motivo que Lauro queria que o encontrassem e o ia deixar na casa grande. Ainda não o fizera porque não conseguia decidir o sítio, não queria ser nem óbvio nem correr o risco de a Adelaide não o achar.

Não iam achar estranho que o computador estivesse quase vazio, porque aquele computador era o novo e Lauro deixara por lá algumas coisas que a Luz escrevera para não levantar demasiadas suspeitas. Tirou a maior parte, ela estava morta, não se haveria de importar, e não ia certamente precisar das contas das redes sociais, que levaram outra ceifa. De Lauro ou de Susana, nem fumaça das mensagens ou comentários.

O problema era o outro, era o computador que Luzinha tinha quando esteve na Sortelha com a amiga, que Lauro guardara debaixo de uma coelheira velha junto ao barraco, dentro de um saco de plástico. Como é que Lauro haveria de justificar que tinha os dois computadores de Luzia se a polícia revistasse o barraco de cima a baixo, como era provável, agora que ele fugira dali? Estúpido como uma bigorna, era o que ele era.

Espanha era a porta para a liberdade, não se ia estar a regar com lágrimas, precisava de tempo e de calma para pensar na vida, a excitação da fuga escondia o medo, mas impedia-o de raciocinar.

A carrinha obedecia às viradas nas curvas e respondia sempre bem, como ele conseguia responder aos desafios que procurara. Era incrível o que se podia fazer com computadores. Os computadores eram como os cães, quanto mais se estava com eles, mais faziam o que nós queríamos. Se as pessoas soubessem dos outros guerreiros que viviam na Internet, saberiam que com um computador ligado ninguém fica sozinho. Se a Internet não fora a melhor coisa a ser inventada, andava lá perto. E Lauro encontrara sempre quem estivesse disposto a ajudá-lo.

Comprou o primeiro computador em segunda mão a um estudante da Tapada que achava que precisava de um novo. Depois de apanhar a conversa no café, Lauro foi bater à porta de sua casa e pagou os 150 euros em notas de dez e de cinco e aquilo foi uma descoberta, sobretudo quando se conseguiu ligar à Internet da casa grande. Não tivessem escrito a palavra-passe num papel e o colassem lá no aparelho, à vista de quem fosse ver. A Internet mudou-lhe a vida, mesmo que muita coisa fosse parida a ferros.

E depois a vida mudou de vez quando descobriu a Lu na Internet. Lauro tentou fazer-se

amigo dela durante muito tempo até perceber que a sua querida Luzinha, a Luzinha de sempre, a Luz que passara dias e dias a fio com ele na brincadeira, estaria mais descontraída e disposta a conversar se pensasse que falava com outra mulher. Tinha razão em ter inventado a Susana Paula.

Ele era um génio. Quando se é bom como ele era, não havia obstáculos, só pedras no caminho para guardar no bolso. Durante meses, conversaram tanto que em alguns dias Lauro sentia-se mais a Susana Paula do que ele próprio.

Como é que a polícia descobrira a Susana era o que mais o mordia. Quando o inspetor Caramelo lhe perguntou por ela, Lauro sentiu o coração a parar e percebeu que podia estar muito perto de ser apanhado.

Abriu o vidro e meteu a cabeça ligeiramente de fora para apanhar mais vento na cara. Ou se mantinha calmo ou podia vir a perder tanto que nem queria imaginar.

Capítulo XXXVIII

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 16h45

Depois de ninguém responder à campanha, nem à aldraba que fez bater com firmeza na porta, Juvenal gritou por Lauro. Do outro lado só ouviu o vento a mexer as ramagens. O inspetor de Manteigas começava a conhecer a aldeia quase de olhos fechados, os ritmos, os sítios, as gentes, alguns hábitos que não eram diferentes dos de muitas outras aldeias da região, desertas e tomadas pelos poucos que ainda lá viviam. A serra nunca morreria, mas passava um mau bocado, deserta de pessoas, quase assombrada.

O inspetor calculou que, perto daquela hora, Lauro haveria de voltar para casa e decidiu aguardar. O moço não demoraria e iria demorar menos a explicar porque andara a limpar quadro a quadro, moldura a moldura. Os especialistas Sardão e Morato voltaram à Guarda sem ter encontrado uma impressão digital para amostra e tanto zelo teria de ter um esclarecimento do maduro. Mãozinhas diligentes limpavam escrupulosamente os quadros e as molduras e essas mãozinhas só podiam ser de Lauro Cruz. Caramelo estava ansioso pela teoria explicativa e ia esperar.

De volta ao carro, arrumado num ângulo que se escondia da entrada, Juvenal ia passando a memória pela morte de Luzia, pensando nas crianças Cáritas. Um tio falara de qualquer coisa parecida na família, um órfão de guerra acolhido, o que sugeria que não seria tão raro como julgara.

Uma busca rápida na Internet confirmou-lhe que foram milhares os miúdos refugiados de guerra a serem recebidos em Portugal, não apenas naquela região. Em pensamento, Juvenal voltou ao tempo em que era miúdo e no que lhe poderia ter acontecido na serra se chegasse como órfão de uma guerra a milhares de quilómetros. Aspeto de forasteiro teria, porque em pequeno chamavam-lhe o francês, por causa do seu cabelo e olhos claros. Não o dissera a Daniel, quando lhe aventara a possibilidade de ter sangue de um soldado francês das invasões. Não era tema de orgulho, não o sabia, nunca ninguém falara disso na família, essa origem imaginada era mais uma ideia filha do seu fascínio por História. Sempre que estava sozinho numa vigia, Juvenal era homem de pesquisas infinitas, o tempo valia-lhe mais assim, não era incomum emaranhar-se em pensamentos que misturavam memória com mistério, não os recusava, sabia que ajudavam às suas competências de investigador.

Pouco acontecia na aldeia. Salvo um cão preguiçoso deitado na sombra, não se viam

animais. Tratores, carroças ou sequer homens com ar de quem amanhã a terra eram miragens. Lauro, o seu alvo, era uma suposta exceção do trabalho braçal.

No fim da tarde, uma mensagem de Vilar informou-o de que Adelaide não pedira para guardar o computador, que Lauro lhes mentira a esse respeito, e Juvenal mais se convenceu de que o rapagão lhes dava música desde o princípio.

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela, segunda-feira, 25 de setembro de 2017, 19h43

Perto das oito da noite, Juvenal Caramelo saiu do carro e dirigiu-se à casa dos Castro Pinto, direto ao pequeno portão lateral. Chegava de esperar sentado. Observando em redor, percebeu que poderia entrar sem ser notado. Não estava mandatado para nada daquilo. Qualquer questão que ocorresse, diria que ouviu ruídos estranhos, de algum vidro a partir, e fora investigar, o importante era agir com naturalidade.

No interior da propriedade, reparou que não havia qualquer luz acesa na casa grande ou no barraco onde Lauro vivia e para onde se dirigiu. Por precaução, procurou não fazer barulho ao chegar à porta, que parecia apenas encostada. Espreitando pela frincha, Juvenal pôde perceber que não havia nenhuma televisão ligada no interior ou qualquer outro som que denotasse a presença de alguém.

Lauro não estaria nos seus aposentos, portanto. Juvenal Caramelo empurrou a porta, que abriu sem resistência, ainda que o ranger dos gonzos acusasse falta de óleo. Segundos depois, compreendeu que o aldeão fugira.

Juvenal Caramelo decidira telefonar a Daniel Vilar apenas quando se sentisse calmo e capaz de ponderação. Bebera quase uma garrafa de litro e meio de água, sentia-se a caminho de estar restabelecido e podia pensar no que dizer quando o inspetor de Lisboa colocasse perguntas específicas acerca de Lauro.

A avaliar por gavetas vazias e espaços deixados vagos em cima das mesas e bancadas, Lauro Cruz desaparecera com algumas roupas e outras tralhas, talvez computadores, telefones, carregadores, esse tipo de coisas, que levaria num saco ou sacos. O mais certo era Lauro não estar com ideias de regressar a Vale do Forno e foi por acaso que o inspetor percebeu o seu desleixo que também era o dele. Caído no chão, Juvenal notou um envelope com uma carta verde lá dentro. O envelope estava aberto e o inspetor deu-se conta de que era o seguro de uma carrinha. Descobriu que Lauro Cruz era proprietário de uma carrinha *Renault Kangoo*. O paisano era encartado e nem ele nem Vilar se haviam lembrado de verificar se o homem tinha sequer carta, quanto mais carro. E agora fugira nas barbas deles, era tão certo como as mesas de três pernas não abanarem.

Depois de ter passado no único café que encontrou aberto, onde comeu um queque mole, bebeu mais água e confirmou que Lauro guiava uma carrinha branca, Juvenal contactou a Judiciária para que emitissem um alerta, fornecendo a matrícula que encontrou na carta verde. Era o que haveria de partilhar com Daniel, não queria fazer fraca figura junto dele, aprendera a respeitá-lo, tinha-lhe estima, há muito que passara o gozo de o provocar com as parvoíces

acerca da região.

Aquilo era lindo e era a terra dele, mas não significava que tolerasse que um Lauro qualquer andasse a matar. Acima das suas teimas sobre a serra, estaria sempre a missão e a vontade de fazer justiça, foi para apanhar os maus que o francês quisera ir para a Judiciária.

Debaixo do céu estrelado da serra, com a noite a cobrir o dia de vez, o inspetor Caramelo inspirou, retendo o ar e contando até dez até expirar ruidosamente para esvaziar os pulmões. Repetiu a prática cinco vezes e telefonou ao inspetor coordenador da UCE, que atendeu ao fim de dois toques.

– Juvenal, até que enfim, homem. Novidades do Lauro?

Há horas que Daniel esperava o telefonema.

– O gajo fugiu.

Os dois inspetores ficaram calados durante uns segundos, até que Juvenal Caramelo falou.

– Houve qualquer coisa que o alertou e pisgou-se a meio da tarde. O homem tinha uma carrinha, não sabíamos, sabemos agora, encontrei uma carta do seguro de uma carrinha em nome dele dentro de casa e confirmaram-me aqui na aldeia.

– Uma carrinha? Lançaste o alerta, suponho?

Daniel continha-se. Não ganhava nada em mostrar o desencanto e a verdade é que não se podiam martirizar, havia muito para fazer. Lauro evaporara-se, havia que o encontrar, resultava claro que saberia muito mais acerca de Luzia do que vinha dizendo.

– Só descobri a fuga demasiadas horas depois. Fiquei aqui de vigia, à espera que o aldeão viesse para casa, e foi quando me fartei e entrei na casa à socapa que verifiquei que o nosso Lauro era um artista maior do que pensámos. O alerta está dado, tive de ser criativo e dizer que o homem fugiu porque ainda não há mandado, mas ele pode estar em Madrid ou mais longe por esta altura.

– Mais coisas?

– Mais nada, Vilar. O nosso suspeito é mais suspeito, agora é preciso...

O inspetor Vilar interrompeu-o.

– Mais coisas, Juvenal. Recordo-te de que isto não é bem uma investigação. Diz-me mais coisas. Coisas do tempo em que os tigres fumavam.

Ao telefone de Lisboa, Daniel estava capaz de apostar que Juvenal Caramelo farejara o barraco onde Juvenal dormia, ainda que não o admitisse e por isso pressionava-o.

– Se eu estivesse aí, teria revistado cada canto à procura de um indício qualquer. Esperar pelo mandado do juiz para fazer uma busca é dar uma vantagem que o tratante não merece nem por nada.

– Pois, espreitei a zona e não é que atrás de umas tábuas cá fora encontrei uma mala com telefones, carregadores, cabos, outro computador e uns discos rígidos. Estava tudo acondicionado em sacos vedados.

Pela voz de Juvenal, subitamente mais animada, Daniel pressentia que ia gostar de ouvir o resto.

– E mais?

– Comprimidos de todo o género e mais algum. Remédios como aqueles que foram encontrados no quarto da vítima, se não me falha a memória. E saquinhos de plástico com o que não me parece que seja açúcar para fazer bolos. Queres saber o melhor?

– Desembucha.

– Este sortido estava todo embrulhado numa toalha com a inscrição CEP, Centro Espiritual da Pena.

Capítulo XXXIX

**Algures no Parque Natural de Montesinho,
segunda para terça-feira, 26 de setembro de 2017, 3h25**

Lauro Cruz vinha a abusar da reserva de gasóleo pelo menos desde que deixara Macedo dos Cavaleiros. Consumido pelos nervos, parara a *Kangoo* num desvio para descansar e acabou por adormecer, derrotado pela exaustão. Quando acordou e viu as horas, nem queria acreditar, já era de madrugada, dormira demasiado.

Vasculhou a carrinha até achar uma garrafa de água meio bebida debaixo de um banco, que sorveu de um trago. A noite caíra há muito, tal como o plano atamancado para chegar a Espanha. Ainda estava em Portugal, reconhecia os sinais de trânsito e as marcas na estrada. Sentia-se a ser cozido pela raiva que o invadira como uma trepadeira.

Deu várias chapadas a si mesmo para se meter na ordem, sentindo as mãos peganhentas e o cheiro a sarro. Agachado no exterior da *Renault*, sentou-se no chão e gozou o fresco da madrugada, deixando-se levar pela consciência e memória dos últimos meses, procurando forças nas recordações e nos seus métodos. Ele era bom. *Bom. Tu és bom, Lauro. És bom.*

Perguntou-se de novo se não conhecia a vida da Luz melhor do que ela. Sabia de quem era amiga, as fotografias de que gostava, as músicas e os filmes que a tocavam, onde costumava beber café em Londres, as festas a que ia, os colegas de lá e os amigos de cá. Susana Paula conseguira ser amiga de Luz nas suas redes sociais e lia, via, espiolhava tudo o que conseguia, que era muito. Susana enviava mensagens a partilhar vídeos, piadas, sugestões de viagens. Lu nem sempre respondia, mas pouco importava, Lauro estava seguro de que a sua Luz gostava da Susana, ela lia muitas mensagens.

Lauro voltou a cismar no que Luzinha e a amiga foram fazer à Sortelha por alturas da Páscoa, apanhou a conversa a combinarem a estada no Centro Espiritual da Pena naqueles dias. Estavam tão perto dele que não resistiu e meteu-se a caminho para as ver de perto, apanhando a camioneta por Belmonte, e deixou-se ficar, não era complicado arranjar onde dormir, havia sempre um palheiro abandonado. Se perguntassem diria que estava em peregrinação para Fátima, mas ninguém ia perguntar. Feito Susana Paula, chegou a perguntar a Luzinha por mensagem o que andava por ali a fazer, mas ela nunca respondeu. Não deve ter tido tempo.

Ele ficou ali sempre por perto, seguiu-as à distância, até as ver nas pequenas tendas e perceber que iam passar ali a noite. No romper da manhã, chegou sorrateiro ao centro. Arrombar os cacifos, sacar o computador e os telefones de Lu e da amiga foi mais simples do

que fazer arder giesta seca.

Mais tarde, naquelas noites do final de agosto, Luzia andou azoada e ele sabia bem que era por causa dos chás que Adelaide lhe dava e a faziam murchar. Há uns anos valentes que Adelaide andava taralhounca e quem colhia as ervas e apanhava os cogumelos na sombra dos castanheiros e nas tapadas lá longe, ao pé dos regatos, era Lauro. Ele sabia o que fazia, tinha experimentado pessoalmente os efeitos.

Quando queria uma coisa, não se encontraria ninguém que a quisesse mais do que ele. Podia ser que se Luzinha caísse afetada e aparecesse mais lá na aldeia, como vinha fazendo nos últimos princípios de setembro.

Depois de tudo ter acontecido, não foi complicado entrar no computador novo da Luzinha, ele vira-a escrever a palavra-passe numa das vezes em que a viu estendida na cadeira junto à piscina e em boa hora, porque, assim que sacou o computador para dentro do barraco, apagou tudo o que tivesse a ver com a Susana Paula, não haveriam de voltar a trocar mensagens, ninguém tinha nada a ver com aquela relação única.

Para Lauro, aquela foi uma semana horrível. A amiga a roubar toda a atenção da Luzinha, mais o chulo pendurado que o mirava com ar de gozo. O que punha Lauro completamente alterado era o sorriso de Luzinha quando o manhoso lhe espalhava o creme solar pelas costas e lhe dava mel pelos beiços. No seu canto, via aquilo e mandava mensagens pela Susana Paula a falar mal dos homens, mas naquela semana Luz não lhe respondeu a nada.

Procurando alívio com todas as forças, Lauro sorriu por momentos a pensar nas drogas que deixou na mesa para meter as culpas no amigo da cidade e nos comprimidos e preservativos que largou no quarto da Lu. A polícia haveria de achar que aquelas férias foram uma grande coboiada.

Ainda levou os chupas e os rebuçados que a Luzinha e a amiga estavam sempre a comer, não lhes iam fazer falta. Lauro não era estúpido, as noites eram compridas na serra, sabia bem o que fazer para afastar as atenções. Queimou-lhe as roupas num bidão de óleo velho que havia perto de onde guardava as ovelhas, nunca encontrariam coisa nenhuma.

Não, não, não fizera nada de errado.

Não tinham nada contra ele.

Era impossível.

E se revistassem o barraco?

Respira, Lauro dos Anjos Cruz. Inspira e expira. Outra vez.

Pensa, Lauro, pensa. Pensa que eles vão revistar o barraco.

Haveria de dizer sempre que os comprimidos e as drogas eram do gajo que espalhava o creme.

Desculpe, senhor inspetor, não sei o que me passou pela cabeça para os levar para o barraco.

Queria proteger a Lu, se calhar. Era o que diria à polícia. Ninguém saberia que Lauro comprara aquilo a um conhecimento que tinha numa aldeia da encosta e vendia pela Internet.

E os computadores? Os computadores, Lauro, como foram parar atrás das tábuas do barraco?

Isso não saberia dizer ainda, mas ia arranjar uma resposta, resolver problemas era com ele. Ele era bom.

És bom, Lauro.

Durante toda a semana que ela lá esteve com os amigos, Lauro não dormiu, encharcado em ciúme e ressentimento. Destilava veneno de lacrau, Luzia era completamente feliz com aquelas duas pessoas, não precisava de Susana Paula para nada, muito menos para desabafar, como confessara uma vez. Não precisava dela e nem sequer reparava nele.

Lauro lembrou-se dos últimos dias de Luzinha, de ficar a olhar para ela a tomar banho na piscina de noite, com cuidado, sempre agarrada às bordas. Observava-a a sair, a pingar e a deitar-se, enroscada na toalha, mas era como se ele fosse transparente como uma garrafa de gasosa. Luzinha nunca o via.

Naquela noite, quando ela estava por fim sozinha e ele ganhou coragem para se aproximar, ela dormia com a respiração pesada, perdida nos sonhos. Lauro viu a caneca do chá que Adelaide lhe levava e percebeu que podia ficar ali, Lu não ia acordar, a dose era forte, ele sabia o que colhera no campo naquela manhã. Ficou quieto a observar o corpo esguio a brilhar, um corpo sem nada de errado, onde o outro passava as mãos, e começou a sentir o diabo a despertar dentro dele.

Viu-se a mexer, sentiu-se a estremecer. Devagar, atou-a à cadeira com um barão de amarrar o feno que levava no bolso. Primeiro os tornozelos, depois cada um dos pulsos, com nós firmes.

Não saberia explicar o que estava a fazer, não conseguia parar, não queria parar.

Há quanto tempo queria fazer aquilo, chegar ali, chegar a ela, estar com ela, só eles os dois, como era devido há muito. *És minha, só minha.* Com o rosto inclinado para a esquerda, Luzia dormia com um sorriso leve, guardada pela noite da serra. Se calhar sonhava com ele, pensou, enquanto ia ficando cada vez mais perto, ouvia-a respirar, cheirando-lhe o hálito doce e o vago perfume misturado com o cloro da água.

Minha. Só minha.

Num repente, ela abriu os olhos e a boca de espanto, sentindo os braços presos e um peso em cima de si. Lauro assustou-se, tapou-lhe a boca com uma mão e agarrou-lhe o pescoço com a outra, antes que o grito se soltasse. No olhar assustado de Luzinha viu o que os ligava, uma vida inteira de gargalhadas, corridas pelos prados, mergulhos na ribeira, barrigadas de abrunhos, passeios na charrete, afastamentos e saudades. Viu-a a correr atrás das galinhas, viu-a pequenita, vestida de branco para ir à missa no carro do avô a lamber os rebuçados, a sorrir com os dentes muito direitinhos, a rir e a dançar naqueles dias, a refrescar-se na piscina, a bocejar, a dormir de olhos fechados e boca aberta, a mesma boca que ria com prazer quando o amigo lhe espalhava o creme pelo corpo.

Agora, chegara a vez dele e não ia parar até chegar ao fim do mundo. Uma euforia inesperada quase o fez voar. Deixou uma mão na cara e retirou a outra do pescoço, tirou a navalha da algibeira, abriu-a com os dentes, rasgou-lhe a roupa e tomou-a para si.

Acabou depressa, o coração explodia, gotas de suor caíam-lhe sobre os olhos e quase não conseguia ver. Assentava a cara em cima dela, impedindo-a de se mover. Sentiu as costas frias da transpiração. A brisa era forte o suficiente para abanar as oliveiras e a luz das estrelas mostrava os moinhos brancos de metal que capturavam o vento no topo dos montes.

Quando levantou a cabeça para olhar para ela, viu-a de olhos fechados e a boca meio aberta. Durante uma eternidade, Lauro encostou o ouvido aos lábios de Luzinha, mas só conseguia escutar o seu próprio coração a bater furioso. Abanou-a, primeiro com cuidado, depois com mais força. Apressado, desamarrou-a e guardou os braços, sem nunca tirar os olhos de Luzia.

O tempo passou e Lauro julgou que enlouquecia até aceitar que talvez ela nunca mais fosse acordar. Sentiu-lhe o pulso e a veia grande no pescoço, voltou a encostar o ouvido aos lábios. Nada. Foi do chá, foi da força, foi do peso dele? Foi azar? Foi doença? O que fosse, a Luzinha não se mexia, a cabeça tombada, os braços e as pernas pareciam borracha.

Precisava de fazer alguma coisa. Tomado por ordens maiores do que ele que lhe chegavam do pensamento acelerado, desamarrou-a, desviando a vista por pudor, pegou-a ao colo, atirou-a à água com cuidado. Viu-a a afundar-se no escuro daquela piscina grande e afastou-se. Uma coisa que notou, porque suspendeu a respiração, é que foi pouco o barulho que se escutou na serra.

Querida Luzinha, querida Luz do meu coração.

O vidro da *Kangoo* encravou quando a carrinha começou a solavancos e deixou de funcionar. Com cuidado, Lauro virou o volante para a direita, parou na berma, saiu e começou a caminhar. O dia nascia ao longe e era como se a cada passo se sentisse mais leve, deixando a vida antiga longe. Sentia-se perto da liberdade e nem o peso do saco que trazia o fez parar para descansar. Quando vislumbrou as luzes de uma povoação, apressou-se, qualquer coisa o avisou de que estaria a entrar em Espanha e que em breve estaria a salvo.

Um tiro ecoou e fez levantar a pouca passarada que por ali havia. O barulho chegou-lhe primeiro do que a impressão na barriga, até que o ar faltou e Lauro fez por aspirar todo o oxigénio que conseguia. Agarrou-se ao ventre por instinto, sentiu as mãos quentes e viscosas e foi com espanto que notou que era o seu sangue a empapar a camisola. Derrotado, caiu de joelhos, abatido por um cansaço que parecia feitiço, a lembrança da sede que o atormentava há horas caiu-lhe em cima da cabeça e fê-lo tombar de vez em cima da erva crescida.

A última coisa que notou antes de ficar inconsciente foi a pala cor de laranja do boné do caçador.

Capítulo XL

Torres do Restelo, Lisboa,

madrugada de terça para quarta-feira, 27 de setembro de 2017

O zumbido teimoso do telefone acabou por arrancar Daniel do sono. Era Juvenal Caramelo. Antes de ouvir a voz do seu colega, Daniel ainda teve tempo de pensar *até que enfim*.

– Nem vais acreditar, Vilar, mas o Lauro é um autêntico mestre do crime. Não te acordei, pois não?

Sonolento e aturdido, o inspetor Vilar despertou depressa por causa das frases metralhadas por Juvenal.

– Conta-me tudo.

Horas antes, Daniel adormecera no sofá de sua casa, à espera do telefonema prometido pelo inspetor da Guarda desde que se soubera que Lauro Cruz fora capturado ferido em Espanha. Tinha a informação de que este confessara, mas não esperava exatamente o que o Juvenal Caramelo lhe iria contar nos próximos dez minutos. Porque Lauro não confessara o homicídio de Luzia, mas um furto.

– Há bocado, quando cheguei ao hospital, o nosso Lauro parecia um daqueles tipos que vemos nos filmes passados no deserto, com ar perdido, ansiosos por quem lhes dê de beber. E a água era eu. Queria falar, deitar cá para fora o que guardava lá dentro, para usar as suas palavras, explicar as razões da fuga e pedir muitas desculpas pelos inconvenientes causados. Pois bem, segundo o próprio, ele fugiu porque é culpado de ter roubado o computador e o telefone de Luzia lá na Sortelha, naquele centro espiritual, na Páscoa. O mundo é mesmo pequeno.

Juvenal prosseguiu o relato num tom irónico exagerado, denunciando que não acreditava em Lauro Cruz, como se tal fosse necessário.

Explicou que, obcecado com Luzia Vilhena, seguiu as duas até à Sortelha, soube dessa caminhada quando viu referências nas redes sociais da vítima.

– Conta lá, Juvenal, andamos nisto há muitos dias.

– Como tínhamos calculado depois de ele ter dito que a Susana Paula devia ser uma amiga da Internet, pressionei-o e ele admitiu que sim, que ele era ela. Chorava como uma Madalena com pimenta nos olhos. Lauro Cruz era mesmo a amiga virtual da Luzia, a tal confidente das redes sociais entretanto desaparecida. E desaparecida porquê? Prepara-te para outra revelação.

Lauro apagou todos os vestígios, mensagens e demais trocas entrando nos dois computadores da falecida. Foi ele quem mo disse, gabando-se das suas competências informáticas. Palavras do próprio, no leito de arrependimento, no hospital espanhol para onde foi levado, cheio de chumbo na barriga que lhe foi oferecido por um caçador espanhol que o deve ter confundido com um javali.

– Apanhaste isso tudo com o homem no recobro?

– Ele ia falando e eu ia ficando, simples. O homem baralhava-se, devia estar sob efeito de medicação, mas cantou feito um tenor na ópera.

– E a morte de Luzia?

– Inocente como um cabrito acabado de nascer, mas já lá chego. Admitiu ter estado com Luzia nessa noite, mas nega tê-la matado. Diz que virou os quadros ao contrário para despistar, porque conhecia a lenda do tempo da avó, quando percebeu de manhã que ela estava morta. Vê lá tu que calculou que toda a gente fosse achar que foi ele que a matou. Enfim, a história do costume de ter entrado em pânico e ter feito coisas sem pensar.

– Portanto, percebeu-a morta e virou os quadros porque ouviu um dia a vítima a falar disso? Muito criativo. Mais novidades?

– Pressionei-o, andei ali às voltas, perguntei se tomou drogas e bebeu a noite toda e o tipo começou por dizer que não sabia e, depois de insistência aqui do teu amigo, lá confessou que assaltou o professor de ténis. Escondeu-as quase todas no barraco porque, e passo a citar, «não sei o que me passou na cabeça, foi do choque».

– Pouco convincente e menos criativo.

Enquanto falava com Juvenal, Daniel tentava fazer sentido do que ouvia. Lauro fez-se passar por Susana para poder ter a atenção de Luzia. Do que falaram, nunca ninguém saberia, porque o homem limpou todos os vestígios.

– Apagou a Susana Paula por algum motivo?

– Não queria ser descoberto. Ou seja, disse-me temer que chegassem a ele através de pistas informáticas, entrou em pânico e apagou.

– A verdade é que não temos provas e ele pode desdizer-se. Pode ser que os peritos consigam recuperar e ligar a Susana Paula ao homem. Como é que ele está?

– Vai sobreviver. Como te tinha dito, levou uma chumbada ali na zona da barriga, mas o tiro do caçador veio de longe, a ferida é superficial. O palerma estava prostrado e aterrado. Segundo me disseram os espanhóis que encontraram o meu cartão lá nos pertences do tipo, disse o meu nome e pediu para falar comigo. Queria confessar, acho eu.

– Mas não confessou, pois não?

Juvenal confirmou.

– Confessou o roubo, mas sim, confere, garante que não matou Luzia. Queria revelar o roubo e contou todo o enredo de um filme indiano. O indivíduo é esperto, pode estar a trabalhar nas atenuantes. Nesta versão, estiveram juntos naquela noite, mas não a matou.

– E violou-a.

– Era o que te ia contar. Ele diz que não, tiveram relações consentidas. Perguntei diretamente e ele disse que *sim, senhor inspetor*. É a palavra dele.

– Se me lembro há vestígios de fluidos, saberemos se são dele quando compararmos o ADN. Se calhar o pobre do Semedo não teve nada a ver com isto. Temos de estar atentos, se Lauro é esperto para umas coisas, pode estar a tentar ser esperto agora que foi apanhado.

– Amanhã de manhã estou lá de novo.

Os dois ficaram em silêncio. Com o telefone encostado ao ouvido, Daniel observava a noite estrelada pela janela e matutava. Percebia agora toda a linguagem corporal do agricultor nas ocasiões em que estivera com ele. Com o que acabara de saber, encaixava-o com segurança no arquétipo do homem despeitado e ignorado que viola e mata por raiva. O mais certo é ter matado Luzia num desvario, num impulso qualquer. As tipologias de criminosos existiam e Lauro parecia desenhado de propósito para caber no quadro do homem rejeitado, com problemas de relacionamento, que se torna subitamente agressor e violento. Daniel sabia que o ciúme, a vingança e o ressentimento matam tanto como qualquer arma.

Juvenal continuou a relatar o encontro com Lauro Cruz, confirmando que fora constituído arguido há umas horas e seria levado para Portugal e presente a um juiz na Guarda assim que a saúde o permitisse. A polícia espanhola vigiava-o no hospital, de onde se esperava que saísse no final dessa semana.

– No mínimo, o homem não se safa do julgamento.

Daniel não gostava de sucumbir à fraqueza de se agarrar à ideia de vitória, detestava os investigadores obcecados a ponto de quererem apenas entregar alguém para ser julgado. Ali, contudo, pressentia que estavam na pista certa e ficou feliz. Caramelo corroborou.

– De acordo, Vilar, devíamos ter visto logo que este Lauro era o principal suspeito. Comemos a treta do rapaz humilde da aldeia que não faz mal a uma mosca, fomos condescendentes, burros e negligentes.

Era um facto, mas o importante é terem retificado o erro inicial. A navalha devia ter sido usada mais cedo, mas mais vale tarde do que nunca. Eram inspetores, mas eram sobretudo humanos, atreitos ao cansaço, às emoções, à pressa, ao desleixo e aos preconceitos. Daniel teimava com os seus inspetores de que nenhum erro inicial numa investigação era à prova de emenda se se tentasse o suficiente e ali estava a sua tese a ser comprovada. A conversa prolongou-se mais uns minutos e Daniel soube que a família Pinto fora notificada da detenção de Lauro, porque este era empregado da casa. Era um pretexto, vindo sabe-se lá de onde, que servira para justificar que Elísio Castro Pinto se mantivesse a par e sublinhava que, onde quer que viesse a estar, Lauro não teria a vida facilitada. O braço do banqueiro seria sempre suficientemente longo para o apanhar.

Capítulo XLI

Hospital Virgen de la Concha,
Av. de Requejo, 35, Zamora, Espanha,
quinta-feira, 28 de setembro de 2017, 10h15

Na cama do hospital, Lauro dormira bem. O colchão era confortável, a enfermeira dera-lhe uma pastilha qualquer que ele engoliu sem hesitar, recuperara quase todo o sono, refizera-se do cansaço. Sentia fome suficiente para comer um cavalo, o que tomou por bom sinal. Comparado com o catre do seu barraco, aquela era uma cama de hotel e nem o incômodo que o ferimento causava era suficiente para neutralizar uma sensação de repouso que lhe era tão rara quanto agradável. Nem mesmo as algemas na mão esquerda, que o ligavam à cama, o chateavam. Estava de casa e pucarinho.

O desespero que o levava a fugir de Vale do Forno era um vestígio no pensamento que já não o afetava, percebera naquela manhã. Quando o inspetor Caramelo chegasse, há muito que decidira o que fazer, o pânico e a aflição haviam passado e permitiam que Lauro voltasse a ser quem era. Talvez houvesse uma saída daquela embrulhada. Apesar de ter sido uma decisão do momento, não lamentava ter pedido pelo inspetor português e admitir o roubo no Centro Espiritual da Pena. Não adiantava fazer-se de sonso e havia a enorme vantagem de explicar a sua fuga.

Entretanto, tinham passado muitas horas e outro galo cantaria.

Lauro Cruz tinha noção das coisas e sabia que os mais velhos, como era o inspetor, não gostavam que os tomassem por lorpas, queriam sempre ter razão e ele tudo faria para parecer o mais arrependido que conseguisse. Lauro fugira porque roubara um computador e estava muito arrependido, iria pagar pelo seu erro, com certeza que sim. O importante era estar um passo à frente deles. *Tu és bom, Lauro.*

O melhor era começar a pensar na fatiota a usar em tribunal, tudo contava, ele sabia bem, porque nas aldeias também há gente que sabe das coisas. Daí a pouco iria dizer ao inspetor que fora Luzia a pedir à amiga Susana Paula para ir ter com ela e com a outra amiga à Sortelha. Quanto mais depressa e próxima a mentira andasse da verdade, melhor para o mentiroso. Explicaria que não teve coragem de admitir à Luzinha que Susana era ele e foi por causa da frustração com a sua própria cobardia que cometeu aquele roubo, foi uma coisa que lhe passou pela cabeça, terrível, inexplicável.

Sobre aquela noite, diria que estando juntos uma coisa levou à outra, que não fora a primeira vez, nem por sombras, que tinham namorado muito quando eram adolescentes, que no fim ela o abraçou, ele foi-se embora e ela foi nadar. Trataria de insinuar que ela morrera dos chás da Adelaide. Então ela não fora transplantada e tudo? O inspetor haveria de ficar furioso por só ouvir esta versão, mas teria de compreender que quem quase morre com um tiro na barriga vai-se lembrando aos pedaços.

Pode ter sido do choque ou da anestesia, senhor inspetor, desculpe.

No tribunal todos haveriam de aceitar a história, nem que lhe calhasse o mais maçarico dos advogados. Não havia uma única mensagem de Susana Paula, nada, nenhum vestígio das insistências e teimas para que Lu respondesse. Nada. A obsessão apagara-se para sempre.

És bom, Lauro. O melhor.

Com o pequeno-almoço no bucho, pensou que nos próximos meses teria de encarnar um papel muito parecido com o que vinha fazendo com a família e Adelaide nos últimos anos. Tinha muita prática. Se chegasse a ir preso por roubo, estaria cá fora em muito poucos anos. Ficou tão otimista que conseguia ver o molho de brócolos a desfazer-se à sua frente.

Juvenal Caramelo não ia deixar Lauro sossegado. O suspeito chamara por ele e teria de levar com a persistência do inspetor da Guarda junto à cama onde se restabelecia da chumbada. Na revista ao barraco deram com drogas e encontraram computadores onde por certo encontrariam provas do *alter ego* Susana Paula. O laboratório da Polícia Científica teria novidades no princípio da próxima semana.

Na véspera, Lauro repetira as mesmas cantigas, embora em tons mais suaves, e mostrara-se o mártir supremo, uma autêntica encomenda. Tudo soara falso como os tetos manhosos nas instalações da Judiciária, mas Juvenal ficara mais inquieto porque ficara com a convicção de que Lauro sabia o que estava a fazer. Algemado à cama, não demonstrava fraqueza e exibia o ar satisfeito de quem se sente a controlar da situação. Juvenal estava protegido pela lei e assegurara a colaboração com as autoridades espanholas, mas permanecia ali como visita, uma espécie de acompanhante do suspeito. E os acompanhantes fartam-se de falar, toda a gente sabe.

– Lauro, já que aqui estamos, repete lá. Tu e a Luzia acabaram de namorar e depois?

– Estou a dizer-lhe, senhor inspetor, fui-me embora. Ouvir a rádio. Juro que, quando voltei para o meu barraco, a Luz estava tão viva como eu ou o senhor estamos aqui, ficou a nadar na piscina de um lado para o outro. De manhã, vi-a a boiar de cabeça para baixo, virei os quadros, trouxe o computador e as drogas do outro e fugi para junto das ovelhas, descontrolei-me, peço desculpa.

– Ontem disseste que entraste em pânico e a atiraste à água. Cheira-me que vais precisar de um bom advogado.

– Juro-lhe que não fiz nada à Luz, não me lembro de nada do que aconteceu ontem. Atirei-a à água na brincadeira, acho eu. Assim, como eu fazia em garoto quando a atirava à ribeira. Se disse coisas diferentes, não me recordo, quase morri com o tiro que o desgraçado do caçador espanhol me enfiou.

– Se não te lembras, então como é que estou neste quarto? Ou esqueceste-te de que me mandaste chamar?

– Se o senhor diz, mas eu cá não me lembro de nada, senhor inspetor.
– Nem que me dissesse que foste atrás da vítima à Sortelha e lhe roubaste o telefone e o computador?

Lauro Cruz esperava aquela insistência e pudera pensar numa explicação.

– Foi uma coisa má que me deu. A Luzinha convidou-me a ir lá ter, quer dizer, convidou a Susana, e depois eu não tive coragem de falar com ela e não sei o que me deu na cabeça. Vi ali o computador e fiquei com medo que lho levassem e levei-o comigo. Foi uma coisa que me deu.

– Ontem dissesse que foi da raiva.

– Foi tudo junto, senhor inspetor. Não tenho explicação.

– Engraçado. E as drogas, também tiveste medo que as levassem?

– Não sei o que me deu, não sei o que me deu, não queria que pensassem que fui eu que dei as coisas más à Luzinha.

Novas versões, novas negações, um recontar permanente, frases que pareciam ter sido escritas e decoradas.

– Já vi que é escusado gastar latim contigo. És um assassino, um miserável.

Juvenal dizia aquilo para assustar e intimidar, enquanto pensava que Lauro, se fosse condenado pelo homicídio, estaria cá fora em menos de dez anos, se se portasse bem. Pegou no telefone e consultou as mensagens. Queria ganhar tempo de silêncio, pouco mais havia a fazer, era o que era.

Deitado na cama, o suspeito cobriu a cara com as cobertas e começou a chorar enquanto despejava o fado do coitadinho, afirmando que nunca seria capaz de fazer mal à Luzinha, que levou o computador sem dizer nada na Sortelha, mas que o ia entregar quando aqueles amigos se fossem embora.

– E ias dizer o quê? Que o encontraste dentro de um queijo da serra? És uma alma encantadora, Lauro, mas não me enganas. Confessa e pede piedade ao juiz quando chegar a tua hora, só tens a ganhar em mostrar arrependimento. Guarda essas lágrimas e o ranho para o tribunal.

Apesar do registo teatral, Juvenal não ia forçar mais a conversa, as contas haveriam de ser feitas por outros. Ele e Daniel entregariam provas e deduções suficientes ao procurador, Lauro seria extraditado e entregue à justiça portuguesa.

A constatação inesperada da fragilidade do processo judicial e de investigação acabava sempre por chocar Juvenal Caramelo, que afastou da ideia a possibilidade de Lauro não ser convenientemente punido pelo que fizera a Luzia. Tinha plena consciência de que a distância entre a convicção e a certeza podia ser o infinito.

Saiu do quarto do hospital de Zamora sem sequer se despedir, carregando a sensação de incompletude que o acompanhava em quase todos os casos. Lauro era audacioso, desdizia-se, procurando confundir o apuramento da verdade, e sobretudo, pensava o inspetor, aproveitava os efeitos da anestesia para se simular confundido. Para Juvenal, a estratégia do agricultor reforçava a ideia de que fora ele a causar a morte de Luzia. Se se viesse a saber exatamente como o fizera, era outra conversa.

Nas grandes conspirações da História, ficavam sempre coisas por explicar. A pensar em Daniel e no seu filho, na vida de Luzia que fora interrompida, orgulhoso do trabalho que

haviam feito em conjunto, esconjurou a frustração e apressou-se na direção do carro. Ainda eram uns valentes quilómetros até à Guarda por estradas espanholas, o problema a resolver agora passava por arranjar um sítio para almoçar antes da fronteira.

À saída de Zamora, Juvenal pensou numa coisa que Lauro dissera e deu uma gargalhada. Daniel ia gostar de ouvir aquilo.

Capítulo XLII

Unidade de Crimes Especiais,

sede da Polícia Judiciária, Rua Gomes Freire, Lisboa,

sexta-feira, 29 de setembro de 2017, 12h55

Sara Correia estava sobressaltada naquele final de manhã e procurava controlar-se na cadeira, esperando que não se notasse. Daniel convocara-os para uma reunião acerca do caso do banqueiro e falava para a sua pequena brigada, explicando como haviam resolvido o mistério da morte de Luzia, depois da confissão de Lauro Cruz horas antes.

– O que alterava o estado geral de Luzia e do tio era o suposto chá milagroso da empregada. A intenção podia ser boa, mas levou um e o outro a uma espécie de estado permanente de tristeza. Só ficavam bem quando estavam longe da empregada e do seu chazinho de mísscaros.

– O que explica a pressa com a cremação. Alguém foi dar à mesma conclusão e quis encobrir esse envenenamento.

Bráulio não ia desperdiçar o protagonismo e dissera aquilo com tom de reprovação, como quem quer sublinhar que se fosse com ele jamais teria acontecido algo semelhante.

– Talvez sim, o avô pode ter ordenado uma cremação rápida para safar a empregada. Não esperemos sentados por essa confissão, mas é de facto admissível que o banqueiro quisesse proteger a velha amiga. Alguém tem de ser o chato de serviço, mas recorro que não nos cabe julgar, apenas reunir provas, evidências e indícios. Admito que talvez o banqueiro não soubesse que era Lauro a apanhar as ervas e os cogumelos e é lícito pensar que este soubesse dos efeitos secundários das mezinhas. A avaliar pelo perfil manhoso que temos dele, poderá ser ele o culpado e não a velhota.

As deduções encadeavam-se e a dissensão era óbvia nos inspetores, as poucas questões que iam sendo levantadas eram sucessivamente explicadas naquela sessão coletiva. A inspetora Sara Correia era das mais comprometidas com o momento. O *debriefing*, como se dizia cada vez mais.

– Devo dizer que Elísio Pinto me pareceu surpreendido quando lhe perguntei diretamente se a sua neta poderia estar a ser envenenada ao longo dos anos.

Naquela manhã, as novidades ainda não haviam chegado aos jornalistas, mas, da parte deles, a missão estava cumprida. Houvera mão humana na morte de Luzia Pinto Vilhena e era quase certo o motivo fútil. Todos sabiam que Lauro fora encontrado pela Guardia Civil em

Espanha na madrugada de terça-feira, depois de ter sido atingido acidentalmente por um caçador. Na brigada, e decorrente do que Juvenal e Daniel descobriram, ficou a saber-se que era um aldeão com mais expediente do que contavam. Era inabalável que seria presente a julgamento, onde responderia por roubo, violação do computador de Luzia, posse de drogas e presumivelmente pelo homicídio, ainda que, como Daniel explicava, pudesse ser difícil de prová-lo com toda a clareza. Nunca esqueceu o que Todor dissera, que um afogamento é um diagnóstico por exclusão e que sem testemunhas ou provas fiáveis é difícil de demonstrar o crime.

– Luzia não ficaria maldispota e morreria ali na cadeira sem ter de cair na água? Se foi encontrada na piscina, alguém a atirou ou ela própria mergulhou e, portanto, ela própria foi até lá.

– Ou foi empurrada ou atirada. Os amigos de Lisboa estavam longe e Luzia afogou-se sozinha. Não nos cheirou bem.

Daniel não era completamente sincero com a equipa. Não queria dizer que, para lá do pressentimento, se recusara a aceitar a morte acidental de Luzia por ter sido um afogamento, como acontecera ao seu filho. Pareceu-lhe demasiado pessoal. Vilar suspeitava de que Lauro se safaria se Zé Maria não se tivesse afogado.

Apesar da reserva que ia manter, o inspetor estava consciente de que as pessoas também são as suas circunstâncias. Ele era uma pessoa e aquela fora a sua circunstância, ainda bem que o seu acontecimento privado aproveitou ao esclarecimento sobre Luzia.

– Muito mais tarde, quando lemos a última carta, a que estava perdida no computador, percebemos que a própria Luzia notava que o tipo seria obcecado. Hoje sabemos-lo porque confessou ter estado naquela noite com ela, inclusive que teve relações sexuais com Luzia, que garante terem sido consentidas e que ela estava viva quando a deixou. O juiz que decida. Como sabemos demasiado bem, o que os arguidos dizem ou deixam de dizer fora do julgamento é irrelevante, é no tribunal que terá de se fazer a prova.

– O chefe acha que o suspeito a matou de propósito? Uma menina da cidade a ter sexo com um aldeão não me parece provável, se bem que ela fosse uma mulher muito moderna.

Sara não se esforçou demasiado para ocultar a insinuação de que Luzia seria uma mulher que se deitaria com todo o tipo de homens, mas arrependeu-se de imediato.

– Quero dizer, não significa que não pudesse acontecer normalmente, mas o que queria dizer é que este Lauro não parece ser o tipo de homem pelo qual Luzia se pudesse interessar emocionalmente, ou até do ponto de vista físico.

– Nunca conhecemos Luzia, não sabemos por quem se sentiria atraída. Entendo onde quer chegar, mas são suposições que devemos guardar para nós. Nunca saberemos se Lauro a violou, as árvores não falam e não estavam artilhadas com câmaras. Ou, nas palavras do próprio, se foi consentido. A autópsia não é definitiva a esse respeito, já sabíamos. Mas que ele está em maus lençóis é evidente, em especial pelo que fez a seguir. É plausível que possa ter matado Luzia num repente, com perfeita noção dos atos, o que explica o ter orquestrado um local do crime com pistas para iludir os investigadores, como ter virado os quadros ao contrário e lavado o local com uma mangueira. De outro modo, o que elucida a limpeza posterior de quadros e molduras ou esconder mil e uma coisas no barraco? Homicídio qualificado talvez seja difícil de provar, mas diria que não se livra de ser condenado por homicídio simples e leve uns oito anos

de cadeia. Deve cumprir quatro ou cinco. Enfim, estou a divagar, não sou juiz, falo demais.

Naquele esclarecimento, Daniel apoiava-se no que soubera por Juvenal Caramelo, que voltara a falar com Lauro Cruz no hospital durante o dia anterior e era da opinião de que este matara Luzia em consciência. Em conversa, os dois inspetores partilharam a convicção de que Lauro Cruz terá violado e depois estrangulado Luzia e que os quadros ao contrário e as drogas deixadas em cima da mesa serviam para despistar a investigação.

Lauro mentira objetivamente quando revelou a Juvenal que ficou a ver Luzia a nadar na piscina até se ir embora. Luzia não sabia nadar. Essa informação, que Juvenal tivera a clareza de reter, estaria devidamente sublinhada no relatório para o procurador e em tribunal Lauro haveria de tropeçar naquilo e noutros apontamentos. Se foi lesto a virar os quadros, a passar a mangueira pelo local do crime, poderia facilmente ter deixado muitos dos estupefacientes perto de Luzia, como comprova a tralha de drogas encontrada no barraco.

Fazia agora sentido que Maria Ana e Nuno Semedo tivessem negado tão perentoriamente ter alguma coisa a ver com as quantidades e diversidade de drogas encontradas. E Luzia, honra lhe seja feita, não usava drogas para lá do que o tio lhe dera em desespero, para a ajudar, e que Daniel suspeitava que usou apenas para satisfazer a vontade do tio.

Luzia adorava João Carlos, como demonstravam as cartas, era lícito pensar que tentou canábis para as dores por deferência. Em rigor, a toxicologia revelava medicamentos para a depressão e traços de cogumelos, algum álcool, nada mais. Além de que a miúda era louca por gomas, como diz numa das cartas à tia-avó freira, às tantas aquelas mensagens para o professor de ténis não são cifras para drogas, mas sim pedidos concretos de guloseimas. O cérebro pregava partidas e constrói edifícios de convicções, dir-lhe-ia Ivone se estivesse a seu lado.

– E Luzia nadava mal.

– Luzia nadava zero ou muito mal e tinha medo de se aventurar fora de pé. De forma nenhuma Lauro a pode ter visto a nadar durante muito tempo, como disse a Juvenal. É também por aqui que o vamos apanhar. Esta mentira vai custar-lhe caro.

Inesperadamente, chegou-lhe um pensamento que o abateu. Conhecia muito mal Luzia e nunca a iria conhecer bem, lutara por alguém de quem saberia sempre tão pouco. A morte interrompe o que saberemos dos outros, como com Zé Maria.

– A obsessão do rapaz da aldeia amigo de infância tirou a vida a uma mulher jovem e com o futuro por cumprir.

Ninguém disse nada. Numa homenagem imprevista a Luzia, a sala continuou em silêncio mais tempo do que seria habitual, absorvendo a última frase de Daniel.

– Excesso de amor.

– Sim, é capaz de ter sido esse excesso de sabe-se lá do quê, o que queiramos chamar à obsessão do tipo lá da terra, que custou a vida a Luzia.

– Se o campónio não tivesse ficado nervoso, ainda estaríamos aqui a bater com a cabeça nas paredes.

Apesar de a frase de Vasques não ter sido comentada, ninguém tinha ilusões de possuir superpoderes. O inspetor podia ter razão. Muitas vezes os casos resolviam-se por confissões ou erros estúpidos dos perpetradores, ali era aceitar e abraçar a sorte. Estavam convencidos de que fora Lauro o responsável pela morte de Luzia, mas ele continuava a negá-lo. Sem testemunhas,

teria de ser o tribunal a dar como provado o homicídio.

Pela sua parte, restava a Daniel a certeza de que nunca desistira de seguir a intuição, em nome do filho. Manteve-se calado a este respeito, não ia pessoalizar, mas não era a primeira ou a segunda vez que refletia que era um investigador diferente depois de o filho ter morrido. Um investigador melhor, porque mais sensível à dor dos outros. A razão e a emoção de que falara com Ivone.

– Uma boa lição a reter é lembrar que não podemos dar nada por adquirido. Sempre supusemos que os vestígios biológicos encontrados na autópsia fossem de Nuno Semedo, porque o tipo dava ares de Casanova, mas serão de Lauro, o que o laboratório demonstrará nos próximos dias, espero.

– E o tema da avó dela, o chefe crê que interesse à justiça?

As perguntas de Vasques, que fora entrevistar o banqueiro com Daniel, foram recebidas com mutismo. Havia a consciência geral de que nada aconteceria a Elísio. Daniel entregara um relatório sobre os eventos de 1977, sabendo que o mais certo era que se diluísse nas burocracias e na gestão das prioridades. A gaveta era o destino de tanto relatório, este seria mais um.

– A empregada é que vai ter de explicar os chás, disse não se safa.

Desta feita, coube a Sara verbalizar o que todos intuía.

– Com a Alzheimer e os advogados do patrão, é duvidoso que a mulher seja entregue à justiça. E não esquecer que ela afirmou que era Lauro quem apanhava as ervas e os cogumelos. Ela poderá advogar que Lauro a enganou e apanhava coisas diferentes.

Era inútil explorar demasiado o tema com a brigada, para o inspetor Vilar mesmo a navalha de Ockham tinha limites. O trabalho dos investigadores também passava por filtrar a informação a entregar aos procuradores. Por norma, não se entregavam peças de *puzzle* que não cabiam em lado nenhum.

– Voltando a 1977, talvez já então Adelaide ajudasse a senhora a acalmar-se com chás e mezinhas. Talvez possam ter induzido um estado mental diferente na mulher de Elísio, que a terá feito convencer-se de que a irmã e o marido preparavam alguma.

– Uma autêntica feiticeira.

Bráulio desatou a rir da sua própria piada, mas ninguém o acompanhou.

– Afinal, a mulher matou-se ou foi empurrada? O que se vai escrever no relatório?

Sara fez a pergunta diretamente a Daniel.

– Ninguém sabe, nem ninguém saberá. Segundo Elísio, a suposta queda no tanque apanhar peras foi uma ideia de Adelaide e por isso o corpo foi encontrado na água. A avó de Luzia morreu caindo das escadas, não afogada. Queda que foi provocada pelo filho. O exílio autoimposto da irmã justifica-se porque esta acreditou ser culpada de um hipotético suicídio da irmã gémea. Na versão de João Carlos, a sua tia foi para um convento para expiar a culpa de andar metida com o marido da irmã.

– A palavra de um miúdo contra a palavra de dois adultos.

– Como é a palavra do camponês Lauro contras as evidências que encontrámos. A investigação criminal é feita disto.

– Certezas só que há trânsito na ponte.

Sara dissera aquilo num repente. Para a inspetora, a história com quatro décadas era um enredo ilustrativo dos podres que existiam nas famílias endinheiradas.

– Pelo que pude compreender das meias-palavras, tentaram apagar esta tia da memória coletiva da família, escondendo a sua existência, ou pelo menos não falando dela. Ao remexer numas gavetas, em busca de coisas da avó por quem se interessou depois de sobreviver ao transplante, Luzia descobriu-a e passou a escrever-lhe cartas para o convento. Ficou a saber que a avó morrera afogada em Vale do Forno porque o tio lhe disse. Também foi o tio a contar a história dos quadros ao contrário, que ela terá partilhado com Lauro, que a usou como despiste para afastar suspeitas horas depois de supostamente a matar, quem sabe para que pensássemos que foi a própria, num ritual que faria parte de uma ideia suicida. Ele admitiu-nos virar os quadros sozinho.

– O que vai acontecer a esta família?

– Ontem voltei a ler as cartas com atenção, beneficiando do conhecimento do que aconteceu à vítima. Luzia seria uma mulher interessante, muito curiosa em relação ao que a rodeava, aberta ao mundo, uma lutadora contra as suas doenças e os problemas de saúde, que não fazia ideia de que estava a ser envenenada pela proteção doentia da empregada.

As cartas revelam que adorava a família, a ideia de família, o tio em especial. Parece-me que a freira nos quis dar esse recado em particular.

– Isso não justifica o que esse Lauro lhe fez, chefe.

– Tal e qual, inspetora Correia. Nem que Luzia fosse a mais insuportável das criaturas mereceria o fim que teve. O que sublinho é que para a família o amargor será para sempre.

O som da palavra amargor, uma palavra rara que Sara Correia ouvia pouco, fê-la olhar para Daniel Vilar e constatar de novo como nada seria amargo na sua vida se pudesse passar todos os dias com aquele homem. O que nunca iria acontecer, suspeitava.

Na véspera, e depois de outra insónia, Sara decidira de vez que pediria transferência para a Judiária de Setúbal, onde soubera existir uma vaga que encaixava no seu perfil. Quando aquele caso de Luzia estivesse arrumado, conversaria com Daniel e explicar-lhe-ia os motivos, ou, pelo menos, alguns dos motivos. Dir-lhe-ia que havia razões pessoais fortes que a impediam de fazer o seu trabalho como seria suposto. Esperava que Daniel não a pressionasse para que fosse mais concreta. A inspetora estava a prejudicar-se por causa de uma paixoneta que não estava a conseguir controlar.

Sara ficara acordada quase toda a noite e voltou a pensar na vítima, comparando-se e supondo que Luzia nunca seria vítima de uma armadilha emocional daquele género. Consultando as notas, verificou que lhe passara a expressão morte branca e decidiu pesquisar. Aparentemente, num afogamento há uma sensação violenta de queimadura quando a água invade as vias respiratórias, surgindo depois um estado de imensa calma e tranquilidade que ocorre por falta de oxigénio no cérebro. Sara esperava que Luzia não tivesse sofrido.

Na autoavaliação que fazia do caso, Sara verificara com vergonha a enorme quantidade de preconceitos que tivera em relação à vítima. Luzia teria sido uma mulher que merecia ter vivido e não a viciada no jogo social das aparências. Era rija e determinada, ainda que andasse a ser envenenada uma vida inteira, alguém longe da imagem de superficialidade e futilidade que Sara criara desde o princípio e que contaminou muito alguns dos seus passos na investigação. Também por causa disso, para poder ser uma investigadora mais competente e objetiva, precisava de mudar de ares. Setúbal não era longe da Gomes Freire.

Para concluir o caso, e a pedido de Daniel, Sara telefonara a Maria Ana nessa manhã, que confirmou que Lauro se comportava de uma forma tensa e contida quando se encontrava próximo deles. A amiga não dissera nada antes porque julgou ser a timidez e reserva própria de uma pessoa da aldeia na presença de estranhos. Maria Ana disse ainda que Luzia nunca mencionou Lauro nas conversas entre eles, que o cumprimentava sempre que o via, mas não lhe dava muita importância, ao contrário do que fazia com Adelaide, a quem dava abraços e beijinhos com frequência. Eram apenas impressões, mas o testemunho de Maria Ana poderia ser útil para corroborar a sensação de despeito que motivou Lauro a matar Luzia.

Ver-se-ia quando o caso fosse a julgamento.

Capítulo XLIII

Rua Garrett, Chiado,
sábado, 30 de setembro de 2017, 14h15

Nessa noite, Daniel sonhara que estava com Ivone num restaurante mexicano, cheio de empregados com *sombreros* na cabeça, *maracas* na mão, e empregadas de saia rodada carregando enormes tabuleiros carregados de *margaritas*. Havia música alta, muitas coisas com cores, convivas por todo o lado a cantar e a bater palmas.

Ele e Ivone sentavam-se na única mesa do restaurante, mas infelizmente, e por mais que tentasse chamar a atenção dos empregados, ninguém os atendia. À porta, vestido com um fato de gala e com uns bigodes pintados a esferográfica, viam Juvenal a rir, mostrando dentes em falta, o que lhe dava um aspeto sinistro. Explicação para aquelas aparições não teria, mas podia ser o seu estômago a falar com ele. Quando acordou e o sonho lhe passou à frente dos olhos, sentiu a fome do mundo inteiro. Sorriu a pensar que afinal de contas não morrera de fome naquele mexicano onírico.

Na cozinha preparou uma omelete só com cebola picada, salsa que tirou de um vaso, sal, pimenta e umas gotas de molho inglês. Não se esqueceu de adicionar manteiga ao azeite, porque tudo ficava melhor com manteiga. Por obra e graça da sorte, os temperos caíram na proporção exata, alinhados por essa lei inelutável do porque sim, calhou. Talvez a melhor omelete que comeu na vida, cogitou enquanto passeava na Rua Garrett, horas depois, abalroado pelos fluxos de turistas que circundavam a zona, parando nos passeios estreitos, agarrados a mapas ou a telefones ou simplesmente descansando do calor. Daniel gozava um dia livre, uma folga, aproveitava a sua vida, vivida por ele, sem mortos, crimes ou problemas de trabalho.

A seu lado, ia Ivone Ferro, a médica que salvara Mateus e o destino lhe oferecera.

Ivone mergulhara o braço no de Daniel e caminhavam assim, rua acima, como um casal. O inspetor Vilar sentia a presença de Ivone e não a trocava por nenhuma outra, mesmo que não soubesse ao certo o que significava aquilo que teria com a médica que conhecera há menos de um mês. Era uma coisa orgânica, como lhe chamara Mateus, quando o provocara naquela manhã na visita no hospital. Era deixar ir e aproveitar, Daniel que não se armasse em complicado. O amigo recuperava depressa e o seu humor provocatório estava de volta. Em breve, a rotina boa dos dois poderia retomar, talvez convidassem Ivone para uma das digressões pelos restaurantes.

Ainda nessa manhã, o inspetor Vilar passara em casa de João Carlos Pinto, na Infante Santo, a seu pedido insistente. O tio de Luzia fez questão de lhe oferecer um livro para lhe agradecer não ter desistido da sobrinha e Daniel sentiu-se melhor com o gesto do que esperaria. Gostou da gratidão do tio de Luzia e de constatar a importância do seu trabalho, fazer justiça era muito importante para os familiares.

Era verdade que não desistira de perceber o que sucedera a uma jovem mulher que nem sequer conheceu e o gesto de João Carlos fê-lo tomar uma consciência maior do que fizera. Aquele era o seu trabalho, mas Daniel sabia que fora mais do que isso que levava a que insistisse tanto na resolução do caso. À saída, desfez o embrulho e notou que era uma edição luxuosa e em francês de *O Príncipezinho*.

Poderia recordar tempos de liceu e acordar o pouco francês que haveria de ter sobrevivido nele.

À noite, iria jantar com Juvenal Caramelo, o original inspetor da Judiciária da Guarda que viera a Lisboa em serviço por causa de Lauro e ficara para o fim de semana. Com surpresa, Daniel percebeu que o inspetor ia ao teatro de revista nesse final de tarde. Nunca supôs que Caramelo fosse um apreciador, mas a vida era mesmo cheia de surpresas e ainda bem.

O suspeito fora encaminhado para o Estabelecimento Prisional da Guarda e começaria a ser interrogado na segunda-feira. Juvenal fora decisivo a arrancar a confissão a Lauro e, em certa medida, mais responsável pela resolução do que o próprio Daniel e a sua brigada. Iriam a um bom restaurante, que ele e Mateus haviam experimentado em tempos, e o inspetor Vilar pagaria do seu próprio bolso. Beberiam um vinho da região de Lisboa, nem que fosse só para chatear Juvenal.

Soubera por Mendonça que o banqueiro agradecera o esforço da polícia, o que foi mais do que suficiente para que Daniel visse perdoada a sua investigação pela calada nos dias anteriores. A UCE resolvera o mistério da morte de Luzia, Alberto Mendonça retiraria os devidos juro, o resto era poeira cósmica, como diria Mateus.

Daniel foi despertado do seu resumo do dia pelo som da voz de Ivone.

– Só não percebi uma coisa. E aquele irmão do banqueiro que morreu em Macau?

Daniel detestava falar dos casos, Ivone sabia-o, mas naquele contexto deu por si a partilhar o trágico destino de Luzia, como um contraponto à felicidade que sentia por estar a passear despreocupadamente com Ivone. Disse-lhe que estavam convictos de que fora Lauro e admitira que a médica ajudara à resolução quando alertara para o envenenamento lento e constante que Adelaide provocava em Luzia. Foi o que bastou para que Ivone quisesse ir o mais longe que conseguisse nas suas perguntas.

Sara investigara a questão do terceiro refugiado. Carlos fora atropelado em Macau por um desconhecido que fugiu. Era uma presença forte na vida de João Carlos e mais do que um financiador era uma figura protetora que substituíra o pai. A relação de Elísio com o filho passaria muito por Carlos e com o seu desaparecimento deteriorou-se irremediavelmente.

– O laço entre os três que vieram da Áustria por causa da guerra era muito forte. Entreajudavam-se, protegiam-se, acudiam-se, mas a sorte não lhes sorriu da mesma maneira. A mulher está demente, Elísio perdeu a neta e a mulher e Carlos morreu num atropelamento fortuito.

Numa das ruas adjacentes à Rua Garrett, Ivone sentou-se numa pequena mesa de um café e Daniel imitou-a. Haveriam de comer alguma coisa e descansar, embora Vilar tenha percebido que a médica não controlava a curiosidade e que o queria inundar de perguntas. Falaram então sobre a vida dos outros, que era sempre uma maneira de falar sobre a própria vida. Seria algum deles capaz de matar por despeito, perguntou Ivone, num tom melodramático. Daniel sorriu e pensou que não saberia responder, mudando de assunto e pedindo a carta ao empregado.

Comiam uma salada de camarão e abacate com rebentos de alface e laranja, quando os gritos por um médico interromperam a conversa. Ivone levantou a cabeça e desatou a correr na direção de uma pequena multidão que esbracejava a uns cinquenta metros de distância.

Daniel pensou que não era só nos aviões ou em locais remotos que aquele tipo de coisas sucedia. Devia ser uma quebra de tensão, já iria ter com Ivone. Percebendo que haviam terminado a refeição, aproveitou para pagar a conta, pensando que quando terminasse aquela urgência poderiam beber café noutro local e talvez ver uma exposição. À noite teriam os braços um do outro. Depois de pagar, dirigiu-se depois para junto de Ivone, que socorria o transeunte.

Quando se aproximou, uma estranha sensação de familiaridade invadiu-o. Furando o grupo de pessoas que rodeavam a médica, viu o rosto da vítima tombada no chão e reconheceu-o de imediato.

Era Cristina, a sua ex-mulher.

Coda

Fazia calor quando Liesel chegou ao país diferente.

Quando chegou no barco, o sol brilhava tanto que Liesel ficou com vontade de que fosse de noite, antes de ser metida num autocarro, onde ficou muitas horas a andar por estradas estreitas, cheias de curvas, onde fazia tanto calor que as suas pequenas pernas se colavam aos bancos. O cheiro persistente a ferrugem e a fumo causaram-lhe tonturas, ficou tão enjoada na viagem que só conseguiu dormir pensando na mãe a escovar-lhe o cabelo, cantando para ela.

Acordou de manhã nas montanhas, só via campos, algumas árvores e animais com ar triste. Achou esquisito não haver nada destruído. O ar era seco, com um cheiro forte que Liesel não conhecia, por todo o lado havia casas feitas de pedras grandes e cinzentas, ruas de poeira e carroças com rodas grandes.

As pessoas riam enquanto falavam alto numa língua que soava distante, usavam roupa nova e muitas mulheres vestiam de preto. Andavam devagar, tinham o cabelo escuro e em algumas a pele era cor de azeitona, Liesel nunca mais se esqueceu.

Levaram-na para a casa de uma mulher e de um homem a quem nunca chamou mãe e pai, porque Liesel ia ver a mamã em breve, acreditava na promessa feita quando ela a abraçou a chorar e se despediu com um aperto tão forte que não conseguia respirar.



A vida na serra foi dura e feita de regras, mas Liesel nunca teve frio nem fome e nunca foi maltratada. O tempo passou e em menos de nada a menina com cabelo cor de trigo conhecia aqueles campos como ninguém.

Um dia chegou uma carta que sabia ser do seu país porque reconheceu as letras no selo e Liesel perguntou se era para voltar para casa. Ordenaram-lhe que se sentasse à mesa onde comiam.

Depois a mulher que sempre a tratara bem e segurava a carta disse apenas:

– A tua mãe morreu. Vais ficar connosco para sempre.

Nessa noite, enquanto todos dormiam, Liesel chorou e fugiu pela primeira vez para dentro da serra. Quando foi encontrada muitas horas depois a dormir debaixo de uma árvore, o homem a quem nunca chamou pai bateu-lhe tanto que ficou uma semana na cama. Assim que

conseguir, Liesel voltou a fugir outra vez. E depois fugiu todas as vezes de que foi capaz. Sempre que era encontrada, batiam-lhe, até que se cansaram e desistiram, e Liesel pôde ficar na serra as vezes que quis, até que veio uma mulher que a levou para longe da aldeia, que esqueceu depressa a pequena estrangeira de cabelo cor de trigo.

Liesel não voltou a ver o homem e a mulher que a foram esperar ao autocarro com cheiro a ferrugem e foi só muito tempo depois que ficou a saber que foi assim porque Dona Claudete tratou de tudo.

Liesel foi levada para o outro lado da serra e posta a dormir numa esteira na cozinha de uma casa enorme. Disseram-lhe que seria a criada das gémeas que ali viviam e Liesel percebeu que deixara de ser livre.

Nessa noite, Dona Claudete bateu-lhe com a vassoura e avisou-a de que aticaria os cães e mandaria homens com espingardas à sua procura se tentasse escapar.

Por uma vez, Liesel ficou sossegada.

Durante anos, não foi mais nada a não ser a criada das gémeas. Quando as senhoras da Cáritas e o padre apareciam, Liesel sorria sentada na ponta da cadeira, de joelhos juntos e mãos no regaço, no meio das gémeas, que fingiam ser amigas mas que lhe davam beliscões quando ninguém olhava.

Liesel chorava de noite, agarrada à escova de cabelo que trouxera na mala que a mãe lhe entregara antes do abraço de despedida. Deixou de chorar no dia em que as gémeas deitaram todas as recordações da mamã para dentro do fogo que ardia sempre na cozinha.

Com o tempo, Liesel foi esquecendo o passado, deixou longe tudo o que sentia e aprendeu a esperar. O padre nunca mais apareceu, as mulheres da Cáritas também deixaram de a visitar e Liesel compreendeu que estava completamente sozinha naquele país. Deixara de ser uma criança, era uma criada como as outras, as gémeas nem reparavam nela quando regressavam a casa para passar as férias do colégio onde estudavam em Coimbra.

Um dia, Joseph e Matthias apareceram para conversar com as gémeas. Liesel conhecia-os das *kinderfeste*, onde estivera quando era pequena. Eram almoços ao domingo com outros com quem podia falar a sua língua. Liesel não se esqueceu porque foi no mesmo ano em que Dona Claudete a informou de que o seu nome agora era Adelaide e esquecesse que alguma vez se chamara Liesel.

Eles não reconheceram Liesel quando ela serviu limonada e bolos, podia ser do lenço que levava na cabeça, mas ela sabia que eram eles, apesar de se parecerem com as pessoas daquele país, mais risonhos, com pele tisonada e modos dissimulados.

Joseph e Matthias chamavam-se Elísio e Carlos e tantas vezes iam à casa de Dona Claudete visitar as gémeas que passaram a saber que se chamava Adelaide. Mais tarde, talvez por causa do cabelo cor de trigo que viam sair do lenço, perguntaram-lhe na língua deles se ela tinha ido às *kinderfeste*, mas Liesel não disse nada.

A família das gémeas tinha dinheiro e por isso Liesel não ficou admirada quando Elísio casou com Maria da Graça e Carlos quis namorar Maria da Paz.

Num outono, Dona Claudete ficou doente, morreu antes do Natal e todos se mudaram para

uma casa grande em Vale do Forno para esquecer o desgosto. Liesel foi com as irmãs porque não havia outro sítio para onde ir e por ali ficou. Assistiu ao casamento de Elísio com Graça, ao nascimento dos filhos e aos encontros de Maria da Paz com Carlos.

Anos depois, naquele dia, tudo aconteceu depressa.

Na cozinha, nas horas longas da noite, as gêmeas discutiam outra vez por causa de Elísio. Pareciam tomadas pelo demónio. Maria da Paz saiu pela porta na noite escura e a irmã foi atrás, furiosa, berrando como um demónio. Graça gritava com a irmã e Paz gritava com Graça, as duas cegas de cólera. Elísio seguia atrás delas, jurando à mulher que nada tinha feito de errado, segurando-a, enquanto ela perseguia a irmã até à cozinha. Elísio ficou para trás, sentado na sala, paralisado pela violência.

Há muito que Liesel sabia o que se passava. Liesel sabia que Paz não aceitava casar com Carlos porque queria roubar Elísio à irmã. Toda a gente na aldeia falava disso, o padre descaíra-se a uma das mulheres que ajudava na igreja, que contou à vizinha, que contou a toda a gente.

Junto às escadas de pedra, Liesel viu João Carlos escondido atrás da porta a aparecer de repente na cozinha. Ela sabia que quando o miúdo andava arreliado com a mãe fazia todas as asneiras que conseguisse e nunca ficava sossegado na cama. Por isso, mais tarde, quando viu os quadros ao contrário, não ficou admirada.

Com o choque de ver o filho a surgir como uma assombração, Maria da Graça assustou-se e caiu desamparada pelas escadas que davam para o quintal.

O silêncio invadiu a casa e todos compreenderam que Maria da Graça estava morta.

Liesel assistiu a tudo. Viu Graça morta com o pescoço partido. Viu Maria da Paz perdida de aflição. Viu João Carlos paralisado de terror pelo que provocara. Viu Elísio a descer as escadas para junto da mulher.

Liesel percebeu que nada voltaria a ser o que era. Uma estava morta. Faltava a outra. Não eram boa gente, ninguém sentiria a sua falta, pagavam por tudo o que haviam feito.

Ninguém lho disse, mas Liesel soube que aquele era o seu momento. Aproximou-se de Maria da Paz, agarrou-a pelo braço e disse-lhe devagar que ela teria de fugir para um convento ou Liesel diria à guarda que foi ela a atirar a irmã pelas escadas, porque discutiam pelo mesmo homem. Liesel lembrou-lhe que toda a gente da terra o iria confirmar, porque todos sabiam que ela queria Elísio.

Liesel disse outra coisa a Maria da Paz. Disse-lhe que, se não fosse para um convento e a guarda a prendesse, então os filhos de Maria da Graça, os sobrinhos de que ela tanto gostava e mimava, teriam de ir para um orfanato. Porque Liesel diria à guarda que Elísio iria fugir com Maria da Paz e por isso também ele seria preso. Liesel explicou então a Maria da Paz que deveria assinar todos os documentos para transferir as propriedades para o nome do cunhado.

Liesel compreendeu pelo olhar de Maria da Paz que esta tinha percebido tudo e iria obedecer. Depois chamou Joseph e disse-lhe que fora João Carlos a empurrar a mãe. Liesel explicou que não contaria a ninguém se Joseph fizesse exatamente o que ela pedia, informando-o de que ele não ficaria com nenhuma das irmãs, mas sim com o dinheiro delas, na condição de nada revelar sobre o que se passara naquela noite. Liesel cuidaria de João Carlos e de Rita. Obrigou Joseph a jurar que não diria nada a ninguém sobre o que acontecera naquela noite,

nem sequer a Matthias, e ele obedeceu. Seria a única maneira de ficar com o dinheiro da mulher e precisava de Liesel para lhe criar os filhos.

Liesel deu um chá especial a João Carlos para que dormisse muitas horas e ordenou a Joseph que atirasse Graça ao tanque para que pudessem dizer que ela tombou a colher peras de manhã. Depois, foi chamar o padre e pediu-lhe que levasse Maria da Paz para Coimbra e a fêchasse no Carmelo. Disse que a irmã Maria da Graça tinha morrido porque se atirara das escadas por ciúmes, porque antes Paz estivera a discutir com ela por causa de Elísio e não aguentava o desgosto, só Deus lhe podia acudir. O padre sabia que as duas irmãs competiam por Elísio, percebeu pelas palavras de Liesel que toda a aldeia falava disso, compreendeu e fez.

Mais tarde, quando Matthias chegou de Coimbra, onde fora negociar a azeitona, Liesel contou que as duas irmãs discutiram, que Maria da Paz atirara a irmã pelas escadas e que chamaram o padre para que a guarda não a prendesse. Matthias acreditou em tudo porque Elísio confirmou e quis acreditar porque assim Maria da Paz não seria levada pela guarda, nem os filhos ficariam desamparados.

Liesel sabia que Matthias queria casar com Maria da Paz e disse-lhe que ela combinara sair do convento daí a poucos anos e que Matthias deveria saber esperar. Liesel nunca revelou o motivo pelo qual as irmãs discutiram. Matthias estava tão apaixonado que nunca percebeu que Maria da Paz não o queria a ele, mas sim Elísio.

Desde essa noite, Liesel passou a mandar na casa. Ordenou a Joseph que fosse ficar rico, levando Matthias com ele. Ela ficaria a guardar os meninos, e muitos anos depois, quando Luzia nasceu, Liesel jurou que ninguém haveria de lhe fazer mal.

Mais tarde, em Macau, quando Matthias soube a verdade sobre aquele dia, porque Joseph lhe contou finalmente por não aguentar os remorsos, atirou-se para a frente de um carro, destruído por ter descoberto que afinal Maria da Paz nunca o quisera a ele e nunca sairia do Carmelo.

Liesel nunca falou com Joseph sobre Matthias. Não era preciso.

Quando um médico lhe disse que estava doente, Liesel não quis saber de si. Pensou na Luzinha e em como podia continuar a protegê-la da família. Liesel não dormiu durante vários dias até descobrir que podia ser tudo mais fácil do que imaginava. Ia pedir ajuda a Lauro para que olhasse por Luzinha, tomasse conta dela e não deixasse que ninguém lhe fizesse mal. Lauro sabia o que fazer. Luzia era tudo para ele.

Nota do autor

Sem a leitura atenta e profissional da coordenadora de investigação da Polícia Judiciária, Patrícia Silveira, este livro teria ficado outro, muito pior.

Apesar de os processos de investigação retratados na história serem muito próximos dos reais praticados no nosso país, há liberdades criativas que o autor tomou. Quaisquer desvios à norma são, por isso, da minha responsabilidade.

Devo vários e muito úteis conselhos à editora Sofia Monteiro Santos e a Tânia Sarmento.

Vale do Forno é uma aldeia inventada no Parque Natural da Serra da Estrela. A aldeia do Roscal também é fictícia.

É completamente verdade que a elite lisboeta só conheceu a sério a serra da Estrela em 1881, numa expedição liderada por Hermenegildo Capelo e que integrava Serpa Pinto, Roberto Ivens e o médico Sousa Martins.

Se ainda se diz que Portugal é macrocéfalo e centrado em Lisboa, naqueles tempos era ainda mais.

Recomendo: *Uma Viagem ao Cume do Conhecimento – A Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881*, da autoria de Helena Gonçalves Pinto, edição do Município de Seia.

✱

Infelizmente, é verdade que a zona de Pedrógão (e depois Góis), no Centro de Portugal, ardeu em meados de junho de 2017. Terá sido o maior incêndio de sempre no nosso país e certamente o que mais mortos provocou. Quase setenta pessoas perderam a vida, mais de duzentas ficaram feridas. Centenas de pessoas perderam as suas casas e os seus haveres. Mais de vinte mil hectares de floresta arderam. As referências feitas nesta obra servem também como homenagem e para que nunca os esqueçamos.

As ruínas do Hotel da Serra da Pena, vulgo Águas Radium, ainda se erguem na serra da Pena, na estrada para a belíssima aldeia da Sortelha.

Calcula-se que mais de um milhão e meio de portugueses tenham saído do país entre o

período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Revolução de 1974. Muitos deixaram o seu país clandestinamente, a salto, rumo a um futuro melhor em França, Bélgica, Luxemburgo ou Alemanha. Não tinham documentos, não falavam a língua dos países para onde foram, viveram em condições miseráveis, tratados como gente de segunda categoria. Pensemos neles quando nos cruzamos com pessoas de outras origens.

Durante muitos anos, também eu me ri e gozei com as *maisons* (as casas) que muitos emigrantes construíram na sua terra de origem. O Norte e o Centro de Portugal têm milhares destas casas, que, curiosamente, sempre se distinguiram por estarem muito mais bem tratadas do que as outras. Pode ser porque os emigrantes queriam exibir o seu sucesso perante os conterrâneos ou, simplesmente, porque nos destinos para onde emigraram há outra preocupação com o espaço público.

A zona da fronteira de Vilar Formoso, na Beira Alta, que tem em Fuentes de Oñoro a sua vila gémea no lado espanhol, foi um dos percursos mais utilizados nestes fluxos de emigrantes. A fuga de um Portugal pobre e fechado, controlado pela polícia política ao serviço do regime conhecido por Estado Novo, era referida como *dar o salto*.

*

Nos últimos dias de agosto de 2017, o presidente da República inaugurou em Vilar Formoso o Polo Museológico Vilar Formoso Fronteira da Paz – Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes. Em junho de 1940, Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus, assinou trinta mil vistos para salvar pessoas do holocausto nazi, contrariando as ordens de Salazar, situação que o levaria à expulsão da carreira diplomática. Muitos desses refugiados entraram em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso.

Desde finais de 2021 que Aristides de Sousa Mendes tem honras de panteão nacional.

O documentarista russo George Rony chegou a Portugal com um visto de Sousa Mendes. Num seu pequeno filme de 1940, que está nos arquivos da Cinemateca Portuguesa, veem-se filas de carros na povoação de Vilar Formoso com refugiados a receber tigelas de sopa das mãos de gente da terra. O filme pode ser visto no Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes em <http://mvasm.sapo.pt/>.

A ação Crianças Cáritas Portugal (Caritaskinder) existiu. Milhares de famílias portuguesas acolheram crianças de países afetados pela Segunda Guerra Mundial.

As «Crianças Cáritas» foram uma organização da então recém-criada Cáritas, com o objetivo de poder proporcionar vidas melhores a crianças austríacas – e de outros países – que cresciam na Europa destruída pela guerra.

Nos primeiros anos da década de 1950, a família do meu pai recebeu uma dessas crianças na aldeia da serra da Estrela onde viviam. Chamava-se Giselle.

Recomendo vivamente o livro *As «Crianças Caritas», entre a Áustria e Portugal (1947-1958)*, de Ana Regina da Silva Pinho, das Edições Afrontamento, e *A Serra da Estrela*, de Carlos

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2023, Pedro Boucherie Mendes
© 2023, Planeta de Livros Portugal

Design da capa: José Moreno

Imagens da capa: © Magdalena Russocka / Imágenes Trevillion
e © Tangerinestudio / Shutterstock

Edição em epub: Junho de 2024

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-901-5 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

